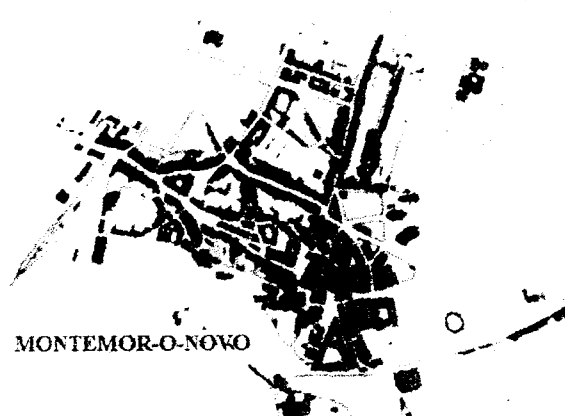
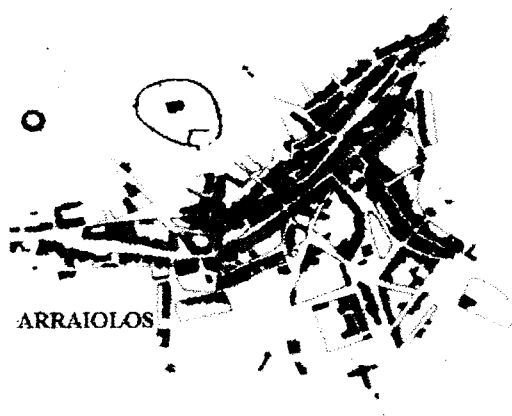


Elsa Maria Moreira Caeiro

**ESTUDO COMPARATIVO DE CONJUNTOS URBANOS
SITUADOS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE ÉVORA**

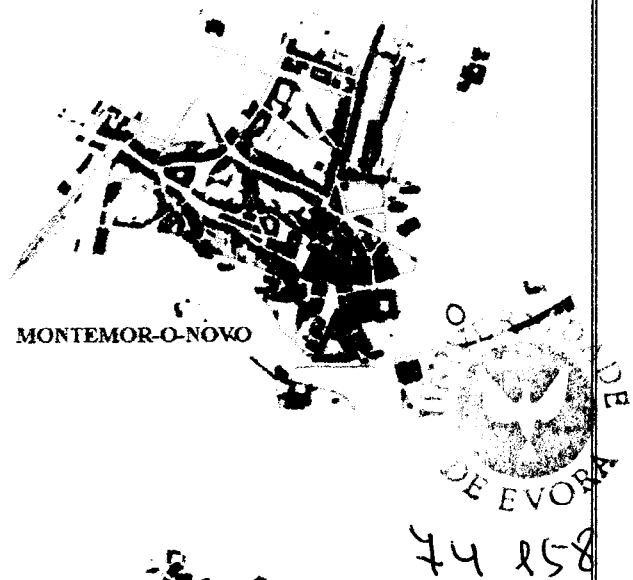
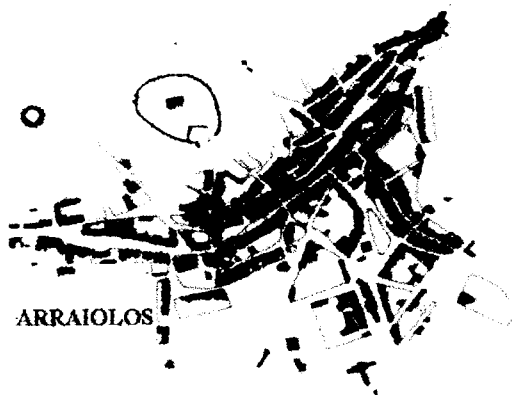


Dissertação de Mestrado em
Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

Universidade de Évora
Setembro de 1995

Elsa Maria Moreira Caeiro

**ESTUDO COMPARATIVO DE CONJUNTOS URBANOS
SITUADOS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE ÉVORA**



Dissertação de Mestrado em
Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

Universidade de Évora
Setembro de 1995

INDICE GERAL

Indice de plantas

Indice de fotografias

INTRODUÇÃO

1- EVOLUÇÃO HISTÓRICA E FORMAS DE CRESCIMENTO

1.1- Síntese Histórica e crescimentos urbanos	1.1
1.1.1- Arraiolos	1.1
1.1.2- Montemor-O-Novo	1.10
1.1.3- Reguengos de Monsaraz	1.25
1.1.4 - Viana do Alentejo	1.33

1.2- Análise comparativa e conclusão sobre as diversas formas de crescimento urbano	1.47
---	------

1.3- Quadro comparativo das sínteses históricas	1.54
---	------

2- Análise morfológica

2.1- Delimitação da zona de estudo	2.1
------------------------------------	-----

2.2- Definição dos diversos níveis de abordagem	2.2
---	-----

2.3- Análise morfológica de elementos pontuais da estrutura urbana	2.5
--	-----

2.3.1. - Recintos Fortificados	2.5
--------------------------------	-----

2.3.2- As Igrejas	2.6
-------------------	-----

2.3.3- Ermidas	2.8
----------------	-----

2.3.4- Albergarias e Misericórdias	2.15
------------------------------------	------

2.3.5- Conventos	2.18
------------------	------

2.3.6- Poder Municipal	2.22
------------------------	------

2.3.7- Arquitectura Civil	
---------------------------	--

2.3.7.1- "Matadouro Mourisco"	2.24
-------------------------------	------

2.3.7.2- Edifícios de habitação	2.24
---------------------------------	------

2.3.7.3- Fontes e chafarizes	2.39
------------------------------	------

2.3.7.4- Equipamentos de Lazer	2.42
--------------------------------	------

2.3.7.5- Equipamentos de solidariedade social	2.44
---	------

2.3.7.6- Equipamentos comerciais e industriais	2.47
--	------

2.4- Tipologia A. Elementos pontuais da estrutura urbana	2.49
--	------

2.4.1- Recintos fortificados	2.49
------------------------------	------

2.4.2- Igrejas	2.49
----------------	------

2.4.3- Ermidas	2.50
----------------	------

2.4.4- Albergarias, Misericórdias e Passos	2.51
--	------

2.4.5- Conventos	2.51
------------------	------

2.4.6- Poder Municipal	2.52
2.4.7- Arquitectura Civil	2.52
2.4.7.1- "Matadouro Mourisco"	2.52
2.3.7.2- Edifícios de Habitação	2.52
2.3.7.3- Fontes e Chafarizes	2.54
2.5- Análise morfológica de conjuntos urbanos	2.56
2.5.1- Praças e rossios	2.56
2.5.1.1- Praça Lima de Brito. Arraiolos	2.56
2.5.1.2- Praça Miguel Bombarda. Montemor-o-Novo	2.58
2.5.1.3- Praça da República. Viana do Alentejo	2.60
2.5.1.4- Praça de St. António. Reguengos de Monsaraz	2.61
2.5.1.5- Rossio de Arraiolos	2.62
2.5.1.6- Rossio de Montemor-O-Novo	2.64
2.5.1.7- Rossio das Freiras. Viana do Alentejo	2.66
2.5.1.8- Praça da Liberdade. Reguengos de Monsaraz	2.67
2.5.2- Ruas	2.69
2.5.2.1- Rua Melo Mexia. Rua Cunha Rivara. Arraiolos	2.69
2.5.2.2- Rua 5 de Outubro. Montemor-O-Novo	2.70
2.5.2.3- Rua de Lisboa. Reguengos de Monsaraz	2.72
2.5.2.4- Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo	2.73
2.5.2.5- Rua do Castelo. Arraiolos	2.74
2.5.2.4- Rua dos Almocreves. Montemor-O-Novo	2.76
2.5.2.7- Rua Dr. António José de Almeida. Reguengos	2.76
2.5.2.8- Rua das Parreiras. Viana do Alentejo	2.78
2.5.3- Quarteirões	2.79
2.5.3.1- Oeste da Rua do Castelo. Arraiolos	2.79
2.5.3.2- Norte da Rua Melo Mexia. Arraiolos	2.80
2.5.3.3- Este da Praça Brito de Lima. Arraiolos	2.82
2.5.3.4- Oeste do Rossio de Arraiolos	2.83
2.5.3.5- Oeste da Rua dos Almocreves. Montemor	2.85
2.5.3.6- Noroeste da Praça Miguel Bombarda. Montemor	2.86
2.5.3.7- Norte da Rua Nova. Montemor-O-Novo	2.87
2.5.3.8- Sul do Hospital de Santo André. Rossio de Montemor	2.89
2.5.3.9- Norte da Praça de Santo António. Reguengos	2.90
2.5.3.10- Leste da Rua do Brazil-Rua de Lisboa. Reguengos	2.91
2.5.3.11- Norte da Rua Ant. José de Almeida. Reguengos	2.92
2.5.3.12- Sul da Rua António José de Almeida.	2.93
2.5.3.13- Quarteirão em Reguengos de Cima. Reguengos	2.95
2.5.3.14- Sul da Praça da República. Viana do Alentejo	2.96
2.5.3.15- Oeste da Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo	2.97
2.5.3.16- Sul da Rua do Rossio. Viana do Alentejo	2.99
2.5.3.17- Norte da Rua das Parreiras. Viana do Alentejo	2.100

2.6- Tipologia B. Conjuntos urbanos	2.102
2.6.1- Praças e Rossios	2.102
2.6.2- Ruas	2.103
2.6.3- Quarteirões	2.104
3- ANÁLISE DAS ESTRUTURAS URBANAS	
3.1- Análise das Estruturas Urbanas	3.1
3.1.1- Arraiolos	3.1
3.1.2- Montemor-O-Novo	3.2
3.1.3- Reguengos de Monsaraz	3.4
3.1.4- Viana do Alentejo	3.5
3.2- Análise morfológica dos Tecidos Urbanos	3.7
3.2.1.1- Rua do Castelo. Rua Melo Mexia. Rua Alexandre Herculano. Arraiolos	3.7
3.2.1.2- Sul da Rua Melo Mexia. Rua Alexandre Herculano	3.8
3.2.1.3- Leste da Rua Alexandre Herculano. Praça Brito de Lima.	3.8
3.2.1.4- Zona Oeste. Arraiolos	3.9
3.2.2.1- Norte da Praça Miguel Bombarda. Montemor-O-Novo	3.9
3.2.2.2- Sul da Rua Direita/Teófilo Braga. Montemor-O-Novo	3.9
3.2.2.3- Praça Miguel Bombarda. Montemor-O-Novo	3.10
3.2.2.4- - Rua Direita/Teófilo Braga- Rua Nova/5 de Outubro. Montemor-O-Novo	3.10
3.2.2.5- Norte da Rua 5 de Outubro. Montemor-O-Novo	3.11
3.2.2.6- Antigo Rossio. Montemor-O-Novo	3.11
3.2.3.1- Malha urbana de Reguengos de Cima e de Baixo. Reguengos de Monsaraz	3.12
3.2.3.2- Extensão Urbana dos séculos XIX e XX. Reguengos	3.13
3.2.3.3- Extensões urbanas. Reguengos de Monsaraz	3.14
3.2.4.1- Zona envolvente do castelo. Viana do Alentejo	3.15
3.2.4.2- Zona envolvente da Rua Cândido dos Reis (Norte). Vian	3.15
3.2.4.3- Limites Norte e Oeste da vila. Viana do Alentejo	3.16
3.2.4.4- Expansões urbanas. Viana do Alentejo	3.17
3.3- Tipologia C. Tecidos Urbanos	3.18
3.4- Articulação entre as estruturas, elementos morfológicos e respectivas tipologias	3.19
4- UMA CONCLUSÃO (IM)POSSÍVEL	4.1
BIBLIOGRAFIA	B.1
ANEXO 1	A1.1
ANEXO 2	A2.1

Índice de Plantas

1- Evolução histórica e formas de crescimento

1.1.1.1- Séculos XIV e XV	1.3
1.1.1.2- Séculos XVI e XVII	1.5
1.1.1.3- Séculos XVIII e XIX	1.8
1.1.1.4- Arraiolos em 1947	1.9
1.1.2.1- Séculos XIII, XIV e XV	1.12
1.1.2.2- Séculos XVI e XVII	1.16
1.1.2.3 - Séculos XVIII e XIX	1.20
1.1.2.4- A vila em 1945	1.23
1.1.3.1- Século XVIII	1.26
1.1.3.2- Século XIX	1.29
1.1.3.3- A vila em 1947	1.32
1.1.4.1- Séculos XIV e XV	1.35
1.1.4.2- Séculos XVI e XVII	1.37
1.1.4.3- Séculos XVIII e XIX	1.39
1.1.4.4- A vila em 1947	1.46
1.2.1- Posição relativa dos quatro aglomerados	1.47
1.2.2- Séculos XIV e XV	1.49
1.2.3- Séculos XVI e XVII	1.50
1.2.4- Séculos XVIII e XIX	1.51
1.2.5- As vilas em meados do século XX	1.52

2- ANÁLISE MORFOLÓGICA

Praça Lima de Brito. Arraiolos	2.57
Praça Miguel Bombarda. Montemor-o-Novo	2.58
Praça da República. Viana do Alentejo	2.59
Praça Santo António. Reguengos de Monsaraz	2.62
Rossio de Arraiolos. 1947	2.63
Rossio de Arraiolos. Planta actual	2.63
Rossio de Montemor. 1945	2.65
Rossio de Montemor-O-Novo. Planta actual	2.66
Rossio de Viana- hipótese	2.67
Rossio de Viana do Alentejo. Planta actual	2.67
Praça da Liberdade. Reguengos de Monsaraz	2.68
Rua Melo Mexia. Cunha Rivara	2.70
Rua 5 de Outubro. Montemor	2.71
Rua de Lisboa. Reguengos de Monsaraz	2.73
Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo	2.74
Rua do Castelo. Arraiolos	2.75
Rua dos Almocreves. Montemor-o-Novo	2.76
Rua Dr. António José de Almeida. Reguengos de Monsaraz	2.77
Rua das Parreiras. Viana do Alentejo	2.78

Quarteirão a oeste da Rua do Castelo. Arraiolos	2.79
Quarteirão a norte da Rua Melo Mexia . Arraiolos	2.81
Quarteirão a este da Praça Brito de Lima. Arraiolos	2.82
Quarteirão a oeste do rossio de Arraiolos	2.84
Quarteirão a oeste da Rua dos Almocreves. Montemor-O-Novo	2.85
Quarteirão a noroeste da Praça Miguel Bombarda. Montemor-O-Novo	2.87
Quarteirão a norte da Rua Nova. Montemor-O-Novo	2.88
Quarteirão a sul do Hospital de Santo André. Rossio de Montemor-O-Novo	2.89
Quarteirão a norte da Praça de Santo António. Reguengos de Monsaraz	2.90
Quarteirão a leste da Rua do Brazil-Rua de Lisboa. Reguengos de Monsaraz	2.91
Quarteirão a norte da Rua António José de Almeida. Reguengos de Monsaraz	2.93
Quarteirão a sul da Rua António José de Almeida. Reguengos de Monsaraz	2.94
Quarteirão em Reguengos de Cima. Reguengos de Monsaraz	2.95
Quarteirão a sul da Praça da República. Viana do Alentejo	2.97
Quarteirão a oeste da Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo	2.98
Quarteirão a sul da Rua do Rossio. Viana do Alentejo	2.99
Quarteirão a norte da Rua das Parreiras. Viana do Alentejo	2.100

3- ANÁLISE DAS ESTRUTURAS URBANAS

Arraiolos. Estrutura viária	3.1
Montemor-o-Novo. Estrutura viária	3.3
Reguengos de Monsaraz. Estrutura viária	3.4
Viana do Alentejo. Estrutura viária	3.6
Planta tecido urbano 3.2.1.1	3.7
Planta tecido urbano 3.2.1.2	3.8
Planta tecido urbano 3.2.1.3	3.8
Planta tecido urbano 3.2.1.4	3.9
Planta tecido urbano 3.2.2.1	3.9
Planta tecido urbano 3.2.2.2	3.9
Planta tecido urbano 3.2.2.3	3.10
Planta tecido urbano 3.2.2.4	3.11
Planta tecido urbano 3.2.2.5	3.11
Planta tecido urbano 3.2.2.6	3.12
Planta tecido urbano 3.2.3.1	3.13
Planta tecido urbano 3.2.3.2	3.14
Planta tecido urbano 3.2.3.3	3.14
Planta tecido urbano 3.2.4.1	3.15
Planta tecido urbano 3.2.4.2	3.16
Planta tecido urbano 3.2.4.3	3.16
Planta tecido urbano 3.2.4.4	3.17
Arraiolos. Localização de elementos morfológicos	3.19
Montemor-o-Novo. Localização de elementos morfológicos	3.20
Reguengos de Monsaraz. Localização de elementos morfológicos	3.21
Viana do Alentejo. Localização de elementos morfológicos	3.22

Índice de fotografias

Arraiolos

2.3.1.2- Cerca de Arraiolos. Panorâmica geral	2.5
2.3.1.6- Cerca de Arraiolos e seu arrabalde	2.6
2.3.2.3- Matriz de Arraiolos	2.7
2.3.2.4- Igreja do Calvário em Arraiolos	2.7
2.3.3.5- Santo António. Arraiolos	2.10
2.3.3.6- Rossio de St. António. Arraiolos	2.10
2.3.3.10- Vestígios de S. Pedro. Arraiolos	2.12
2.3.3.13- S. Romão. Arraiolos	2.12
2.3.3.16- S. Sebastião. Arraiolos	2.13
2.3.3.23- St. António. Arraiolos	2.14
2.3.4.4- Hospital do Espírito Santo. Arraiolos	2.16
2.3.4.5- Igreja da Misericórdia. Arraiolos	2.16
2.3.4.10- Passo da R. Cunha Rivara. Arraiolos	2.17
2.3.4.11- Passo R. Olivença. Arraiolos	2.18
2.3.4.12- Passo do Rossio de Arraiolos	2.18
2.3.5.4- Loios. Arraiolos	2.19
2.3.5.7- S. Francisco. Arraiolos	2.20
2.3.6.5- Torre do Relógio. Arraiolos	2.23
2.3.6.6- Paços do Concelho. Arraiolos	2.23
2.3.6.8- Pelourinho. Arraiolos	2.23
2.3.7.2.1- Casa dos Arcos. Arraiolos	2.25
2.3.7.2.2- Praça Lima de Brito. Arraiolos	2.25
2.3.7.2.3- R. dos Arcos. Arraiolos	2.25
2.3.7.2.4- Casa da Mala Posta. Arraiolos	2.25
2.3.7.2.5- Solar Melo Mexia. Arraiolos	2.25
2.3.7.2.24- P. Lima de Brito. Arraiolos	2.29
2.3.7.2.28- R. Cabo da Vila, 40. Arraiolos	2.30
2.3.7.2.41- Casa de Olivença. Arraiolos	2.33
2.3.7.2.67- R. Cabo da Vila. Arraiolos	2.37
2.3.7.2.68- R. Cabo da Vila. Arraiolos	2.38
2.3.7.2.71- R. Cabo da Vila. Arraiolos	2.38
2.3.7.2.72- R. Espírito Santo. Arraiolos	2.38
2.3.7.2.63- R. Cabo da Vila. Arraiolos	2.38
2.3.7.3.2- Fonte da Pedra. Arraiolos	2.40
2.3.7.4.6- Cine-teatro. Arraiolos	2.43
2.3.7.6.3- Moagem. Arraiolos	2.47
2.3.7.6.4- Matadouro. Arraiolos	2.47
2.5.1.1.1- P. Lima de Brito. Lado Norte	2.58
2.5.1.1.2- P. Lima de Brito. Sul e Este	2.58
2.5.1.5.1- Vista do parque Infantil	2.63
2.5.1.5.2- Vista do jardim público	2.63
2.5.2.1.1- R. Brito de Lima. Arraiolos	2.70
2.5.2.5.1- Vista geral	2.70
2.5.3.1.1- Rua do Castelo	2.79
2.5.3.1.2- Rua do Escalão	2.80
2.5.3.1.3- Travessa do Escalão	2.80
2.5.3.2.1- Rua de Olivença	2.81

2.5.3.2.3- Rua Melo Mexia	2.81
2.5.3.3.1- Praça Brito de Lima	2.83
2.5.3.3.2- Extremo Norte da P. Lima de Brito	2.83
2.5.3.4.1- Travessa do Castelo	2.84
2.5.3.4.2- Perto da Mala Posta	2.84
2.5.3.4.3- Esquina Sul	2.85
2.5.3.4.4- Travessa do Pátio	2.85

Montemor-o-Novo

2.3.1.1- Cerca de Montemor. Panorâmica geral	2.5
2.3.1.5- Cerca de Montemor e arrabalde	2.6
2.3.2.2- Ruína da Ig. de N.Sr ^a do Bispo. Montemor	2.6
2.3.2.5- Igreja do Calvário. Montemor	2.7
2.3.2.6- Igreja de Santiago. Montemor	2.7
2.3.2.7- Campanário da igreja de S. João	2.8
2.3.3.1-S. Pedro. Montemor	2.9
2.3.3.7- Nossa Senhora da Visitação. Montemor	2.11
2.3.3.14- S. Sebastião. Montemor	2.12
2.3.3.15- S. Lázaro. Montemor	2.13
2.3.3.17- S. Vicente. Montemor	2.13
2.3.3.19- Contrafortes. Espírito Santo. Montemor	2.14
2.3.3.20- Sr. Jesus das Necessidades. Montemor	2.14
2.3.3.21- N.Sr ^a da Paz. Montemor	2.14
2.3.4.2- Ig. do Espírito Santo. Montemor	2.15
2.3.4.3- Portal da Igreja do Espírito Santo. Montemor	2.16
2.3.4.7- Portal da Misericórdia de Montemor	2.17
2.3.4.8- Misericórdia e conv. de S. João de Deus.	2.17
2.3.4.9- Passo da R. Nova. Montemor	2.17
2.3.5.1- Saudação. Montemor	2.19
2.3.5.3- Conceição. Montemor	2.19
2.3.5.5- S. Francisco. Montemor	2.20
2.3.5.8- S. Domingos. Montemor	2.20
2.3.5.9- Nossa Senhora da Luz. Montemor	2.21
2.3.5.10- S. João de Deus. Montemor	2.21
2.3.6.7- Paços do Concelho. Montemor	2.23
2.3.7.1.1. Matadouro Mourisco	2.24
2.3.7.2.8- Casa Freire de Andrade. Montemor	2.26
2.3.7.2.9- Casa Fragoso-Amado. Montemor	2.26
2.3.7.2.10- Casa Nobre Visc. da Amoreira da Torre	2.26
2.3.7.2.11- Pousada dos Morgado Laboreiro	2.26
2.3.7.2.12- Casa Nobre Rua do Calvário. Montemor	2.26
2.3.7.2.17- Solar Mouzinho da Silveira Almandanim	2.28
2.3.7.2.21- Casa nobre T. S. João de Deus. Montemor	2.29
2.3.7.2.22- Casa Nobre do Conde de St. André	2.29
2.3.7.2.23- L. das Portas do Sol. Montemor	2.29
2.3.7.2.25- Terreirinho, 1. Montemor	2.30
2.3.7.2.26- L. M. Bombarda.	2.30
2.3.7.2.27- R. Pedrão. Montemor	2.30
2.3.7.2.30- R. Avis, 9. Montemor	2.31
2.3.7.2.32- R. Avis, 13. Montemor	2.31

2.3.7.2.33- R. 5 Outubro, 49. Montemor	2.31
2.3.7.2.35- R. Avis, 68. Montemor	2.32
2.3.7.2.36-L. Paços do Concelho. Montemor	2.32
2.3.7.2.38-L. Porta do Sol, 6. Montemor	2.32
2.3.7.2.39-L. Escola Nova, 7. Montemor	2.32
2.3.7.2.40- R. Almocreves, 40. Montemor	2.32
2.3.7.2.42- R. Curvo Semedo, 12. Montemor	2.33
2.3.7.2.43- L. Miguel Bombarda, 34. Montemor	2.33
2.3.7.2.44- L. Portas do Sol, 5. Montemor	2.33
2.3.7.2.45- R. 5 Outubro, 88. Montemor	2.33
2.3.7.2.49- R. Passo, 7. Montemor	2.34
2.3.7.2.50- R. Alcacer, 20. Montemor	2.34
2.3.7.2.51- R. 5 Outubro, 75. Montemor	2.34
2.3.7.2.53- R. 5 Outubro, 1. Montemor	2.34
2.3.7.2.54- R. Curvo Semedo. Montemor	2.34
2.3.7.2.55- L. Miguel Bombarda, 81. Montemor	2.35
2.3.7.2.56- R. Passo, 22. Montemor	2.35
2.3.7.2.57- R. Lisboa. Montemor	2.35
2.3.7.2.59- R. 5 Outubro. Montemor	2.35
2.3.7.2.60- R. 5 Outubro. Montemor	2.35
2.3.7.2.61- T. Álamos. Montemor	2.36
2.3.7.2.62- Rossio Calvário. Montemor	2.36
2.3.7.2.69- R. Direita, 51. Montemor	2.38
2.3.7.2.70- R. Direita, 52. Montemor	2.38
2.3.7.2.73- R. St. António. Montemor	2.39
2.3.7.2.74- R. das Farizes. Montemor	2.39
2.3.7.3.3- Fonte da R. Nova. Montemor	2.41
2.3.7.3.4- Fonte N.Sr ^a da Conceição. Montemor	2.41
2.3.7.3.5- Chafariz do besugo. Montemor	2.41
2.3.7.3.7- Chafariz do Pocinho. Montemor	2.41
2.3.7.4.1- Sociedade Carlista	2.42
2.3.7.4.2- Sociedade Pedrista	2.42
2.3.7.4.4- Teatro Curvo Semedo. Montemor	2.42
2.3.7.4.7- Praça de touros. Montemor	2.44
2.3.7.5.2- Esc. Conde de Ferreira. Montemor	2.44
2.3.7.5.4- Asilo. Montemor	2.44
2.3.7.6.5- Estação caminho de ferro. Montemor	2.48
2.5.1.2.1- Praça Miguel Bombarda. Norte	2.59
2.5.1.6.1- Vista geral	2.65
2.5.1.6.2- Antiga estrada de Lisboa	2.65
2.5.2.2.1- Rua 5 de Outubro. Montemor	2.70
2.5.2.6.1- Vista para Sul	2.76
2.5.3.5.1- Rua das Ricas	2.86
2.5.3.5.2- Praça Miguel Bombarda	2.86
2.5.3.6.1- Largo Miguel Bombarda	2.87
2.5.3.6.2- Rua das Continhas	2.87
2.5.3.6.3- Praça Cândido dos Reis	2.87
2.5.3.7.1- Rua Nova. Sul	2.88
2.5.3.7.2- Rua do Poço do Paço	2.88
2.5.3.7.3- Traseiras da Rua do Poço do Paço	2.89
2.5.3.7.4- Mercado	2.89

2.5.3.8.1- Largo das Porta do Sol	2.90
2.5.3.8.2. Sul do quarteirão	2.90

Reguengos de Monsaraz

2.3.2.8- Igreja de St. António. Reguengos	2.8
2.3.3.9- Igreja Velha de St. António. Reguengos	2.12
2.3.6.1- Paços do Concelho. Reguengos	2.22
2.3.7.2.13- Casa Papança. Reguengos	2.27
2.3.7.2.14- Casa Leal. Reguengos	2.27
2.3.7.2.15- Casa Rojão. Reguengos	2.28
2.3.7.2.16- Casa Rosado Fernandes. Reguengos	2.28
2.3.7.2.18- Casa José de Sousa. Reguengos	2.28
2.3.7.2.19- Casa António Gião. Reguengos	2.28
2.3.7.2.20- Asilo. Reguengos	2.28
2.3.7.2.48. Pr. Santo António. Reguengos	2.33
2.3.7.2.66- Reguengos	2.37
2.3.7.4.3- Sociedade recreativa. Reguengos	2.43
2.3.7.4.5- Teatro. Reguengos	2.43
2.3.7.4.8- Praça de touros. Reguengos	2.44
2.3.7.5.1- Hospital de Reguengos	2.45
2.3.7.5.5- Cemitério de Reguengos	2.46
2.3.7.6.7- Armazém de fazendas. Reguengos	2.48
2.5.1.4.1- Praça St. António. Vista Leste	2.62
2.5.1.4.2- Praça St. António. Vista Oeste	2.62
2.5.1.8.1- Praça da Liberdade	2.69
2.5.1.8.2- Praça da Liberdade/Estrada Nacional	2.69
2.5.2.3.1- Vista Norte	2.72
2.5.2.3.2- Vista Sul	2.72
2.5.2.7.1- Vista para a Praça	2.78
2.5.2.7.2- Vista para a zona verde	2.78
2.5.3.9.1- Praça de Santo António	2.91
2.5.3.9.2- Rua General Roçadas	2.91
2.5.3.10.1- Rua do Brasil	2.92
2.5.3.10.2- Rua de Olivença	2.92
2.5.3.11.1- Rua S. João de Deus	2.93
2.5.3.11.2- Rua de Portel	2.93
2.5.3.12.1- Rua António José de Almeida	2.94
2.5.3.12.-2- Rua António Gião	2.94
2.5.3.13.1- Passagem entre quarteirões	2.95
2.5.3.13.2- Passagem entre quarteirões	2.95
2.5.3.13.3- Rua P. Soares	2.96
2.5.3.13.4- Rua das Hortas	2.96

Viana do Alentejo

2.3.1.3- Cerca de Viana. Panorâmica geral	2.5
2.3.1.4- Cerca de Viana e casario	2.5
2.3.2.1- Matriz de Viana do Alentejo	2.7
2.3.3.2- S. Pedro. Viana do Alentejo	2.9
2.3.3.3- S. Vicente. Viana	2.10

2.3.3.4- Nossa Srª de Aires. Viana	2.10
2.3.3.8- Santo André. Viana do Alentejo	2.11
2.3.3.11- Campanário de N. Srª da Assunção. Viana	2.14
2.3.3.12- S. Sebastião. Viana	2.12
2.3.3.18- Campanário de N. Srª das Graças. Viana	2.13
2.3.3.22- Senhor Jesus do Cruzeiro. Viana	2.14
2.3.3.24- Espírito Santo. Viana	2.14
2.3.4.1- Nossa Senhora das Graças. Viana	2.15
2.3.4.6- Portal da Misericórdia. Castelo de Viana	2.16
2.3.5.2- Cristo. Viana	2.19
2.3.5.6- S. Francisco. Viana	2.20
2.3.6.2- Paços do Concelho. Viana	2.22
2.3.6.3- Paços do Concelho primitivos. Viana	2.22
2.3.6.4- Paços do Concelho séc. XVII. Viana	2.22
2.3.7.2.6- Casa Faria e Melo. Viana	2.25
2.3.7.2.7- Casa Nobre dos Calados. Viana	2.26
2.3.7.2.29- R. António Isidoro de Sousa, 17. Viana	2.31
2.3.7.2.31- Casa da Cegonha. Viana	2.31
2.3.7.2.34- R. Cândido dos Reis, 8. Viana	2.31
2.3.7.2.37- R. Cons.Fernando de Sousa, 28. Viana	2.32
2.3.7.2.46- R. Cândido dos Reis, 2. Viana	2.33
2.3.7.2.47- R. Latino Coelho. Viana	2.33
2.3.7.2.52- Viana	2.34
2.3.7.2.58- R. Cândido dos Reis, 38. Viana	2.35
2.3.7.2.64- T. das Parreiras, 14. Viana	2.37
2.3.7.2.65- L. S. Luís. Viana	2.37
2.3.7.3.1- Fonte da Praça. Viana	2.40
2.3.7.3.6- Fonte das Freiras. Viana	2.41
2.3.7.3.8- Fonte de S. Francisco. Viana	2.41
2.3.7.3.9- Fonte do Rossio das Freiras. Viana	2.41
2.3.7.3.10- Chafariz da Praça da Palha. Viana	2.42
2.3.7.5.3- Escola Primária. Viana	2.45
2.3.7.5.6- Cemitério de Viana	2.46
2.3.7.6.1- Adega Social. Viana	2.46
2.3.7.6.2- Moagem. Viana	2.46
2.3.7.6.6- Estação caminho de ferro. Viana	2.48
2.5.1.3.1- Sul da Praça da República	2.61
2.5.1.3.2- Vista para a R. Cândido dos Reis	2.61
2.5.2.8.1- Vista geral	2.78
2.5.3.14.1- Esquina da Rua Miguel Bombarda	2.97
2.5.3.14.2- Traseiras perto do castelo	2.97
2.5.3.15.1- Rua Padre Luís António da Cruz	2.98
2.5.3.15.2- Rua Manuel Damaso Prates	2.98
2.5.3.16.1- Esquina da Rua do Rossio com Teófilo Braga	2.99
2.5.3.16.2- Travessa do Rossio	2.99
2.5.3.17.1- Rua Médico Sousa	2.101
2.5.3.17.2- Rua das Parreiras 2.	2.101

INTRODUÇÃO

A dissertação apresentada visa a comparação de formas de aglomerados urbanos situados na periferia de Évora, vistos como um todo integrante do património arquitectónico da região do Alentejo.

A análise debruça-se sobre quatro localidades, Arraiolos, Montemor-o-Novo, Reguengos de Monsaraz e Viana do Alentejo, situadas respectivamente a norte, oeste, leste e sul da cidade de Évora e visa como objectivo principal o aprofundar de conhecimentos sobre as estruturas urbanas alentejanas, através do estabelecimento de parâmetros de coerência entre tipos de crescimento e desenho urbano, morfologia dos espaços e tipologia do edificado. Os seus tópicos principais são a abordagem das formas de evolução histórica e modos de crescimento, a dimensão espacial e os elementos morfológicos dos diversos espaços, a tipologias do construído e estruturas urbanas, sendo a mesma realizada como um todo, de modo a estabelecer comparações que definam regras e excepções referentes aos sítios seleccionados.

Embora se conheçam várias obras que se debruçam sobre pontos fulcrais da história do Alentejo, e algumas monografias sobre aspectos particulares dos povoados seleccionados, desconhece-se a existência de um estudo global sobre o património construído na região, que sirva de ponto de referência ao trabalho proposto; este será inovador na forma como estabelece analogias entre diversos tipos de aglomerados urbanos, com características físicas e históricas diferentes, acompanhados de estudos analíticos de índole morfológica. Deste modo serão superadas as enormes carências existentes, no que se refere sobretudo a dados históricos e levantamentos gráficos. De facto, exceptuando os estudos de Túlio Espanca (referidos na bibliografia), fundamentalmente de compilação de documentação preexistente acompanhada de observação directa de elementos pontuais que o autor considera importantes, e de algumas monografias sobre Montemor-o-Novo, Viana do Alentejo e Reguengos de Monsaraz (também citadas na bibliografia), é de salientar o desinteresse que estas povoações têm sofrido da parte dos estudiosos, que centram as suas investigações em sítios e objectos de reconhecido e tradicional "valor patrimonial". Os dados recolhidos permitirão uma análise comparativa, que obviamente terá que ser completada com futuros trabalhos que abordem os mesmos aspectos, de forma a delinear uma história do património construído no Alentejo.

Os trabalhos deste tipo, sobre a abordagem e estudo de localidades periféricas aos centros urbanos importantes, tornam-se necessários e foram recomendados pela UNESCO desde 1962:

"Os estudos e as medidas a tomar com vista à salvaguarda das paisagens e dos locais deveriam prolongar-se ao conjunto do território do Estado, e não se deveriam limitar a certas paisagens ou locais determinados"¹

sendo considerado por alguns autores, dos quais se refere Carlos Alho,

"...indispensável proceder a uma inventariação minuciosa dos locais urbanos históricos, assim como a uma análise aprofundada e comparativa dos seus valores...

¹- cit. por Carlos Alho (1987:373)

...a preocupação de preservar esta herança deve encontrar expressão em todas as actividades ligadas ao planeamento regional, nas actividades de protecção do meio ambiente, na animação das pequenas cidades em declínio..."²

A preocupação referida e a vivência profunda desta região são referências que se procuram manter ao longo desta dissertação, baseada nos princípios e regras atrás estabelecidos.

Na primeira parte do trabalho, intitulada *Evolução Histórica e Formas de Crescimento*, pretende-se comparar a história dos aglomerados com as respectivas formas de crescimento; dada a especificidade da tese e a formação técnica da autora, decidiu-se que as fontes a consultar se limitam às publicadas, não se recorrendo à consulta de manuscritos e levantamento de arquivos; esta opção provoca, sem dúvida, lacunas no aspecto histórico da dissertação, que se assumem, pois pensa-se não prejudicarem o conjunto do trabalho. A síntese história das localidades refere-se nas suas datas mais significativas, e sempre comparada com as respectivas propostas de crescimento urbano, elaboradas de forma descritiva e gráfica. As quatro sínteses realizadas são comparadas num quadro síntese, de modo a estabelecer analogias que permitam formular conclusões através de uma análise comparativa sobre as diversas formas de crescimento, objectivo final do primeiro ponto da dissertação.

O segundo capítulo, *Análise Morfológica*, inicia-se com a delimitação, espacial e temporal, da zonas de estudo a analisar e definição dos diversos níveis de abordagem. A análise morfológica foca em primeiro lugar os elementos pontuais da estrutura urbana, debruçando-se em seguida sobre conjunto urbanos; a síntese desta análise estabelece-se através da elaboração das respectivas tipologias. Optou-se por esta subdivisão; pois ela separa dois conceitos fundamentais no estudo das estruturas urbanas, o elemento isolado e o conjunto urbano, além de facilitar, do ponto de vista metodológico, a enumeração dos diversos elementos referidos e a leitura de uma proposta tipológica. A vertente histórica dos elementos analisados é elemento constante ao longo desta análise, assim como as diversas funções que eventualmente assumiram na vivência da urbe. A escolha e selecção da maioria dos elementos analisados segue as descrições efectuadas por Túlio Espanca no *Inventário Artístico de Portugal*, obra indispensável a estudos desta natureza na região; por esta razão se resumem, nos dois anexos do trabalho, descrições por ele efectuadas.

A terceira da dissertação, *Análise das Estruturas Urbanas*, aborda em primeiro lugar as hierarquias viárias dos respectivos aglomerados, articulando-as com os crescimento urbanos definidos no primeiro capítulo. Um segundo ponto analisa diversos tecidos urbanos, de modo a completar as análises efectuadas ao longo do trabalho e a estabelecer uma tipologia própria. Este capítulo é completado com a articulação entre todos os elementos analisados na segunda e terceira partes do trabalho, relacionando-os com os respectivos aspectos de desenvolvimento histórico.

Enunciam-se finalmente algumas linhas interpretativas de carácter conclusivo, concluindo-se desta forma a dissertação apresentada.

O aspecto gráfico da dissertação teve em linha de conta as disponibilidades técnicas e financeiras da autora do projecto, sendo todo da sua responsabilidade: optou

²- Carlos Alho (1987:373)

por realizar todos os registos fotográficos (excepto um, devidamente notado), conforme as visitas que se ia efectuando e o conhecimento adquirido das urbes analisadas, assim como o respectivo tratamento informático; todas as plantas apresentadas são igualmente da sua autoria, obtidas a partir das análises efectuadas; duas plantas são adaptações de propostas recolhidas e encontram-se devidamente referenciadas. Todo o estudo gráfico foi realizado com base em levantamentos aerofotogramétrico às escalas 1/5000 e 1/2000 e fotografias aéreas às escalas 1/15000 e 1/8000.

As metodologias seguidas nas diversas fases da dissertação foram definidas a partir da leitura de autores, referidos quando necessário, adoptando-se os respectivos critérios; no entanto as referências por eles estabelecidas são sempre a aglomerados urbanos de grandes dimensões, quando comparados aos casos seleccionados, havendo necessidade de adaptar critérios, redimensionando-os aos espaços analisados.

A selecção dos quatro centros a analisar, cujo critério foi a respectiva posição geográfica em relação à cidade de Évora, colocou de imediato problemas de sistematização do estudo, devido às características próprias de cada localidade: Montemor-o-Novo sofreu um crescimento, no espaço e no tempo, mais importante do que Viana do Alentejo ou Arraiolos. Reguengos de Monsaraz, que surgiu tardiamente, apresenta um desenvolvimento enorme em relação aos outros três centros urbanos. Esta selecção, efectuada de modo geograficamente objectivo, teve a vantagem de conduzir a uma análise sistemática de cada povoado, efectuada de forma individual, sem a procura de pontos comuns que conduzissem a análise de forma tendenciosa; é no entanto difícil estabelecer conclusões definitivas, que não foram o objectivo final desta tese; este estudo fica pois em aberto, esperando ser um contributo para a futura Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Região do Alentejo.

Cabe nesta introdução referenciar a atenção com que o Senhor Professor Jorge Gaspar orientou a dissertação apresentada, pelo que a autora expressa o seu reconhecido agradecimento.

1- EVOLUÇÃO HISTÓRICA E FORMAS DE CRESCIMENTO

1.1- Síntese Histórica e crescimentos urbanos

1.1.1- Arraiolos

Os primeiros vestígios de ocupação humana em Arraiolos situam-se no castelo, indicando a presença de um castro. Afonso do Paço (1965), no seu artigo publicado no Boletim nº 6 da Junta Distrital de Évora, cita o General João de Almeida (1948) a propósito da antiguidade do Castro de Arraiolos:

"...A sua fundação é antiquíssima, e tendo-se em atenção a sua situação e o valor militar da posição, a natureza dos vestígios que ainda perduram da transição do neolítico para o calcolítico, e os numerosos achados dos tempos dos gregos e de dominação romana, é de presumir que na origem a sua poderosa fortaleza tivesse consistido num castro de povoamento lusitano..."¹

Baseando-se nesta referência e em alguns achados em obras de construção civil, nomeadamente na instalação de uma antena de televisão, Afonso do Paço (1965:219) que as origens de Arraiolos remontam ao ano 2500 A.C., confirmando a existência de um povoado neolítico.

O Guia de Évora de 1922, dirigido por Raul Proença, atribuiu a origem de Arraiolos à povoação romana de Calântica, embora Cunha Rivara (1983) já tivesse provado, no século passado, que deveria a mesma ser a povoação de Santana do Campo, nas proximidades de Arraiolos, contradizendo autores clássicos, tais como André de Rezende e Diogo Mendes de Vasconcelos. Em relação à origem da palavra Arraiolos, houve autores que referiram um governador grego chamado "Reyo", como sendo responsável pela denominação do lugar...também para esta tese não existem provas documentais nem referências precisas, vindo no entanto referido nos folhetos turísticos como facto verídico. Rivara (1983:8) exclama a propósito:

"...Ora não há coisa mais natural do que uma cabeça de mouro confirmar uma etimologia grega! Grego me vejo eu com todos estes etimologistas, cronistas e geógrafos; e por isso passemos adiante..."

Arraiolos é referida como "herdade" na carta de doação de D. Afonso II, em 1217, ao Cabido da Sé de Évora, citada por Rivara (1981:8-9); nela existia a autorização de poder ser fortificada, e a definição dos respectivos termos territoriais.

Fica pois por definir se o sítio de Arraiolos, como aglomerado urbano, já existia na altura, sendo Rivara (1983) da opinião que a doação refere licença para fortificar, apoiado pela referência, em documentos da fundação da Albergaria de S. Pedro da Gafanhoeira, contemporânea da mesma, de dois habitantes do lugar - D. Sandra de Arrayolos e Pêro de Arrayolos.

De qualquer modo a fortificação nunca foi realizada e D. Afonso III recupera os territórios doados em 1273, o que vai causar uma disputa legal entre as duas partes (poder régio e igreja), na qual o monarca vai ceder, em data próxima da sua morte.

¹- Gen. João de Almeida, *"Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses"*, vol. III, Lisboa 1948, citado por Afonso do Paço (1965:218)

Confirmando a preexistência de um povoado anterior à realização da fortificação, e que depois se chamará de arrabalde, a primeira sede da paróquia de Arraiolos é referida desde 1302, localizada onde hoje se situa a actual matriz, denominada de Nossa Senhora dos Mártires.

D. Dinis contraria a vontade de seu pai, não confirmando a cedência do território, e manda que se construa um castelo e muros, concedendo-lhe a primeira Carta de Foral-este documento é posto em dúvida por vários autores, pois não existem provas documentais do mesmo, pensando Rivara (1981) que os historiadores que o antecederam o confundiram com um conjunto de regulamentos da carta de Doação de Reguengo de Vide, em S. Pedro da Gafanhoeira. Em 1310 realiza-se o contrato de construção da cerca (Espanca:1975-3) entre o Monarca e os homens da vila, obrigando a fazer em redor do povoado:

"207 braças de muro, de três braças de alto e uma braça de largo; e a fazer no dito muro dois portais de arco com suas portas e com dois cubelos quadrados em cada uma das portas"²

Esta fortificação tem duas portas, a de Santarém e a da Vila, e é a segunda que, juntamente com a igreja atrás referida, que define o primeiro eixo de desenvolvimento da vila, norte-sul, continuado no caminho que ligava a Évora. Os planos da fortificação foram traçados por D. João Simão, e em 1315 já teriam sido realizados o paço e as paredes mestras do castelo, terminadas nos seus ângulos por quatro torres. Espanca (1975:4). Os novos paços do Concelho foram instalados, segundo a tradição, na chamada Torre do Relógio sendo a paróquia acima referida extinta e transferida para o interior do recinto murado, por ordem de D. Dinis, que aí funda, contemporânea da cerca, a Matriz do Salvador, nova sede paroquial da povoação. (Espanca. 1975:5)

A cerca povoa-se por ordem real, datando de 1371 um conjunto de regalias outorgadas por D. Fernando, que o transformam num couto de homiziados, o que demonstra a falta de vontade dos habitantes da povoação em o ocuparem.

"...Que não vão com presos, nem com dinheiro de uma terra para a outra; que não guardem presos na igreja; nem sejam constringidos para serem tutores, nem curadores, que os que de novo forem morar na dita cerca não sejam obrigados a pagarem as dívidas que fizerem daqui em diante... Mais concede e manda que os que moram na dita cerca hajam os ofícios do concelho, e os de fora não... que nem os da mercê de el-rei, nem os infantes seus irmãos, nem de outro nenhum, por poderoso que seja, que pouse dentro da dita cerca com os moradores dela, lhes tomem a roupa, nem matem galinhas... que todas as viandas que vão à venda ao lugar de Arraiolos, ou sejam dos moradores da dita vila, ou dos de fora, vão todos à dita praça de dentro da cerca, e aí os vendam..."³

O arrabalde desenvolve-se a sul, a partir da Porta da Vila, segundo o enunciado por Orlando Ribeiro (s.d:576), quando refere a propósito da formação das vilas medievais:

"...muitas vezes pelo refazer e largar dos castelos e cintas de muralhas, outras pelo extravasar da população para além delas; assim se começaram a formar arrabaldes, que às vezes excediam o núcleo fortificado, apesar dos privilégios concedidos aos que moravam dentro das muralhas..."

As regalias concedidas aos habitantes da vila intramuros eram privilégios de numerosas povoações fortificadas do reino. Posteriormente D. João I manda extinguir os

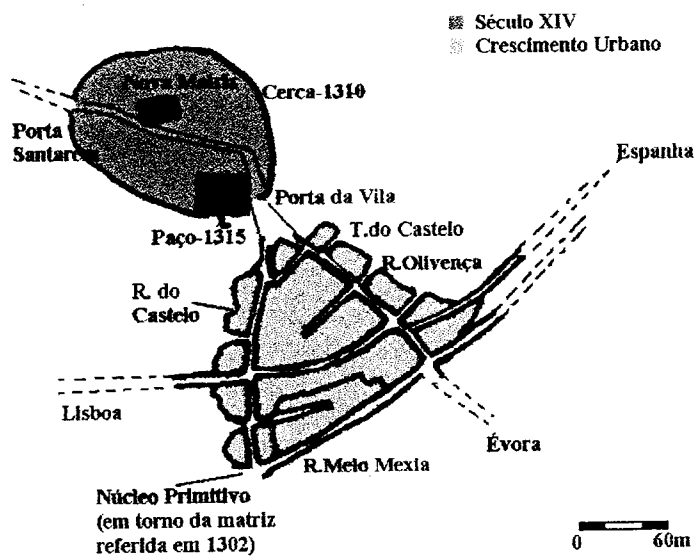
²- cit por Túlio Espanca (1975:3)

³- Torre do Tombo, *Livro 2º de Odiana*, fol. 240, cit. por J.H. da Cunha Rivara, (1981:30)

"coutos de malfetores", e "coutos de devedores" em todos os castelos portugueses excepto Sabugal, Freixo de Espada à Cinta, Noudar e Arraiolos, onde o privilégio, contra a vontade dos moradores do arrabalde, se vai prolongar por mais um século.

Arraiolos, no reinado de D. João I, localiza-se numa importante via do país, a estrada Elvas-Lisboa, mandada abrir no reinado de D. Afonso IV e concluída nesta época. A estrada antiga passava por Evoramonte, mas a portagem era de tal modo pesada que o monarca decide desviar a mesma, abrindo um novo traçado que beneficia a povoação, concedendo-lhe grande importância estratégica. (de salientar, a título de curiosidade, a fundação, à saída de Estremoz, do lugar da Venda do Duque, como recompensa ao Duque de Bragança das perdas devidas ao desvio dos viajantes de Evoramonte). Esta via motiva a importância urbana de Arraiolos, definindo o seu eixo de desenvolvimento este-oeste, e transformando a localidade num ponto de passagem importante entre as principais cidades do reino

D. Nuno Alvares Pereira, (Espanca:1975) Conde de Arraiolos desde 1377, lega ao seu neto D. Fernando II, Duque de Bragança, a Vila de Arraiolos, juntamente com as rendas e direitos de Montemor; data pois desta época a integração do território na Casa de Bragança, que se irá manter durante séculos, somente interrompida por ordem de D. João II, que depois da execução pública em Évora do Duque de Bragança, entrega, por um curto período, a posse do Condado a Pêro Zuzarte (1483 a 1495).



Planta 1.1.1.1- Séculos XIV e XV

No início do Séc. XV (1409) é fundada a Confraria do Corpo de Deus, no adro da Matriz do Salvador. Em 1467, um embaixador da Boémia, passando por Arraiolos, descreve:

"...a povoação é dominada por uma fortaleza de difícil acesso..."⁴

o que pressupõe um casario no arrabalde já bastante desenvolvido em relação à massa imponente do castelo.

⁴- Cit. por J.H. da Cunha Rivara, (1985:4)

Desde o início o povoamento da cerca é imposto, desenvolvendo-se o arrabalde a partir da Porta da Vila e da antiga matriz, para oriente, procurando as cotas mais acessíveis. O traçado urbano no interior dos muros é neste momento impossível de repor, pois nunca houve campanhas de escavações arqueológicas que nos permitam definir um traçado urbano da época. (as únicas escavações realizadas foram de superfície, e permitiram provar a preexistência do castro acima referido). Podemos no entanto imagina-lo ortogonal, tendo um eixo principal unindo as duas portas, servindo a igreja matriz, com os Paços do Concelho situados, como foi referido, na Torre do Relógio, ponto de ligação da fortaleza ao arrabalde.

Da Porta da Vila desciam duas ruas, a do Castelo que o ligava à igreja primitiva, e do Quebra Costas que, juntamente com a Travessa do Castelo o ligavam ao Rossio de S. Romão. Um primeiro eixo transversal passando pela matriz primitiva, perde a sua importância, quando surge o arrabalde e com ele uma rua paralela ao mesmo, a cota mais elevada, a Rua de Olivença, que como a sua toponímia indica, seria a via de saída da vila na época.

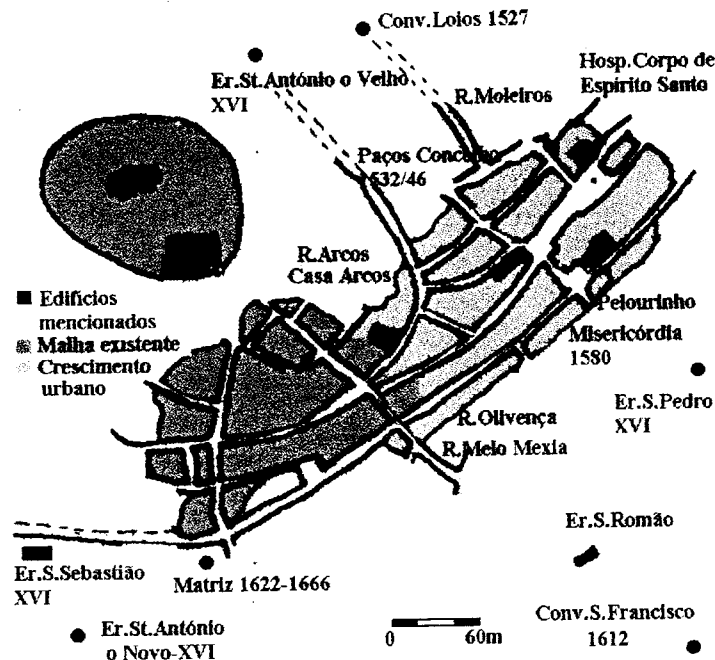
A vila desenvolve-se lentamente, estendendo-se para sul, e apresenta no século XVI os pólos de desenvolvimento que irão definir a sua estrutura actual. É nesta época que a sua população aumenta de modo significativo, com a instalação de árabes e judeus fugidos de Lisboa, após os éditos de D. Manuel I- ligada a este novo povoamento estará o começo da manufactura de tapetes de Arraiolos, referido por Teresa Pacheco Pereira (1991:13):

"...Claro que não há uma cultura que não tenha uma tradição de ornamentação, mas no nosso caso, essa tradição não existe à partida... Houve certamente alguma tradição de origem mourisca do fabrico de tapetes. Embora não nos tivesse chegado algum exemplar, conhecemos documentos (o mais antigo do reinado de D. João I), que nos garantem a existência de tapetes mouriscos no país."

A Irmandade da Misericórdia é instituída em Arraiolos em 1524, e instala-se no edifício da Confraria do Espírito Santo (antes denominada do Corpo de Deus), que havia comprado terrenos na Praça (principal) para construção de um hospital. O Hospital do Espírito Santo começa a ser construído em 1531 e dois anos depois a sua administração é entregue à Mesa da Misericórdia, substituída em 1534 pela dos reitores do Convento dos Loios- a Santa Casa reaverá a administração do Hospital em 1834. O edifício primitivo era constituído por dois pisos, estando no primeiro instalada uma camarata com sete camas destinadas a pobres, e no segundo piso espaços reservados a peregrinos e religiosos. (Espanca 1975:13)

Os Paços de Concelho são transferidos para a Praça em 1532 (antecedida da Nova Carta de Foral, concedida em 1511 por D. Manuel I) abandonando provavelmente a Torre do Relógio, situada no Castelo. A compra das casas necessárias à instalação data deste ano, estando o campanário, escada e cadeia, anexos aos mesmos, concluídos em 1546. Nas lojas do Tribunal Judicial, integrado no conjunto, funcionavam os açougues da Vila, anteriormente instalados na Rua da Misericórdia. (Espanca :1975-24)

A construção destes dois equipamentos definem um novo espaço urbano, a actual Praça Lima de Brito, principal centro da vila desde essa altura. Este espaço vai-se situar a leste do aglomerado, excêntrico em relação a este, procurando as cotas mais acessíveis, encontro natural das vias transversais, de sentido leste/oeste com as travessas provenientes do arrabalde.



Planta 1.1.1.2- Séculos XVI e XVII

A norte da povoação encontram-se dois pólos importantes, o Convento dos Loios (em 1527 é lançada a primeira pedra, nos arredores da Vila, nos terrenos onde tinha existido por volta de 1380 uma Pousada de D. Alvaro de Castro, posteriormente Quinta do Paço, doada à Ordem do mesmo nome) e a Ermida de Santo António, (reconstruída em 1594) que pelas suas funções caracterizam e influenciam a vida social de Arraiolos: a ordem dos Loios irá assegurar o "poder" na sua organização urbana, regulamentando o Hospital do Espírito Santo e o poder municipal, de forma indirecta mas intransigente. A Ermida de Santo António organiza e ocasiona as festas e romarias da vila, podendo-se considerar um segundo rossio da mesma, pois é neste local que se realizam as feiras de gado da região. Ligada visualmente a Arraiolos e ao seu castelo, será um polo de desenvolvimento urbano, do ponto de vista da sua organização social e económica. Os dois eixos que estabelecem a ligação destes equipamentos à Praça principal organizam um novo quarteirão, constituído pela Rua dos Moleiros, a Travessa das Piçarras e a Rua da Eira. A sul da povoação desenvolve-se e consolida-se o Rossio de S. Romão, ponto de passagem de pessoas e gados e local de mercados ocasionais.

A Misericórdia constrói as suas instalações em 1580, depois da gestão do hospital ser entregue aos Loios, adquirindo terrenos onde já existia casario- aí constrói a Igreja da Misericórdia e dependências, separando-se definitivamente da Confraria do Espírito Santo. Situada perto da praça principal, e do ponto de cruzamento de duas vias principais, origina a reabertura do segundo eixo transversal importante, a Rua Melo Mexia-Cunha Rivara, paralela ao primeiro, Rua de Olivença, que estabelece a ligação entre o castelo e a nova praça. A Rua Nova e a Travessa dos Airados serão os elementos de ligação entra a praça e a terceira rua transversal, a Rua dos Arcos, a cota mais elevada.

Durante o século XVI são mencionadas por Rivara (1985:9) as seguintes ermidas: S. Sebastião (1550), localizada a quatrocentos metros da actual Igreja matriz, sendo mantida pela respectiva Confraria e devendo talvez o seu nome ao desaparecido

Rei D. Sebastião; S. Romário, situada no Rossio da Vila, e que hoje se chama de Nossa Senhora dos Remédios, em 1569 está construída, ou reconstruída, pois o autor cita uma informação que uma mais antiga teria tombado em ruínas no ano de 1540.

(Existiram no entanto ermidas anteriores a estas, como a de S. Pedro, de forma redonda, e sobre a qual se construiu um moinho no outeiro do mesmo nome e a de Santo António o Novo, que em 1744 se encontrava em ruínas e da qual não existem vestígios).

Nesta época a Matriz do Salvador sofre diversas obras de intervenção que a vão modificar, de modo a não deixar vestígios da sua traça original e no final do século (1599), o Padre Visitador ordena que não se fechem as portas do castelo durante a noite, segundo consta do seu relatório de visita:

"...Fui informado, que a porta do castelo, onde reside o padre Diogo de Oliveira, cura desta igreja, se fecha de noite; e porque estando fechada se lhe não poder dar recado, nem ele acudir a administrar os sacramentos, e pode haver falta na administração deles, mando que de aqui em diante não consinta fechar-se a porta; e em caso que se mande fechar, o reverendo cura residirá fora do castelo, onde as suas ovelhas o possam achar facilmente para lhes acudir com o pasto espiritual das almas, como é obrigado, ..."⁵

A Casa dos Arcos, situada na rua do mesmo nome, data deste século, assim como uma casa defronte do Pelourinho que dá para a Rua do Espírito Santo, um prédio na Praça e esquina com a Rua Alexandre Herculano e algumas casas na encosta do castelo, tais como o nº 2 da Rua do Castelo, que segundo Espanca (1975:30) ainda conserva a traça primitiva.

No século XVII confirma-se o abandono do castelo, que se adivinhava no período anterior: a Vila instala-se definitivamente no arrabalde, delimitando-se no espaço que será definitivo até a meados do séc. XIX. O recinto murado, como se comprova nas citações que se seguem, cai literalmente no abandono, assim como a cerca que o protege. Em 1613 está sem guarda e sujeito ao arranque dos materiais de construção, e nesta data a Vereação decide:

"... acordaram que por quanto se desfaz a fortaleza desta vila, e mais casas que estão dentro do castelo desta mesma vila, e os homens moradores dela vão desmanchar as casas e muros da dita fortaleza para fazerem suas obras; e porque convém acudir à dita devassidão; mandam que nenhuma pessoa de qualquer qualidade que tire pedras dos muros, barbacãs e casas do interior da fortaleza, ... não possam os donos das ditas casas desmanchar, nem tirar pedra, telha, madeira nem outra qualquer coisa sem licença da Câmara"⁶

Três anos depois existe um novo acordão da Câmara que confirma o seu estado de abandono:

"...Acordam que por quanto o Santíssimo Sacramento o levam pelas portas do castelo aos doentes, e que procissões que se fazem; e as ditas portas e calçadas sempre estão muito sujas de bostas e bois, que dormem deserto do castelo...; mandam que de hoje em diante nenhum boi nem besta durma dentro do castelo..."⁷

⁵- Dr. Sebastião Tinoco, in "*Livro das Visitações da Matriz, que começou em 1567*", folhas 47, citado por Rivara (1975:33)

⁶- *Livro de Vereações de 1612 a 1615, a Folhas 79*, cit. por J.H. Cunha Rivara, (1983:34)

⁷- idem

Em 1640 fazem-se obras de emergência para melhorar as fortificações (Guerra da Independência), datando de 1643 a construção de novas portas; em 1655 o conjunto está em ruínas e em 1663 a vila presta homenagem ao Príncipe D. João da Áustria, sem mesmo ser atacada, datando do ano seguinte uma petição às Cortes de Lisboa:

"...1º: Tratarão de pedir a Sua Majestade que mande reparar os muros e castelo da barbacã para defesa desta Vila

2º: Tratarão de pedir a Sua Majestade que se conserve o castelo com habitação de gente, para que obrigue os moradores desta vila, aos ricos e abonados, para que lá façam casas...

E outros requerimentos da mesma data:

...art. 1º: mandar reparar os paços e muralhas, e reparar as cisternas...⁸

A sul do Rossio de S. Romão constrói-se, em 1612, o Convento de S. Francisco, sobre o outeiro do mesmo nome, limitando a vila a sul até aos nossos dias e estabelecendo-lhe os limites actuais. A primeira fase de obras dura até 1833, nunca tendo sido as mesmas concluídas

A Igreja de Nossa Senhora dos Mártires recebe novamente o nome de Matriz, em 1662, mas quatro anos depois o imóvel acusa graves ruínas e é abandonado definitivamente até à sua reconstrução no século seguinte. A matriz do Salvador sofre intervenções em 1630 e 39, mas neste ano o Padre Visitador refere-se-lhe nos seguintes termos, aconselhando o seu abandono:

"...e considerando o grande perigo e risco na guarda da Igreja Matriz, junto da qual, nem dentro em todo o castelo mora pessoa alguma, e por ser lugar deserto..."⁹

O Pelourinho é instalado na Praça Lima de Brito em 1634, e perto da Ermida de S. Romão constrói-se a Casa do Capitão Mor, futura sede da Mala Posta. Casas nobres como o edifício da actual União Filarmónica Arraiolense, o edifício do Grémio da Lavoura, o Solar da família Melo Mexia e a casa junta à Casa dos Arcos são, segundo Túlio Espanca (1975), desta época.

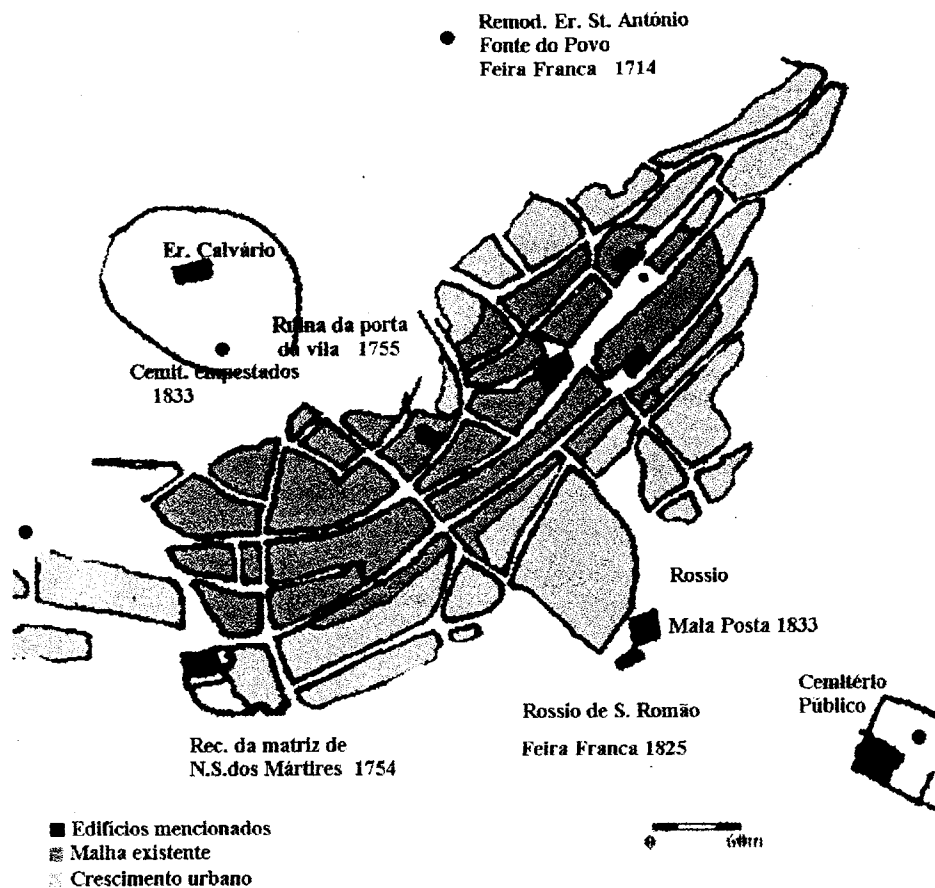
No princípio do século XVIII a mudança definitiva das sede de paróquia para a vila é confirmada pelo seguinte documento, datado de 1703, redigido pelo Padre Visitador da Matriz do Salvador e citado por Rivara (1991:43)

"...concluiu que o exterior da igreja estava muito danificado, as paredes demolidas e rotas, e era um lugar deserto, por ser dentro do castelo inabitado de gente; e me consta que pela eminência do sítio não concorrem os Irmãos do senhor, quando para o acompanharem são chamados; causa total porque morrem alguns enfermos sem o sacramento da Eucaristia...advertindo que não se podem evitar estes danos eminentes, senão fazendo-se uma igreja dentro do povoado da vila para a fácil ocorrência dos Irmãos e do Clero..."

A Matriz de Nossa Senhora dos Mártires é reconstruída no século XVIII e a Ermida de Santo António-o-Velho remodelada na mesma época, tendo sido construída no seu terreiro a Fonte do Povo, e datando de 1714 a Feira Franca de Santo António, no terreiro da referida ermida. Em 1754 o Santíssimo é transferido da Matriz do Salvador para a actual, passando a denominar-se Ermida do Calvário, e a Torre de Menagem do castelo cai em ruínas por efeito do terramoto de 1755. (Rivara :1983).

⁸- " *Livro de vereações de 1640 a 42*", fol. 50, cit por Cunha Rivara (1983:35)

⁹- *Livro Vis. da Matriz, fl.93.V*, cit por J.H- da Cunha Rivara (1983:42)



Planta 1.1.1.3- Séculos XVIII e XIX

No século XIX, em 1833, é inaugurada a Mala Posta, Companhia Portuguesa de Diligências com paragem importante em Arraiolos. A sua sede situa-se no Rossio de S. Romão, instalando-se na casa pertencente, por tradição ao capitão-mor da vila. A Feira de Santo António é transferida para este local, pois a sua situação, exterior ao aglomerado, deixa de ser do agrado dos habitantes. O Convento de S. Francisco e respectiva cerca são adaptados a Cemitério Público (encerrado em 1834, o terreno é adquirido pela Câmara em 43 e as obras de adaptação começam em 70/74). Anteriormente o mesmo tinha sido instalado no castelo, descrevendo Rivara o conjunto (1983:40-41) da seguinte forma:

"...o muro, que está bem conservado, à excepção das ameias, é muito forte, de regular altura e perfeitamente circular...teve duas portas, uma para sul, sobre a rua actual, chamada da barbacã, que já não conserva a forma de porta mas é uma grande abertura do muro; outra chamada de Santarém...; está inteira e é de arco em ogiva na forma do contrato da fundação. Parece ter havido uma porta falsa, ou postigo, da parte do oriente, onde o muro tem alguma ruína.

Conservam-se os dois cubelos ou torreões da Porta de Santarém. O torreão, onde está o relógio da vila, parece ser um dos cubelos da antiga porta da barbacã, ficando outro suprido pela grande torre de menagem...o paço, do qual apenas existem hoje as portas de entrada e as paredes mestras, terminadas nos quatro ângulos por quatro torres...Havia também dentro do castelo uma cisterna de que não há vestígios nem notícia donde fosse.

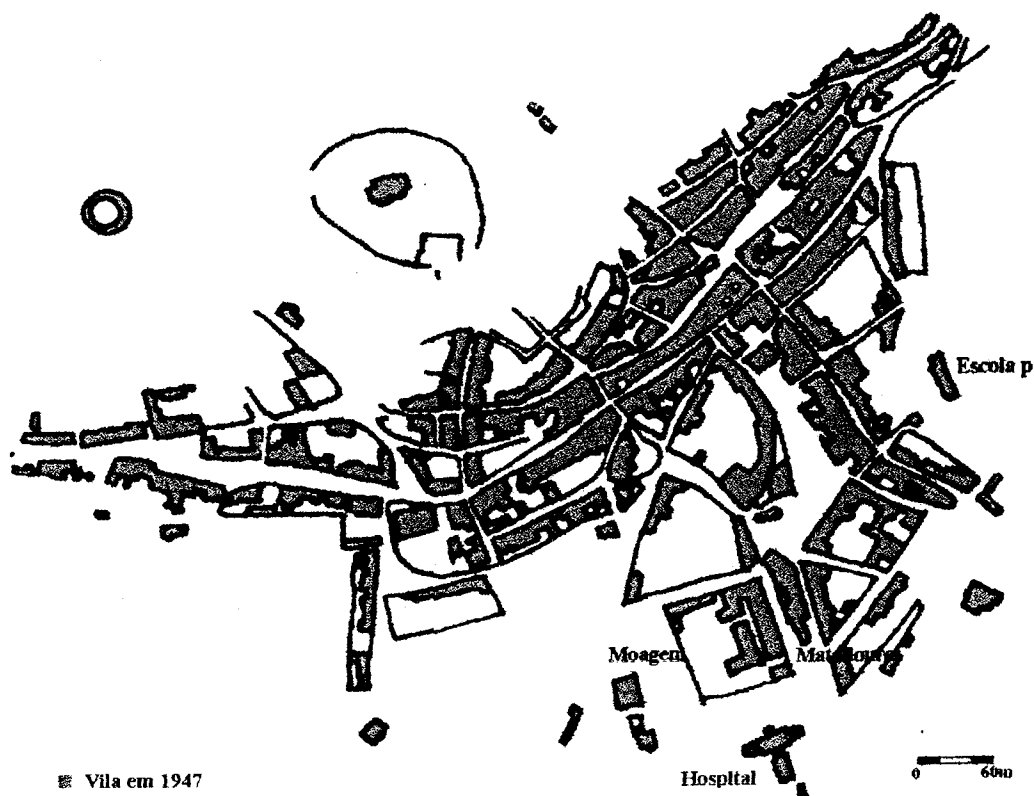
A vila continua a crescer de forma tentacular, desenvolvendo-se ao longo das vias de comunicação e preenchendo os espaços intersticiais. A norte da Praça Lima de Brito consolida-se o quarteirão já referido, e a sul a vila estende-se em direcção ao Rossio, segundo os traçados preexistentes. Neste século o mesmo é ocupado, no seu

extremo sul, pela instalação de equipamentos industriais (o matadouro e a moagem), tendo sido alguns demolidos quando do arranjo do Largo Dordio Gomes.

Em 1849 a estrada proveniente de Lisboa para Elvas continua intransitável, e torna-se mais fácil, durante o Inverno, passar pelas Ilhas. Em 1849 é mandada arranjar, e a vila é descrita por João Ferreira Alves em 1853:

"As ruas de Arraiolos são estreitas e pessimamente calçadas. As casas parecem ter sido acabadas no mesmo dia, pois que têm a mesma sombra de antiguidade, excepto uma ou outra reedificada modernamente. Todas têm de fora das janelas e do lado destas uns cunhais de pedra onde se colocam ordinariamente vasos com flores. A cor favorita da terra parece ser o roxo.- terra. Com ele pintam as portas, as janelas e sobretudo umas certas rótulas muito comuns nesta província..."¹⁰

As confrarias adaptam-se aos novos tempos, sendo fundada em 1816, na ermida de S. Romão a de Nossa Senhora dos Remédios (a ermida adopta este nome), e em 1874 a a ermida do castelo tendo sido transformada em sede da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, após obras de reparação (1874). Serão desta época ou posteriores os Passos da Rua de Olivença, Rua Cunha Rivara, Rua do Castelo (o maior), Ermida de S. Romão e os três desaparecidos, dois na Igreja da Misericórdia e um no Hospital. Espanca (1975:24)



Planta 1.1.1.4- Arraiolos em 1947

Em 1923 o Guia de Évora e Arredores, refere a vila ter 4059 habitantes, dois cafés (na Praça e na Rua de Évora), uma manufactura de tapetes cuja tradição remonta ao séc. XVII e XVIII, uma fábrica, e que o castelo está no alto do Monte de S.Pedro¹¹.

¹⁰- João Ferreira Alves, cit. por J.H. da Cunha Rivara, (1985: 40- 41)

¹¹- *Guia de Évora e Arredores*, dirigido por Raul Proença, Lisboa 1923

Em 1927, nova edição do mesmo Guia, actualizada e denominado Guia de Portugal descreve:

"...à entrada da povoação a Igreja da Misericórdia..."
"...no extremo da vila, ao lado norte, a Igreja da Matriz..."¹²

As colinas começam a ser construídas a partir dos anos cinquenta do século XX. As moradias da nova classe dirigente, saída das modificações sociais provenientes da revolução liberal, são construídas na periferia do aglomerado, sobre os seus eixos principais, e ocasionam uma nova dinâmica à urbe. A edificação do cine-teatro e da moagem, o arranjo do jardim com construção de um coreto são transformações urbanas de consolidação de terrenos existentes no rossio, completadas pela construção de equipamentos, tais como o hospital ou escolas implantados em terrenos a cotas mais elevadas, sobre os outeiros a sul e este da vila.

Acompanhando o desenvolvimento e a história de Arraiolos refira-se o aparecimento da povoação das Ilhas, a sul de Arraiolos sobre a estrada para Évora. Conta a tradição, e com ela Túlio Espanca, que a fundação da mesma se deve a Pina Manique, que chama para a habitar moradores do arquipélago dos Açores. Iniciada no século XVIII, constitui, sem sombra de dúvida, um arrabalde da vila, exterior a ela tal como o Rossio da ermida de Santo António. Não foi possível, no entanto, integrar o seu estudo neste trabalho, pois não se encontraram elementos que confirmem a sua fundação e posterior desenvolvimento.

1.1.2- Montemor-O-Novo

Montemor-O-Novo localiza-se na estrada que liga Lisboa a Évora e Madrid, situando-se num sítio alto que domina o vale do Almansore e a paisagem em redor. Embora não existam dúvidas sobre a antiguidade da urbe, documentada em fontes escritas desde o século XII, começa-se por referir a curiosa observação efectuada por Gabriel Pereira, de passagem pela vila no final do século passado, que lhe atribui uma fundação bem mais antiga no tempo:

"...Examinei detidamente o castelo e julgo poder aventar algumas novidades. Não é medieval, não tem uma ogiva nem um arco mourisco; as janelas das torres e do palácio são rectangulares, ou de volta redonda; as portas de grossa pilharia bem faceada e de volta redonda também; a entrada principal, ainda perfeitamente conservada, é romana em todas as linhas; a barbacã do norte parece-me árabe, pela disposição e construção. O que todavia merece mais atenção é o palácio... O edifício, no interior, recebeu modificação, mas no exterior tem puro aspecto romano..."¹³

Além desta afirmação sobre a antiguidade da vila, G. Pereira também afirma que a Ermida de Santo André, localizada a norte da mesma, é um templo romano modificado pelo gótico. Mais autores reafirmam esta preexistência romana, talvez baseados no que é relatado nas Memórias Paroquiais:

"...foi celebrada com o nome de Castra Maliana, pela abundância nativa dos seus frutos, e pelo inexpugnável castelo em que se fazia terrível..."¹⁴

¹²- *Guia de Portugal*, dirigido por Raul Proença, Lisboa 1927

¹³- Gabriel Pereira, (1934)

¹⁴- "O Concelho de Montemor-O-Novo nas Memórias Paroquiais de 1759", *Revista Almançor* nº3, Montemor-O-Novo 1985, p.121

D. Afonso Henriques, em 1166, conquista a fortaleza árabe; em 1190-91, durante a invasão dos Almoadas, (reinado de D. Sancho I), a vila é saqueada e arrasada, tendo posteriormente sido reconquistada pelo mesmo monarca que a reconstrói e lhe concede Foral em 1201, entendendo-se pela Vila de Montemor-O-Novo a povoação existente intramuros. Túlio Espanca (1975:275) atribui a D. Dinis a reconstrução da muralha, entre os anos 1280 e 1310.

Em relação à origem árabe do castelo existe uma controvérsia sobre um edifício classificado como "Matadouro Mourisco", do qual subsistem três paredes, sendo a quarta o muro da fortificação, que desabou. Coberta por uma abobada sustentada por quatro pilares, teria uma saída directa para a encosta do castelo, através de uma porta na referida parede que ruíu. A tendência actual é de lhe atribuir a função de cisterna. Pondo em causa datação tão antiga, Túlio Espanca (1975:280) situa a sua construção no tempo de D. João III.

A estrutura urbana no interior dos muros retoma, segundo Jorge Fonseca (1993:29-80), a da vila árabe preexistente, dividindo-se em duas zonas distintas, a medina e a alcaçova, com zona de oração, ligada directamente ao exterior da fortificação por uma porta privativa e ligada ao povoado por uma porta interior. A alcaçova, que se situava no vértice sul do triângulo, num ponto mais elevado que a restante vila, foi substituída pelo Paço dos Alcaldes, e a kaaba pela igreja de S. João, tendo sido a primeira igreja do burgo, Nossa Senhora da Vila (1214), construída sobre a mesquita, localizada perto dos antigos açougues, e paços do concelho. Os bairros populares situar-se-iam, segundo o mesmo autor, a norte, nascente e poente.

Local de passagem de monarcas (D. Dinis reside nela em 1285 e 88), é segundo Jorge Fonseca (1986:120) uma vila que se destaca na Idade Média pelo elevado número de habitantes, pela sua importância económica, pelo valor militar da sua localização, sendo ponto fundamental de ligação de Lisboa à fronteira.

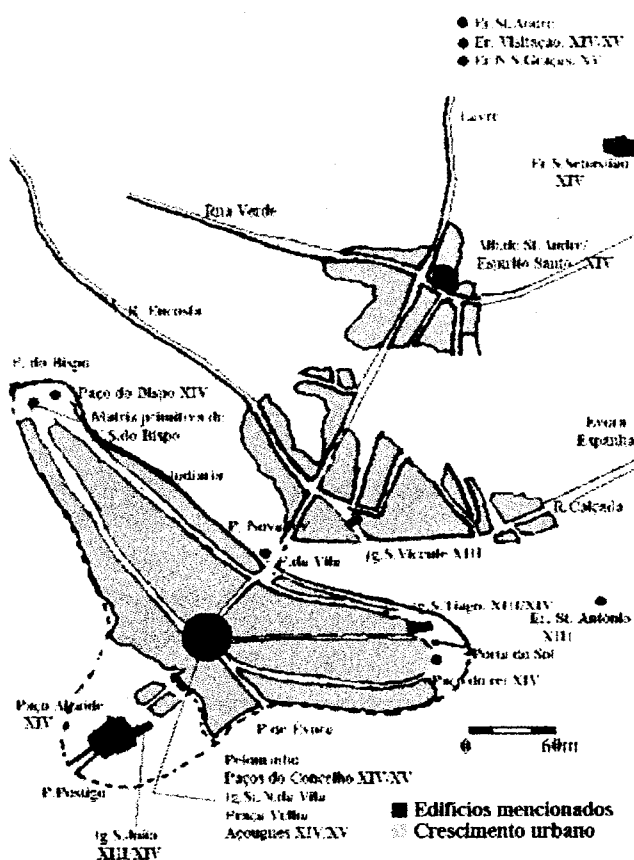
Ao mesmo tempo que se constrói a nova fortificação consolida-se o tecido urbano no seu interior, restaurando-se a Igreja de Nossa Senhora da Vila (a paróquia havia sido fundada em 1234). Fora de portas fundam-se as ermidas de S. Vicente (data provável- 1210) e a de St. António (no final do século XIII). A população começa de imediato a instalar-se fora do perímetro amuralhado, seguindo o movimento descrito por Jorge Fonseca (1986:120):

"...A população desdobrava-se então entre a cerca e o arrabalde, entretanto surgido nas vertentes norte e ocidente e no vale contíguo. Desde o século XIV que os documentos atestam o desenvolvimento do arrabalde. Responsáveis por este fenómeno...a inexistência de graves ameaças à segurança dos habitantes devido à paz predominante e a incomodidade da vida na cerca...e sobretudo as vantagens oferecidas pelo sítio do arrabalde, mais desafogado e em contacto com o fervilhar das actividades económicas. Pelo vale transitavam inúmeros viajantes, almocreves, regatões, caminheiros, fidalgos, militares- originando o aparecimento de estalagens e tabernas, o desenvolvimento de ofícios ligados à actividade transportadora e ao comércio. Surgiam feiras..."

Embora não haja datas precisas, existem, segundo Banha de Andrade, notícias de casas desde 1289, datando do tempo de D. Pedro as primeiras medidas a obrigar à ocupação da vila intramuros (não podia viver fora do castelo quem possuísse cavalo ou fosse titular de um ofício), continuadas por D. Fernando que concede privilégios aos moradores da mesma, embora autorize a eleição de um vereador do arrabalde por cada dois eleitos na vila:

"...deseja conceder mercê aos povoadores de dentro da cerca, para que a vila seja *melhor povoada*. Os que nela morarem continuamente, ficariam escusados dos Serviços do Concelho, que enumera: ir com presos ou dinheiro de uma vila para outra, guardar presos em igrejas, serem constringidos a tutores, jurados, ou a pagarem dívidas de outros..."¹⁵

No século XIV a vila intramuros consolida-se, sendo construídos ou reconstruídos os seus principais equipamentos- Paço dos Alcaldes, Igrejas de São João, Santiago (referidas em 1302) e Santa Maria do Bispo (talvez construída em 1310, embora as primeiras referências a seu respeito datem de 1302), Paço do Bispo e Paço do Rei (referidos em 1345, o primeiro teria adegas e lagar) e Casa do Pelourinho (1345).



Planta 1.1.2.1- Séculos XIII, XIV e XV

A fundação da Albergaria de Santo André data desta época, junto à Albergaria do Espírito Santo, que tinha a seu cargo os empastados (as datas de fundação e modo de funcionamento diferem conforme os autores consultados), no ponto de cruzamento do eixo viário com a via de acesso ao castelo. Em 1324 refere-se o Hospital de Montemor, também chamado do Espírito Santo e Santo André que será, juntamente com as ermidas já referidas, e com a ermida de S. Sebastião, aparecida no fim do século a norte do arrabalde, um dos pólos de desenvolvimento mais importantes do mesmo. A norte da vila, sobre duas colinas, situam-se as ermidas de Santo André a par da de Nossa Senhora da Visitação (1379) talvez originárias de culto antigo existente na zona.

¹⁵ - cit. por António Alberto Banha de Andrade, (1977:5)

No século XV consolidam-se e aumentam-se as estruturas existentes, construindo-se os Paços do Concelho (1443) e açougues dentro da cerca. A Porta do Postigo é construída em 1444, em 1451 e 1471 reparam-se as fortificações e a defesa da Porta da Vila (1499-1502) é reforçada por um túnel que será destruído no século XIX.

Em 1422 a vila, depois de tomar partido pelo Mestre de Avis, é doada ao Condestável do Reino que a oferece posteriormente a D. Fernando, Conde de Arraiolos e futuro Duque de Bragança. É visitada em 1436 por D. Duarte, em 81 e 85 por D. João II e em 96 por D. Manuel I, que a integra nos bens da coroa.

Jorge Fonseca (1993) no recente estudo que efectuou sobre a antiga vila intramuros, debruça-se sobre a estrutura viária da vila medieval, após proposta de localização dos seus principais equipamentos (1993:46-52) e referência ao nome das portas da cerca (Vila ou Relógio, Santarém, Évora ou Santiago e Anjo ou Bispo):

"...a vila apresentava uma estrutura triangular... tendo-se estruturado a partir de alguns elementos ordenadores: o castelo... uma zona central, por hipótese uma praça, centro administrativo, económico e religiosos... e duas igrejas situadas, aproximadamente, nos outros vértices do triângulo...
...a partir desses elementos ordenadores constituiu-se uma rede viária ligando os principais centros de interesse. Um primeiro eixo...entre o Castelo e a porta de Santarém, constituído por um troço ligando o castelo à praça (rua do Castelo) e por outro entre a praça e a referida porta. Outro eixo de importância era a rua que ligava a Praça à Matriz de Santa Maria do Bispo e à porta do Anjo. Provavelmente outra rua estabelecia ligação directa entre a praça e a porta de Évora, do mesmo modo que outra o fazia com a igreja de Santiago e a porta do mesmo nome.
...a morfologia da rede viária parece aproximar-se do tipo radial, com a Praça no centro e as vias principais a estabelecerem a ligação desta com as portas mais importantes e com o castelo..."¹⁶

O arrabalde consolida-se com a construção ou alargamentos dos seus equipamentos: a albergaria do Espírito Santo (agora denominada Hospital Real) é aumentada (1465), e define-se a futura área de implantação do rossio, delimitada, a norte, pela ermida de Nossa Senhora das Graças (onde é fundado, em 1495, o Convento de S. Francisco), a oeste pela de S. Sebastião e a sul pela de Santo António. A norte da vila, a ermida de Nossa Senhora da Visitação limita o seu território "visível", sobre a colina defronte do castelo. O seu sistema viário desenvolve-se a partir da Praça Nova, situada no exterior da Porta da vila, junto à Torre do Relógio, em quarteirões alongados, procurando o declive mais suave, ao longo das vias que a ligam à estrada para Lisboa (Rua da Encosta), para Évora e para o Lavre. (Jorge Fonseca:1993-61) Em torno da Albergaria do Espírito Santo desenvolvem-se também quarteirões com dimensões semelhantes, que se prolongam sobre o Caminho de Avis. O espaço livre entre estes dois pólos define o futuro Corro/Praça Miguel Bombarda. A Albergaria, por sua vez, liga-se directamente à estrada para Lisboa através da Rua Verde, segundo eixo longitudinal do futuro aglomerado (cortado e substituído posteriormente pela Rua Direita).

Durante este século existem referências a diversos arruamentos e equipamentos no arrabalde: Fonte d'el Rei, situada no termo do Rossio (1440), Rua da Calçada (1470), Caminho de Avis (1483), Estrada Direita (1483), definindo desta forma uma nova dimensão urbana ao aglomerado.

No século XVI consolidam-se os equipamentos da vila no castelo, mostrando a coroa grande determinação em apoiar os moradores da cerca e evitar o abandono da

¹⁶Jorge Fonseca (1993:71-72)

povoação intramuros. No reinado de D. Manuel I é concedido nova Carta de Foral (1503) e são mandados reforçar os muros, reconstruir a câmara, a cadeia (1504), o pelourinho (1519), a Matriz de Santa Maria do Bispo (com a traça definitiva em 1524), Nossa Senhora da Vila (1524), reparar as portas da cerca (1517) e iniciar o Convento da Saudação, assim como fazer e refazer calçadas, fontes e o curral.

Em 1508 D. Manuel concede privilégios aos moradores da cerca, o que denota, por parte dos habitantes, do abandono da mesma já nesta altura:

"...não pagariam coisa alguma na imposição do sal...
...que não pagariam sisa das cavalgadas que comprassem ou vendessem...
...que os homens peões, que vivessem dentro da dita cerca não poderiam ser açoitados publicamente...
...e que os escudeiros gozariam de todos os privilégios e liberdades...
...que os mercadores não pudessem ter lojas senão dentro da dita cerca ...
...e que nenhum poderia fazer atafonas, nem desmanchar casas para usarem dos materiais dos arrabaldes, senão dentro da cerca da antiga vila..."¹⁷

Os açougues e demais dependências foram construídos na Praça Nova, perto da Porta da Vila como foi referido, estabelecendo a ligação entre os dois aglomerados urbanos:

"...que se abra uma porta com seus degraus, no alpendre que está na praça, onde se colocaria a balança...com que se há-de avaliar a carne para os impostos; ficando do outro lado a balança do fiel do concelho. No outro lado do alpendre se façam duas casas, uma para paço dos tabeliães das Notas e outra para Távola das Sisas ."18

Nesta época aumenta a tendência da população para habitar o arrabalde, cujas artérias principais são o Caminho de S. Sebastião (1504), as ruas do Espírito Santo, Verde, da Aldeia, Fernão Rosa, Calçada, João Lopes, Corro, Rossio (1503), de Avis (1518); a referência às mesmas demonstra a existência de uma rede viária estruturante da malha urbana em formação. Constrói-se a ermida de São Lázaro, que marca a entrada da vila a oeste, e a ermida de S. Pedro, extra-urbe, perto da ponte para Alcacer (fundada em 1511 pela Confraria dos Fieis de Deus, quando as suas instalações foram ocupadas pela Misericórdia).

Os primeiros conventos da vila surgem neste séculodação, já referido, de religiosas, ocupa, dentro do recinto murado uma zona que anteriormente foi povoada, aproveitando a residência da sua fundadora como primeira sede e situando-se entre a Igreja de Santiago e a Porta da Vila (movimento fundado em 1500, a clausura inicia-se em 1513). Em segundo lugar é fundado o Convento de S. Francisco (sagração da igreja em 1546), no extremo norte do rossio, no local onde existia a ermida de Nossa Senhora das Graças; posteriormente é fundado o de São Domingos, sobre a ermida de Santo António, a sul do rossio; para a sua construção a câmara cede terrenos do arrabalde, e embora a igreja tenha sido sagrada em 1584 só em 1619 é considerado habitável.

A Albergaria do Espírito Santo é aumentada (1518), sendo posteriormente instituído o Hospital do Espírito Santo e de Santo André, resultante da união das irmandades respectivas sob a administração da Santa Casa da Misericórdia, que havia sido fundada em 1506 por D. Manuel I (o monarca concede dádivas aos Confrades da

17-"O Concelho de Montemor o Novo nas Memórias Paroquiais de 1759", *Revista Almansor* nº3, 134 - 135

18-cit. por Banha de Andrade, (1977:14)

Irmandade dos Fieis de Deus, já tidos como Mesários da Misericórdia). O primeiro irmão toma posse em 1513. Em 1530 constrói-se um corpo de enfermarias do hospital, e em 31 a Ordem dos Loios é encarregue da sua administração. O corpo do hospital encontra-se concluído, na sua quase totalidade, até 1557: ficará com duas enfermarias altas, com quarenta camas para homens e oito para mulheres, uma roda de expostos, uma botica, (que em 1535 ainda estava numa casa dentro da cerca) e um albergue para pobres. Em 57 é construída a Igreja do Espírito Santo, do Hospital, sobre a existente, que seria tão pequena que as madeiras que se aproveitaram serviram para construir andaimes. (Espanca:1975-290). Em 1567 a administração do hospital é de novo entregue à Misericórdia, por ordem do Cardeal Rei.

A Misericórdia começa, desde a data da sua fundação, a construir instalações, e cujas obras durarão quase um século. A igreja é iniciada em 1515, construída na Rua Direita, principal do burgo, sobre terrenos cedidos pelos seus patronos, e sagrada em 1532. (No entanto, em 43, os seus irmãos ainda se reúnem na ermida de Santo António. Cinco anos depois é construído o coro da igreja, que ligava, através de um terraço próximo, com uma casa onde se dizia ter nascido S. João de Deus, a qual atravessava em passadiço a Rua Verde, que foi sacrificada posteriormente, na construção de edifícios anexos, e que hoje é em parte o Largo da Liberdade.

Em 1571 o cardeal Miguel Bornello passa em Montemor e o cronista de viagem relata, talvez com um certo exagero, pois o castelo ainda é habitado nesta época:

"...Acha-se povoado no sopé do monte, não podendo habitar-se a vila antiga (hoje deserta) por causa do incómodo e despesa de subir ao alto e conduzir lá as coisas necessárias, por ser elevadíssimo o monte. Nem lá está a autoridade alguma à excepção de Fernando Martins, alcaide e casteleiro duma fortaleza e palácio antigo"¹⁹

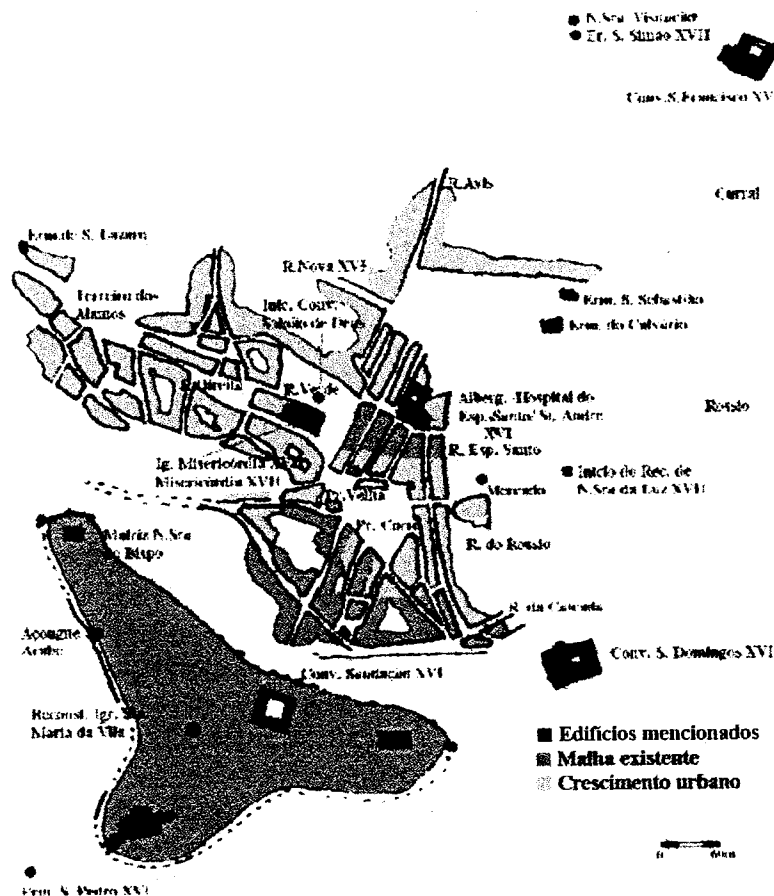
No final do século surge um movimento que origina o Recolhimento de Nossa Senhora da Luz, com templo e anexos privativos (fundado em 1578 na ermida de Nossa Senhora da Paz, na Praça Velha), instalado em terrenos cedidos pela câmara (1585), perto do convento de São Domingos.

Em 1592 inicia-se a abertura da Rua Nova e são fundadas as Confrarias dos Passos e das Almas, sob protecção de S. Miguel- a segunda irá dar origem à ermida do Calvário (construção iniciada em 1592), que se instalam até 1677 na Igreja do Espírito Santo. A Confraria do Senhor Jesus dos Passos, que foi das mais antigas do reino e a principal do Alentejo, vai ter as seguintes estações: a primeira no portal da Igreja do Espírito Santo, outras nas ruas da vila, terminando na ermida do Calvário ou defronte da ermida de S. Sebastião. Posteriormente foi instalado um passo no portal da igreja da Misericórdia, outro na ermida de Nossa Senhora da Paz, outro na Ermida de São Lázaro, e o da igreja do Espírito Santo mudou no séc. XIX para o Hospital de Nossa Senhora da Luz.

Segundo Banha de Andrade (1977:35-40), a organização espacial do arrabalde de Montemor nos séculos XV e XVI, organizava-se da seguinte forma: a nordeste o Rossio era limitado por ferragiais, a norte pelo Convento de S. Francisco, mais a leste pela Ermida de S. Sebastião, pela ermida do Calvário e pela Ermida de Santo António. Seria atravessado pela rua do Rossio. Ao pé deste situava-se o curral, onde se guardavam os

¹⁹- cit. por Jorge Fonseca (1986: 122)

gados que estivessem de passagem. Situava-se neste lugar a Pousada Real, da família Vilalobos de Vasconcelos. No caminho que ia de S. Sebastião ao Poço do Pássaro, construíram-se em 1534 casas que não estavam alinhadas, mas que posteriormente foram obrigadas a sê-lo. Perto de S. Sebastião já havia casario, tendo dado D. Manuel I isenção de foro a quem construísse no Rossio. (Ordem imediatamente protestada pelos habitantes do castelo). Neste rossio havia ainda a fonte d' El-Rei, mencionada em 1440 como estando no seu termo, o Chafariz da Janelinha (1504), e em 1542 constrói-se outro chafariz na estrada para Évora e Arraiolos. O curral do concelho era perto do ferragial de André Freixo e do Convento de S. Francisco, pois o guarda deste queixou-se do incómodo devido ao barulho. D. Sebastião irá proibir a construção de casas entre a ermida de S. Sebastião e o Convento de S. Francisco. Existiam também pardieiros.



Planta 1.1.2.2- Séculos XVI e XVII

No século XVII concretiza-se o abandono do castelo, embora a Matriz de Nossa Senhora do Bispo continue a ser objecto de intervenções pontuais (1658-62-94) e se tenham reparado troços da fortificação, entre 1664 e 68. Na periferia da vila, é fundada a Ermida de S. Simão, perto de Nossa Senhora da Visitação, que sofre obras de aumento e consolidação importantes em 1606. Também a norte da vila surge o Convento da Conceição (1671), sobre a antiga Ermida da Amieira.

A Misericórdia continua a construção das suas dependências, datando a Casa do Despacho de 1604, o Cartulário do ano seguinte; perto dela é fundado, em 1623, o Convento de São João de Deus (existia um oratório desde 1607). Ambos os edifícios marcam e organizam a vila moderna, tanto do ponto de vista religioso como do ponto de vista urbano e estético.

Alguns edifícios aumentam as suas instalações, tais como o Hospital de Santo André, que constrói uma enfermaria destinada a mulheres (1607), a Igreja do Calvário, onde se acrescenta uma sacristia (1633), sendo decidido em 1690 que seria construído um templo de maiores dimensões.

Segundo Jorge Fonseca (1986:123), em 1640 e 60 fazem-se as últimas tentativas para reparar e repovoar o castelo, tendo as freiras do convento da Saudação e os moradores da cerca (que não chegavam aos vinte), feito uma petição à vereação:

"...que nela (cerca) estava o castelo e quatro paróquias e que em todas estava o santíssimo sacramento com indecência por estar tudo deserto e desacompanhado. E estavam também a câmara e a cadeia de onde vulgarmente fugiam os presos ou as tiravam por não haver nela guarda nem quem acuda, pediam pois que fossem postos em vigor os privilégios da cerca..."²⁰

O rei responde dando razão à petição e manda que os que devem voltem a habitar as casas. Os poços e cisternas são mandados arranjar, assim como as fortificações e demais edifícios. Não consta que se tenham reconstruído casas, mas mandou-se também fazer um poço de "largura espaçosa e altura de um homem".

O mercado abandona a sua localização, perto da Torre do Relógio, na Praça Nova e instala-se no Rossio da Porta do Sol, existindo determinações -Jorge Fonseca (1986)-para que se realize aos sábados de manhã, na Porta do Sol. Tinham sido feitas queixas contra a venda de fruta neste local, pois dizia-se que a mesma devia ser realizada na Praça Nova, junto ao castelo, o que não era da vontade dos vendedores, pois não queriam subir tão alto.

De um lado e outro da Rua Nova já existe casario, formando-se um tecido urbano adjacente com uma malha mais larga que a anterior e cortada pela nova Rua do Pedrão, continuação da Rua do Terreirinho. O antigo Caminho de Avis, que continua o eixo de ligação do castelo à Albergaria do Espírito Santo denomina-se de Rua e no rossio constroem-se os equipamentos anteriormente referidos, e que ainda hoje o caracterizam.

O Terreiro dos Álamos, o Terreiro de São João de Deus (por onde passava a Rua Verde), a Praça Velha, o Corro e o Terreiro ou Rossio das Portas do Sol serão os espaços livres da urbe, plataformas naturais da vila que se desenvolve com uma inclinação apreciável. Encontro natural das diversas intervenções urbanas, são zonas deixadas livres, subdivididas com o passar do tempo, como se pode imaginar no caso da Praça Velha e Corro, vestígios evidentes do mesmo espaço comum. A sul da Rua Nova, entre a Rua de Avis e a Rua do Pedrão aparece um tecido urbano muito irregular, diferenciado do mais antigo que apresenta uma malha mais estruturada e ortogonal.

Nos finais deste século a Irmandade das Almas promove a construção de um crucifixo abrigado por uma arcada de pedra, junto da futura ermida do Senhor Jesus das Necessidades, e data de 95 o alvará de fundação de um Celeiro Comum. Continua-se a construir casas no arrabalde com materiais retirados à cerca e construções no seu interior. Neste período, e segundo Jorge Fonseca (1986), os documentos existentes passam a chamar Vila ao arrabalde e Castelo à antiga vila.

²⁰- cit. por Jorge Fonseca (1986:123)

O século XVIII marca de forma inequívoca a vila de Montemor, pois data desta época o abandono definitivo do castelo, com mudança de todos os equipamentos que ainda aí existiam: os Paços do Concelho instalam-se no Terreiro dos Álamos, no sítio onde existe o edifício actual (1749), datando de 1724 a última reunião nos paços da cerca, que ameaçava ruína. A cadeia ocupa o piso térreo do novo edifício e a Almotacaria, os açougues e o Pelourinho (1725) são transferidos para a Praça Velha, depois de requerimento dos respectivos habitantes:

"...por estar em parte tão deserta como era lá em cima aonde não habitava gente nem se dava notícia alguma de muitas cartas dele lidas..."

Foi então escolhida a Praça Velha,

...aonde continuamente está muita gente por ser o meio da vila e se fazer nela o mercado..."²¹

Perto destes é instalado o Celeiro Comum (1715), datando de 1726 a licença para realizar mercado neste espaço.

As construções no interior da cerca são demolidas, sendo alguns dos terrenos vazios e edifícios em ruínas postos à venda. As igrejas aí existentes são abandonadas, instalando-se provisoriamente na Ermida de S. Vicente (1758) e na Igreja do Hospital do Espírito Santo, após o terramoto de 1755, que causa alguns estragos, importantes segundo Túlio Espanca (1975), insignificantes segundo outros autores, no castelo e fortificações. A igreja de Nossa Senhora da Vila é abandonada ao culto, depois de o mesmo ter sido recomendado pelo Visitador da altura, devido ao seu estado geral de conservação, considerado bastante mau. O coro da igreja de Santiago cai em ruínas. Haverá, no entanto, algumas obras no interior da cerca, nomeadamente na igreja de Nossa Senhora do Bispo, que ameaça ruína (1796), na Torre do Anjo (1777), tendo sido nesta altura o Paço dos Alcaldes expropriado à família proprietária, não podendo a câmara evitar posteriormente a sua deterioração, completada com pilhagem de materiais para as construções do arrabalde.

Em 1758 redigem-se as Memórias Paroquiais, que referem a existência de três paróquias no castelo, assim como uma casa de religiosas, o relógio, o palácio do alcaide (com dois moradores, únicos da freguesia de São João Baptista), algumas cisternas em que a água nunca seca e descreve o arrabaldes da seguinte forma:

"...e principiando do Ocidente em uma larga rua que se continua por espaço de tiro de mosquete e um lugar baixo, no fim dela se alarga em três ruas (entre as quais fica a ermida de São Lázaro), das quais nascem várias ruas para muitas partes subindo por uma meia ladeira até ao fim da vila, que fica em uma planície à parte do oriente, aonde lança dois braços, um para a parte sul mostrando querer rodear o monte do castelo, ou antiga vila, outro ao noroeste com bastante extensão; ficando nesta forma e por estas partes acompanhando as raízes do mesmo monte..."²²

"...da parte de oriente desta vila até ao formosíssimo e dilatado rossio, todo cercado de muitos edifícios e casas ilustres, que enobrecem e fazem vistosa a entrada da mesma..."²³

"...o termo desta vila é um continuado pomar, ou segundo agradável paraíso, em que na primavera são tantas as flores como no verão os frutos, todos de singular formosura, de esquisito cheiro, sabor e gosto, e em tanta abundância que só estes sustentam e regalam o Alentejo quase todo o ano, e a Lisboa e o Algarve em muitos meses; havendo por toda a parte inúmeras fontes, todas de águas mais salutares de

²¹- *L da Ementa 1725, AHMNN-A1B84*, cit por Jorge Fonseca (1986:127)

²²- "O Concelho de Montemor...", *Revista Almansor* n^o3 p. 136

²³- *idem*, p. 148

que as que dentro da vila bebem os moradores, com que regam os grandes quintais e multidão de pomares..."²⁴

A Ermida do Calvário e o Recolhimento de Nossa Senhora da Luz são aumentados, construindo-se perto da primeira a Ermida de Nosso Senhor das Necessidades, em cruz grega e estilo barroco. Constroem-se os Passos do fundo da Rua Nova e outro no ângulo da Rua das Escadinhas, que era o mais importante da vila-desapareceu no fim do século XIX e foi substituído por um nicho; datam também deste século a Casa dos Milagres e a Sacristia da ermida de Nossa Senhora da Visitação e a Horta do Chafariz do Pocinho, ao fundo do Rossio, na berma da estrada real de Évora, casa de vilegiatura no tempo de D. João V.

Jorge Fonseca (1986), resume de forma elucidativa a situação da vila neste período:

"...No antigo arrabalde consolidara-se uma grande povoação, que assentava a sua prosperidade na actividade agrícola dos arredores, no comércio e em numerosos ofícios artesanais. Pela encosta voltada a norte e ocidente e no vale confinante estendiam-se, por ruas e pequenos largos, casas modestas de trabalhadores e artesãos, residências de mercadores e funcionários, solares da nobreza proprietária e alguns conventos....a povoação, para quem vinha de Lisboa e Setúbal, e outras terras a ocidente, começava na Rua da Guarda, que se prolongava na de São Lázaro... Entrava-se depois no terreiro dos Álamos, das principais praças da vila.....nas ruas que daí, subiam pela encosta do castelo, das Barreiras, das Piçarras e outras...

A Rua Direita, que ligava a zona mais baixa do Terreiro de S. João de Deus, onde se erguia o convento do patrono da vila e a Misericórdia...ao seu lado o Terreirinho..., a Rua do Pedrão... e a Rua dos Oleiros... Depois do Terreiro de S. João de Deus, a Praça Velha...na Rua da Parreira...e na do Espírito Santo...nas ruas dos Calados e da Torre da Machada ...na do Quebra Costas...

O Corro ou Corro dos Touros era também dos terreiros principais da urbe. Ao cimo existia a Casa das Varandas, propriedade da Câmara, sobre o tauril. Daí assistia o senado às corridas de touros, que se organizavam na festa do Corpo de Deus. Tapavam-se as saídas do terreiro para as ruas vizinhas com carretas e tapumes de madeira.

...na Rua dos Almoçeves...e na de D. Vasco...as ruas da Calçada, de Santo António e do Curral ...no terreiro da Porta do Sol faziam-se mercados de legumes, frutas e outros géneros e também as praças de trabalho. Aí funcionava uma casa do "Terreiro" ou "Paço", onde se vendia à população trigo e outros cereais...na Rua dos Marmelos...na frontaria do Rossio estavam algumas das principais casas nobres da vila...local de feira, eiras de pão, estacionamento de tropas e passagem de viajantes, havia estalagens e ferradores, além dos conventos dos Dominicanos e de S. Francisco.

...do Rossio partiam, no sentido norte, a Ruinha..., a Rua de Avis...e para sul a dos Cavalos...e a das Pedras Negras.....Descendo novamente para ocidente, aparecia a Rua Nova, a mais populosa... e das mais movimentadas do burgo, por servir de passagem aos forasteiros...finalmente, na Rua do Poço do Pássaro...²⁵

No início do século XIX, em 1808, a vila é marcada pelo assalto e saque das tropas do General Loison, que se dirigia para Évora. A cerca encontra-se muito deteriorada, sobretudo no troço entre o Paço dos Alcaides e a Porta de Évora, e a igreja de Nossa Senhora da Vila está em ruínas (1814-34).

Em 1817 Joaquim José Varela (1817:13-15) redige uma memória sobre a vila de Montemor, em que descreve vários aspectos com interesse da vila da época:

"...Circunstâncias que leva a vila a ter tão pouca população:

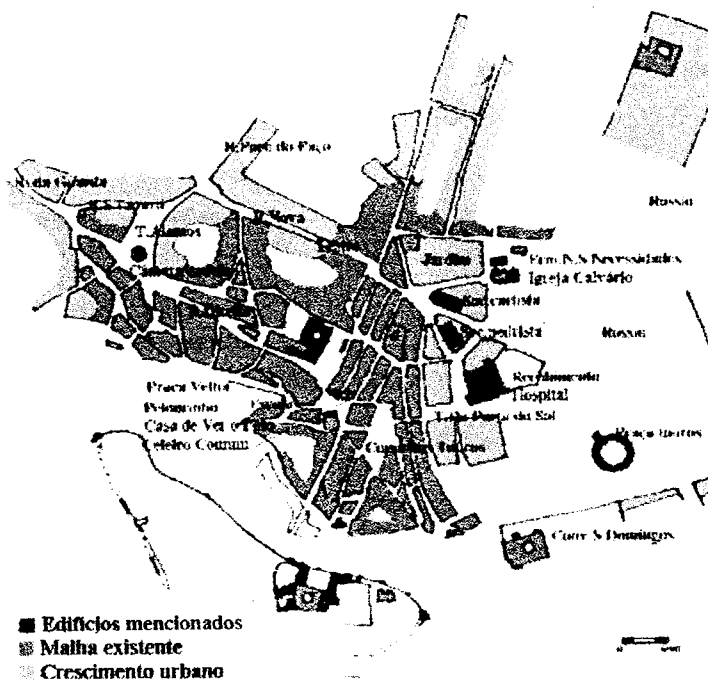
...que as herdades que são as mais importantes, pertencem a ricos morgados, que vivem na corte, ou nesta vila, os quais, não cultivando um só palmo de terra, utilizam tudo quanto a mesma propriedade

²⁴ - *idem*, p. 169- 170

²⁵ Jorge Fonseca, (1986:128- 130)

produz; daqui vem que esses grandes proprietários cobrem de miséria uma enormidade de homens... Surge o mesmo mal nos cultivadores; um só homem ocupa grandes planícies, vastas e extensas herdades, e cogita todos os dias para expulsar de um pequeno terreno o seu vizinho, que bem o cultiva. ...uma multidão de mendigos, que em ferredouro corre a vila e o seu termo... a falta de educação da mocidade...

Sobre o grau de instrução da população, o autor menciona o facto de só existirem mestres particulares, com pouco número de alunos, não havendo nenhum filho da classe dominante a frequentar colégio ou universidade, concluindo que não haverá progresso enquanto não se desenvolverem liceus e seminários que ensinem as línguas, artes e ciências.



Planta 1.1.2.3 - Séculos XVIII e XIX

No princípio do século a vila organiza-se a partir de dois eixos, (descritos nas Memórias Paroquiais), segundo as curvas de nível, sendo um deles, a Rua Nova o mais recente, o eixo de ligação Lisboa-Évora e Madrid, consolidando a estrutura urbana que adquire as características que ainda hoje subsistem. O eixo norte-sul não é definido como tal, pois é constituído por uma sucessão de praças e pela Rua de Avis, com casario de ambos os lados, desenvolvendo-se um loteamento a leste, na sua continuação, sobre a estrada para Mora.

O Rossio está delimitado, a norte, pelo Convento de S. Francisco, pelas Ermidas de S. Sebastião e Senhor Jesus das Necessidades e pela Igreja do Calvário. O Convento de S. Domingos e diversas quintas limitam-no a sul, sendo o casario da vila e o Recolhimento de Nossa Senhora da Luz o seu limite a oeste. Nesta zona vão-se construir, neste período, casas apalaçadas das famílias importantes do burgo.

A partir de 1834, a extinção das ordens religiosas que origina o abandono dos respectivos conventos traz grandes modificações à estrutura social e organização urbana da vila: o Convento de S. João de Deus é reconvertido em edifício público, com diversas

repartições (obras a partir de 1873- na recebedoria e haverá uma sala de teatro durante um certo tempo), o Convento de S. Francisco e respectiva cerca é transformado em equipamento do Cemitério Público (1845), sendo os edifícios do convento da Conceição e de S. Domingos comprados por particulares e posteriormente abandonados.

A utilização de antigas construções existentes na cerca, nomeadamente a matriz de Nossa Senhora do Bispo, como pedreira pública, aumentam nesta época, tendo sido leiloados posteriormente os terrenos vazios e transformados em courelas, para fins agrícolas. A última festa de S. João no castelo é em 1882, segundo relata Salvador da Costa (1992:32):

"...S. João do Castelo: foi o ultimo ano que lá houve festa. Até houve artilharia, pois o Sr. Luis Caiola tinha duas peças e lá foram para o castelo dar fogo..."

O abandono das cisternas e construções adjacentes comprovam-se nesta descrição, datada de 1873:

"...hoje ainda se encontram dentro da antiga cerca quatro destes depósitos artificiais de água. Uma das cisternas está situada dentro das ruínas do palácio do alcaide. Outra encontra-se a pouca distância desta e próxima da igreja de São João, que a piedade dos fieis tem conservado, guardando uma pequena parte da sua antiga edificação. Estas duas cisternas ainda persistem intactas. Não assim as outras. Destas, uma próxima da Torre do Anjo tem um dos seus ângulos desmoronado com o dinheiro da câmara, e sob a influência, segundo se afirma, de um antigo vereador. A quarta, tendo um dos seus lados encostados ao pano de muro que cercava a vila, entre a Torre do Anjo e o Palácio do Alcaide, com a ruína desta parte do muro ficou aberta por um dos lados..."²⁶

Em 1835 a gestão do hospital volta a ser entregue à Misericórdia, que a mantém até 82. As suas instalações mudam para o Recolhimento de Nossa Senhora da Luz, iniciando obras de beneficiação em 81. As instalações do hospital são vendidas a particulares, que lhe dão usos diversos :

"...Nesse ano de 1893 tomou o Exm^o Senhor Francisco Malta o trespasse da Fábrica de Moagem, no edifício onde é hoje o cinema..."²⁷

A Igreja do Calvário, juntamente com a do Convento de S. João de Deus são, a partir desta altura, as mais importantes da vila, recebendo as sedes de paróquia, que tinham sido obrigadas, dado o estado precário das instalações respectivas, a abandonar primeiro a cerca, depois a ermida de S. Vicente. O Convento da Saudação, após a morte da última freira (1876), torna-se sede da instituição da "Infância Desvalida", e assiste-se ao abandono e desafecção de várias ermidas. tais como S. Simão (1875), Senhor Jesus das Necessidades (1896) e Nossa Senhora da Paz .

Nos finais do século realizam-se em Montemor grandes obras de arquitectura civil, dando resposta à necessidade de novos equipamentos que surgem na época: o hospital transfere as suas instalações para o Recolhimento de Nossa Senhora da Luz, posteriormente remodelado. Na Rua Nova é construído um teatro, inaugurado no mesmo ano que o novo hospital e a Praça de Touros. Salvador da Costa relata-o nas suas Memórias (1982:35-36):

²⁶-*Estudos Históricos*, Coimbra 1873, cit. por António Banha de Andrade(1977:17)

²⁷Salvador da Costa (1992: 63)

"...Estamos na Feira de Setembro. Domingo, inauguração do Teatro, outra festa. Foi inaugurado com uma das melhores Companhias de Lisboa, em que entrava o distinto actor Taborda...

...Que mais querem? Três inaugurações de edifícios próprios para os fins que eram. Um ano bom, com muito trabalho e muito dinheiro. E digam lá os modernos, a quebrar os queixos nos automóveis, que agora é melhor. Será, mas fazia-se o que hoje não se faz...

...Ao meio dia Procissão de St. André, do Hospital Velho para o Novo, que foi inaugurado também nesse dia. Três bandas de música, foguetes à farta e uma animação como eu nunca vi em Montemor

...Às quatro horas da tarde inauguração da Praça de Touros, com uma grande enchente...A praça cheia, as músicas, as senhoras nos camarotes, uma grande claqué de Arraiolos...

No Rossio são construídas as sedes das Sociedades Pedrista e Carlista, e perto deles surge o Jardim Público, que se estende até à Igreja do Calvário. De notar que todos os equipamentos referidos, excepto o teatro, ocupam zonas livres do Rossio, ocupando por consequência parte dele. O mesmo nunca será ocupado com edifícios privados, mas sempre com equipamentos colectivos, sejam eles de iniciativa pública (o jardim) ou de iniciativa privada (a Praça de Touros).

A urbe continua a expandir-se em direcção ao norte, ao longo da Rua de Avis, em quarteirões de forma rectangular, que contrastam com o desenvolvimento a norte da Rua Nova, de forma irregular. A sul o Rossio é limitado por casario que surge ao longo da via que parte para Évora e Espanha, acompanhado de quintas e ferragiais.

As referidas sociedades são antecedidas por uma banda que se organiza a partir de 1830, chamada o Grupo do Mestre Carlos. Terá sido ela a origem da primeira sociedade (Maria da Conceição Malta 1993:231-232), a "Antiga Filarmónica Montemorense" (Carlista), fundada em 61, com sede numa casa da Rua dos Marmelos, depois na Rua de Avis e finalmente na Rua Nova. Devido a querelas interiores, dá-se uma cisão no interior da sociedade que origina o Circulo Montemorense, vulgo Pedrista, com existência legal a partir de 1891. Salvador da Costa (1992:58) tece o seguinte comentário á inauguração da sua nova sede:

"...De 28 a 30 de Janeiro, inauguração da actual casa da Sociedade Pedrista. Música, foguetes aos milhares, bailes e teatro, com serviço permanente. Os bailes que ali houve foram sem parar. Grande luxo lá nos Pedristas e eu, que não era pedrista mas sim carlista, fui ver a minha namorada ir para o baile toda chic. Ela era pedrista e ainda hoje o é...

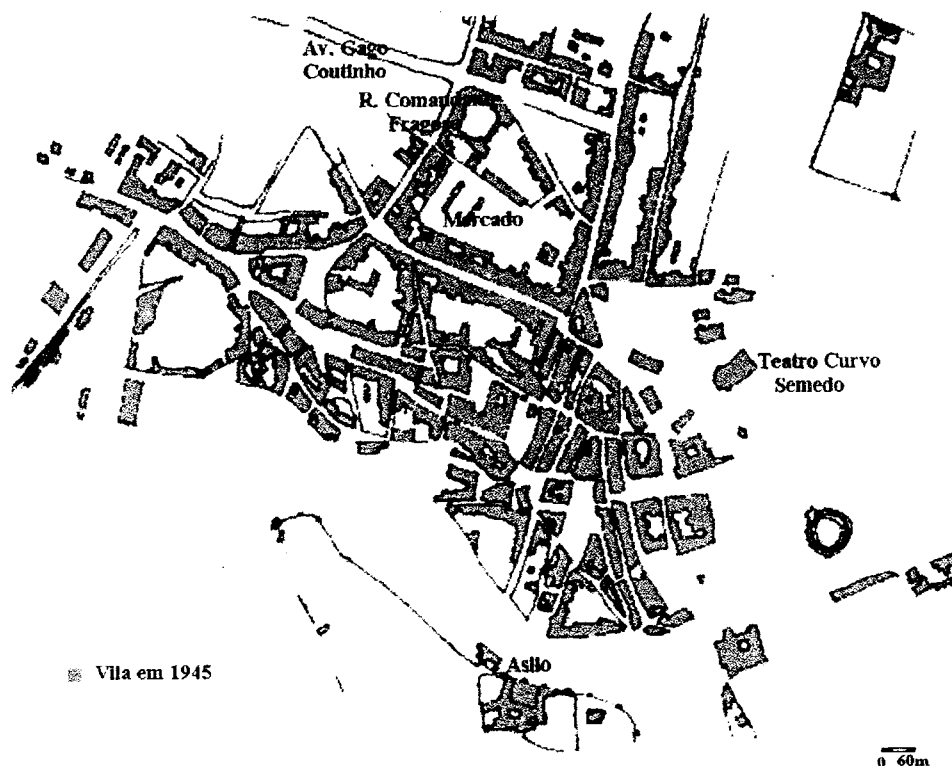
Pedro de Freitas descreve o novo edificio da seguinte forma:

"...edificio amplo e moderno, posto que tão pesado como dispendioso, resultou de um dissidência criadora duma tal força de emolção que deu lugar a uma construção luxuosa, dotada de todas as condições requeridas para servir de modelo...

...Ramalho Ortigão, numa visita que fez a Montemor visitou esta excelente sede e proferiu palavras em que não escondeu a surpresa de encontrar num burgo provinciano semi-ignorado quase, um edificio que reúne em si, para o fim a que a sua construção obedeceu, todos os requisitos indispensáveis-da aula de música à sala de jogos, do bufete ao vestiário..."²⁸

Em 1914 uma nova cisão acontece na Sociedade Pedrista, que motiva o aparecimento do Clube de Montemor, com sede nas antigas enfermarias do Hospital do Espírito Santo. Esta associação, na opinião da autora citada anteriormente (1993:274) é fundada por larga maioria dos sócios do Circulo Montemorense, sendo mais selectiva, conservadora e elitista. (A sociedade Carlista reconstrói a sua sede em 1941, depois de ter sido destruída pelo ciclone)

²⁸cit. por Malta (1993:246-247)



Planta 1.1.2.4- A vila em 1945

O castelo, que desde o início do século é aproveitado como pedreira (o teatro Curvo Semedo terá sido construído com materiais oriundos do troço de muralha entre a Porta do Sol e o Paço dos Alcaides em 1910, na opinião de Túlio Espanca, 1975), sofre, a partir de 1929, intervenções da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais. Estas obras incidem, sobretudo, sobre a parte das muralhas visível da vila e da estrada nacional, sendo os restantes lances de muro deixados na sua quase ruína. Restaura-se a Torre do Relógio (1929), a muralha é refeita e duas das cisternas são reaproveitadas como reservatórios para distribuição de água à vila. Em 1941 as abobadas da igreja de Nossa Senhora do Bispo abatem, sobre o efeito do ciclone, só restando um portal manuelino. O Convento da Saudação, onde se instalara a Infância Desvalida em 1904, é abandonado (1918), mudando o Asilo aí instalado para um edifício perto da Torre do Relógio, no exterior das muralhas, que por sua vez é desactivado em 1972.

O caminho de ferro faz a sua aparição no princípio do século, sendo a sua estação situada a oeste da vila, na sua periferia, o que motiva a extensão do tecido urbano em sua direcção, sem que a implantação do mesmo tenha tido muito significado, segundo Jorge Gaspar (1972), no desenvolvimento da vila:

"...podemos dizer que quanto a transportes, Montemor-o-Novo passou da tracção animal para o automóvel, apesar de ligada ao resto do país pelo caminho de ferro..."

A norte da Rua Nova, desenvolve-se um novo quarteirão, que se prolonga até à Rua de Avis, cortado pela Rua Comandante Fragozo; no seu interior instalam-se os edifícios do mercado, no actual Largo Professor Bento de Jesus Caraça.

No Rossio é construído o Teatro Curvo Semedo, grande edifício que funciona como "imagem" deste espaço nos nossos dias, pois é ele que limita de forma visual e física o actual Rossio, substituindo a função assumida no passado pelas ermidas que lhe estão próximo, adaptando como forma exterior uma volumetria mais religiosa que teatral, talvez a lembrar a continuidade funcional...

O convento de Santo António é adquirido pelo Centro de S. Domingos, Sede do Grupo de Amigos de Montemor em 1972, para instalar Museu, Biblioteca, Auditório, Galeria de Exposições e Gabinete de Planeamento. Túlio Espanca (1975:317) descreve o seu estado na época:

"...profanada ruína de grande pitoresco e de barroca silhueta, com os seus membros desventrados, sem coberturas, de arcarias fendidas e ultrapassadas por copas ondulantes de arbustos quase centenários, que surgiram nas rasgadas gargantas das empenas- esse aglomerado estranho de casario de cor musgosa e patinada, infunde espanto, tristeza e comoção."

A malha urbana apresenta, na primeira metade do século, uma forma continuada da estrutura do século XIX, excepto a norte da Rua Nova, como já foi referido. Será a abertura da Avenida Gago Coutinho, que estabelece a nova ligação da via Lisboa-Madrid que provoca uma nova fisionomia urbana, cortando dois quarteirões existentes a leste da Rua de Avis, limitando a norte a extensão do Cemitério Público, e cortando e redefinindo o novo espaço do Rossio.

A expansão da vila, a partir desta época, processa-se na simetria deste novo eixo, desenvolvendo-se a norte dele e nos sentidos leste e oeste. Ao longo desta avenida aparecem novos equipamentos, de iniciativa pública e privada, tais como estalagens e restaurantes, bombas de gasolina (ocupando espaços vazios) ou piscina e campo de futebol (sobre zonas públicas do Rossio). O cemitério adopta como limite, na sua extensão, a nova via e a feira anual passa a instalar-se ao seu lado, sobre terrenos pertencentes ao Rossio. A zona sul do mesmo é gradualmente ocupada por equipamentos escolares, a oeste da Praça de Touros em primeiro lugar e posteriormente entre esta e o já referido estádio. O Rossio continua pois a ter uma função pública, pois destinado a equipamentos que servem a população da nova cidade.

O crescimento da zona norte, na simetria dos quarteirões existentes, prolonga as vias no sentido sul-norte; o mesmo não se observa no crescimento transversal da urbe, de índole irregular, não obedecendo a uma regra precisa, senão talvez à vontade do empresário privado dos loteamentos. A construção do novo Hospital de São João de Deus, Ortopédico Infantil, é um polo dinamizador da nova extensão urbana, que se processa neste momento para norte e leste, aproveitando os desníveis do terreno menos acentuados e de mais fácil construção.

Ao longo da Avenida Gago Coutinho foram sendo construídos novos equipamentos, tais como o Tribunal, que juntamente com os cafés e bombas de gasolina existentes caracterizam este eixo, tornando-o, aos olhos do viajante de passagem, o mais importante da cidade.

O novo traçado da auto-estrada, mais a norte, e paralelo às vias transversais que desde cedo criaram os eixos de simetria à povoação, será, sem dúvida, a partir dos seus acessos, o futuro polo de extensão urbana dinamizador de todo o conjunto.

1.1.3- Reguengos de Monsaraz

Não se pode abordar a história de Reguengos de Monsaraz sem mencionar a presença próxima da Vila de Monsaraz, a cuja existência está intimamente ligada, e lembrar o que nos é dito por António Barata (1983:52):

"...como povoação, Reguengos não tem história, não tem fidalguia hereditária, não trabalhou ao lado dos reis conquistadores da Primeira Dinastia, não existia então..."

Talvez por causa do "esquecimento" da vila de Reguengos em detrimento da turística Monsaraz, seja tão difícil estabelecer parâmetros históricos que nos permitam obter uma visão global do seu aparecimento e crescimento urbano. Relativamente recente, com primeiros referências como burgo no final do século XVII, o seu território tem uma história antiga, e segundo o Guia de Portugal, dirigido por Raul Proença (1923) e José Maria de Carvalho, a fundação da povoação remonta aos primeiros tempos da Monarquia Portuguesa:

"...Parece que anteriormente aos séculos VIII, IX e X, onde hoje existe a aldeia da Caridade, já este lugar era habitado pelos romanos, bem como outro próximo, onde existia uma pequena capela, em *sítio solitário, mas ameno e fértil*, visto que este lugar era *Reguengos*, e como tal, El-rei D. Sancho I lhe deu foral em Coimbra. Possivelmente junto à capelinha moravam alguns reguengueiros. Este foral veio dar a esta pequena povoação o nome de *Reguengo da Vila Nova*, e foi confirmado pelo rei D. Afonso II, em Novembro de 1217 "29

Sem provas documentais, este testemunho tem pouco valor histórico. J. Pires Gonçalves (1969:5) refere o povoamento da região de Monsaraz, sem no entanto mencionar os forais acima mencionados:

"...Concluída em Portugal a Reconquista cristã e definitivamente vencidos os mouros, D. Afonso III ordenou o repovoamento da vila de Monsaraz e partilha das terras do primitivo termo pelos seus moradores. Nessa partilha agrária o rei...reservou para a Coroa a posse jurídica das glebas mais férteis desses territórios...essas glebas, como terras realengas, constituíram os "reguengos" medievais...
...essas terras do "termo" de Monsaraz parecem ter sido densamente povoadas e laboriosamente agricultadas desde a mais alta antiguidade."

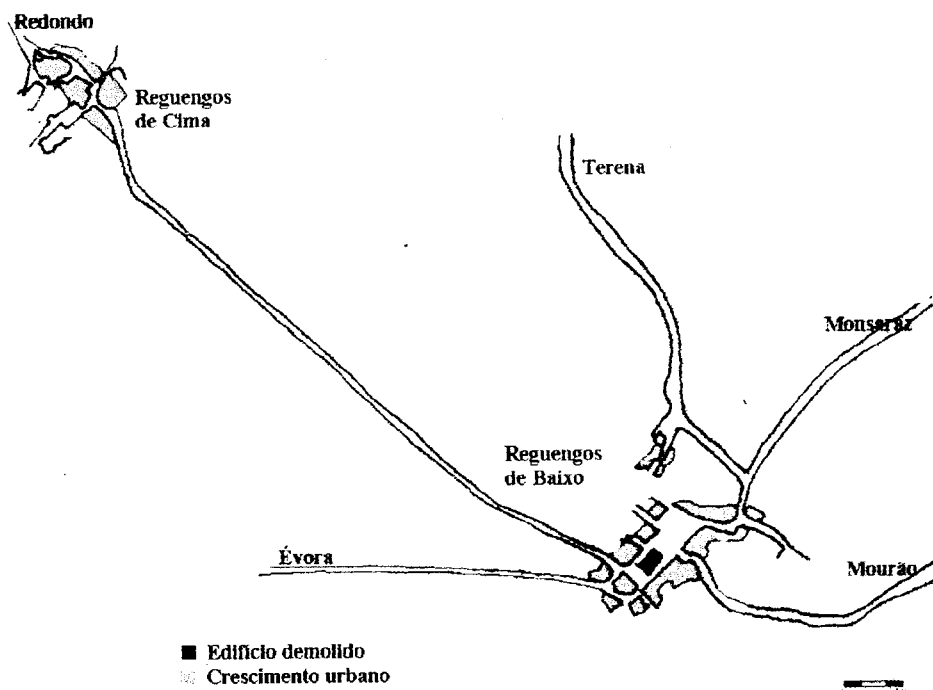
O território é Comarca da Ordem de Cristo a partir de 1680, sendo também pertença da Casa de Bragança. Nesta mesma data é referida a Ermida de Santo António, situado nas terras do Reguengo de Baixo, sabendo-se que no século anterior, a mesma não é mencionada nos relatos dos Padres Visitadores às igrejas do Termo de Monsaraz, (S. Pedro do Corval, Santa Maria da Vidigueira e Santa Maria da Caridade), o que não implica que a mesma ermida não existisse. Segundo Pires Gonçalves (1969:5), encontra-se na altura casario em torno da ermida:

"...Por volta de 1680, segundo referem alguns corógrafos, os coudeis ducais da Casa de Bragança, incumbidos do pastoreio das grandes manadas de cavalos mantidas pela Sereníssima Casa nos seus domínios senhoriais e destinados ao abastecimento da cavalaria durante as Guerras da restauração, começaram a edificar algumas casas em torno de uma pequena ermida consagrada a Santo António que, como capela rústica do antigo "termo" de Monsaraz, já aí existia...
...Em torno desta primitiva ermida de Santo António, edificada numa data que se perde na noite dos tempos e que, por enquanto, não tem sido possível fixar com rigor histórico, ergueu-se, assim, um núcleo de casas de morada que deu origem à primeira aldeia de Reguengos..."

29- J. Maria de Carvalho, *Memorial da Igreja Velha*, policopiado, s. d. , p. 2 e 8



O povoado primitivo desenvolve-se nos finais do século XVII, e adopta o nome de Reguengos de Baixo, em oposição a um núcleo próximo, situado a norte, que é denominado Reguengos de Cima. Durante o século XVIII a vila cresce em torno do polo referido e da via de comunicação que une os dois núcleos de Reguengos, surgindo o que alguns autores chamam de Reguengos do Meio, ligação natural dos dois povoados.



Planta 1.1.3.1- Século XVIII

Em meados deste século é criada a Freguesia de Santo António de Reguengos, desmembrada a partir da Freguesia da Caridade, sendo mandado instalar na povoação, pela Igreja Eboense, um "Cura de Almas". A licença de instaurar uma nova freguesia, pôs como condição aos habitantes da mesma, a realização de obras de beneficiação na ermida, ou se tal não fosse possível, a construção de uma nova igreja, pois a mesma era um espaço de dimensões muito reduzidas:

"...pequena e estreita, dotada por uma modesta capela - mor e um alpendre...media mais ou menos quatro varas e meia de largura (4, 95 m) por dezassete varas de comprimento (18, 70 m)..."³⁰

Em 1752 são realizadas importantes obras na ermida, que vão modificar-lhe a estrutura existente: sacrifica-se o nartex primitivo, a capela mor é transformada em sacristia, facto confirmado por vários autores e pelo levantamento efectuado por J. M. Carvalho (s.d.), que confirma as medidas da descrição anterior, referindo o mesmo autor a pequena torre sineira que se pode observar em fotografia anexa, como elemento abonador desta teoria.

Nesta data existem em Reguengos duzentos e setenta fogos, que aumentam em 1760 para 280 e em 1766 para 291. A maioria da população da vila nesta época (segundo Pires Gonçalves:1969) era da classe baixa, constituída sobretudo por trabalhadores rurais, tecelões e cardadores, existindo uma indústria montada, dirigida às mantas e aos panos.

³⁰- cit. por J. Pires Gonçalves (1969: 6)

José Mendes Papança é, em meados do século XVIII, o maior proprietário rural do concelho e vai investir muito dinheiro na indústria têxtil, fundando a "Fábrica de Panos das Aldeias de Reguengos", o que causa um surto de progresso económico e expansão demográfica na região. A produção de mantas, saragoças e panos grosseiros começa nesta época, em todo o território abrangido pelo Termo de Monsaraz - até ao século dezanove, os habitantes de Monsaraz chamarão às aldeias vizinhas "Terras de Cardadores". Pires Gonçalves refere-o em obra já citada (1969:8):

"...A figura central do "power élite" desta época, ...era José Mendes Papança, filho de lavradores abastados que "fabricavam as suas herdades com muitos criados escravos"- escravos negros está bem de ver - José Mendes Papança tratava-se, como escreveu António Sardinha, à lei da nobreza e além de ser o maior proprietário das Aldeias dos Reguengos, chegou também a ser Cavaleiro da Ordem de Cristo. As terras circundantes da ermida de Santo António deviam estar incorporadas no seu património e a fábrica de lanifícios, nessa época instalada para transformação das preciosas lãs merinas do antigo termo de Monsaraz laborava, fundamentalmente, apoiada no investimento dos imensos capitais daquele "land lord" reguenguense. À laboração desta Fábrica de Panos das Aldeias dos Reguengos articula Papança, para se libertar do jogo económico dos pisoeiros do termo de Évora, o pisão da Espada, à margem do rio Guadiana, na grande defesa do Roncão, por ele tomada de aforamento à Casa de Bragança em 1788..."

Esta industria atrai muita mão de obra à povoação, que o mesmo autor (1970:10) descreve da seguinte forma:

"...Entre essas gentes humildes, emigradas dos lugares mais escaldadas pelos incêndios da guerra, parecem ter vindo homens especializados nos ofícios da cardação e tecelagem de lãs merinas, matéria prima em que estas terras do antigo "termo" de Monsaraz, desde o século XV e na dependência das suas alianças económicas com a organização pastoril da Mesta espanhola, eram muito ricas. O artesanato laneiro do "termo" de Monsaraz consagrava-se à produção de mantas, saragoças e panos grosseiros que não serviam só para cobrir e aquecer os moradores da terra..."

Na igreja (antiga ermida), com pouco espaço de culto, as disputas para obter lugar nas cerimónias originavam grandes zaragatas, que por vezes degeneravam em rixas sangrentas. No exterior, não existia espaço para enterrar os mortos, o que leva à fundação de um novo Campo Santo na orla de Reguengos de Baixo a que se chamou o Covalinho.

Em 1785 são pedidos fundos a D. Maria II para a construção de um templo mais vasto; o Ouvidor da Comarca, nomeado pela rainha, pronuncia-se contra, pois não acha razão para se edificar um novo edifício de raiz, recomendando:

"... seria bastante que a igreja fosse continuada até onde acaba o alpendre e a capela - mor aprofundada até onde deve ser, segundo as proporções..."³⁵

Como os habitantes, quando da fundação da freguesia se tinham comprometido a custear as obras necessárias, os fundos não foram atribuídos, começando de imediato a ampliação da ermida.

Em 1838, em consequência dos apoios dos "senhores de Reguengos" à causa Liberal, é ordenada a transferência do Poder Municipal de Monsaraz para Reguengos, sendo o Foral da vila, intitulada de Vila Nova de Reguengos, atribuído por D. Maria II em 1840:

³⁵ - cit. por J. Pires Gonçalves (1969:9)

" Carta de Lei de 17 de Abril de 1838, nº 21

O Concelho de Monsaraz, actualmente pertencente à Comarca de Estremoz no referido distrito administrativo, será incorporado na Comarca de Évora, e a cabeça do referido concelho de Monsaraz passará para a Aldeia de Reguengos"³¹

Esta mudança não é pacífica, pois só em 1846 (em 1843 a sede é de novo transferida para Monsaraz) se instalam definitivamente os Paços do Concelho na nova vila. A justificar esta transferência também existem razões económicas, pois é evocado o desenvolvimento industrial e agrícola daquela, que se autodenominava na altura, "Aldeia dos Palácios". Esta mudança é comentada por um escrivão anónimo da Câmara, citado por Manuela Rocha (1994:83):

"...Lutaram, porém; enquanto puderam, e foi uma luta renhida, sustentada, por assim dizer, à ponta da espada. Todavia Reguengos estava em melhores condições de vencer, e venceu. A posição topográfica da vila e actividade dos seus habitantes, alguma protecção dos poderes públicos em atenção a que Reguengos era uma povoação francamente liberal...tudo somado deu o resultado que se esperava. Monsaraz sucumbiu na luta...e Reguengos foi progredindo, acentuando-se mais esse progresso desde que em 1851 se estabeleceu aqui definitivamente a sede de concelho."

Teresa Barata Salgueiro (1992:52) dá como exemplo esta mudança de poder local, quando afirma:

"...Com os tempos, os sítios alcandorados perderam o valor militar e se a dificuldade das comunicações for de molde a não propiciar o desenvolvimento de outra função, o burgo entra em decadência, podendo em casos extremos ser abandonado. Diversas povoações têm tido essa sorte, enquanto muitas vezes, a distância não muito grande, nas terras baixas, onde a agricultura e as comunicações são mais fáceis, cresce um novo núcleo cuja denominação revela a sua filiação..."

Contemporâneo do desenvolvimento da indústria lanificia, o incremento da plantação de vinha acelera o desenvolvimento agrícola da região, devido sobretudo ao parcelamento dos Reguengos da Casa de Bragança, como refere Pires Gonçalves (1970:11):

"...O parcelamento de terras nos arredores de Reguengos e a sua ampla distribuição pelos antigos e humildes foreiros da Casa de Bragança- a divisão dos chamados "arados"- constituiu também, uma espantosa e indomável força de progresso e desenvolvimento desta vila."

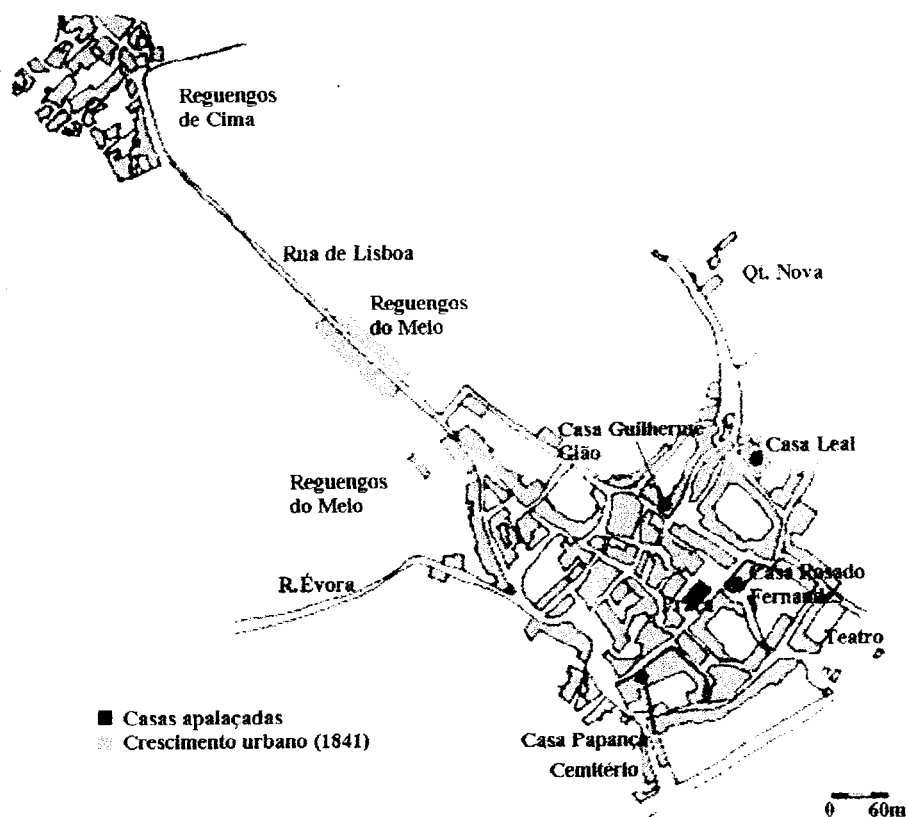
Manuel Papança incita os seus concidadãos a unirem-se para comprarem estes ferragiais à Casa de Bragança, que posteriormente são divididos em "glebas" e aforados, podendo os arrendatários, ao fim de cinco anos, tornarem-se donos das mesmas. (todos eles o vão conseguir, com o lucro obtido na cultura da vinha). Posteriormente, também é aforado um baldio pertencente à Junta da Paróquia, que obter resultados idênticos.

O Concelho de Reguengos fica, na sua maior parte, plantado de vinha, sendo, segundo P. Gonçalves, os principais proprietários nomes que chegaram ao nosso século: Rosado, Rojão, Papança, Sousa e Piteira. Esta nova exploração agrícola obriga ao fabrico de enormes talhas para vinhos, feitos sem roda, e montados inteiramente à mão, o que incrementa de modo significativo as olarias das povoações vizinhas.

A planta seguinte representa a vila de Reguengos no século XIX, e foi adaptada de uma planta da Vila de Baixo, levantada por José Annes em 1849, copiada em 1939

³¹- cit. por António Barata, (1893: 53)

por M. Ventura e que ilustra a obra de José Pires Gonçalves (1970), "Murmúrios em torno da História de Reguengos".



Planta 1.1.3.2- Século XIX

A vila desta época organiza-se em torno da Praça de Santo António, onde se situa a igreja do mesmo nome. Tomando como eixos principais as vias de comunicação anteriormente referidos, a malha urbana é irregular, dispondo-se conforme a construção dos "palácios" dos proprietários, que definem enormes quarteirões, em razão destas casas terem associada uma estrutura agrícola, com zonas de armazém, celeiros, hortas, etc, variando a sua forma conforme as respectivas necessidades. Os espaços vagos são ocupados por quarteirões de dimensões reduzidas e forma variada. Os novos equipamentos que surgem (cemitério ou teatro), situam-se na periferia da aglomeração.

Reguengos de Cima, núcleo mais pequeno, serve a Vila de Baixo pois aloja a sua classe trabalhadora; organiza-se também em torno de um largo e segundo o caminho que a atravessa, definindo quarteirões irregulares, de forma e dimensões variáveis. Ao longo da via que une os dois aglomerados surge, pouco a pouco, casario, por alguns apelidado de Reguengos do Meio, como foi atrás referido.

O importante desenvolvimento urbano da vila, a partir desta época, será instigado pelo grande proprietário da zona, Manuel Papança, primeiro presidente da nova edilidade, referido da seguinte forma por A. Barata (1893:55-57):

"...Foi ele fundado em fins de 1871, ou já em 1872, pelo notabilíssimo filantropo Manuel Papança...
 ...Foi a caridade pura e imaculada, o móvel principal das acções deste grande homem...
 ...deve ainda Reguengos ao benemérito Papança mais serviços ainda...Este notabilíssimo filho de Reguengos, que tanto lidou na vida pelo bem estar dos seus patricios"

Na comemoração dos quarenta e cinco anos da sua morte, é inaugurada uma estátua em sua homenagem no Largo da Liberdade, onde o orador principal o elogiou da seguinte forma:

".....o seu altruísmo, a sua filantropia, a sua alma cheia de bondade, o definiram notavelmente como um carácter de eleição que aí se aponta como exemplo. A assistência aos pobres e encorajamento ao trabalho, o auxílio da sua bolsa, os ponderados conselhos filhos da sua experiência e de senso prático notável..."³²

Será Papança que depois de pagar do seu bolso as dividas de tenças à fazenda Nacional, logo que é eleito para Presidente da Câmara, manda construir o edifício dos Paços do Concelho (inaugurados em 1869), escolas de ensino primário, poços e estradas, institui a Santa Casa da Misericórdia, incrementa a construção do novo hospital (1871-72) e um Asilo na Quinta Nova, propriedade que ele doa para o efeito. Nesta altura são instalados na vila a Sede dos Correios e a Conservatória de Registo Civil. Quando Papança morre, institui um importante legado para a construção da nova igreja. A Junta da Paróquia decide da sua construção em 1877, sobre terrenos que pertenciam à Câmara, e convida para autor do projecto o arquitecto António José Dias da Silva, autor, entre outras obras, da Praça de Touros do Campo Pequeno em Lisboa.

Como imóveis mais importantes, que se construíram ao longo deste século, Túlio Espanca (1978:338-340) refere o nº 8 da Rua Dores Leal, o nº 6 da Rua Augusto Rosa, e a Casa Rojão, situada no Largo Dr. José Maria Rojão, primeira instalação dos Paços do Concelho. Os edificios notáveis da época, pertencem pois às famílias Papança, Fernandes e Rojão.

O crescimento da vila, no fim deste século e princípio do XX, (segundo o PGU de 1947) prossegue ao longo dos caminhos e segue uma estrutura moderna, inspirada talvez nos traçados das Avenidas Novas da capital, motivo de estudo mais detalhado na segunda parte do trabalho.

Sem modificar o tecido antigo, onde se situam as "grandes casas", a vila cria uma nova praça, polo de composição quase ortogonal, que irradia a partir do Largo da Fonte do Príncipe. A via que une este largo à Praça da Liberdade desvia o caminho proveniente de Évora, substituindo-o, e separa o núcleo antigo do moderno. Cria-se assim uma barreira nítida entre as duas estruturas, completada pela existência da referida praça. Deste espaço parte a Rua José António de Almeida, que liga o centro aos recém fundados Hospital e Cemitério Público, criando uma via secundária de desenvolvimento urbano.

Os quarteirões definidos por estes eixos são de forma quadrada ou rectangular, modificando as suas dimensões conforme a sua localização em relação aos mesmos. A Praça da Liberdade, no fim do século, centraliza o Poder Municipal, com a construção dos novos Paços do Concelho e o Poder Religioso, com a construção da nova igreja.

Esta nova zona é planeada com a função de alojar a população socialmente mais desfavorecida, atraída pela nova riqueza e pelos numerosos postos de trabalho. Os "senhores" da vila constroem os seus palácios ou as suas casas, perto e em volta do Largo de Santo António, no antigo Reguengos de Baixo, sendo pois Reguengos de Cima

³²- cit. " Reguenguenses Ilustres", in *Album Alentejano, Distrito de Évora*,(1933:451)

e as novas extensões urbanas destinadas à classe trabalhadora. A barreira é estabelecida pela Rua do Meio/Humberto Delgado.

Reguengos do Meio desenvolve-se com quarteirões de forma idêntica aos anteriores, de maior dimensão, construindo-se ao longo das vias de comunicação, com espaço vago no interior dos mesmos. (posteriormente ocupados com novas urbanizações).

Em Reguengos é instituído em 1895, o Sindicato Agrícola de Reguengos, que substituiu a Comissão de Vigilância anti-filoxera, de Junho de 1893. Deste sindicato é a autoria do primeiro projecto de Crédito Agrícola existente no país, colaborando também na realização da Lei de 1899, que incrementa a cultura cerealífera em Portugal.

No princípio do século XX é inaugurada a luz eléctrica (1904) e autorizada a construção do caminho de ferro (1903), que será inaugurado em 1924. Em 1908 Luciano Azevedo (1908: 4-5), descreve a vila da seguinte forma:

"... É a primeira região vinícola do Alentejo. Tem abundância de azeite, e como todas as terras do Alentejo produz muito trigo e abundância de plantas leguminosas. Tem alguma fruta e alguns pomares de laranjeiras.

Reguengos está bem situada e tem muitas ruas em linha recta, esta é a povoação moderna.

Na parte onde está a povoação primitiva há um grande largo com uma praça empedrada, mas as ruas são tortuosas.

Tem um magnífico palácio, de aparência tosca, por ser de construção moderna de tijolo a nu, propriedade do Senhor Conde de Monsaraz, e residência do Sr. Joaquim Rojão.

Tem um matadouro, muito regular, e junto a este a Quinta de S. João, que é uma aprazível vivenda. Tem hospital e Misericórdia...

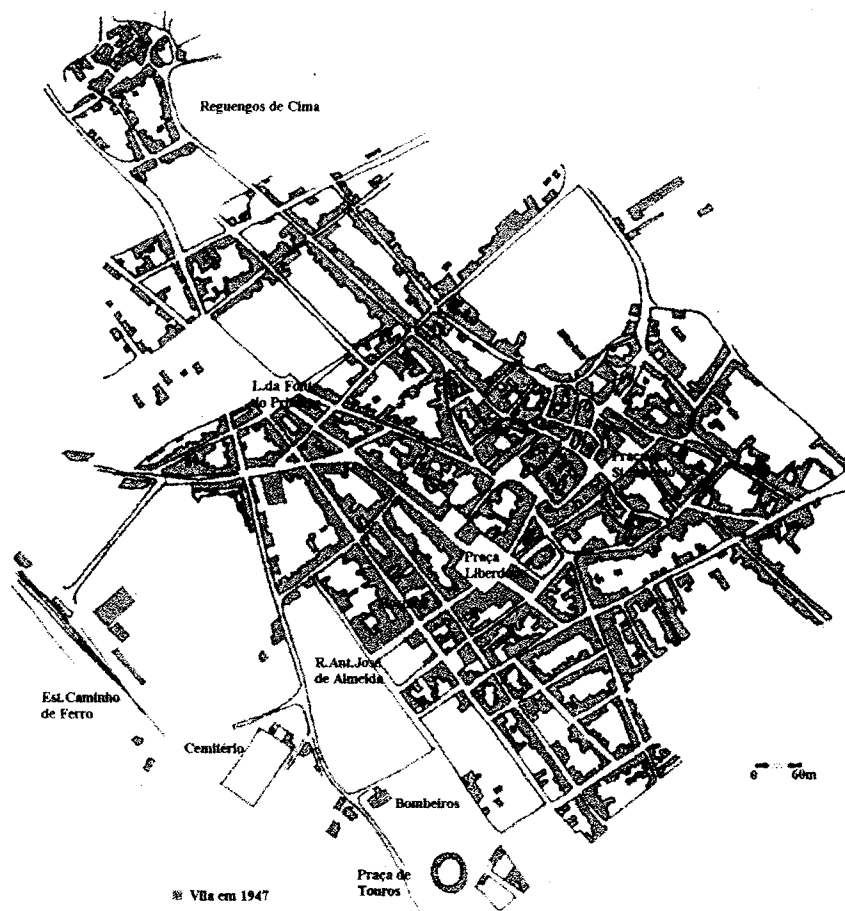
... Na praça da Liberdade, que é um espaço largo ... é que está situada a igreja...Levanta-se esta ao Sul da praça, num plano inclinado, frente à Câmara Municipal..."

E o mesmo autor continua a sua descrição pedindo uma linha férrea que ligue Reguengos a Évora, refere que a electricidade é fornecida por um gerador existente na moagem, enumera indústrias tais como a referida moagem, uma fundição, oficinas de caldeireiros, chocalhos, ferreiro, serralheiro, carpinteiro, latoeiro, sapateiro e alfaiate. Lembra que já existiram duas filarmónicas na vila, mas que só existe a denominada Harmonia, embora haja um teatro de amadores, onde já representaram companhias vindas de Lisboa. Termina referindo a Associação do Monte Pio e uma outra associação chamada de Recreio Artístico, que sustenta uma escola de instrução primária.

A inauguração da nova igreja data de 1912, tendo havido bastantes desvios do projecto inicial.

"...em suma, a graciosa harmonia do conjunto esvaiu-se na deturpação desaprimorada. Não é possível emitir uma opinião correcta sobre o risco de António José Dias da Silva através da obra que actualmente se ergue na praça da Liberdade de Reguengos de Monsaraz. O arquitecto lisboeta, após a entrega do projecto, desligou-se materialmente da obra e quem se constituiu como encarregado dos trabalhos foi o construtor eborense José Maria Ramos Ribeiro."³³

³³- "O Neomanuelino", catálogo. (1994)



Planta 1.1.3.3- A vila em 1947

A Vereação da Câmara ordena por unanimidade a demolição da Igreja Velha de Santo António, três anos depois, situada na Praça do Registo Civil, considerando necessário abrir a circulação urbana para o Largo D. Inácio Gomes Ramalho, bloqueado pelo adro da igreja na cabeceira sul da actual Praça de Santo António, processando-se a sua demolição no mesmo ano.

Em 1923, o Guia de Évora e Arredores, dirigido por Raul Proença, salienta a existência na vila de dois cafés, (o Balela e o Central), um teatro e salão de cinema, a instalação de electricidade e o uso de cisterna para distribuição de água à povoação. Tem na altura 5124 habitantes. Em 1927, o Guia de Portugal, (dirigido pelo mesmo autor e adaptado do anterior), acrescenta à descrição anterior a existência de um hotel e da Praça de Touros.

O caminho de ferro, instalado no século XX, perto da estrada para Évora, não influencia de forma significativa o crescimento urbano da vila, ligada à mesma pela Rua de Portel. Serão posteriormente construídos equipamentos (Palácio da Justiça, espaço de jardim e sede dos Bombeiros) sobre os terrenos vagos entre a estação e a vila.

A Praça de Touros situa-se perto do Rossio, a sudoeste da vila, onde ainda hoje se realizam os mercados e feiras de ocasião, não podendo, ser caracterizado como "Rossio", na forma que este espaço toma nas outras localidades estudadas.

A vila estende-se, construindo e densificando a malha urbana existente, ocupando os seus espaços livres e quintais, sobretudo nas zonas compreendidas entre Reguengos de Cima e de Baixo, a vila e a estação do caminho de ferro.

1.1.4 - Viana do Alentejo

Dos primórdios de Viana pouco se sabe, pois não existe qualquer tipo de vestígios até à época árabe, (da qual só se encontraram algumas moedas, que podem ter sido utilizadas em épocas posteriores). É certo, no entanto, a existência de um núcleo romano em Nossa Senhora de Aires, a três quilómetros da vila, descrito de forma elucidativa nas Memórias Paroquiais de 1758:

"...Neste sítio, e em toda a circunferência de tão vistoso campo, se acham alicerces notáveis e grandes movimentos de antigos e soberbos edifícios, entre os quais tem primeiro um notável aqueduto, que se supõe obra de romanos, e de que se aproveitaram os devotos da Senhora para a fábrica e manancial da perene fonte..."³⁴

O santuário, sondado pela primeira vez em 1901 por Leite de Vasconcelos, encontra-se na herdade de Paredes, (nome provavelmente derivado da proximidade das muralhas construídas, segundo Espanca:1978-413), num sítio muito rico em água, em mármore, argilas e próximo de jazidas de ferro e cobre, tendo alguns requisitos característicos dos sítios que os romanos apreciavam ocupar. Embora nenhum caminho rural o ateste, supõe-se que ficava na " Estrada do Diabo", via romana que ligava Évora a Beja.

Sendo a datação da necrópole encontrada dos séculos IV ou V, pressupõe-se a preexistência de uma localidade ou grande vila, adaptada mais tarde a cemitério e posteriormente sítio de procissões, como adaptação de um culto pagão, situação vulgar na religiosidade ocidental, orientada e fomentada pela Igreja Católica.

Segundo a tradição, o primeiro foral de Viana do Alentejo foi doado por D. Afonso II a D. Gil Martins, embora as primeiras referências escritas datem do século XIII, quando da elaboração de um contrato em 1269, entre D. Martins Gil, (neto de Gil Martins), e o Cabido da Sé de Évora, sobre a igreja de Viana de Foxem, depois Viana a par de Alvito ou Viana do Alentejo.(Espanca :1978)

A profusão do motivo decorativo da Cruz da Ordem de Cristo, que existe em toda a arquitectura da vila, em diversas épocas, desde a campa atribuída ao fundador de Nossa Senhora de Aires até à Igreja Matriz, passando por diversas ermidas, não é referida por nenhum historiador como fenómeno a abordar. Seria o território administrado por uma Ordem de Cavaleiros? Até que data?

D. Dinis devolve a localidade à coroa em 1313 e promove-a a Vila com Carta de Foral, referindo no mesmo documento os seus domínios territoriais. A construção do castelo inicia-se, segundo o contrato entre o rei e os moradores da vila:

³⁴ - *Dicionário Geográfico* 39, p. 896 cit. por João de Sousa (1978: 5)

"...quatrocentas braças de muro, da largura de uma braça e de altura que não chegasse um homem a cavalo com lança, com a condição de ficar dentro dela a fonte grande..."³⁵

Na Sé de Lisboa, em 1338, são instituídas as Capelas de D. Afonso IV e D. Beatriz, com territórios que abrangiam os termos de Viana e Terena. (Espanca:1978-412). Este estatuto confere à vila uma autonomia importante a nível regional, pois a mesma está ligada directamente a Lisboa, e nunca se submete ao poder administrativo de Évora, como explica João de Sousa (1993:45):

"...Esse domínio não tinha grandes tradições em Viana do Alentejo. O *corregedor da comarca*, antigo representante do rei em Évora, repartia os seus poderes com o *provedor das capelas de D. Afonso IV e D. Beatriz*, a que Viana pertencia desde o século XIV. Às Capelas, que tinham sede em Lisboa, competia a administração dos direitos e rendas do concelho, a nomeação de oficiais da vila e o julgamento de recursos civis. A câmara recorria a ele ou ao rei para defender os privilégios do concelho, quando ofendidos pelos senhores de Évora, nobres, bispos ou corregedores..."

Antes da construção da muralha e até à sacração da Matriz do Castelo a sede de paróquia terá sido a Ermida de Santo Aleixo, depois de S. João, que foi demolida em 1920. O núcleo primitivo da povoação situa-se em torno desta ermida, ponto de encontro dos caminhos provenientes de Portel (sentido leste/oeste) e Beja (sentido norte/sul) em direcção a Lisboa, via Alcaçovas e Évora.

O castelo implanta-se perto das vias de comunicação, longe de um sítio alto e defensivo, como seria de esperar de um edifício deste tipo, não tendo pois funções militares, substituídas por outras, que vão mudando ao longo dos tempos, de cariz senhorial/organizador da vila e do território envolvente. De forma pentagonal e dimensões reduzidas, é servido por duas portas, uma a sul ligando-o à estrada de Beja, outra a Norte que o liga directamente à vila. Esta nunca toma a característica de "arrabalde" pois, não tendo havido núcleo habitacional dentro da fortaleza, pensa-se que o povoado desde os inícios do seu desenvolvimento, tem que ser denominado como tal.

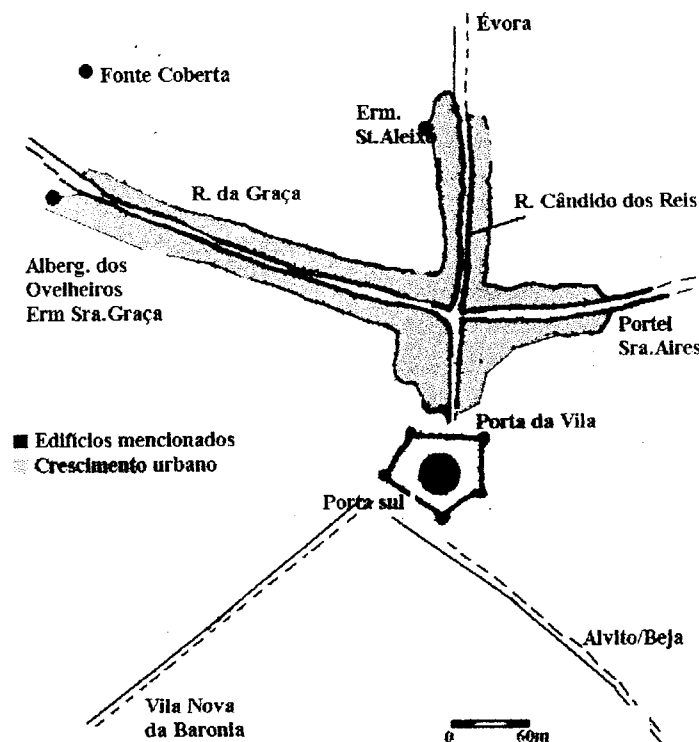
A construção da primitiva ermida de Nossa Senhora das Graças, situada a leste do eixo de ligação do castelo à Ermida de Santo Aleixo, data também do século XIV, tendo sido fundada por Fernão Martins em 1357 (Espanca:1978), e nela se anexou a Albergaria dos Ovelheiros, uma das primeiras confrarias de socorros mútuos existentes no país. Este conjunto é o terceiro polo de desenvolvimento da vila, situando-se perto dela um rossio, posteriormente chamado "das Freiras", e motivando o aparecimento de um eixo transversal, a Rua da Graça, que com a Rua Direita/Cândido dos Reis, cujo cruzamento originou o largo principal, constitui a estrutura primitiva, origem da forma actual da vila.

No século XV refere-se a Fonte Coberta (1473), perto da Albergaria dos Ovelheiros, supondo Espanca (1978:463) ter sido construída com pórtico de colunas e cúpula, para servir a referida albergaria, assim como os utentes do rossio próximo.

O castelo sofre obras de beneficiação, pois a vila aloja durante uns tempos o rei D. João II. O paço é aumentado e a torre de menagem, segundo Túlio Espanca (1978:413), data desta época, existindo no castelo uma igreja matriz, demolida para dar lugar à actual, mandada construir por D. Manuel I. Da fundação a Igreja conserva a

³⁵ - cit. por Túlio Espanca, (1978:413)

estrutura arquitectónica, o frontal do altar com azulejos mudjares e uma lápide comemorativa, além do conhecido portal da entrada. A respectiva sacristia serve desde logo de jazida às famílias importantes da região, funcionando ou vindo a funcionar no local as irmandades do Santo Sacramento, Nossa Senhora da Encarnação, Menino Jesus, Nossa Senhora do Rosário, Santo António e Almas Santas.



Planta 1.1.4.1- Séculos XIV e XV

A Confraria da Misericórdia de Viana é instituída em 1516, no adro do castelo, ocupando o espaço que vai do pórtico da igreja à torre sineira, com casas coladas no interior do pano amuralhado. O interior das dependências é do primeiro terço do século XVI e também aqui aparece a cruz de cristo como elemento de decoração. Um ano depois, em 1517, D. Manuel I concede novo Foral à vila.

Os Paços do Concelho instalam-se também no interior da cerca, com o pelourinho na sua proximidade. O mesmo foi observado por Túlio Espanca (1978:462), servindo como pilar de suporte ao edifício do matadouro, que o descreve como sendo do início do séc. XVI. Quando da extinção e demolição do matadouro foi levado, desmontado, para o largo do castelo, e supõe-se que o mesmo se encontra actualmente em depósitos da Câmara Municipal.

Desde o momento em que se instala, dentro do recinto murado, a igreja matriz, este perde a sua importância estratégica e militar, integrando-se na vida cívica e religiosa da povoação, transformando-se em "praça urbana", pois centraliza os principais equipamentos da vila.

No século XVI surgem em Viana novas ermidas, tais como a de S. Sebastião sobre o caminho para Lisboa, via Alcaçovas, a do Espírito Santo perto da rua principal, e na periferia a de S. Pedro, perto do caminho para Vila Nova da Baronia. O Convento do Calvário, de clausura feminina, situa-se a norte do Rossio das Freiras, e permanece, até

aos nossos dias, um limite à extensão urbana a norte do mesmo. O movimento inicia-se com a instalação, em 1528, de um beatério para pessoas idosas e pobres, por iniciativa de Isabel Cardoso e Manuel Rodvalho, continuado em 1548 por D. Brites Dias, que reúne na sua casa um grupo de senhoras devotas em torno de um pequeno oratório dedicado a Jesus. Em 1550 o Cardeal D. Henrique autoriza a existência e funcionamento da Congregação de Jesus, fundado como Convento de Jesus em 1553, segundo a Regra de Santo Agostinho. A sua construção é iniciada em 1554:

"...No primciro dia de Agosto do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus, de mil quinhentos e cinquenta e quatro se começou a edificar, junto desta Vila de Viana, nas Hortas da Fonte Coberta, pela mão do mui excelente Príncipe Dom Henrique Cardcal Infante..."³⁶

Este conjunto, importante na vida religiosa e cultural da urbe, não se considera polo de desenvolvimento da mesma, pois permanece sempre numa posição exterior em relação a ela, integrando a sua vida social, mas não a sua malha urbana. Desenvolve-se, pegado a ele, um pequeno núcleo de habitações, que eram, na época, dependências do convento.

A Fonte da Praça é construída no último quartel deste século, segundo Espanca (1978:462), e constitui um polo determinante da rede viária da urbe, pois distribui, para toda a povoação, a água que recebe da fonte/cisterna do castelo, de uma fonte no monte de S. Vicente e do Poço Novo. Supõe-se que a ligação da mesma ao Poço Novo motiva a abertura da Rua do Poço Novo /Miguel Bombarda, servindo de conduta de água abastecedora da mesma.

A ampliação do hospital e remodelação da Ermida de Nossa Senhora das Graças, substituída por outra em estilo manuelino, com pavilhão, alpendre e nartex de peregrinos anexado, data também do século XVI, notando Espanca (1978:442) a presença das cruzes de Cristo em várias decorações. (Este espaço mantém a sua função de assistência médica até à época actual).

A cerca engloba então a Torre de Menagem, com dois pisos, servindo um de prisão, a Torre do Relógio, a cisterna, que no foral é denominada "fonte grande", funcionando no seu interior os primitivos Paços do Concelho (século XVI e XVII), a igreja da Misericórdia e respectivas dependências, desconhecendo-se a localização dos paços do alcaide.

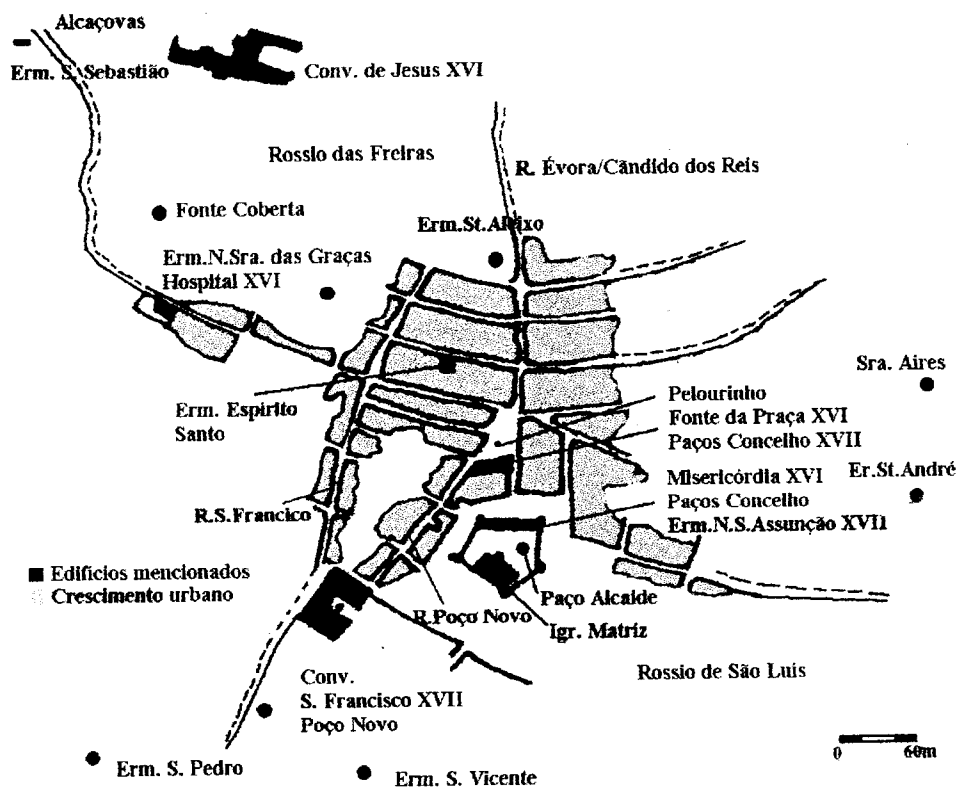
Em 1578/80 os frades da Congregação da Penitência aparecem a ocupar a residência da Família Rodvalho, ao Poço Novo, origem do Convento de S. Francisco, cujas obras se iniciam em 1590 e se vão processar lentamente segundo Espanca (1978:435).

No século XVII surgem novas ermidas no exterior da vila, a de Santo André, no caminho para a então ermida de Nossa Senhora de Aires e a de São Vicente, no alto do monte do mesmo nome, a sul da vila.

O convento de S. Francisco é construído durante todo este século (conclusão do claustro em 1647 e da primeira fase de obras em 1652, segundo o autor citado) ocupando os terrenos da antiga residência dos seus fundadores, sobre o caminho para

³⁶ - cit. por Túlio Espanca (1978: 427)

Vila Nova da Baronia. Este núcleo constitui o limite sul da povoação, ocasionando a abertura de novas ruas, tais como a Travessa de S. Francisco e a Rua de S. Francisco/Teófilo Braga, acentuando esta última o aspecto ortogonal da malha urbana, ligando o convento directamente à Carreira da Fonte Coberta, perto do Rossio das Freiras.



Planta 1.1.4.2- Séculos XVI e XVII

O Poder Municipal deixa o castelo e instala-se nos novos Paços do Concelho (1683-1701), construídos sobre a Fonte da Praça, perto de açougues aí existentes, o que demonstra a função comercial da praça, chamada na época de Forense. A cadeia é instalada no piso inferior e o pelourinho também é deslocado, servindo os anteriores paços do concelho de instalação à ermida de Nossa Senhora da Assunção. As canalizações da Fonte da Praça são refeitas em 1693, pois muitas vezes entupiam com inevitável desvio das águas (Espanca: 1978) e datam desta época as duas arcarias que a caracterizam.

A urbe organiza-se sobre um eixo principal, de simetria, desenvolvendo-se a partir dele e ao longo das vias de comunicação. Uma segunda via paralela a este, a Rua de S. Francisco, define quarteirões, sobre uma estrutura viária quase ortogonal. O Convento de S. Francisco, a sul e o do Calvário, a norte, limitam o desenvolvimento urbano. Os quarteirões formados entre as duas vias acima referidos são de forma rectangular, praticamente de dimensões idênticas, diminuindo de comprimento a sul devido à convergência das duas ruas que os limitam. A Praça principal, da Republica, é o espaço onde convergem as ruas Miguel Bombarda e de Évora, que se cruzam com a rua proveniente do Hospital de Nossa Senhora das Graças.

No século XVIII têm lugar as obras de reconstrução de Nossa Senhora de Aires (sagrado em 1760, as intervenções duram até 1805), tornando-se um dos principais santuários marianos do Alentejo. (o seu templo primitivo era pequeno, com cinco hospedarias de romeiros, sacristia e casa de hermitão). Importante local de romaria da região sul, e com privilégio de poder realizar a Feira Franca, de gados (1751), a partir deste momento este espaço torna-se, ou continua, a sua vocação de ponto de encontro dos gados da região com aqueles que passavam em transumância. Núcleo antigo de romarias e procissões, continuação de um antigo culto pagão existente desde a antiguidade, será a partir desta altura, época em que a Igreja reforça o ideal do Culto Mariano, um dos seus suportes mais destacados, cuja importância se mantém até aos nossos dias.

Segundo Espanca (1978:449-450), em torno do edifício vão-se instalar diversos edifícios, como a Casa dos Milagres, antiga Casa das Confrarias, as Casas da Capelania, mais tarde, o bloco residencial, (sacristão, guarda, esmola dos peregrinos, das mortalhas e dos pesos). A antiga alameda dos romeiros, com seis ruas de choupos em linha, é hoje campo lavrado e Espanca ainda descreve as "Galerias", ruínas da Hospedaria das Irmandades, que não existem actualmente. A fonte do santuário recebia água através de aqueduto subterrâneo, com passagem na Ermida de Nossa Senhora do Cruzeiro, da mesma época e com planta de cruz grega, e teve aqueduto de alvenaria, já referido nas Memórias Paroquiais. Um tanque grande, triangular, servia de bebedouro para os animais.

Os dois rossios que a vila de Viana apresenta, o de São Luís a sul do castelo e o das Freiras, a norte, servem de estacionamento/espço de transição do gado que ia ser transaccionado na Feira Franca de Nossa Senhora de Aires, apresentando o primeiro um carácter mais lúdico (festas várias, debulha, etc) e o das Freiras aproveitado também como recurso económico (eram concedidas licenças para extracção de barro) segundo informação oral cedida pelo Dr. João de Sousa.

Nos últimos anos do reinado de D. João V o Convento de Jesus pede para ser servido por um caudal de água gratuito: a Fonte das Freiras ou Fonte de Baixo vai ser abastecida por um aqueduto, que passa a cano, captando os excedentes da água da Fonte Coberta. Esta fonte será destruída pela população revoltada, (que nunca aceitou tal privilégio), em 1820, durante uma enorme seca.

O Convento de Cristo, de S. Francisco e Ermida de Nossa Senhora da Graça, que eram considerados arrabaldes, já estavam rodeados de casario em 1758, tendo sido a capela de Santo António, construída em 68 sobre a sacristia da Matriz. As Memórias Paróquiais, escritas neste ano, descrevem a vila da seguinte forma:

"...Tem esta vila cinco ermidas dentro da mesma que são: a de Santo António, a do Espírito Santo, a da Senhora da Graça e a da Senhora da Assunção; e tem fora da vila seis ermidas a saber. São Sebastião, São Pedro, São Vicente, Nossa Senhora do Cruzeiro, Santo André e Nossa Senhora de Aires..."³⁷

"... Os frutos que abundam mais nesta vila são os mais precisos à natureza humana; porque é fértil de trigo, centeio e cevada; tem algumas frutas, bastante vinho, muito azeite, muitas e muitas hortaliças singulares..."³⁸

37- *Memórias Paroquiais*, Perg. 13, 893, cit por João de Sousa (1984:12)

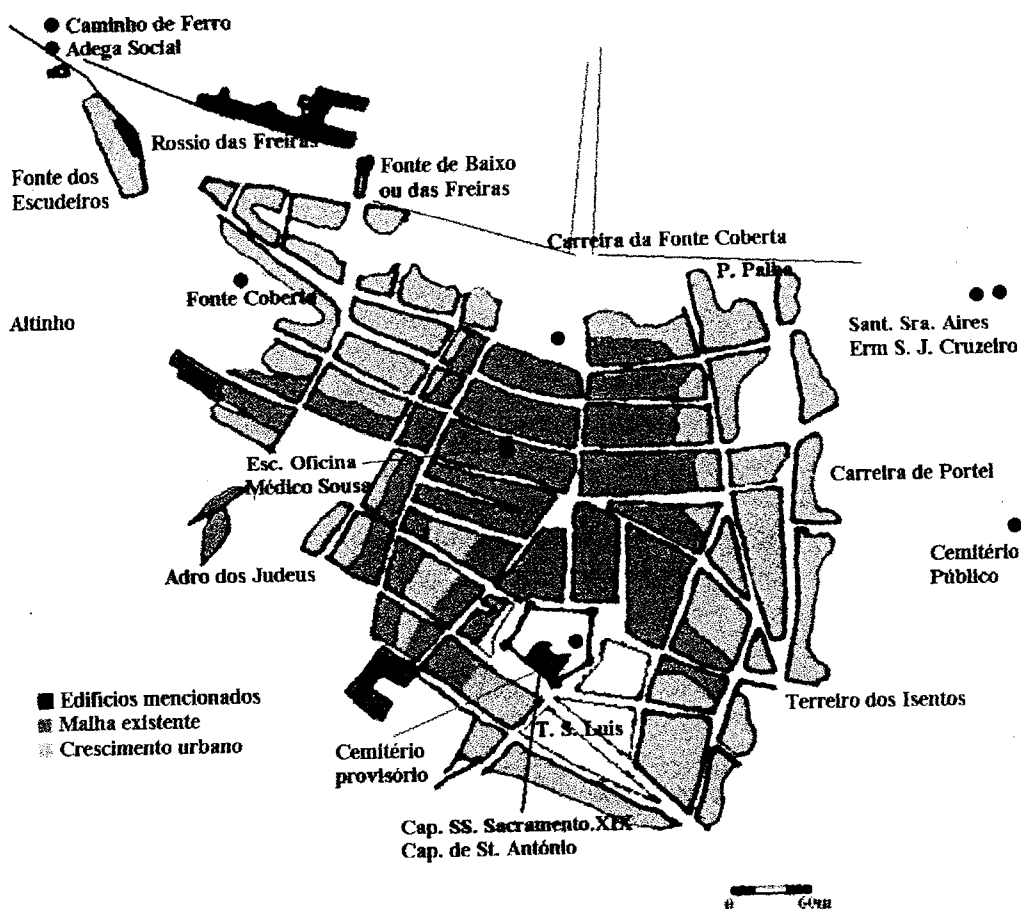
38- *Memórias Paroquiais*, *erg. 15, 897, cit. por João de Sousa (1984:38)

A Vila de Viana do Alentejo é no século XIX o centro de uma região agrícola, onde se localizam serviços, oficinas de artesãos e pequenas indústrias. As modificações sociais, económicas e relações de trabalho que vão ser introduzidas experimentalmente nesta região, através da tentativa de aplicação das novas doutrinas do liberalismo vão provocar grandes inovações dignas de referência, pois distinguem-se pela sua modernidade na sociedade da época. Como personagens principais destas mudanças devem-se considerar o médico António José de Sousa e sobretudo seu filho, António Isidoro de Sousa.

O latifúndio desta região, no século XIX, era constituído em grande parte por charneca e mato, com pastagens e cultura de cereais. (João de Sousa:1984). À volta da vila, separando-a das grandes propriedades agrícolas, desenvolvia-se uma zona de coutos, assim definida por Isidoro de Sousa:

"...são formados por courelas, ferragiais, hortas, vinhas e olivais que circundam a povoação, e distinguem-se bem das herdades tanto pela sua pequena extensão como pelo esmero com que relativamente a elas são cultivados, constituindo espécies de oásis..."³⁹

As quintas, outra forma da propriedade na região, eram montes que fixavam a povoação, com zonas de produção agrícola intensiva.



Planta 1.1.4.3- Séculos XVIII e XIX

³⁹- António Isidoro de Sousa, cit. por João de Sousa, (1984: 4)

A estrutura urbana de Viana, segundo João de Sousa, não parece ter sofrido grandes alterações desde o século XVI, centrando-se no casario à volta da matriz primitiva- ermida de Santo Aleixo, depois de S. João, casario este que é ligado, após a construção do castelo, à porta norte do mesmo pela R. da Assunção / R. Direita / R. Cândido dos Reis. A Praça, centro da vila mesmo antes da mudança dos paços de concelho, que teriam defronte o pelourinho era local de reunião dos homens, quando solicitados pela edilidade, de arrematação das rendas do concelho e recrutamento dos mancebos. O mercado principal e o açougue funcionavam neste espaço, sendo a praça que estabelecia a ligação a todas as ruas a norte do castelo.

João de Sousa (1984) estabelece parâmetros de estudo para o sistema viário e caracterização da vila no século XIX, fornecendo dados preciosos sobre a vida numa vila do interior no século passado e enumerando as artérias principais que definiam a vila na época: a R. Cândido dos Reis (antiga Rua Direita e da Assunção), era a mais importante da vila e tinha como transversais a Rua dos Infantes, da Mesquita, dos Carreiros, Travessa da Água de Baixo, "onde não existiam casas pois por ela corria a água vinda da Fonte da Praça para regar as hortas adjacentes", prolongada pela Travessa do Instituto, dos Carreiros, do Espírito Santo, e a Rua da Chafurda. Em torno da cerca existia o Rossio do Castelo, "zona de passagem de gados onde terminava, tradicionalmente, a Feira de Nossa Senhora de Aires; o casario aparece em terrenos aforados pela câmara, datando de 1884 a construção da parte central do mesmo". A zona não construída adopta o nome de terreiro de S. Luís. Perto deste existem as ruas das Parreiras, prolongamento da Travessa dos Frades. No Rossio das Freiras localizava-se a estalagem da vila e era zona de passagem de gados, estabelecendo a ligação dos coutos para os pastos. A Carreira da Fonte Coberta ligava o rossio à Praça da Palha. A oeste da Praça principal situavam-se a R. de Cabo Verde, o Beco do Saco, antiga ruela fechada no século XVIII, a Rua das Caixas, a de Pedro Homem e o Adro dos Judeus.

A estrutura urbana da vila no princípio do século XIX segundo o mesmo autor, é pois um aglomerado de casas, sendo as dos proprietários, lavradores e alguma média burguesia de dois pisos, situadas nas artérias principais, com serviços próprios (saliente-se o número elevado de lagares, adegas e outros), e as dos trabalhadores ou pequenos artesãos, de piso térreos e situadas na periferia da vila, não apresentando uma estrutura densa, pois o casario era acompanhado de grandes quintais e hortas. Alguns arruamentos não servem casas mas servem de canais de conduta de água para rega de quintais e hortas no centro da vila. A Travessa da Água Vai e outras desapareceram posteriormente, ocupadas pelos quintais. Por vezes, com as mudanças introduzidas neste período, houve ruas que se reduziram a travessas, (casos referidos ao pé do castelo), e travessas que desapareceram ou foram reduzidas a becos (Beco do Saco). A vila nesta época era limitada a sul pela serra, com zona de olivais e pastoreio, entre as estradas de Beja e do Torrão. Desde a estrada de Beja até ao Convento do Calvário era limitada por antigos arruamentos, muito pouco urbanizados: a Carreira de Portel / Rua 5 de Outubro, desde o Terreiro dos Isentos até à Praça da Palha e a Carreira da Fonte Coberta. Do Rossio ao Adro dos Judeus o limite era estabelecido pelo caminho que ia para Vila Nova da Baronia. (a planta 1.1.4.3 é adaptação de uma apresentada pelo autor na referida monografia)

Bastante importante na organização urbanística e desenvolvimento de Viana do Alentejo foi a questão da água, e sua distribuição, que supõe-se ser uma das bases do traçado viário da povoação. A Fonte da Praça, que é integrada nos Paços do Concelho no século XVII, recebe de diversas fontes já referidas, abastecendo a população das

casas e ruas envolventes e é distribuída "aos giros", pelas hortas e quintais das proximidades. tendo sido feita, neste século, uma canalização e bebedouro para animais. Datam de duzentos anos antes as primeiras posturas municipais que regulamentam esta assunto, acatadas pela população de forma pouco rigorosa e que foram sendo repetidas ao longo dos tempos:

"...qualquer pessoa que fizer sujidade na fonte da praça...
...qualquer pessoa que lavar à bica da dita fonte louças, panelas, tigelas e roupa...
...qualquer pessoa que meter na dita fonte talha ou vasilha suja ou de fogo...
...qualquer pessoa que der a beber a animais na dita fonte ou cano dela desde a bica até cair fora da praça...
...qualquer pessoa que lavar tripas na dita fonte..."⁴⁰

As fontes mais antigas eram a Fonte Coberta, Fonte da Praça, Fonte da Figueira, referida no foral de D. Manuel I, e as Fonte Nova e Fonte Velha, situadas no arrabalde ocidente da vila. A Fonte Coberta, situava-se em frente da Ermida de Nossa Senhora da Graça, e abastecia o Chafariz dos Escudeiros, tendo anexo bebedouro e lavadouro e distribuindo água para as hortas vizinhas. As Fontes das Freiras e Poço Novo foram abertas mais tarde, como já foi referido, datando a Fonte da Cruz de 1898 e o Chafariz da Praça da Palha de 1904.

A forma de distribuir a água dentro da vila, a partir da Fonte da Praça, processava-se do seguinte modo:

"...giros da água da fonte da praça na forma de repartição que de novo se emendou de que se teve notícia:

- 1º. À 2ª feira das matinas até às nove horas o quintal de Francisco Cabral
- 2º. No mesmo dia das nove até à uma da tarde o quintal de Gaspar Sousa Cabral
- 3º. No mesmo dia da uma da tarde até à noite o quintal de Maria Coelha
- 4º. E à noite a horta de Manuel Cardim
- 5º. A 3ª Feira todo o dia e noite João Ferragial da horta
- 6º. À 4ª até ao meio dia o quintal de Braz gdo.
- 7º. No mesmo dia do meio dia até à noite o quintal do Pe. Mel Velho
- 8º. À noite a horta de Manuel Cardim
- 9º. À 5ª até ao meio dia o quintal de Pedro Afonso
- 10º. No mesmo dia do meio dia até à noite o quintal de Mel Sotto Maior
- 11º. E de noite até 6ª Feira todo o dia a horta de João Ferreira
- 12º. 6ª Feira à noite e Sábado todo o dia a horta de Mel Cardim
- 13º. Sábado à noite até Domingo ao meio dia a horta de João Ferreira
- 14º. Domingo do meio dia até à noite a horta de Mel Cardim..."⁴¹

Pode-se pois considerar que os três pólos dinamizadores do espaço urbano, definidos no início deste capítulo, o castelo a as ermidas de Nossa Senhora das Graças e de Santo Aleixo, posteriormente denominada de S. João, demolida para dar lugar à construção de uma escola primária, permaneceram nos limites da povoação, estabelecendo, nas suas ligações, a estrutura urbana existente. A vila desenvolveu-se segundo um eixo de simetria, a Rua Cândido dos Reis, tendo como limite da mesma a Ermida de Nossa Senhora das Graças. Data de meados deste século o arranjo de uma área de "Passeio Público", murada, destinada à elite da vila e situada defronte do hospital da vila.

⁴⁰- *Postura da Câmara desta Vila de Viana, fl. 6 Vº, 1693, cit. João de Sousa, (1984:54)*

⁴¹- Fl. 79, Vº, Regulamento da Câmara, s.d., cit. por João de Sousa (1984:55)

O cemitério é instalado dentro da cerca (1840), obstruindo parte dos antigos paços do concelho, e adaptando a Ermida de Nossa Senhora da Assunção a capela funerária. Esta adaptação é efectuada depois da saída da Misericórdia, que ocupa novas instalações na Rua Cândido dos Reis. Este equipamento é posteriormente instalado na periferia da vila, em torno da Ermida de Santo André, por iniciativa do Médico Sousa.

As estradas que servem a vila são arranjadas, com macadame (1853), e a estação do comboio (1864, com uma nova gare construída em 1892) é implantada a três quilómetros de distância, e como tal não influencia o seu crescimento urbano. Perto da Ermida de S. Sebastião, a caminho da gare, instalam-se diversos equipamentos industriais. O encerramento dos seus dois conventos, após a extinção das ordens religiosas, também não causa efeito na estrutura urbana existente: o de S. Francisco é reaproveitado para instituição de carácter social, sendo sede da primeira creche operária do país, o do Calvário é deixado ao abandono, até aos nossos dias.

Como já foi referido, um aspecto relevante de Viana neste século são a série de iniciativas, de índole económicas e sociais, que se pensa serem importantes mencionar, pois são pioneiras na vida da região, e alguma são-no mesmo a nível nacional:

Os coutos (João de Sousa:1985), eram administrados pelos municípios. e abrangiam uma área à volta de Viana de cerca de dois quilómetros de raio, abarcando hortas, vinhas, olivais, courelas, ferragiais e baldios. Em 1811 as terras do concelho já estão, em parte, divididas em pequenas propriedades, mas são obrigadas a obedecer às regras da agricultura tradicional e da organização agrícola comunitária- a agricultura alterna com o pastoreio, sendo as hortas e tapadas muradas para se defenderem deste último.

Em 1820 regime jurídico altera-se, mas a tradição da ocupação das terras mantém-se; os baldios, coutos e courelas aforados ou vendidos tornam-se propriedade da classe dominante, que conseguem ir juntando grandes áreas de terra pois têm maior poder de compra. Em 1811, vinte e oito proprietários, com mais de dois prédios urbanos, detêm duzentas e cinco fazendas, em 1825, setenta proprietários, nas mesmas condições, detêm 320 (metade das registadas).

Em 1881 a Herdade do Palanque ingressa no fundo do Instituto de Caridade e Beneficência, cujos estatutos a proibem da posse de bens imóveis; a população solicita que a propriedade seja dividida em courelas e vendida em hasta pública, alegando o seguinte:

"...será de salutar efeito que os jornaleiros desta terra, neste ano calamitoso pela falta de colheita de azeitona e cereais e outros frutos, o que enche de angústia a todos os que olham o futuro..."⁴²

A herdade foi dividida em cento e vinte e uma courelas, sendo os compradores obrigados a plantar vinha, cuja plantação tinha entrado em declínio- obteve-se como resultado uma mão de obra mais barata, um aumento da área de cultura e do nível de vida, incrementando-se simultaneamente a plantação do vinhedo. Num requerimento de agricultores, datado de 1887 e dirigido ao Município, são defendidos os resultados do parcelamento realizado:

⁴²- cit. por João de Sousa (1985)

"...actualmente a herdade ocupa milhares de braços por ano, proporcionando trabalho exactamente naquelas épocas em que os grandes proprietários não dão serviço aos trabalhadores...o seu rendimento hoje é repartido por dezenas de famílias, tendo com isso aumentado consideravelmente a fortuna e o bem estar das classes pobres e remediadas, sem prejuízos nem diminuição do rendimento dos grandes proprietários..."⁴³

Em 1888 o Instituto da Caridade recebe a Herdade de Cegagatos, e decide fazer o seu parcelamento, mas a respectiva autorização só é obtida em 1892, vendendo um ano depois cento e nove glebas. No entanto o espírito de divisão já não é o mesmo, sendo a maioria dos compradores proprietários, comerciantes e lavradores e a área das parcelas aumentando para um valor superior a um hectare. Esta divisão de terras é bem aceite pelos latifundiários, pelas razões acima referidas, mas que no entanto não autorizam a divisão das suas propriedades, como refere Miriam Pereira:

"...a divisão da propriedade não era pois desejada senão dentro de limites muito precisos..."⁴⁴

António Isidoro de Sousa apresenta em 1893 um projecto de colonização, baseado sobretudo em aspectos fundamentais, mencionados por João de Sousa: "*da introdução de novas culturas, do arroteamento dos incultos e da divisão da propriedade*", defendendo também a ideia, totalmente inovadora, que as terras dedicadas à pastorícia não são improdutivas, ao contrário do que se pensava na época. Ele propõe, nesta data, a expropriação de

"terrenos incultos contíguos aos coutos das povoações, a sua divisão e venda em glebas não inferiores a um hectare, e a criação de empresas colonizadoras, dinamizadoras do processos, que adquirissem terrenos incultos e promovessem a sua divisão, arroteamento e posterior entrega das glebas a colonos que asexplorariam em regime de parceria"⁴⁵

Esta proposta nunca foi adoptada, embora Bernardino Machado autorizasse o aforamento de terras pertencentes ao estado, nunca concretizado, no entanto. António Isidoro de Sousa, em nome da União Vinícola e Oleícola do Sul, de que é dirigente, pede um empréstimo para promover a colonização, que não lhe é concedido; será esta a última tentativa de parcelamento de terras até 1914, ano em que se realiza a venda de terras legadas à Misericórdia de Viana; em 1920 promove-se uma nova divisão de terras do Instituto de Caridade e em 1925 é dividida uma pequena propriedade, da iniciativa de um particular.

Em todo este processo de parcelamento, a cultura da vinha foi bastante intensificada, cultura esta que até ao momento no Alentejo estava ligada à exploração da pequena propriedade. Quando a mesma começa no concelho, Viana não tem condições para produzir vinho de qualidade. Em 1892 foi fundada a União Vinícola e Oleícola do Sul, já referida, que vai gerir todo o processo de fabrico e distribuição dos vinhos de Viana e da região sul do Alentejo, ideia de Isidoro de Sousa desde 1888. Este projecto prevê a criação de uma adega, de um lagar social, (ideia precursora na altura), e a fundação de um viveiro de cepas e de oliveiras, com depósito para adubos e insecticidas, e o desenvolvimento do crédito pessoal e agrícola.

⁴³- cit. por João de Sousa, (1985:10)

⁴⁴- Miriam Halpen Pereira, *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico*, p. 337, cit. por João de Sousa, (1985:17)

⁴⁵João de Sousa (1985:20)

"pretende-se promover, por todos os meios ao seu alcance o alargamento e aperfeiçoamento da cultura da vinha e do olival ao sul do país...",⁴⁶

A ideia foi extremamente inovadora, embora a maioria dos sócios da cooperativa fossem da classe dominante. O viveiro, sempre deficitário, introduziu novas espécies como "a vinha americana, a amendoeira e o castanheiro", além de introduzir o uso dos adubos químicos, insecticidas e maquinaria agrícola, ainda raros na região.

A Adega Social, primeira no país, é instalada ao lado da estação de caminhos de ferro, sendo apoiada por Bernardino Machado e inaugurado pelo rei D. Carlos. Quando o ministro deixa o lugar, a adega perde o seu principal apoiante, e entra em dificuldades financeiras; as obras não passam da primeira fase, e o início da laboração atrasa-se, só arrancando em 1897. Em 1901, devido à escassez do mercado, pois a produção de vinha no país começa a ser demasiada, o produto desvaloriza-se, e a adega entra em declínio, trabalhando até 1911, data em que é vendida em hasta pública. O viveiro passa ao Estado, sendo arrendado a um pequeno proprietário em 1909.

Todas estas mudanças sociais e económicas passaram por uma animação da vida urbana, que se reflectiu em diversos aspectos, existindo desde 1840 uma série de iniciativas privadas, que muito contribuíram para a alteração das condições de vida dos habitantes da vila:

A Sociedade Vianense é fundada em 1840, embora mantivesse um teatro em funcionamento desde 1838. Destinava-se às classes dominantes, com salas de jogo e de leitura, e uma biblioteca e possuía uma banda filarmónica sempre em rivalidade com uma outra existente, ocasionando grandes disputas na passagem das procissões. No final do século aceitou o ingresso da pequena burguesia, e no dizer de João de Sousa (1993:40):

"...este grupo tomará a direcção da associação recreativa Sociedade Vianense, a partir de 1900, afastando a pequena elite dos abastados. Opõe-se aos comerciantes e lavradores; adere à democracia, cultiva a leitura e o debate político, faz chegar às pequenas bibliotecas locais as grandes obras do romantismo e do realismo, os compêndios de história e os jornais. Surge o sapateiro filósofo, o carpinteiro músico, o funcionário orador."

A Fundação da Associação Jesus, Maria e José, associação de caridade de Viana, é fundada em 1840. (As confrarias vão desaparecendo, sendo substituídas por este tipo de sociedades), datando de 1848 a fundação do Instituto de Caridade, destinado a assistência infantil dos três aos sete anos, posteriormente anexado à Escola Primária. É também hospício para lázaros, escola infantil e Monte Pio, e instala-se numa casa apalaçada do século XVIII na Rua Padre António da Cruz, nº 54/ 56. Em 1866 é instituída a Associação da Caridade, por Maria José de Sousa, mulher do médico Sousa, que segundo Gabriel Pereira (1933:465) se propõe:

"... Promover com eficácia a conveniente instrução e moralidade das classes operárias, coadjuvar os estabelecimentos de beneficência, fundar uma biblioteca; promover a frequência regular das escolas; fundar uma creche ou albergue infantil para recolher durante o dia criancinhas enquanto as suas mães estão empregadas em trabalhos do campo; socorrer, mas de modo a jamais fomentar o vício, nem favorecer a preguiça e a ociosidade."

Estes movimento de caridade são saudados em artigo aparecido na "Gazeta de Portugal" de 1889, da seguinte forma:

⁴⁶cit. por João de Sousa (1985:40)

"...Em Lisboa, como em muitas outras cidades, exerce-se a caridade, mas não como em Viana do Alentejo...

...A miséria ali desapareceu; não escorraçada pelos criados dos ricos, ...mas acolhidas por estes que com ela repartem os bens que possuem...

...Todos eles, desde que nascem, encontram o carinho, o agasalho, tudo enfim que a muitos faltaria nas maiores cidades, naquelas que mais proporções poderiam ter para bem imitarem aquela pequena vila alentejana.

...possui esta vila admiráveis instituições de beneficência..."⁴⁷

Iniciativa de Isidoro de Sousa, a escola oficina "Médico Sousa", que promovia o ensino técnico no concelho, é inaugurada em 1894, com a secção do ensino de olaria. Instalou-se na Ermida do Espírito Santo, (para tal foi destruída a sacristia, casa do ermitão e cruz), mudando-se depois para o Rossio do Mosteiro. Propriedade da Cooperativa, passa para o estado em 1901, sendo integrada na Escola Comercial e Industrial de Évora em 1948.

A Comissão dos Pastos, outra organização importante da vila, foi instituída em 1896, a pedido da câmara, que solicita aos lavradores a administração dos coutos, dado não ter a mesma disponibilidade para tal. Instalada em 1896, é dirigida por António Isidoro de Sousa, que alugando os pastos obtinha receitas com que financiava obras da edilidade: instalação da iluminação pública, lugares de guardas rurais, construção de caminhos vicinais; esta comissão vai sempre funcionar com grandes querelas internas, até à sua extinção em 1930.

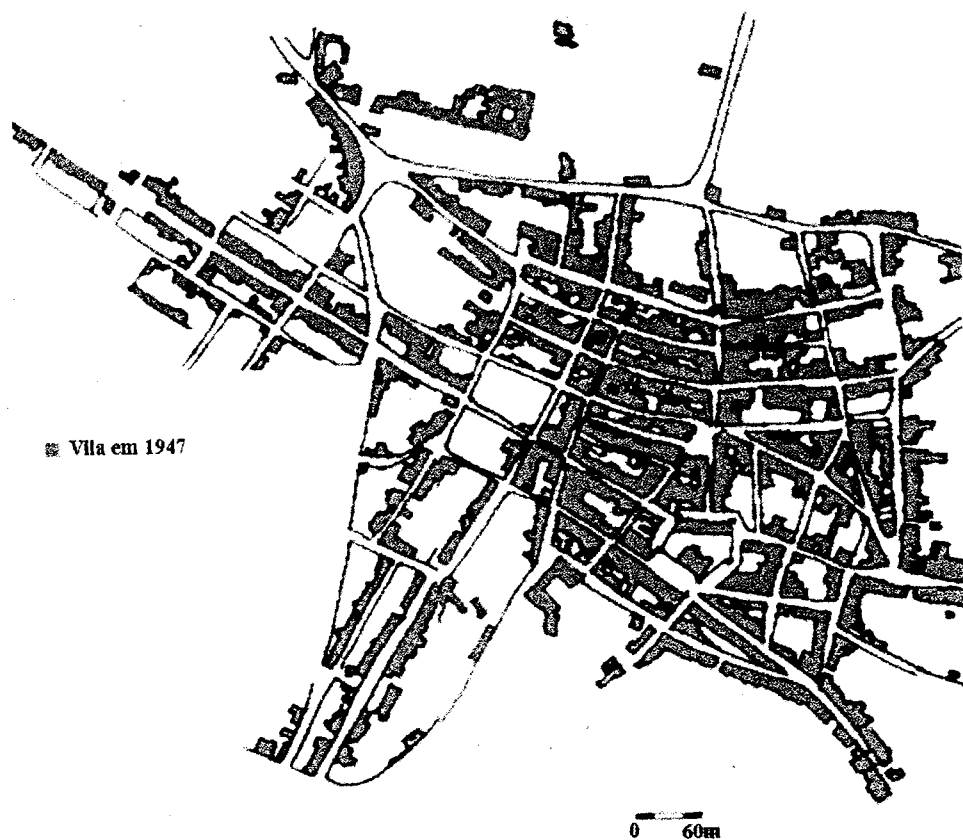
A fundação da Caixa Económica Operária Isidoro de Sousa data de 1899, destinando-se exclusivamente a servir a classe operária. Mantinha um estabelecimento de consumo, fazia empréstimos aos sócios e promovia actividades profissionais e culturais, como cursos nocturnos de alfabetização.

No século XX existem a Associação de Classe dos Trabalhadores Vianenses, a Associação de Socorros Mútuos Fraternidade e União, a Caixa de Socorros Fernando de Sousa, a Caixa de Crédito Agrícola, datando de 1911 o Sindicato Agrícola.

Em 1902 morre no Convento do Calvário a última freira, com encerramento e selagem do edifício; em 1872 ainda haviam vinte e quatro freiras de clausura e em 1901 houve queixas que a freira residente vendia os bens à sua guarda. Compunha-se de grande número de divisões, igreja forrada a azulejos, claustro, duas cercas com árvores de fruta e água nativa, duas noras de ferro e diversos tanques.

Os loteamentos da Serrinha e do Altinho, (o baldio da Serrinha foi dividido em oitenta e dois lotes para habitação em 1898) desenvolvem-se a partir de uma via que prolonga a Rua Eusébio Lobo, proveniente do castelo, segundo uma malha ortogonal que adopta o modelo do tecido urbano existente. Entre este loteamento e a vila perduram lotes de terreno de forma irregular, ainda hoje desocupadas e de baixa densidade, em relação ao preexistente. Esta extensão urbana é destinada a classes mais desfavorecidas da população, e pela toponímia das suas ruas, pode-se supor ter sido iniciativa privada de família importante da região. (são apelidadas na vila de "Casas dos Pobres")

⁴⁷cit. em "A caridade em Viana do Alentejo", in *Album alentejano* (1933:468)



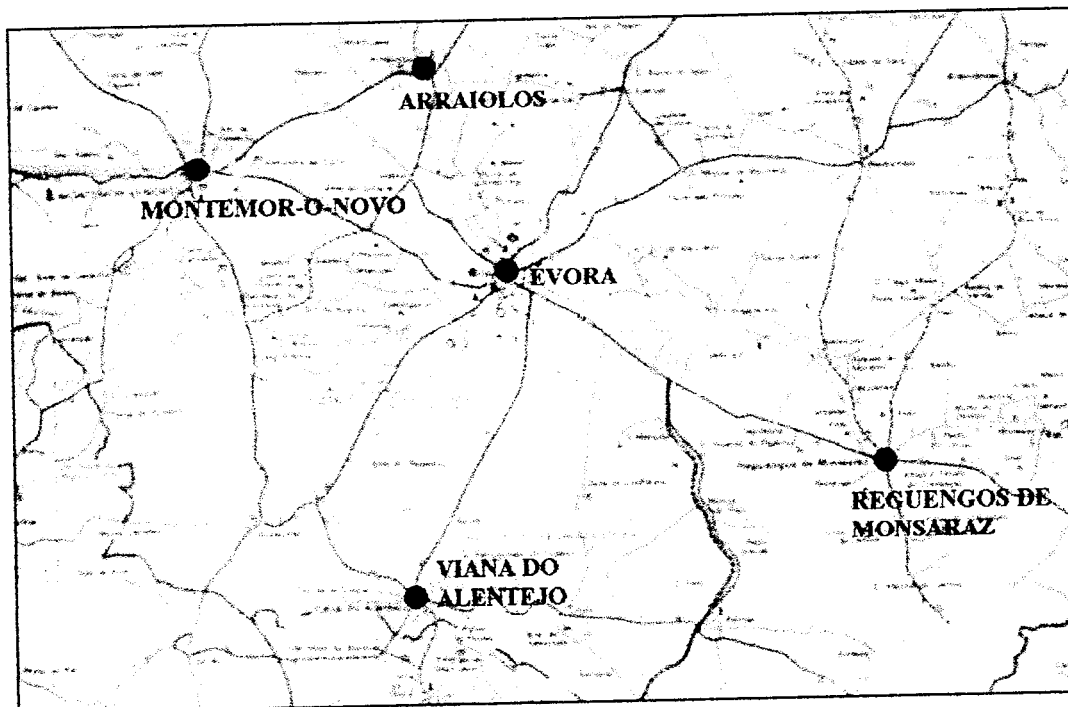
Planta 1.1.4.4- A vila em 1947

A vila permanece, até aos anos sessenta do nosso século, com a mesma estrutura urbana, pouco modificada: os quarteirões vão-se densificar, embora ainda se encontrem bastantes vestígios da antiga ocupação habitação/serviços agrícolas. as intervenções dos Monumentos Nacionais incidiram sobre o monumento "castelo", restituindo-lhe, segundo Túlio Espanca (1978.439), alguns dos seus elementos originais.

"...a fachada sul do pavilhão da Mesa, (cartório e depois Livraria do Cônego Martins Mouron, obra de uma reforma do século XVIII, sofreu *grande diminuição dos seus volumes* durante os últimos trabalhos públicos, sendo restituída às suas características originais...concedendo-se ao edifício um pitoresco e movimentação arquitectónica até então afogada em exércências utilitárias, mas desconexas..."

1.2- Análise comparativa das diversas formas de crescimento urbano analisadas

Os quatro aglomerados analisados situam-se no distrito de Évora, tendo sido critério de selecção dos mesmos a sua posição relativa ao centro do território. A síntese conjunta a realizar pousa alguns problemas, apresentando os nucleos características históricas e urbanas distintas, tendo como consequência imediata níveis de desenvolvimento diferenciados quer no espaço, quer no tempo.



Planta 1.2.1- Posição relativa dos quatro aglomerados

A primeira característica a referir será a relação ao sítio onde as povoações se implantaram: todas elas se situam em pontos de cruzamento de vias de comunicação, estando Montemor na posição mais favorável, no cruzamento do caminho proveniente de Lisboa em direcção a Elvas com a via que ligava Santarém a Alcacer do Sal. Arraiolos, a partir do século XIV, é também ponto de passagem do eixo principal atrás referido. Viana encontra-se sobre antigas estradas que ligava o sul do Alentejo a Lisboa e Setúbal - a primeira ia a Aldeia Galega, via Montemor com ligação fluvial a Lisboa, a segunda seguia por Alcaçovas e Torrão a Porto Rei, com ligação fluvial a Setúbal, segundo Sousa (1993:45) e por ela também passava a canada real, caminho de transumância de gados entre as pastagens do norte e do sul do país. Posteriormente Reguengos escolhe um ponto de ligação entre praças fortes de importância estratégica da altura.

O elemento relevo terá sido de enorme importância no caso de Montemor, implantado num sítio alcandorado e no de Arraiolos, ambos dominando visualmente a peneplanície. No primeiro caso existiu anterior ocupação árabe, sendo a cerca reconstruída sobre uma existente, arrasada durante as guerras da Reconquista. A segunda foi construída sobre um antigo castro, não ocupado pelos povos romanos ou árabes. Ambos se adaptam ao relevo onde estão implantados, variando a forma devido à diferença de dimensão que apresentam: Arraiolos, mais pequeno, é de forma

arredondada pois ocupa uma só elevação, Montemor tem forma triangular pois espalha-se sobre três colinas contíguas.

O recinto fortificado de Viana situa-se no sopé de uma colina, ocupada unicamente por ermidas e fontes, o que leva a supor que a escolha do sítio terá sido mais influenciada pelo factor hídrico; a sua cerca, de dimensões reduzidas, é de forma pentagonal e não apresenta características defensivas próprias deste género de construções.

Reguengos, embora situado em plena planície, não se pode deixar de ligar a Monsaraz, sítio defensivo por excelência: será este que irá influenciar, por contradição, a escolha de um sítio onde o relevo é praticamente inexistente.

De fundação mais antiga considera-se Montemor, única povoação de origem árabe; Arraiolos e Viana serão praticamente da mesma época, (a primeira ligeiramente mais antiga) e ambas são amuralhadas por ordem de D. Dinis, em seguimento da política de repovoamento iniciada por D. Afonso III. Túlio Espanca (1975:278) atribui também a reconstrução da muralha de Montemor ao mesmo monarca. Reguengos será a última vila a aparecer, havendo referências concretas a casario no fim do século XVII.

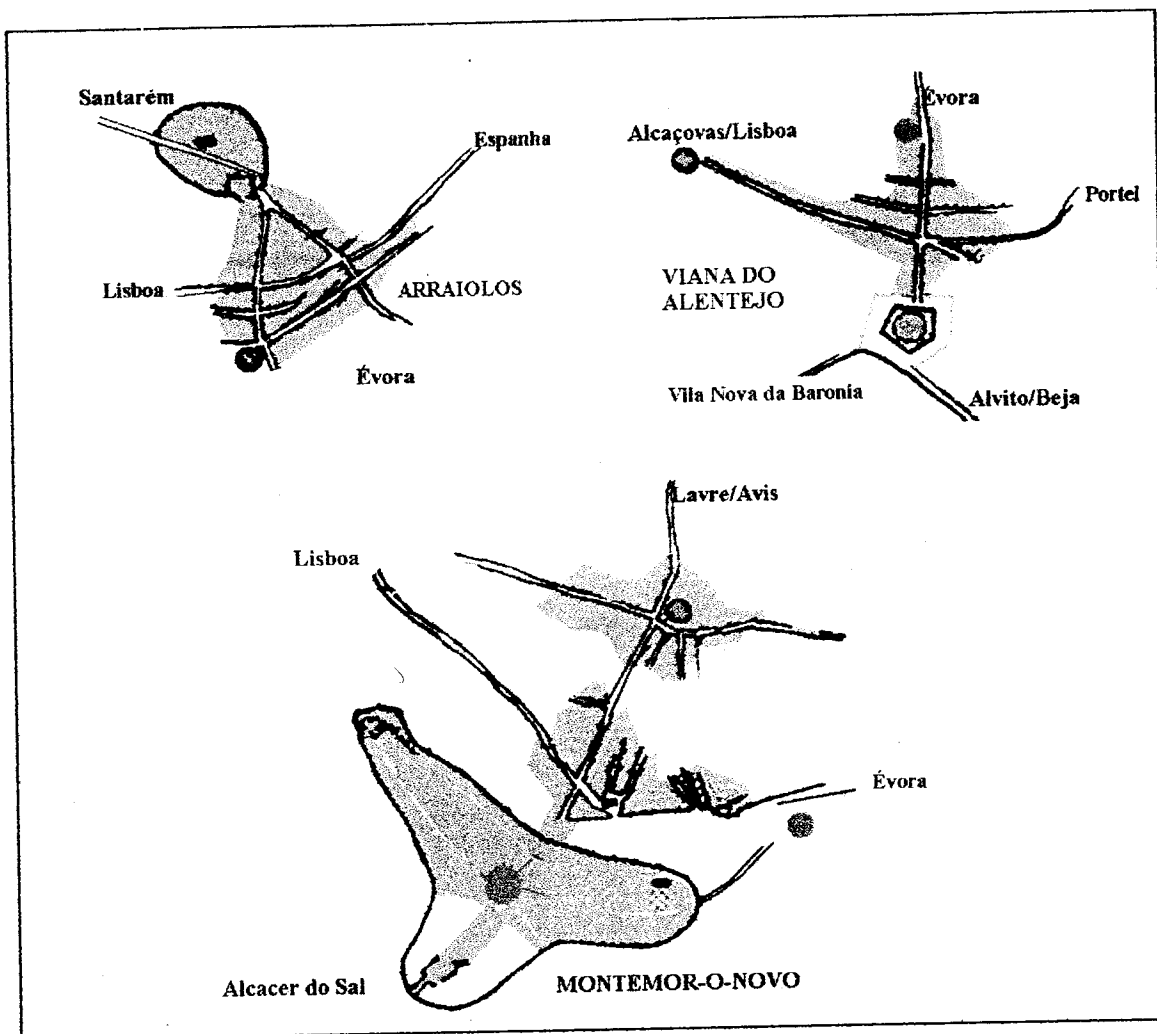
Em Montemor desde o século XII que é referido o arrabalde, "vila nova" entre o castelo e o acesso às vias de comunicação. O seu crescimento não conhece momentos de estagnação, havendo sempre um desenvolvimento urbano a processar-se, em direcção e na simetria das vias referidas, com gradual abandono do castelo e expansão do tecido urbano.

Arraiolos e Viana, do ponto de vista do seu crescimento, são dois povoados com características comuns, embora as suas fortificações não sejam de algum modo comparáveis: ambas crescem de forma evidente até meados do século XVII, fundando-se os últimos conventos nesta época, havendo uma posterior estagnação, que dura até aos anos vinte do nosso século. Reguengos, embora apareça tardiamente, terá um crescimento urbano apreciável, em parte devido à importância económica que representa na região, em parte por ser um local de instalação de estruturas urbanas já existentes, transferidas de Monsaraz.

O desenvolvimento de Montemor processa-se a partir de uma vila preexistente, murada e com características urbanas bem definidas, em comparação com as outras localidades em estudo. O crescimento do seu arrabalde irradia de dois pólos, a porta principal do castelo e uma ermida/albergaria, que se situa numa via de passagem a cota mais baixa que a via que serve a porta do castelo. A união entre estes dois pontos estabelece a via principal do arrabalde, no sentido norte/sul, assim como a sucessão de praças que a cortam. Os principais eixos de desenvolvimento serão as vias de comunicação que vão aparecendo, com conseqüente formação de malha urbana nos espaços assim defenidos.

No caso de Viana e Arraiolos, o desenvolvimento faz-se em torno de uma ermida, (o mesmo se observa, posteriormente, em Reguengos) que em conjunção com os recintos murados definem eixos de desenvolvimento a partir dos quais crescem as novas povoações. O desenvolvimento de Arraiolos passa por um povoamento no interior do recinto amuralhado, (que não existirá em Viana), e conseqüente abandono do mesmo. O crescimento processa-se de modo natural, na encosta sul do castelo, procurando o

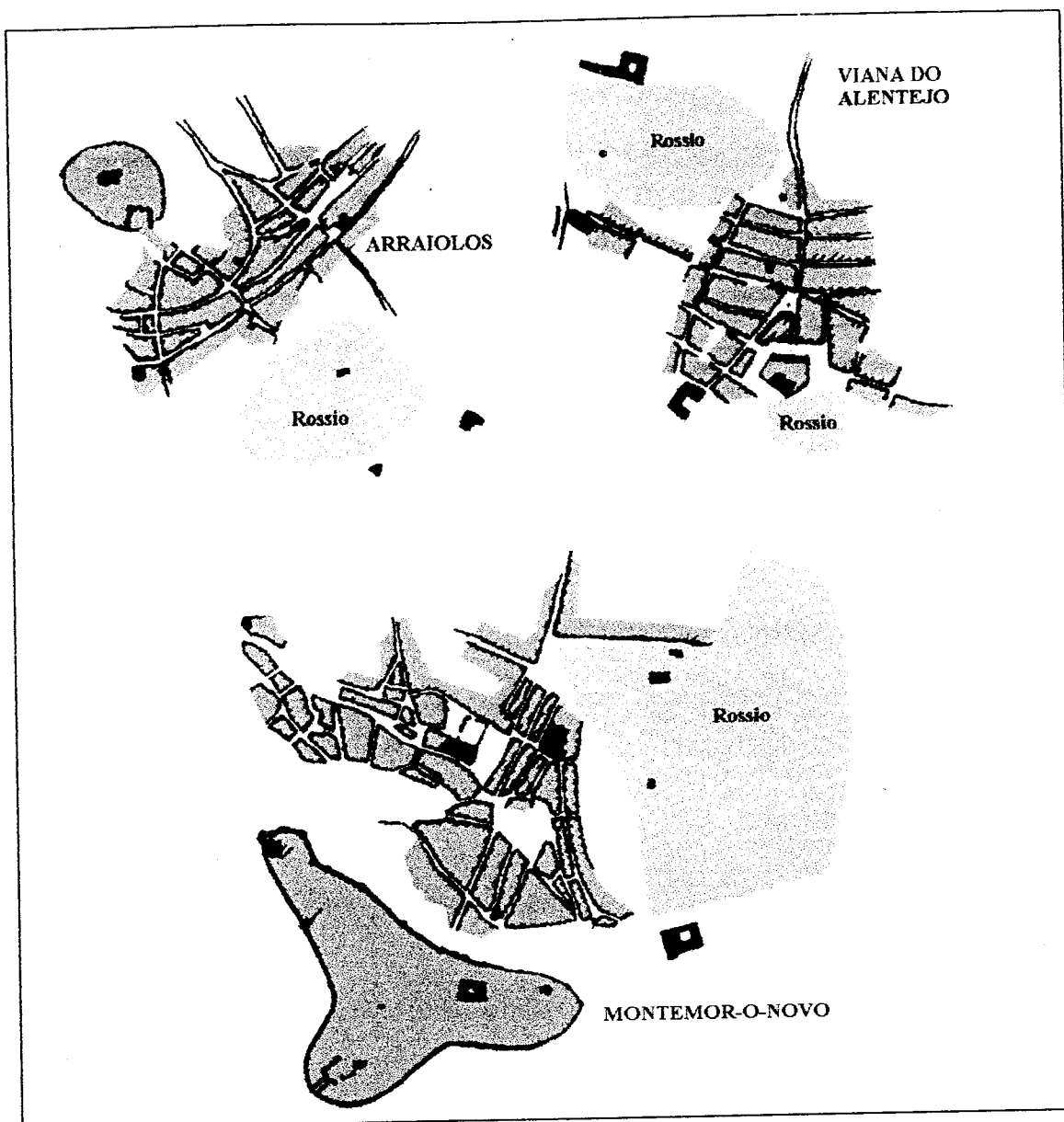
relevo menos acentuado e a exposição mais favorável. Em Viana o eixo dinamizador estrutura de imediato uma malha urbana regular e definida, organizada a partir da praça principal, que se mantém inalterável até aos nossos dias.



Plantas 1.2.2- Séculos XIV e XV

Os séculos XVI e XVII são os períodos em que Arraiolos e Viana tomam a sua forma urbana quase definitiva. Os seus principais equipamentos são construídos, tendo as sedes do poder municipal sido transferidas para edifícios situados nas respectivas praças principais, concretizando-se desta forma a separação entre o poder religioso e civil a nível das urbes (no primeiro caso a matriz situa-se no extremo oposto da localidade, no segundo caso dentro do recinto limitado pela cerca medieval).

Montemor define-se como uma vila de encosta, voltada a norte, sobre eixos este/oeste, que vão descendo de cota sempre que a vila necessita de se expandir (em Arraiolos, a escala mais reduzida, o crescimento também se processa do mesmo modo). A ligação entre estes eixos, paralelos às curvas de nível, é constituída por ruelas íngremes e largos ou praças que compensam as diferenças de cota. Os seus equipamentos principais instalam-se perto destes arruamentos, por vezes modificando a sua estrutura inicial.

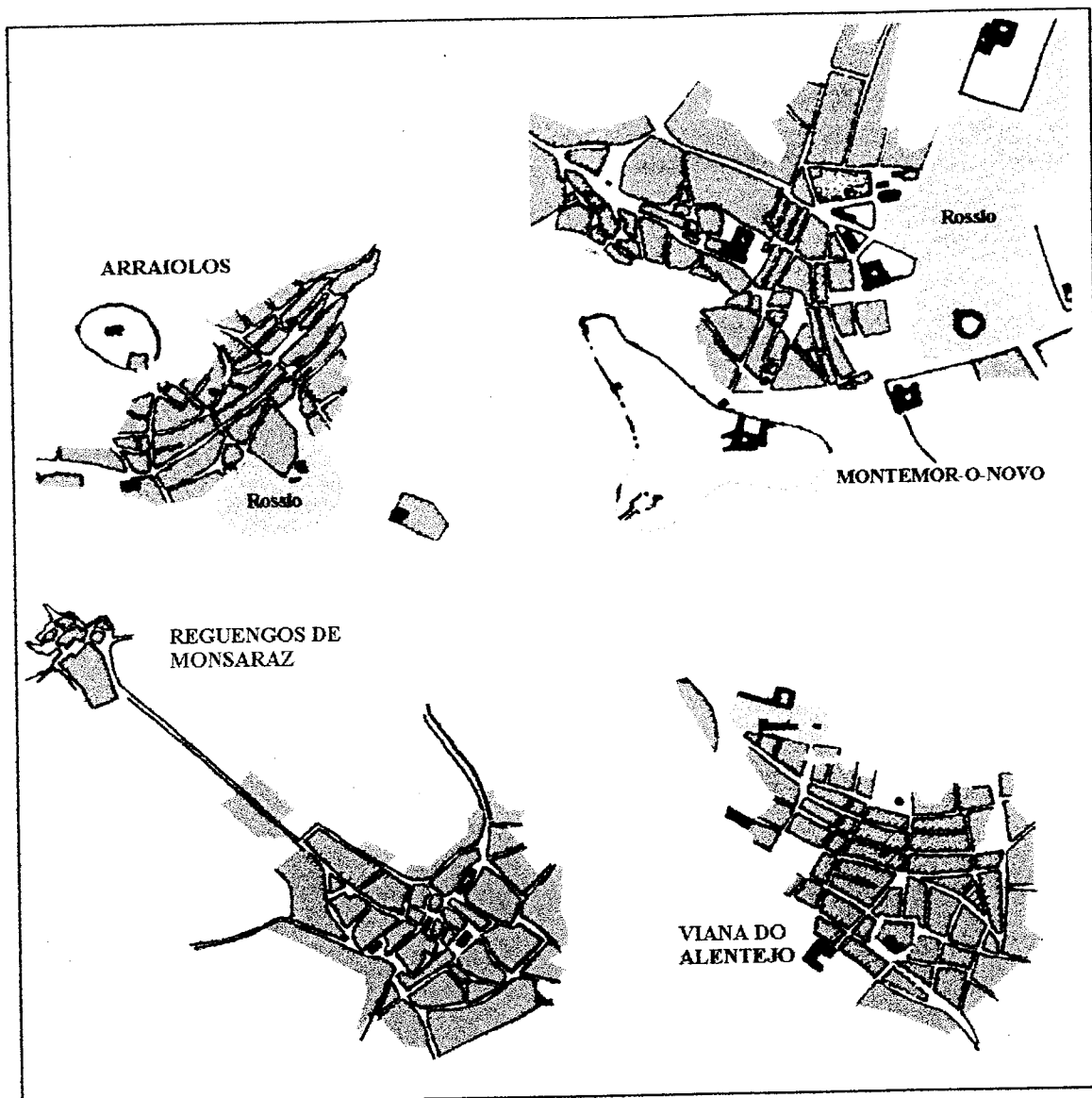


Plantas 1.2.3- Séculos XVI e XVII

Como característica comum terá que se referir o papel estruturante das ermidas, quer rurais quer urbanas, na organização do território dos povoados, assim como o aparecimentos dos rossios, como espaços urbanos de transição para o meio rural envolvente. As ermidas situam-se, ou na periferia dos espaços urbanos e definem a linha mental de separação campo-burgo, ou perto dos rossios, estabelecendo os seus limites e acompanhando, do ponto de vista religioso, as diversas actividades que aí se processam ao longo do ano, sejam elas o acantonamento de tropas, a passagem dos gados em transumância ou a realização de mercados e feiras sanzonais.

Nos séculos XVIII e XIX, das três vilas referidas até ao momento, só se observa uma expansão urbana continua em Montemor, que redimensiona os seus espaços procurando novos eixos de circulação e estende-se ao longo das vias de comunicação. Arraiolos e Viana consolidam a sua estrutura existente, sem no entanto a modificar significativamente. Durante o século XVIII deve-se referir a importância que tiveram a Ermida de Santo António em Arraiolos e o Santuário de Nossa Senhora de Aires, nos

arredores de Viana, verdadeiros "rossios" periféricos, que organizavam feiras francas de gado e romarias anuais, recintos que completavam os espaços urbanos das respectivas localidades próximas.



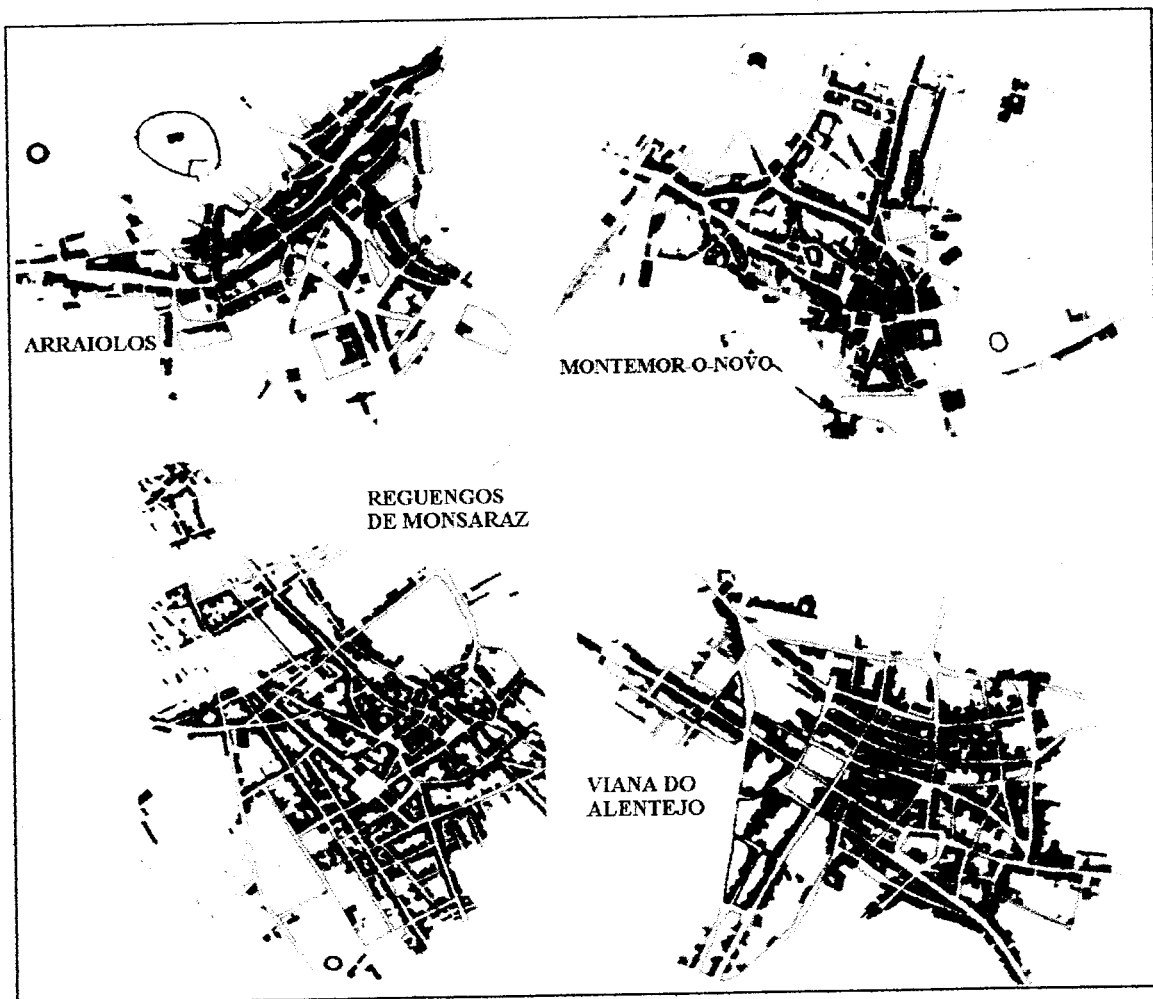
Plantas 1.2.4- Séculos XVIII e XIX

No final do século XVII surge Reguengos, sob a forma de dois núcleos distintos, Reguengos de Cima, menos importante, e Reguengos de Baixo, que cresce em torno de uma ermida. A sua estrutura urbana é bastante irregular, dominada pela implantação de grandes casas pertencentes à classe dominante da região, e estendendo-se pelos espaços vagos, segundo as necessidades do momento.

Nos finais do século XIX as quatro povoações sofrem modificações importantes, após o triunfo do liberalismo, do renovar de ideias que surge na época e consequente introdução de novas práticas na agricultura, tais como a incrementação do plantio da vinha e as primeiras campanhas do trigo. Influenciado por um cidadão eminente do burgo ou por uma "moda" de ocasião, o crescimento é acompanhado da construção ou adaptação dos conventos devolutos a equipamentos colectivos, que conferem novas imagens das povoações em geral: a instalação de cemitérios e hospitais modernos, o

aparecimento de escolas e instituições de beneficência para a primeira e terceira idade, o abrir de poços e calcetagem de ruas, são necessidades importantes desta época e que modificam a vida dos habitantes de numerosas povoações portuguesas.

Estes novos equipamentos instalam-se, por vezes, nos terrenos dos antigos rossios. Nos três casos analisados surgem zonas ajardinadas, constroem-se sedes de sociedades recreativas, ou de instituições públicas e loteamentos para habitação. São estas zonas que conservam, ainda hoje e sobretudo em Montemor, uma vocação de equipamentos públicos, sobretudo desportivos e escolares.



Plantas 1.2.5- As vilas em meados do século XX

Reguengos, que conhece um desenvolvimento urbano considerável, apresenta uma expansão urbana que quase duplica a sua área, adaptando para tal um traçado ortogonal rigoroso, ordenado por novos equipamentos de que a vila necessita para se afirmar como tal, afastando naturalmente para a periferia da aglomeração os dois núcleos primitivos. Comparando a sua planta nos anos quarenta com os outros casos estudados, verifica-se que é a vila com maior área construída, (embora não seja a mais densa), pois o seu desenvolvimento foi muito rápido, motivando um crescimento regular e estruturado.

Característico da mudança do século, é o aparecimento de unidades industriais, tais como moagens e matadouros, que adaptam edifícios antigos ou constroem novas

instalações, sem qualquer critério do ponto de vista urbano ou estético. (Em Arraiolos e Viana situam-se perto dos rossios, em Montemor a moagem instala-se no antigo Hospital do Espírito Santo)

O aparecimento do caminho de ferro não influencia Arraiolos e Viana, pois a gare situa-se a cerca de três quilómetros das povoações. Em Montemor e Reguengos, a estação situa-se perto do centro urbano e provoca o aparecimento de uma avenida de ligação ao centro, que pouco a pouco começa a ser construída. Constituem, em ambos os casos, uma barreira ao desenvolvimento urbano até aos nossos dias, tanto pelo "corte" que implica a implantação da linha férrea, como pela presença de equipamentos de apoio a indústrias e comércio, de dimensão variável, que criam uma dinâmica própria às respectivas zonas, característica dos "parques industriais". Em todos os casos se observa o que Jorge Gaspar (1972) afirma, a propósito da vila de Montemor:

"...De resto, como já tivemos ocasião de acentuar, o caminho de ferro tem um impacto muito reduzido no desenvolvimento das aglomerações, pois não foi acompanhado de industrialização nem de grandes inovações na agricultura, nem tão pouco de uma reestruturação do sistema de distribuição de bens..."

O mesmo não se pode dizer das vias de circulação, eixos de desenvolvimento em Montemor e sistema estruturante de Reguengos. Arraiolos, embora atravessado por uma estrada nacional não apresenta a sua estrutura urbana modificada por ela, e em Viana as vias não penetram no tecido urbano consolidado, mas são eixos dinamizadores do crescimento urbano actual, como será posteriormente analisado no ponto três deste trabalho.

1.3- Quadro comparativo das sínteses históricas

	ARRAIOLOS	MONTEMOR O NOVO	REGUENGOS DE MONSARAZ	VIANA DO ALENTEJO
<p>Ocupação Árabe</p> <p>Reconquista Cristã</p>	<p>1217- Doação da Herdade de Arraiolos por D. Afonso II ao Cabido da Sé</p>	<p>Cerca árabe com povoado no interior</p> <p>1166-Conquistado por D. Afonso Henriques</p> <p>1190- Reconquistado e arrasado pelos Almoadas</p> <p>1201-Foral de D.Sancho I</p> <p>1210-Ermida de S.Vicente</p> <p>1234- Paróquia de Sta.Maria da Vila</p> <p>1239- Reconstrução da igreja de Sta.Maria da Vila</p> <p>Ermida de St. António, no Rossio das Portas do Sol</p>		<p>D. Afonso II concede Foral a Gil Martins</p> <p>1269- Contrato entre Martins Gil e o Cabido da Sé</p> <p>Ermida de St. Aleixo</p>
<p>D.Dinis 1279-1325</p> <p>Séc.XIV</p>		<p>1280/1310- Reconstrução de grande parte da cerca</p> <p>1302- Referência às igrejas de S. João e S. Tiago</p> <p>1316- Referência à igreja de Sta. M. do Bispo</p> <p>Albergaria de St. André</p> <p>Ermida do Espírito Santo</p> <p>1345- Referência a dois palácios e à casa do pelourinho</p> <p>1354- Ermida e Hospital de St. André</p> <p>1378- Ermida de N.Sra. da Visitação</p> <p>s.d.- Ermida de S. Sebastião</p>		<p>1313- Carta de Foral Construção da cerca</p> <p>1357- Ermida de N.Sra. das Graças</p>

<p>Século XV</p>		<p>1443- Construção dos paços do concelho 1444- Construção da porta do Postigo 1451- Reparação de fortificações 1465- Ampliação do hospital de St. André 1470- Referência a ruas no arrabalde 1477- Presença significativa da judiaria 1485- Construção do açougue 1495- Fundação do convento de S. Francisco, na ermida de N.Sra. das Graças 1499- Reforço da defesa da Porta do Bispo</p>		<p>1473- Referência ao Chafariz das Hortas Obras de reconstrução na cerca</p>
<p>Manuel I</p>	<p>1511- Foral de D. Manuel I</p> <p>1523- Construção da forca 1524- Fundação da Misericórdia 1527- Convento dos Loios 1531- Construção do hospital do Espírito Santo 1532- Transferência dos paços do concelho para o arrabalde</p>	<p>1500- Início do convento da Saudação Referência a numerosas ruas no arrabalde 1503- Foral de D. Manuel I 1506- Dádivas do rei aos irmãos do Corpo de Deus, já tidos como Mesários da Misericórdia 1508- Privilégios aos moradores do castelo 1511- Reconstrução da igreja de N.Sra. da Vila</p> <p>1518- Hosp. de St. André e do Espírito Santo 1519- Construção do pelourinho</p> <p>1524- Obras na igreja de N.Sra. do Bispo</p> <p>1531- Obras de ampliação do hospital 1532- Sagração da igreja da Misericórdia</p>		<p>s.d.- Pelourinho</p> <p>1516- Misericórdia Construção de instalações 1517- Foral de D. Manuel I Reconstrução da ermida de N.Sra. das Graças</p> <p>1528- Início do convento de Jesus</p>

<p>Século XVI</p> <p>Ocupação Filipina</p>	<p>1550- Referências à ermida de S. Sebastião</p> <p>1569- Referência à ermida de S. Romão</p> <p>1580- Mudança de instalações da Misericórdia Construção da igreja</p> <p>1594- Reconstrução da ermida de St. António o Velho Obras na Matriz do Salvador Casa dos Arcos</p>	<p>1546- Sagração da igreja do convento de S. Francisco</p> <p>1557- Construção da igreja do Espírito Santo no hospital</p> <p>1559- Fundação do convento de S. Domingos</p> <p>1578- Início da Irmandade de N.Sra. da Luz, na ermida de N. Sra. da Paz</p> <p>1584- Sagração da igreja do convento de S. Domingos</p> <p>1585- Início do recolhimento de N.Sra. da Luz</p> <p>1592- Fundação da Confraria dos Passos e das Almas- origem da ermida do Calvário</p> <p>1594- Abertura da Rua Nova</p>		<p>1553- Fundação do convento de Jesus</p> <p>1590- Início da construção do convento de S. Francisco Construção da Fonte da Praça Fim do século: Ermida de S. Pedro Ermida do Espírito Santo Ermida de S. Sebastião Ermida de St. André</p>
<p>Século XVII</p> <p>Ocupação Filipina</p>	<p>1612- Fundação do convento de S. Francisco</p> <p>1613- Medidas contra o despovoamento do castelo</p> <p>1630 e 31- Obras na matriz do Salvador</p> <p>1634- Instalação do pelourinho na praça principal</p> <p>1640- Obras de emergência nas fortificações</p>	<p>1604- Início da aquisição de terrenos para instalação da Misericórdia</p> <p>1605- Construção do Cartulário</p> <p>1606- Obras de beneficiação na ermida de N.Sra. da Visitação</p> <p>1607- Enfermaria de mulheres no hospital de St. André Oratório do convento de S. João de Deus</p> <p>1623- Início da construção do convento de S. João de Deus</p> <p>1640- Últimas tentativas para repovoar a cerca</p>		

<p>Século XVII Guerra da Restauração</p>	<p>1655- Referências às ruínas da cerca</p> <p>Construção da Casa do Capitão -Mor</p>	<p>1658- Obras de restauro na igreja de N.Sra. do Bispo 1660- Últimas tentativas de repovoar o castelo 1664- Ordem para arranjo das fortificações 1668- Paz com Castela 1671- Fundação do convento de N.Sra. da Conceição, na ermida da Amieira</p> <p>1688- Ampliação da ermida do Calvário</p> <p>1695- Alvará para construção do Celeiro Comum</p>	<p>1680- Referência à ermida de St. António</p> <p>1690- Notícia de casario em torno da ermida</p>	<p>1652- Conclusão das obras do convento de S. Francisco</p> <p>1683- Construção dos paços do concelho e cadeia na praça principal 1693- Reconstrução das canalizações da fonte da praça Ermida de S. Vicente</p>
<p>Século XVIII</p>	<p>1703- Decide-se a reconstrução da matriz de N.Sra. dos Mártires</p> <p>1714- Instituição da feira franca de St. António</p> <p>1744- A ermida de St. António o Novo está em ruínas</p> <p>Construção da fonte do Povo, na ermida de St. António o Velho</p> <p>1754- Transferência da matriz para a igreja de N.Sra. dos Mártires</p>	<p>1715- Instalação do Celeiro Comum na praça Velha 1724- Cessam as reuniões da vereação dentro da cerca 1725- Mudança do Pelourinho para a praça Velha 1726- Licença para realizar mercado na praça Velha 1742- Almoçataria e açougue na praça Velha</p> <p>1746- Demolições e venda de terrenos dentro da cerca 1748- Ampliação do recolhimento de N.Sra. da Luz 1749- Mudança da câmara para a praça dos Álamos</p>	<p>1712- Menção à aldeia de Reguengos</p> <p>1752- Obras de ampliação na ermida de St. António</p>	<p>1708- Fundação da Confraria do Senhor dos Passos</p> <p>1751- Instituída a feira franca de N.Sra. de Aires</p>

<p>Século XVIII (cont.)</p>	<p>1755- Ruína da torre do castelo e porta da Vila</p>	<p>1755- Abandono da igreja de N. Sra. da Vila 1758- Ermida do Senhor Jesus das Necessidades 1759- Expropriação, por parte da câmara, do Paço dos Alcaides</p> <p>1781- Instalação da botica da Misericórdia</p> <p>1796- Obras na igreja de N. Sra. do Bispo Construção dos Passos Construção da casa dos milagres e sacristia na ermida de N. Sra. da Visitação</p>	<p>1785- Pedido de fundos a D. Maria para construção de uma nova igreja- são recusados</p> <p>Ampliação da ermida custeada pelos habitantes</p> <p>Fábrica dos Panos das Aldeias de Reguengos</p>	<p>1758- O convento de Cristo, o de S. Francisco e a ermida de N. Sra. das Graças estão rodeados de casario 1760- Sagração do santuário reconstruído de N. Sra. de Aires, com casa dos Milagres, das Confrarias e bloco residencial 1768- Construção da capela de St. António sobre a sacristia da Matriz</p>
<p>Ínicio do século XIX</p>	<p>1816- A ermida de S. Romão passa a ser denominada de N. Sra. dos Remédios 1825- Mudança da feira de St. António para o rossio de S. Romão 1833- O castelo serve de cemitério Inauguração da Mala Posta</p>	<p>1808- Assalto e saque pelas tropas do General Loison</p> <p>1816- Ruína de parte da muralha</p>		<p>1804- Instalação na cerca do cruzeiro proveniente de N. Sra. de Aires 1810- Obras de remodelação no convento de S. Francisco</p>
<p>Liberalismo</p>	<p>1834- Extinção do convento de S. Francisco e dos Loios</p>	<p>1834- Ocupação da vila pelo Duque de Saldanha Extinção dos conventos de S. Domingos, S. Francisco e S. João de Deus</p>	<p>1838- Reguengos de Cima e Reguengos de Baixo formam a Aldeia de Reguengos Transferência do poder municipal de Monsaraz para Reguengos</p>	<p>1834- Extinção do convento de S. Francisco</p>

<p>Século XIX (cont.)</p>	<p>1843- Aquisição pela câmara do convento de S. Francisco</p> <p>1849- A estrada Elvas-Montemor é reconstruída</p> <p>1870- Adaptação do convento de S. Francisco a cemitério público</p> <p>1874- A ermida do castelo é transformada em sede da irmandade do Senhor dos Passos Construção dos Passos</p>	<p>1843- A igreja de N.Sra. do Bispo é convertida em pedreira 1845- Instalação do cemitério público no convento de S. Francisco 1845/50- A matriz de N.Sra. da Vila e a de Santiago mudam-se para a igreja do Calvário</p> <p>1872- Obras no convento de S. João de Deus para instalação de repartições Mudança do hospital para o recolhimento de N.Sra. da Luz 1874- Determina-se da instalação de um asilo no convento da Saudação 1875- Desafecção da ermida de S. Simão</p> <p>1879- Arranjo do adro da igreja do Calvário 1881- Obras de beneficiação no novo hospital 1882- Inauguração do teatro, praça de touros e hospital 1889- Instalação da sociedade Carlista na antiga sede da Pedrista</p>	<p>1840- Aldeia elevada a Vila Nova de Reguengos</p> <p>1846- Instalação definitiva do poder local em Reguengos</p> <p>1869- Inauguração dos paços do concelho</p> <p>1871- Construção do hospital, de poços, do matadouro municipal, do cemitério e calcetagem de ruas Compra de ferragias à Casa de Bragança, transformados em glebas para plantação de vinha</p> <p>1875- A vila é cabeça de comarca 1877- Decisão de construir uma nova igreja</p> <p>1890- Aparecimento da filoxera</p>	<p>1840- Fundação da Associação Jesus Maria José Fundação Sociedade Vianense Instalação do cemitério no interior da cerca</p> <p>1853- Arranjo de algumas estradas do concelho em macadame 1859- Construção da capela do SS. Sacramento junto à cerca, no rossio de S. Luís 1864- Instalação do caminho de ferro</p> <p>1871- Instalação da farmácia da Misericórdia</p> <p>1881- Divisão da herdade do Palanque em courelas</p> <p>1884- Construção da zona central do rossio de S. Luís 1886- Criada a Comissão dos Pastos</p>
---------------------------	--	--	--	--

Final do século XIX		<p>1891- Inauguração da sede da sociedade Pedrista</p> <p>1893- Inauguração da moagem</p> <p>1896- Transformação da ermida do Senhor Jesus das Necessidades em carpintaria Abandono da ermida de N. Sra. da Paz</p>	1893- Alvará do sindicato agrícola de Reguengos	<p>1892- Fundação da União Vínicola e Oleícola do Sul</p> <p>1893- Parcelamento da herdade de Cegagatos</p> <p>1894- Inauguração da escola-oficina Médico de Sousa</p> <p>1896- Remodelação da Fonte das Freiras</p> <p>1897- Arranque da Adega Social Fonte da cruz</p> <p>1898- O baldio da Serrinha é loteado para construção</p> <p>1899- Fundação da Caixa Económica Operária Isidoro de Sousa</p>
Início do século XX	<p>1923- A vila tem 4059 habitantes, 2 cafés, 1 manufactura de tapetes e 1 moagem</p>	<p>1910- Arrasada a muralha entre a Porta do Anjo e a do Sol</p> <p>1914- Inauguração do asilo da Mendicidade, em parte do convento da Saudação</p> <p>1915- Inauguração da luz eléctrica</p> <p>1918- Mudança do asilo para um edifício perto da Torre do Relógio</p>	<p>1903- Autorizada a construção do caminho de ferro</p> <p>1904- Inauguração da luz eléctrica</p> <p>1908- São referidos a Harmonia de Música, o matadouro, um teatro de amadores, a Associação do Montepio e a Associação de Recreio Artístico</p> <p>1911- Inauguração da Caixa de Crédito Agrícola</p> <p>1912- Inauguração da nova igreja</p> <p>1913- Início da construção do caminho de ferro</p> <p>1915- Ordenada a demolição da igreja Velha de St. António</p> <p>1923- A vila tem 5124 habitantes, dois cafés, teatro e uma sala de cinema</p>	<p>1901- A escola oficina Médico Sousa passa para cooperativa do estado</p> <p>1902- Extinção do convento de Cristo</p> <p>1904- Construção do Chafariz da Água de Palha</p> <p>1911- Venda da adega social em hasta pública Sindicato Agrícola</p>

<p>Século XX (cont.)</p>	<p>1950- Intervenções no castelo realizadas pelos Monumentos Nacionais 1952- Restauro da ermida de St. António o Velho 1954- Obras de restauro na matriz</p>	<p>1927- A vila tem 9479 habitantes 1928- Reparação das cisternas, para servirem de reservatórios de água para a vila 1929- Restauro da Torre do Relógio, com levantamento de dois cubelos</p> <p>1941- O ciclone abate a cobertura da igreja de N. Sra. do Bispo 1950- Obras no convento de S. Francisco Restauro de parte do castelo</p> <p>1963- A ordem franciscana ocupa o convento da Saudação</p> <p>1972- O convento de S. Domingos é comprado pelo Grupo de Amigos de Montemor 1973- Mudança das franciscanas para imóvel na vila</p>	<p>1927- Referida a praça de touros</p>	<p>1927- A vila tem 3632 habitantes, incluindo Aguiar</p> <p>1930- Demolição da capela do SS. Sacramento</p> <p>1958- Intervenção dos Monumentos Nacionais: restauro de panos de muralha e do caminho da ronda 1960- Instalação da junta de freguesia na ermida de N.Sra. da Assunção Obras no convento de S. Francisco</p> <p>1972- Instalação da câmara na Rua Brito Camacho</p>
------------------------------	--	--	---	--

2- ANÁLISE MORFOLÓGICA

2.1- Delimitação da zona de estudo

O estudo realizado sobre as quatro localidades limita-se, no espaço e no tempo, às áreas construídas na década de 1940, marco importante na evolução urbana das mesmas, pois a partir desta época o crescimento urbano processa-se de forma mais dinâmica, modificando de modo significativo a respectiva escala urbana. As plantas 1.1.1.4, 1.1.2.4, 1.1.3.3 e 1.1.4.4 representam as povoações nesta data, e delimitam por consequência os respectivos perímetros urbanos.

2.2- Definição dos diversos níveis de abordagem

Na primeira elaboração de uma tipologia possível definiram-se diversos elementos urbanos isolados, ou considerados como elementos isolados, com funções idênticas: agruparam-se castelos, igrejas, ermidas, albergarias e misericórdias, conventos, símbolos do poder municipal e arquitectura civil. Com base nesta primeira subdivisão, localizaram-se os elementos no espaço tempo respectivo, com o auxílio do quadro 2.2.1, a partir do qual se realizou uma análise morfológica dos elementos aí referidos, pondo em evidência semelhanças e contrastes que levarão à elaboração de um quadro síntese, conclusivo da análise em curso.

Em seguida a análise morfológica debruçou-se sobre os diferentes tipos de edifícios de habitação e outros elementos urbanos, tais como fontes e chafarizes ou praças de touros de modo a realizar uma interligação destes elementos com a evolução urbana, estudada no ponto 1, definindo outros elementos de análise, para estudo da malha e da estrutura urbana.

Nesta parte do trabalho só se refere Reguengos de Monsaraz quando houver razão para tal, sem se lhe fazerem portanto referências sistemáticas.

Quadro 2.2.1- Elementos pontuais

	ARRAIOLOS	MONTEMOR -O-NOVO	REGUENGOS DE MONSARAZ	VIANA DO ALENTEJO
FORTIFI-CAÇÕES	1310 XVII Castelo em ruínas XVIII Ruína da torre do castelo e porta da Vila XIX Serve de cemitério XX Intervenções dos Monumentos Nacionais	1280- 1310 XVIII Demolições no castelo Venda de terrenos XIX Ruína de parte da muralha XX Partes da muralha são arrasadas Intervenções dos Monumentos Nacionais		1313 XIX Instalação do cemitério XX Intervenções dos Monumentos nacionais

<p>IGREJAS</p>	<p>1302- Matriz N.S. dos Mártires XIV M. do Salvador</p> <p>XVIII Reconstrução de N. Sra. dos Mártires</p> <p>XX Restauro da Matriz</p>	<p>1239- S.M. da Vila 1302- S. João e Santiago Sta. Maria do Bispo XVI N. Sra. da Vila XVII Restauro de N. Sra. do Bispo XVIII Abandono de N. Sra. da Vila XIX N. Sra. do Bispo convertida em pedreira Abandono de Sta. Maria da Vila e Santiago</p>	<p>XX Const. da Igr. de St. António</p>	<p>XVI Igreja Matriz</p> <p>XVIII Const. da capela de St. António XIX Const. da capela do S.S. Sacramento</p> <p>XX Demolição da capela do S. S. Sacramento</p>
----------------	---	--	---	---

<p>ERMIDAS</p>	<p>XVI S. Sebastião S. Romeiro St. António o Velho St. António o Novo</p> <p>XVIII Ruína de St. António, perto da Matriz</p> <p>XX Restauro da de St. António o Velho</p>	<p>1210- S. Vicente XIII- St. António XIV St. André(ext.) Espírito Santo N. Sra. da Visitação S. Sebastião N.Sra. das Graças XVI N. Sra. da Paz S. Pedro S. Lázaro</p> <p>XVII Obras na N. Sra. da Visitação Amieira Ampliação do Calvário XVIII Senhor Jesus das Necessidades Instalações em N. Sra. da Visitação</p>	<p>XVII St. António</p> <p>XVIII Ampliação da ermida de St. António</p> <p>XX Demolição da ermida St. António</p>	<p>XIII- St. Aleixo XIV N. Sra. da Graça Reconst. de N. Sra. da Graça</p> <p>XVI S. Pedro(na serra) Espírito Santo S. Sebastião St. André XVII S. Vicente Nossa Senhora da Assunção</p> <p>XVIII Construção do santuário de N. Sra. de Aires Sr. Jesus do Cruzeiro</p>
----------------	---	--	---	--

ALBERG. MISERIC.	<p>XV Confraria do Corpo de Deus</p> <p>XVI Misericórdia Hosp. Espírito Santo Instalações da Misericórdia e igreja</p> <p>XVIII Const. Passos da vila</p>	<p>XIV Espírito Santo e St. André</p> <p>XVI Misericórdia Hosp. St. André e Espírito Santo Igr. Misericórdia Igr. Espírito Santo</p> <p>XVII Const. das instalações da Misericórdia Aumento do hospital</p> <p>XVIII Const. Passos da vila</p>		<p>XII Albergaria dos Ovelheiros</p> <p>XVI Misericórdia</p>
---------------------	---	--	--	--

CONVEN TOS	<p>XVI Loios</p> <p>XVII S. Francisco</p> <p>XIX Inst. do cemitério no convento S. Francisco</p>	<p>XV S. Francisco</p> <p>XVI Saudação S. Domingos Recolhimento de N.Sra. da Luz</p> <p>XVII S. João de Deus N. Sra. da Conceição</p> <p>XVIII Ampliação do Rec. de N. Sra. da Luz</p> <p>XIX Inst. do cemitério no convento de S. Francisco Reconversão de S. João de Deus em repartições públicas Adaptação do Rec. N. Sra. da Luz a hospital Asilo no conv. da Saudação</p>		<p>XVI Convento de Jesus S. Francisco</p> <p>XIX Obras de remodelação no conv. S. Francisco</p>
---------------	--	--	--	---

ARQ. CIVIL	XVI Casa dos Arcos	XVI Paço da Quinta de S. Francisco		XVI Fonte da Praça
	XVIII Casa do Capitão Mor Fonte do Povo, em St. António o Velho Casa R. Rivara Solar Melo Mexia	XVII Celeiro Comum XVIII Horta do Chafariz do Pocinho	XVIII Fábricas de panos de Reguengos	XVII Reconstrução da fonte da praça
	XIX Fonte da pedra	XIX Teatro Praça de Touros Sociedades Pedrista e Carlista	XIX Hospital Matadouro Cemitério Casa Leal Casa Rojão	XIX Comboio Arranjo do rossio de S. Luís Remodelação da Fonte das Freiras Adega Social
			XX Caminho de ferro Praça de touros	XX Chafariz da Água de Palha

PODER MUNIC.		XIV Casa pelourinho		
		XV Paços Concelho (cerca)		
	XVI Paço do Concelho. no arrabalde	XVI Pelourinho(cerca)		
	XVII Pelourinho na Praça do arrabalde	XVIII Mudança do pelourinho para a Praça Velha Paços do Concelho na Pr. dos Álamos	XIX Paços do Concelho	XVII Paços do concelho e cadeia na praça principal
	XX Transf. paços do concelho	XX Reconst. dos paços do concelho		XX Tranf. dos paços do concelho

2.3- Análise morfológica de elementos pontuais da estrutura urbana

2.3.1.- Recintos Fortificados

Os três recintos murados das povoações em estudo, embora contemporâneos e construídos por ordem de D. Dinis, apresentam características totalmente distintas. A cerca de Montemor, reconstrução de uma outra de origem árabe, adopta certamente a forma da anterior, que lhe advém do terreno onde se implanta.

A fortificação da vila de Arraiolos deve a sua forma regular a ter sido implantado sobre um antigo "castro", cuja existência foi comprovado por vestígios aí encontrados em escavações arqueológicas. De forma também regular, pentagonal, é a cerca de Viana, implantado no sopé de uma elevação que domina a região, não apresentando características defensivas mas funcionando como residência senhorial, símbolo do poder vigente. Este último é o que vai aparecer integrado no tecido urbano, pois não tendo tido escala própria para admitir povoado no interior, muito naturalmente ocasiona uma povoação à sua volta, como foi referido no Ponto 1 deste trabalho.



2.3.1.1-Cerca de Montemor. Panorâmica geral



2.3.1.2- Cerca de Arraiolos. Panorâmica geral

Caso inverso é a muralha de Montemor, que serviu essencialmente como sistema defensivo, albergando no seu interior uma povoação organizada com todas as características da vida urbana da época. Na posição intermédia podemos colocar Arraiolos, que surge como fortificação por vontade real, perto de um pequeno aglomerado de casas (talvez uma sede de freguesia rural), preexistente. O mesmo é povoado, nas desde o início por vontade régia, preferindo os seus moradores habitar o arrabalde. O poder municipal alia-se ao poder militar, pois estava alojado (segundo Cunha Rivara em obra citada) numa torre da cerca, talvez na do Relógio.



2.3.1.3- Cerca de Viana. Panorâmica geral



2.3.1.4- Cerca de Viana e casario

A realçar também o domínio sobre a paisagem, dos sítios de Arraiolos e Montemor, o ver e o ser visto pela região que dominavam. Esta posição ainda hoje é sentida por qualquer viajante/visitante que se aproxime dos mesmos. O castelo de Viana, pelo contrário, tem que ser "procurado", não dominando o território que o envolve, e será ele, como já foi referido, o que mais estrutura o tecido urbano existente, pois o mesmo organiza-se de forma harmónica, havendo uma relação construído/castelo muito forte.



2.3.1.5- Cerca de Montemor e arrabalde



2.3.1.6- Cerca de Arraiolos e seu arrabalde

Em Montemor existiu também uma estrutura integrada no castelo, pois a vila antiga organizou-se dentro e segundo a forma da muralha, e o seu arrabalde, formado a partir da Porta da Vila, serviu de ligação natural do mesmo à estrada Lisboa/Madrid, procurando, como em Arraiolos, as curvas de nível menos acentuadas, sendo as ruas que partem das portas da cerca elementos de ligação entre os principais eixos da vila.^{1[1]}

2.3.2- As Igrejas

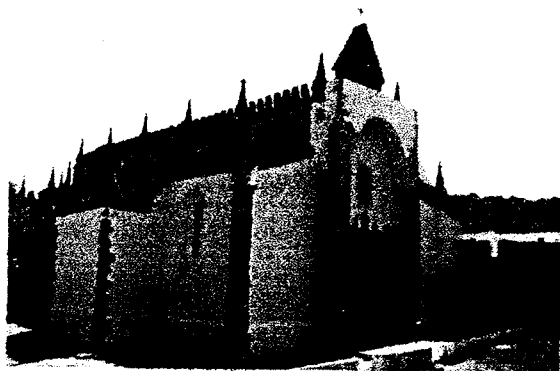
A igreja na sua forma tradicional, local de culto diário e sede de paróquia aparece bastante tarde como elemento urbano e arquitectónico, em vilas desta escala, sem poder económico nem população suficiente para construírem as enormes catedrais próprias da Idade Média Europeia.

A primeira igreja a referir pelo seu valor arquitectónico é a de Viana do Alentejo, monumento primordial do "estilo manuelino", implantada no interior do castelo medieval. Supõe-se que foi construída no local onde existia uma igreja anterior, que havia substituído a Ermida de Santo Aleixo como sede de Freguesia. A implantação da igreja matriz no interior da cerca, a par do paço senhorial é o sinal precursor da mudança de função que este espaço vai sofrer ao longo dos tempos, referida no Ponto 1 do trabalho. Esta igreja talvez tenha tido paralelo, a nível estético e volumétrico, com a matriz de Nossa Senhora do Bispo em Montemor, implantada no interior do castelo e sede da maior freguesia da vila. Esta igreja, fundada logo após a Reconquista, foi refeita e aumentada diversas vezes ao longo dos tempos, e dela resta hoje uma ruína imponente.

Dentro da cerca de Montemor também se sabe da existência da igreja de Nossa Senhora da Vila, construída sobre a antiga mesquita na época da Reconquista, sendo sua localização desconhecida, como foi referido na primeira parte deste trabalho.

¹- Ver plantas da evolução histórica números 1.1.1.1, 1.1.2.1, 1.1.4.1 e 1.2.2

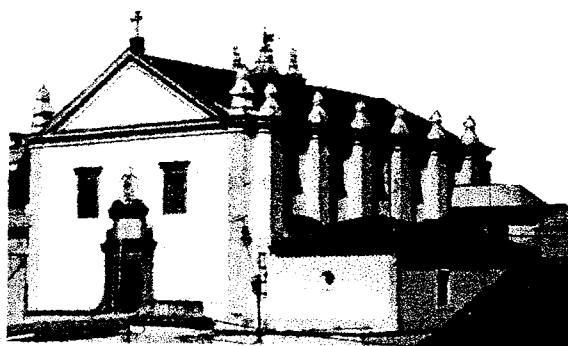
Em Arraiolos, as suas duas igrejas, de Nossa Senhora dos Mártires na povoação e Calvário no interior da cerca, alternam a função de matriz ao longo da sua história. Será a primeira, reconstruída no século XVIII, que continua actualmente a função herdada do burgo primitivo, anterior à fundação do castelo. A segunda transforma-se em ermida, sede da Confraria do Senhor dos Passos, e ilustra a transição difícil de estabelecer entre a função de ermida e igreja, dado que neste trabalho se considera que à igreja lhe advém a particularidade de culto diário, subjacente à função paroquial.



2.3.2.1- Matriz de Viana do Alentejo



2.3.2.2- Ruína da Ig. de N. Sr.ª do Bispo. Montemor



2.3.2.3- Matriz de Arraiolos

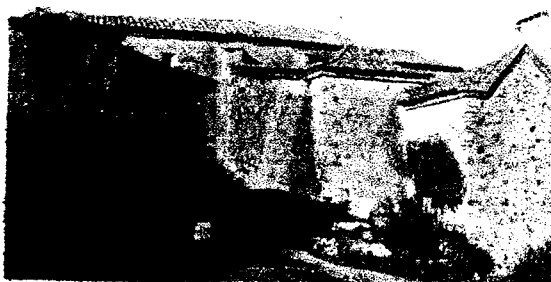


2.3.2.4- Igreja do Calvário em Arraiolos

A igreja do Calvário em Montemor é uma antiga ermida do Rossio ampliada e transformada à medida das necessidades de crescimento urbano, e representa a transição, no sentido inverso do caso anterior, da transformação de ermida em igreja, levada a cabo pelas diversas confrarias que iam tomando ascendente na vida religiosa e política do burgo. A sua importância também lhe advém do abandono das igrejas do castelo, cujas freguesias necessitam de novos espaços para se instalarem.



2.3.2.5- Igreja do Calvário. Montemor



2.3.2.6- Igreja de Santiago. Montemor

Convém incluir, por razões metodológicas, as igrejas de Santiago e de S. João no Castelo de Montemor, pois ambas são sempre referidas, pelos diversos autores consultados, como igrejas. Os dois edifícios são característicos da arquitectura medieval portuguesa, de cariz regional, não tendo sido modificados, de forma significativo, ao longo da sua existência. A primeira conserva a sua volumetria compacta, que os diversos acréscimos não modificaram; situa-se perto da Porta de Santiago, e integrava adro com casario nas proximidades, destruído pela construção do Convento do Calvário (Jorge Fonseca:1993). A segunda, segundo Averni, citado por Banda de Andrade (1977:10), ainda conserva no seu corpo principal a estrutura cúbica da kaaba sobre a qual se implantou, como foi frequente nos locais de culto muçulmanos, readaptados após a reconquista. O seu campanário, típico das ermidas alentejanas, volta-se a sul, de costas voltadas para o castelo, talvez tentando dominar o território rural que lhe pertencia.



2.3.2.7- Campanário da igreja de S. João



2.3.2.8- Igreja de St. António. Reguengos

O último caso a referir neste ponto é a igreja nova de Santo António em Reguengos de Monsaraz, paradigma da construção revivalista do fim do século XIX, tão do gosto da alta burguesia "nova rica" da época. Pela sua forma e implantação é o caso mais próximo da definição de igreja como elemento estruturador do espaço urbano, situado num extremo da praça principal da vila, em oposição aos Paços do Concelho, e próximo dos seus principais equipamentos e serviços.

2.3.3- Ermidas

A maioria das ermidas abordadas neste estudo surgem no século XVI e por este facto convém lembrar uma frase de um bispo de Lamego, citado por João de Sousa, que manda:

"...defendemos e mandamos que as procissões não vão a outeiros, nem a penedos, mas somente à igreja ou ermida onde se faz o officio divino..."²

É pois a vontade da igreja de adoptar antigos locais de culto, apropriando-se deles para propagação da fé, que leva à construção de ermidas isoladas, definidoras dos limites dos espaços urbanos e territórios paroquiais. Neste grupo, por ser aquele que apresenta maior número de elementos, decidiu-se realizar uma pré-classificação, de modo a estabelecer, de forma mais evidente, parâmetros de inter-relação.

²- Leite de Vasconcelos, "Religiões", I, 292, citado por João de Sousa (s.d.: 16)

Grande parte das ermidas que se recensearam neste estudo englobam-se na forma chamada de "*Templete Rural do Aro Alentejano*" por Túlio Espanca (1978:447), definido da seguinte forma:

"...de grossa alvenaria, repousando em solco artificial, com fachada simples, de frontão envolvido por volutas com enrolamentos e pináculo axial, portada de mármore e luneta superior. A presença do campanário é um elemento constante que caracteriza o conjunto..."

Ermidas isoladas (implantadas nos arredores dos povoados)

	Abertas ao culto	Ruínas	Desafectadas
Arraiolos	St. António o Velho		
Montemor	Nossa St ^a Visitação	Santo André São Simão	Santa Catarina São Pedro
Viana	Nossa Sr ^a Aires Santo André	S. Vicente S. Pedro	N.Sr. Cruzeiro

Ermidas Urbanas

	Existentes	Desaparecidas
Arraiolos	S. Romão S. Sebastião	St. António o Novo S. Pedro
Montemor	Nossa Senhora da Paz São Lázaro S. Sebastião Senhor Jesus das Necessidades São Vicente	Calvário Espírito Santo Santo António Nossa Senhora das Graças
Reguengos		Santo António
Viana	Espírito Santo S. Sebastião Nossa Senhora da Assunção Nossa Senhora das Graças	Santo Aleixo

O primeiro grupo a considerar é o das ermidas em ruínas, algumas praticamente inexistentes e outras onde mal se pode adivinhar a sua antiga forma e volumetria. As de Montemor, São Simão e Santo André, são de difícil acesso, encontrando-se a segunda, neste momento, envolvida nas obras da auto-estrada. Curiosamente, Gabriel Pereira atribuiu-lhe forma de templo romano, na sua descrição de uma visita a Montemor, conforme citação referida no ponto 1 do trabalho.



2.3.3.1-S. Pedro. Montemor



2.3.3.2- S. Pedro. Viana do Alentejo

S. Pedro em Montemor situa-se perto da ponte que levava à estrada para Alcacer do Sal, e surge no seguimento da fundação da Misericórdia na ermida de Santo António, desalojando então a confraria aí existente. S. Pedro, e sobretudo S. Vicente em Viana do Alentejo, ocupam sítios extraordinários, não se podendo excluir a ideia de uma antiga ocupação castreja, no caso da segunda ermida, dominando, a perder de vista, toda a região envolvente. O estado de grande ruína em que se encontram não permite conclusões sobre as mesmas, embora pela sua forma exterior, e presença de contrafortes na ermida de S. Pedro se possa integra-las na forma típica da ermida alentejana definida no início do capítulo.



2.3.3.3- S. Vicente. Viana



2.3.3.4- Nossa Srª de Aires. Viana

O segundo grupo é o das ermidas ainda abertas ao culto, sendo a mais importante porque transformada em Santuário a de Nossa Senhora de Aires, perto de Viana. Como é referido na síntese histórica, foi local de ocupação romana e necrópole importante da região, tendo sido ao longo dos tempos local de culto, posteriormente adoptado pela igreja católica, primeiro como ermida transformada no século XVIII em centro de devoção Mariana.



2.3.3.5- Santo António. Arraiolos



2.3.3.6- Rossio de St. António. Arraiolos

Com funções idênticas a Nossa Senhora de Aires, mas sem a mesma importância arquitectónica e religiosa, surge a ermida de Santo António o Velho, na periferia de Arraiolos. A ermida actual, reconstruída no século XVIII, deixa adivinhar vestígios da construção primitiva, cuja escala se pode comparar com as ermidas que são abordadas ao longo desta análise. Ambos os recintos englobam casa e instalações de peregrinos, e um amplo rossio, que serviu como espaço para as feiras francas de gado, que tiveram o privilégio de realizar. Em Arraiolos, este mercado foi transferido, no século XIX, para a vila, continuando a existir "feira" em Nossa Senhora de Aires, realizada quando da

romaria anual. Foram pois dois espaços com funções idênticas, embora a escalas diferentes, que serviam e alargavam o espaço urbano ao seu território agrícola, sem no entanto lhe estar ligado de forma visível.

Nossa Senhora da Visitação em Montemor, situada no exterior da povoação, está no entanto intimamente ligada a esta, por um eixo organizador/via de acesso directo ao rossio da vila. Pela sua posição elevada, opõe-se, a par com a ermida de Santo André, ao domínio visual imposto pelo castelo, praticamente à mesma cota. Tem, em comum com as anteriormente referidas, as instalações de peregrinos e casas de milagres, sem no entanto definir um espaço complemento do espaço urbano e podendo-se considerar uma ermida semi-urbana, exterior à vila.



2.3.3.7- Nossa Senhora da Visitação. Montemor



2.3.3.8- Santo André. Viana do Alentejo

Em Viana aparece ainda o caso da ermida de Santo André, adaptada a capela funerária do Cemitério Público, situado na periferia do espaço urbano, que apresenta características morfológicas permitindo englobá-la na forma tipo, descrita no início deste ponto. A par da ermida do Senhor Jesus do Cruzeiro, e pela posição relativa de ambas, pode-se supor pertencerem à antiga organização territorial do santuário de Nossa Senhora de Aires.

A função das ermidas urbanas, como pólos organizadores e limites das estruturas urbanas das povoações estudadas, já foi abordada, importando neste momento analisar as suas formas arquitectónicas, retirando-as do contexto urbano em que se encontram e considerando-as como elementos isolados de um conjunto.

As primeiras a referir são as ermidas desaparecidas, Santo António-o-Novo em Arraiolos (caída em ruínas) e Santo Aleixo em Viana (substituída por uma escola primária). Se das ermidas existentes em Arraiolos e Viana só nos resta o sítio de implantação, da ermida de Santo António de Reguengos existem levantamentos e desenhos, o que permite dimensioná-la e caracterizá-la, em paralelo com os outros elementos do estudo. A ermida sofreu, durante o século XVIII e XIX, sucessivas obras de ampliação, que a modificaram de tal forma, que à sacristia do edifício demolido alguns autores atribuem o oratório primitivo. No entanto, o conjunto representado pode ser integrado no grupo das ermidas urbanas que são descritas neste estudo pela sua forma global e elementos funcionais e decorativos.

A ermida urbana mais antiga, do grupo das existentes, talvez seja a de São Pedro em Arraiolos, que conserva como únicos vestígios a base, sobre a qual se construiu um moinho, e umas escadas, de forma erudita, adaptadas ao mesmo. A forma redonda é

atípica da região, (só aparecem nas construções de época barroca), e lembra um culto desaparecido, do qual restam poucos elementos que o possam definir e classificar. A sua situação considera-se urbana, embora não tenha sido foco de crescimento urbano, (não apresenta casario em volta), pois localizava-se sobre as colinas que definem o limite urbano de Arraiolos.

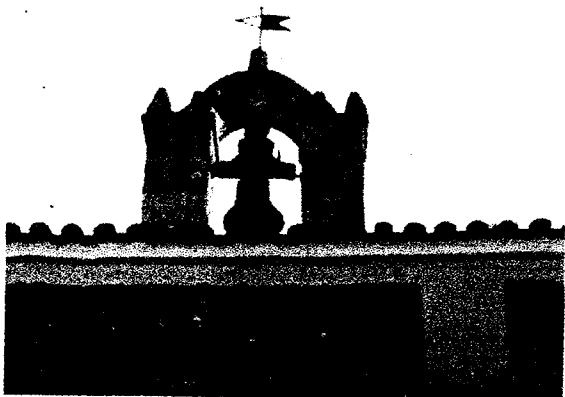


2.3.3.9- Igreja Velha de St. António. Reguengos³



2.3.3.10- Vestígios de S. Pedro. Arraiolos

Outro caso atípico dentro das ermidas é a de Nossa Senhora da Assunção em Viana, instalada nas antigas dependências dos paços do concelho. Na sua remodelação utilizam-se elementos de linguagem comuns aos outros casos, como seja o portal, hoje transformado em janela, e o campanário, que domina a rua principal da vila, sobrepondo-se ao pano de muralha que lhe é adjacente.



2.3.3.11- Campanário de N. Srª da Assunção. Viana



2.3.3.12- S. Sebastião. Viana



2.3.3.13- S. Romão. Arraiolos



2.3.3.14- S. Sebastião. Montemor

³ - Desenho publicado por Pires Gonçalves (1969)

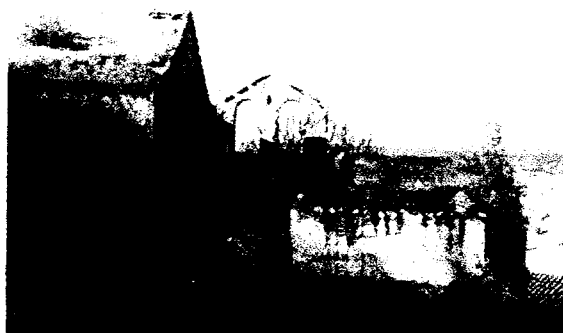
As ermidas que se seguem são mais características do grupo atrás referido como "Templete Rural Alentejano": S. Sebastião e Santo André em Viana, S. Romão e S. Sebastião em Arraiolos e S. Sebastião, S. Vicente e S. Lázaro (encontra-se bastante modificada por corte de parte das suas instalações) em Montemor, são contrafortadas, por vezes com torres, e pertencem à mesma "família" que certamente incluía as ermidas em ruínas, tais como S. Pedro e S. Vicente, em Viana e Santo André e S. Simão em Montemor. Esta forma tem, segundo Espanca (1975), raiz histórica e influência directa na ermida de S. Braz em Évora, da qual vai buscar a forma geral. O pórtico, existente em S. Braz, existiu em muitas ermidas, tendo desaparecido com o tempo.



2.3.3.15- S. Lázaro. Montemor



2.3.3.16- S. Sebastião. Arraiolos



2.3.3.17- S. Vicente. Montemor



2.3.3.18- Campanário de N. Sr. das Graças. Viana

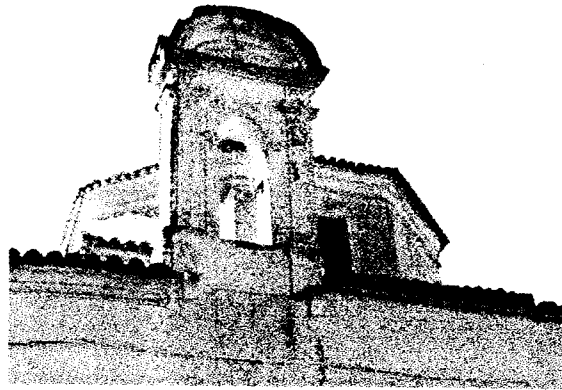
Efectuou-se um quadro/resumo das descrições efectuadas por Túlio Espanca no citado Inventário, que demonstra de forma sucinta as diversas tipologias das ermidas, e que se encontra no anexo 1. A esta família geral de formas pode-se associar as já referidas igrejas de S. João, Santiago e Calvário em Arraiolos e Calvário em Montemor. Definidas como igrejas no espaço urbano, o seu aspecto formal leva a referi-las neste grupo, embora com variações de escala, para as duas últimas ermidas, transformadas, ao longo dos anos e das necessidades, em igrejas. Também a ermida de Nossa Senhora das Graças de Viana e do Espírito Santo em Montemor, referidas no trabalho no capítulo das Misericórdias, tomam elementos decorativos e funcionais deste tipo, criando semelhanças evidentes, deixadas adivinhar no corpo do edifício principal.

As ermidas de Nossa Senhora da Paz e do Senhor Jesus das Necessidades, em Montemor, e do Senhor Jesus do Cruzeiro, em Viana, adoptam uma forma totalmente diferente, pois são de planta quadrada ou octogonal, com cúpula, próprias do período

barroco, e não se englobam, portanto, nas tipologias atrás descritas. Dentro desta família, mas de planta rectangular pode-se considerar Santo António em Arraiolos e Espírito Santo em Viana, assim como a fachada principal do Calvário em Montemor, conservando no entanto a sobriedade e elementos decorativos, tais como a cor, próprios da arquitectura da região.



2.3.3.19- Contrafortes. Espirito Santo. Montemor



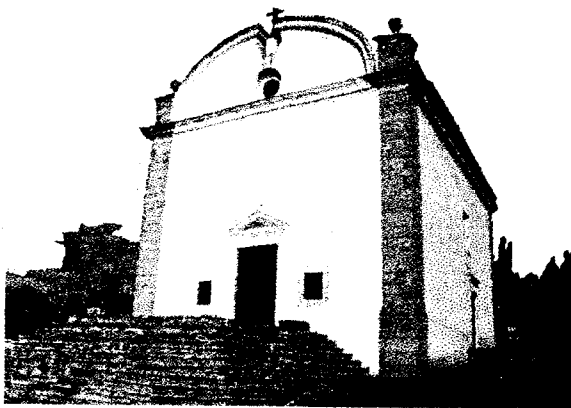
2.3.3.20- Sr. Jesus das Necessidades. Montemor



2.3.3.21- N. Srª da Paz. Montemor



2.3.3.22- Senhor Jesus do Cruzeiro. Viana



2.3.3.23- St. António. Arraiolos



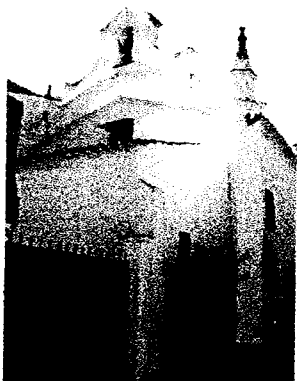
2.3.3.24- Espírito Santo. Viana

Nossa Senhora de Aires, pelas suas dimensões e características arquitectónicas, é a excepção deste estudo, embora a sua concepção barroca conserve os elementos de permanência descritos anteriormente.

As ermidas são pois um grupo muito importante desta análise, pois além de definidoras do espaço urbano suscitam interrogações que seria útil serem confrontadas com as existentes no Termo de Évora, de forma a elaborar uma verdadeira tipologia de conjunto, baseada e sustentada pelas descrições de Túlio Espanca, que se resumem em anexo, pois pela sua riqueza de conteúdo é preciosa ajuda nesta busca de família de formas.

2.3.4- Albergarias e Misericórdias

As albergarias de Nossa Senhora ou dos Ovelheiros em Viana e do Espírito Santo e Santo André em Montemor são as mais antigas que existiram nas povoações estudadas. A primeira, fundada na ermida de Nossa Senhora das Graças, e dela contemporânea, manteve as funções de assistência até aos nossos dias, pois aí continua instalado o hospital da vila. Da época manuelina conserva-se a ermida, cuja forma, embora encostada a outros edifícios, se pode integrar no grupo de ermidas tipo "*templete rural do aro alentejano*", referido anteriormente.



2.3.4.1- Nossa Senhora das Graças. Viana



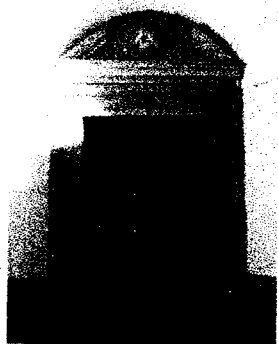
2.3.4.2- Ig. do Espírito Santo. Montemor

A albergaria do Espírito Santo em Montemor, aliada ou não à de Santo André, segundo os autores consultados, desenvolve-se em torno da ermida, depois igreja do hospital homónimo, e torna-se bastante importante na estrutura e organização da vila medieval e moderna. A sua gestão é confiada à Misericórdia e depois à ordem de S. João de Deus. A igreja, do tipo de S. Braz em Évora, com grandes contrafortes, encontra-se bastante danificada, assim como as antigas instalações do hospital. O conjunto, que foi desactivado no final do século passado, quando da transferência do hospital para o Recolhimento de Nossa Senhora da Luz, respira, no entanto, um ar de sobriedade e imponência digno de ser recuperado como elemento monumental.

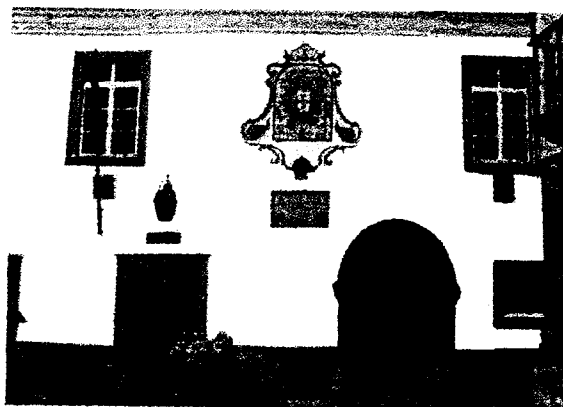
A albergaria do Espírito Santo em Arraiolos, antes Confraria do Corpo de Deus, foi fundada no século XV, tendo sido o respectivo hospital construído num extremo da praça principal da vila, no século XVI. A sua gestão é dividida entre a Misericórdia e a Ordem dos Loios, causando grandes querelas ao longo dos tempos.

As albergarias, além de centros de cuidados de saúde e assistência da época, eram locais de recolhimento de peregrinos e indigentes, que transitavam ou permaneciam nas localidades. Em Montemor a albergaria situa-se no ponto de encontro da via proveniente de Lisboa com o acesso ao castelo, definido assim o eixo principal do arrabalde em formação; em Arraiolos instala-se na praça principal, perto da estrada que partia para Espanha e define, juntamente com os paços do concelho, o espaço central da nova vila,

independente da sede paroquial, implantada no outro extremo da povoação. Em Viana a albergaria situa-se num ponto exterior ao seu eixo principal, perto do rossio por onde transitavam os gados e onde se situava a principal fonte da vila, definindo desta forma o limite oeste da sua extensão urbana.

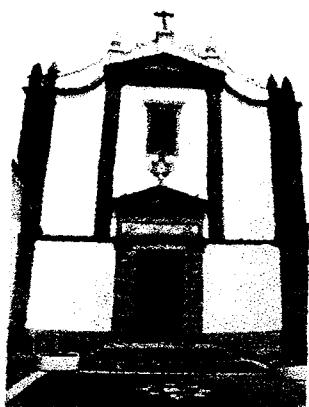


2.3.4.3- Portal da Igreja do Espírito Santo. Montemor



2.3.4.4- Hospital do Espírito Santo. Arraiolos

As Misericórdias, aparecidas no início do século XVI, por iniciativa real, estruturam e organizam, em todo o país, as inúmeras confrarias e albergarias existentes, instalando-se em edifícios próprios, construídos de raiz, e que perduraram, na sua maioria, até aos nossos dias.



2.3.4.5- Igreja da Misericórdia. Arraiolos

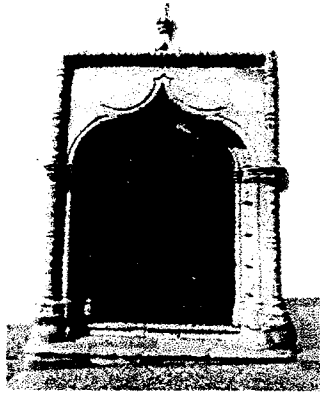


2.3.4.6- Portal da Misericórdia. Castelo de Viana

Em Arraiolos instala-se no Hospital do Espírito Santo, mas quando a gestão do mesmo é entregue à ordem dos Loios, muda-se para as actuais instalações, construindo a igreja e dependências em espaço perto da praça principal, sobre a estrada que partia para Évora. A Misericórdia de Viana ocupa antigos espaços dentro do castelo, construindo de novo parte das suas instalações na zona norte da muralha, e alterando, de forma definitiva, a função principal do recinto murado. Em Montemor a Misericórdia situa-se na rua mais importante do arrabalde, a Rua Direita., ocupando zonas já construídas, pois vai adquirir terrenos e casario ao longo do século XVI. A construção das suas dependências, juntamente com as do convento de S. João de Deus, modificam a estrutura urbana onde se implanta, cortando uma das suas ruas principais, a Rua Verde, e originando o aparecimento de dois novos largos.⁴

⁴ - Ver plantas número 1.1.1.2, 1.1.2.2 e estudo das estruturas urbanas

Arraiolos e Montemor conservam as sedes das Misericórdias, até aos dias de hoje, sendo a segunda a mais importante, do ponto de vista da dimensão das suas instalações, tendo, além da igreja, Casa do Despacho e Cartulário. Em Viana a Mesa foi transferida para edifício na rua principal, sendo parte das suas antigas instalações conservadas (o Consistório foi derrubado pelos Monumentos Nacionais, após ter caído em ruínas), constituindo os três conjuntos pólos notáveis da estrutura urbana das respectivas vilas.



2.3.4.7- Portal da Misericórdia de Montemor 2.3.4.8- Misericórdia e conv. de S. João de Deus.

Integrada na existência das confrarias, são fundadas no século XVIII as Irmandades do Senhor Jesus dos Passos, que vão assumir parte integrante e papel importante na vida religiosa das localidades alentejanas, até aos nossos dias. Os passos existentes localizam-se nas vilas de de Arraiolos e Montemor, e são pontos obrigatórios de passagem da procissão anual, organizada pela respectiva confraria, momento alto da vida religiosa de ambas as povoações. Em Montemor só resta, na sua forma original, o Passo da Rua Nova, tendo sido os restantes demolidos ou substituídos por elementos, a escala reduzida, e sem significado na paisagem urbana.



2.3.4.9- Passo da R. Nova. Montemor 2.3.4.10- Passo da R. Cunha Rivara. Arraiolos

Construídos na mesma época, apresentam formas arquitectónicas similares, integrando-se nas vias urbanas mais importantes das respectivas urbes (R. Nova em Montemor, e Ruas de Olivença, Cunha Rivara e Rossio em Arraiolos). No seu interior existem pequenos altares com retábulo alusivo à procissão em causa, que só abrem uma vez por ano, à sua passagem



2.3.4.11- Passo R. Olivença. Arraiolos



2.3.4.12- Passo do Rossio de Arraiolos

Embora apresentando características idênticas o Passo de Montemor contrasta, tanto ao nível dos materiais empregues como da riqueza da decoração utilizada, dos seus pares de Arraiolos, tratados de forma mais simples; esta diferença retrata o poder económico das confrarias respectivas, proporcional à escala das povoações onde se inseriam. No rossio de Montemor existiram dois passos importantes, um na ermida do Calvário, sede da Confraria, e outro na ermida de S. Sabastião, a par do passo situado na ermida de S. Romão, no rossio de Arraiolos.

2.3.5- Conventos

O aparecimento dos conventos verifica-se, no caso das localidades estudadas, nos finais do século XV e durante o século XVI. No caso das ordens femininas, são procedidos de movimentos religiosos de "mulheres viúvas e piedosas" que se juntavam para rezar e viver em isolamento, em casas particulares. A partir desta época a igreja sentiu a necessidade de os "organizar", integrando-os em ordens com regras pré-estabelecidas, de modo a não deixar alastrar movimentos paralelos dentro do seu seio, ligados eventualmente às heresias ou seitas, e como tal à margem da sociedade. O Convento de Jesus em Viana, o da Saudação e o Recolhimento de Nossa Senhora da Luz em Montemor provêm de congregações deste tipo, que proliferaram na cidade de Évora, até começarem a ser substituídos por ordens regulares.

A sua implantação não se pode tipificar, pois eles aparecem onde existiam terrenos livres para a sua construção, ou, na maior parte dos casos, em terrenos, construídos ou não, doados pelo fundador da instituição. O convento de Cristo em Viana situa-se na periferia da vila, e limita o seu rossio a norte, o da Conceição em Montemor aproveita a casa da fundadora, dentro da cerca, e o abandono da mesma por parte dos habitantes, o que facilita a sua implantação e expansão. O Recolhimento de Nossa Senhora da Luz ocupa uma banda do rossio, cedida pela Câmara, e tem origem numa irmandade fundada na ermida de Nossa Senhora da Paz, na Praça Velha do arrabalde.

O que resta do convento de Cristo, em Viana, célebre na região pela sua grandeza e riqueza de recheio, é uma ruína ao abandono, que ladeia o "jardim público" da vila, depois de ter sido esventrado e saqueado ao longo dos anos. Em igual situação de abandono encontra-se o convento da Saudação em Montemor, embora o seu estado geral não seja tão catastrófico. É de lamentar o estado destes dois edifícios, abandonados por não terem condições de habitabilidade, e transformados em enormes "resíduos" das

povoações onde estiveram integrados, embora se situassem em zonas limites ou abandonadas das mesmas.



2.3.5.1- Saudação. Montemor



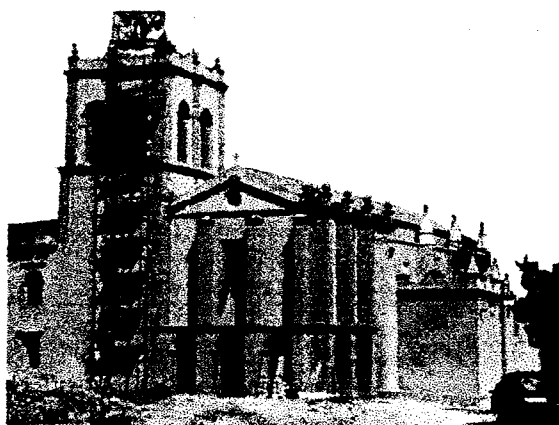
2.3.5.2- Cristo. Viana

Existem também conventos situados na periferia das povoações, como o caso da Conceição em Montemor (outra ruína em elevado estado de abandono), que ocupa a localização de uma antiga ermida, ligado visualmente à vila, a par das ermidas de Santo André, Nossa Senhora da Visitação e São Simão. O convento dos Loios em Arraiolos, anterior a este, localiza-se num vale a norte da vila, dominando-a no entanto, pelo seu poder económico e político. Construção de grande importância estética, actualmente em obras de remodelação para pousada pela Enatur-Pousadas de Portugal, adoptou o sítio da Quinta do Paço, antigas pousadas do Conde D. Alvaro de Castro, e legada pelos seus proprietários à Ordem dos Loios. O acesso à urbe era directa, pois estava ligado por um caminho à sua praça principal.

A implantação tardia da ordem de S. Francisco nas três localidades estudadas deve-se a um ressurgimento, nesta época, da ordem que existiu em Évora desde o início da nacionalidade, e que se expande para a região sob a forma de pequenas unidades conventuais. Estabelecendo um paralelo com o que foi dito para as ordens femininas, pode-se supor terem estes conjuntos, vindo resolver a tal necessidade de "reorganizar" movimentos paralelos da região oficial.



2.3.5.3- Conceição. Montemor



2.3.5.4- Loios. Arraiolos

O primeiro convento urbano das localidades analisadas é o de S. Francisco em Montemor, que ocupa, na sua fundação, a ermida de Nossa Senhora das Graças, limite norte do rossio. Constitui, até aos nossos dias, adaptado a cemitério público, um

conjunto importante e limite à expansão urbana, apresentando-se como elemento pontual, não inserido na malha urbana, e conservando parte da sua cerca.

O convento de S. Francisco em Viana provem da iniciativa da família Rodovalho, que lega a sua residência, situada na periferia sul da vila, a caminho da ermida de S. Vicente e de Vila Nova da Baronia. O edifício, hoje ocupado por uma instituição de beneficência perdeu, com as sucessivas obras a que foi sujeito, as suas características arquitectónicas primitivas; limite da expansão urbana a sul, conserva ainda a sua cerca e não se encontra integrado na malha urbana.



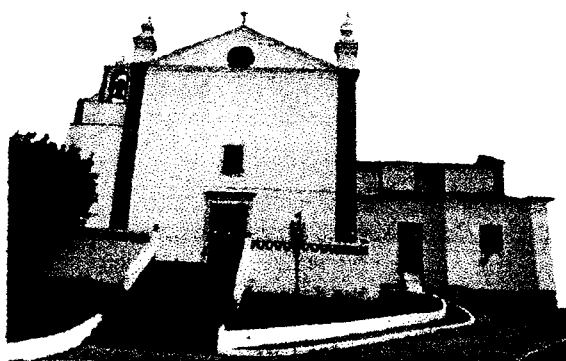
2.3.5.5- S. Francisco. Montemor



2.3.5.6- S. Francisco. Viana

O convento de S. Francisco em Arraiolos situa-se no antigo Outeiro de S. Romão, não ocupado anteriormente, e é o mais tardio dos três conventos franciscanos. Implantado a uma cota alta em relação à vila, inverte a tendência de se instalar a níveis menos elevados. Situado perto da estrada que partia para Évora, constitui limite de expansão urbana a sul da vila, e não se encontra integrado na estrutura urbana. Com a sua cerca foi adaptado a Cemitério Público, perdendo alguns dos seus corpos construídos, caídos em ruínas ao longo do século passado.

Pode-se pois concluir que os três conventos da ordem de S. Francisco se situaram na periferia das povoações, constituindo limites às respectivas expansões urbanas. Como nunca se integraram nas malhas urbanas, foram sempre elementos pontuais das mesmas, adaptados posteriormente a novas funções sem perderem as suas características arquitectónicas, ligadas directamente à imagem física e mental das localidades onde se situam.



2.3.5.7- S. Francisco. Arraiolos



2.3.5.8- S. Domingos. Montemor

O convento de S. Domingos ou Santo António surge em Montemor no século XVI, na zona sul do rossio, e instala-se na ermida de Santo António, sobre o caminho que levava a Évora e Espanha. Construído durante toda a centúria, limita o desenvolvimento urbano a sul do Terreiro das Portas do Sol e constitui também um elemento isolado em relação ao tecido urbano.

Perto deste convento situa-se o já referido Recolhimento de Nossa Senhora da Luz, adaptado a Hospital no fim do século passado. Instala-se no rossio em terrenos cedidos pela câmara, sendo o primeiro equipamento a surgir, por vontade desta, nesta zona (os outros equipamentos aí existentes pertenciam a ordens religiosas ou confrarias). Grande massa edificada, supõe-se bastante aumentada na referida adaptação, perdeu as suas características arquitectónicas primitivas, que não se podem adivinhar no edifício que temos em presença; não integrado na estrutura urbana, pensa-se que nunca teve cerca, pois os terrenos onde se instala não lhe permitiam expansões deste género.



2.3.5.9- Nossa Senhora da Luz. Montemor



2.3.5.10- S. João de Deus. Montemor

O convento de S. João de Deus, contíguo às instalações da Misericórdia, anteriormente referidas, instala-se em Montemor, inserido no tecido antigo do arrabalde, e modificando, por consequência, a sua estrutura construída e viária.⁵ É o convento mais recente da vila (século XVII), e devido ao espaço onde se implanta não adopta uma forma canónica, desenvolvendo-se em altura, em torno de um claustro de dimensões reduzidas. Representa ainda hoje, adaptado a centro de cultura da actual cidade, a massa construída mais imponente do arrabalde, dominando as construções da encosta. A sua capela é sede de uma das paróquias da vila, centro religioso com importância na vida social da mesma.

A implantação do conjunto de conventos referidos não influenciou, de forma significativa, (excepto o último), a expansão urbana das vilas onde se inseriram. Na generalidade, constituem a transição do espaço urbano para o espaço rural, a par das funções assumidas pelos rossios que lhe estão próximos. Posteriormente surgem ruas de ligação dos mesmos aos espaços centrais das vilas, que completam o conjunto da malha urbana, quando da sua adaptação a novas funções no século XIX. Excepto no caso de S. João de Deus e Saudação (que derrubam casas existentes para se poderem implantar no tecido urbano), nunca são rodeados por casario, protegidos pelas suas cercas ou por terrenos públicos não construídos, conservando parte do seu aspecto e fisionomia primitiva.

⁵ - Ver plantas que representam as vilas nos séculos XVI, XVII e XVIII, inseridas na primeira e terceira parte deste trabalho.

2.3.6- Poder Municipal

Sobre as sucessivas sedes do poder municipal nas localidades estudadas pode-se conjecturar mas não se obtêm, com certeza, conclusões objectivas. Os quatro paços do concelho existentes são obras do fim do século passado e início do século XX, readaptados às funções actuais, sendo o mais característico, do ponto de vista arquitectónico, o de Reguengos de Monsaraz, pois é ele que melhor simboliza a organização social resultante dos movimentos liberais, anteriormente referida, centro da expansão urbana, a par da igreja situada na mesma praça central, descentrada da malha antiga e reorganizando, deste modo, a nova vila em crescimento.



2.3.6.1- Paços do Concelho. Reguengos

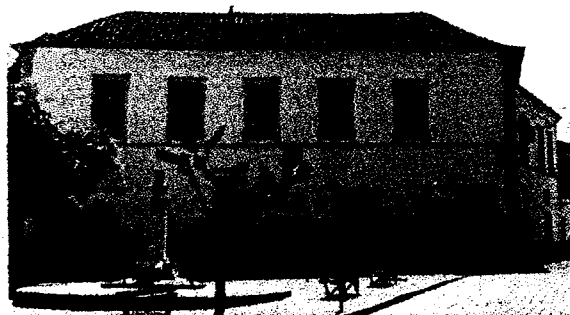


2.3.6.2- Paços do Concelho. Viana

Os primitivos paços de Viana estiveram no interior da cerca murada, no sítio onde posteriormente se instalou a ermida de Nossa Senhora da Assunção, quando da mudança dos paços do concelho, no século XVII, para um edifício construído sobre a fonte da praça principal, que compreendia a cadeia no piso inferior e sala de audiências no piso superior. A sede da câmara actual instalou-se, nos anos setenta deste século, numa antiga residência familiar da vila, adaptando-se aos espaços existentes, sem ter modificado a distribuição interior da antiga casa.



2.3.6.3- Paços do Concelho primitivos. Viana



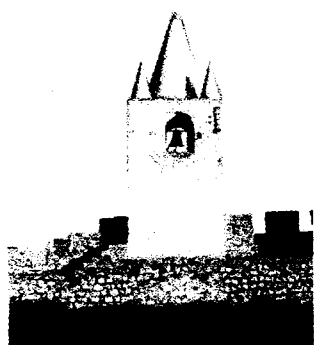
2.3.6.4- Paços do Concelho séc. XVII. Viana

Em Arraiolos, o poder municipal segue o movimento geral da população, abandonando o interior da cerca (talvez a sua sede estivesse instalada na Torre do Relógio), e instalando-se no extremo oeste da praça principal. O pelourinho situa-se defronte, no outro extremo da praça. Com os paços no andar e a cadeia no piso inferior,

ocupou as instalações onde hoje se situa o tribunal da vila. Neste século foi transferido para um outro edifício, situado também na Praça Lima de Brito, de maiores dimensões.

A edilidade de Montemor também segue o movimento referido no parágrafo anterior, transferindo-se para o arrabalde quando do despovoamento do castelo. Instalou-se no local onde foi construída a Câmara actual, com cadeia no piso inferior. Como foi referido, desconhece-se a sua localização precisa dentro do povoado medieval, sabendo-se que era uma casa de dois pisos, perto dos açougues, da praça principal e da igreja de Santa Maria da Vila.

Todas estas instalações foram construídas, (excepto a de Reguengos, mais tardia), quando do abandono das sedes primitivas, com cadeia no piso térreo, transferidas no século XIX e XX, para edifícios prisionais construídos para o efeito.



2.3.6.5- Torre do Relógio. Arraiolos



2.3.6.6- Paços do Concelho. Arraiolos



2.3.6.7- Paços do Concelho. Montemor



2.3.6.8- Pelourinho. Arraiolos

Os pelourinhos, sempre localizados defronte dos Paços de Concelho, acompanharam as diversas localizações dos mesmos. Dos quatro casos estudados, só resta o de Arraiolos, pois o de Montemor desapareceu, o de Viana encontra-se guardado num depósito da Câmara (Espanca, citado no ponto 1) e Reguengos, município fundado após o Liberalismo, nunca ter erguido nenhum.

2.3.7- Arquitectura Civil

Neste ponto são abordados os edifícios mais importantes das localidades analisadas, que não se integraram nas subdivisões anteriores. A tipologia resultante estabelece os agrupamentos considerados necessários à compreensão da mesma. Os

edifícios mencionados abrangem um vasto leque de funções, que vão desde a habitação até às praças de touros, e foram escolhidos à medida que o estudo ia avançando e o conhecimento das vilas sendo aprofundado.

Por razões metodológicas, grande parte desta análise foi efectuada seguindo os trajectos descritos por Túlio Espanca no Inventário Artístico de Portugal. Por esta razão se incluiu no Anexo 2 o resumo de todas as descrições efectuadas pelo autor, verificadas no local, tendo sido a maioria registada em fotografia.

2.3.7.1- "Matadouro Mourisco"

O primeiro edifício a analisar situa-se na cerca de Montemor e foi assim denominado na classificação da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais. Constituído por uma sala grande, rectangular, ogivada, construída junto à muralha e talvez tendo uma abertura directa para o exterior, Túlio Espanca atribuiu-lhe a função de cisterna, datando-o do século XVI, talvez do reinado de D. João III, não estando fundamentada nem a sua função, nem a sua origem. Visível da estrada que rodeia a fortificação, encontra-se em estado de ruína, que importava preservar e reabilitar, pois o seu estado actual coloca em risco o monumento e a segurança dos visitantes do castelo.



2.3.7.1.1. Matadouro Mourisco

2.3.7.2- Edifícios de habitação

A abordagem deste ponto é bastante complexa, pois os edifícios destinados à função habitacional são de diversas dimensões, diferentes no tempo e no espaço onde estiveram inseridos. Adoptou-se como metodologia classificá-los segundo as suas dimensões, número de pisos e forma de aberturas, seguindo, como foi referido, os trajectos de Túlio Espanca, e limitando assim a observação à lista por ele estabelecida. Sentiu-se no entanto a necessidade de acrescentar elementos a que o referido autor não aludiu, sobretudo na vila de Reguengos, onde não mencionou o exterior de nenhum imóvel, embora escrevesse sobre recheios de algumas casas particulares.

Elementos únicos:

Estes dois exemplos são talvez os vestígios mais antigos de casas apalaçadas nas povoações analisadas. Ambos pertencem à arquitectura dita renascentista, caracterizada pela presença de arcaria no piso inferior e da existência de galeria no andar nobre, tão ao gosto da arquitectura da época. Inclui-se neste grupo a casa anexa à Casa dos Arcos, pois também apresenta arcaria no piso inferior, embora o seu corpo superior se aparente

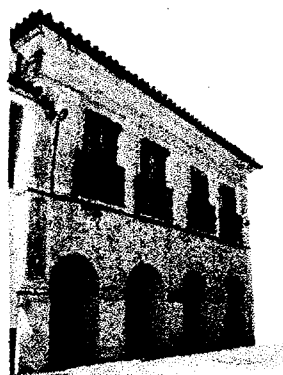
a exemplos explorados posteriormente (a fachada deste edificio é esgrafitada, imitando antiga aparelhagem de pedra).



2.3.7.2.1- Casa dos Arcos. Arraiolos



2.3.7.2.2- Praça Lima de Brito. Arraiolos



2.3.7.2.3- R. dos Arcos. Arraiolos



2.3.7.2.4- Casa da Mala Posta. Arraiolos

Casas apalaçadas



2.3.7.2.5- Solar Melo Mexia. Arraiolos



2.3.7.2.6- Casa Faria e Melo. Viana

Os palácios ou casas apalaçadas mais antigos, têm como características comuns a existência de dois pisos, um térreo com poucas aberturas e um superior, guarnecido com janelas de sacada, ritmando a fachada principal. Este tipo de edificios encontra-se em todas as povoações estudadas, sendo mais numeroso na vila de Montemor. A sua simplicidade não é comparável com as grandes casas que se situam em Évora, onde as

portadas e diversos elementos de fachada assumem uma importância não encontrada nos elementos analisados. Todos estes edificios estão inseridos nos respectivos tecidos urbanos, e são descobertos à medida que se percorre a urbe, não tendo pois significado como polos estruturadores do espaço urbano. A Casa da Mala Posta em Arraiolos foi construída no Rossio de S. Romão, perto da ermida homónima, e sendo elemento isolado é excepção a todos os elementos analisados.



2.3.7.2.7- Casa Nobre dos Calados. Viana



2.3.7.2.8- Casa Freire de Andrade. Montemor

A decoração destas casas é sobretudo efectuada a nível das aberturas, aplicando-se frequentemente uma moldura de pedra em torno das janelas de sacada e no portal da entrada. Em alguns casos aparece uma moldura esgrafitada ou pintada perto da cornija do telhado, e os seus cunhais são tratados com pedra aparelhada ou esgrafitos a imitá-la. As grades das janelas de sacada merecem tratamento especial, tanto ao nível do seu desenho como da execução, extremamente cuidada.



2.3.7.2.9- Casa Fragoso-Amado. Montemor



2.3.7.2.10- Casa Nobre Visc. da Amoreira da Torre



2.3.7.2.11- Pousada dos Morgado Labreiro

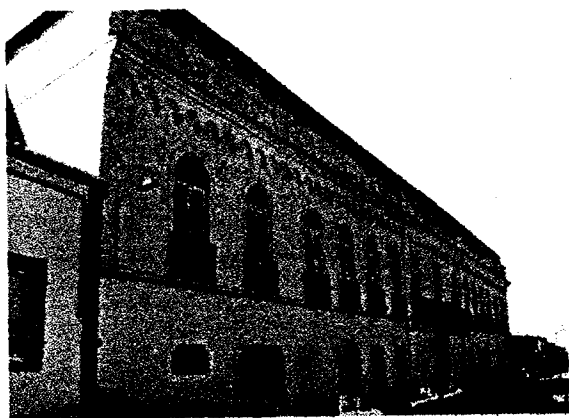


2.3.7.2.12- Casa Nobre Rua do Calvário. Montemor

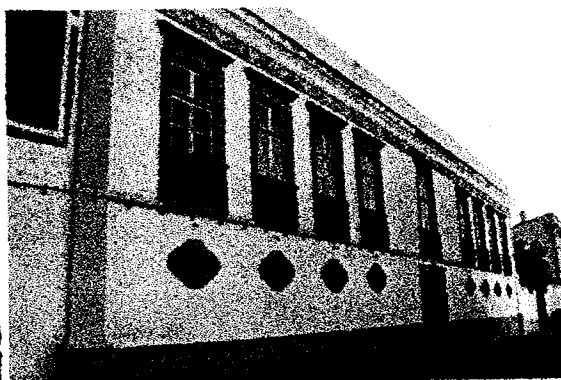
Por vezes aparecem vestígios anteriores à construção principal (em Viana, na casa Faria e Melo e no Instituto da Caridade surgem vãos de época manuelina, e na primeira um corpo recuado com arcadas), que não alteram o aspecto formal dos edifícios posteriores, integrando-se portanto os mesmos no grupo em causa.

Montemor apresenta um número elevado de exemplos, podendo estabelecer-se uma verdadeira família de formas, comparáveis às referidas nas outras povoações. Os únicos elementos que os diferenciam são a decoração variada dos vãos e o número de janelas de sacada, sempre em relação ao comprimento da respectiva fachada. As aberturas em rez-de-chão foram sendo modificadas, à medida das necessidades e dos diversos usos a que as casas foram sujeitas.

Em Reguengos, as casas apalaçadas mais antigas adoptam a mesma forma, diferenciando os dois pisos, aparentando uma estética diferente pela escala que representam em relação ao tecido urbano onde se inserem. Estas enormes construções, integradas na pequena aldeia que era na época Reguengos, foram certamente elementos estruturadores do tecido urbano, e constituíram barreiras ao seu crescimento. Supresa evidente para o visitante de Reguengos, que não espera encontrar, numa povoação deste tipo, casarões desta natureza, de tal forma distintos do resto do povoado que ainda hoje não se integram na sua vida social e económica.



2.3.7.2.13- Casa Papança. Reguengos



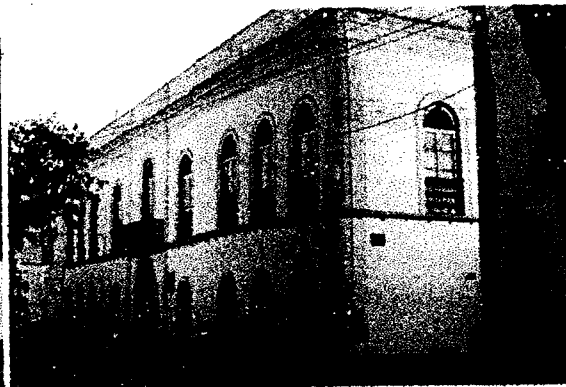
2.3.7.2.14- Casa Leal. Reguengos

A Casa Papança, com mesma organização de fachada, apresenta uma decoração mais cuidada, com um friso a nível da cornija e um corpo central ligeiramente saliente, que evidencia a sua entrada principal, constituindo o seu eixo de simetria; estes elementos induzem a incluí-la num sub-grupo tipológico. A Casa Leal, bem mais sóbria e de menores dimensões em relação à primeira, pode ser comparada às casas analisadas em Montemor pela simplicidade da sua decoração, mas a existência de um eixo de simetria marcado pela entrada principal integram-na nesta família de formas.

Num terceiro tipo situam-se as duas casas que se referem em seguida, Rojão e Rosado Fernandes em Reguengos, que apresentam aberturas a nível de rez-de-chão, ritmadas a par das janelas de sacada do primeiro andar, existindo, no entanto, uma predominância do piso superior, considerado o andar nobre. As fachadas obedecem a um eixo de simetria, definido pela porta de entrada e pela janela ou grupo de janelas de sacada no primeiro andar, em posição central, não observáveis nos exemplos referidos anteriormente.



2.3.7.2.15- Casa Rojão. Reguengos



2.3.7.2.16- Casa Rosado Fernandes. Reguengos

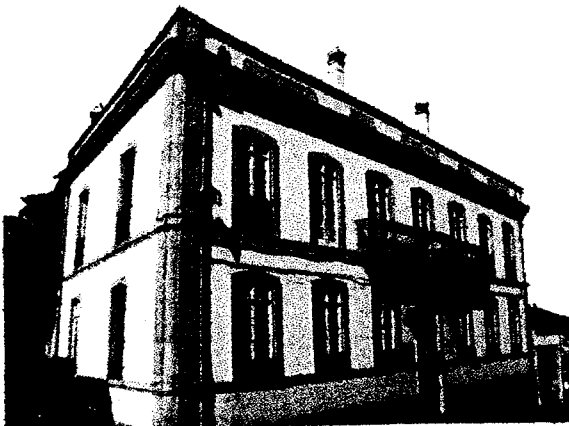
Neste grupo também se integra o Solar Mouzinho da Silveira Almandanim em Montemor, pois o mesmo apresenta um eixo de simetria no seu corpo inferior, o que leva a supor que os dois módulos de janelas a cota mais alta tenham sido construídos posteriormente, em intervenções mais recentes, referidas como tendo sido realizadas, nos anos cinquenta deste século por Túlio Espanca (1975).



2.3.7.2.17- Solar Mouzinho da Silveira Almandanim



2.3.7.2.18- Casa José de Sousa. Reguengos



2.3.7.2.19- Casa António Gião. Reguengos

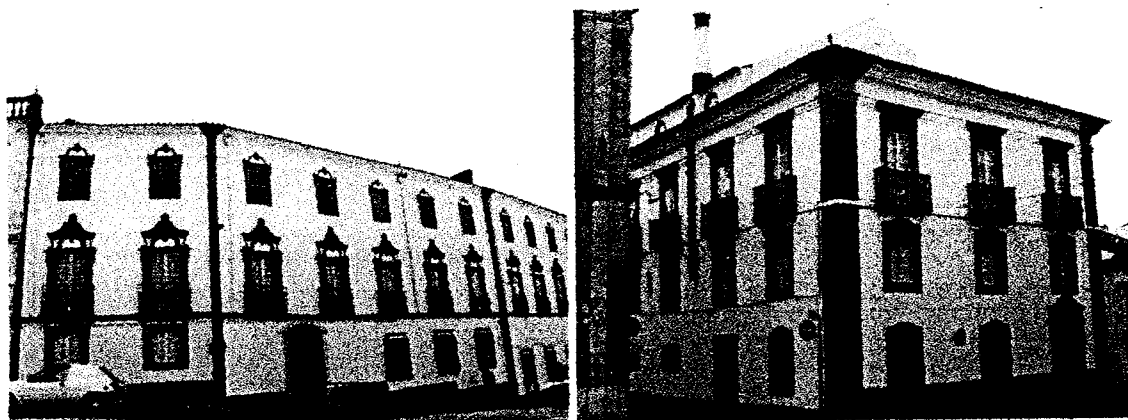


2.3.7.2.20- Asilo. Reguengos

Nas casas apalaçadas, também se consideraram um outro tipo de edifícios construídos no início do século XX, parecidos aos anteriores, salvo na dimensão e decoração das janelas dos dois pisos, idênticas, perdendo assim o andar superior a sua predominância na composição da fachada; sobre a entrada principal, janelas de fachada tratadas de forma diferente determinam o seu eixo de simetria. Integrou-se neste grupo a casa seguinte, sede da Fundação Maria Inácia Perdigão Silva, pois embora a sua decoração exuberante a diferencia de todos os elementos analisados até ao momento,

segundo o método de classificação utilizado, ela integra-se perfeitamente na definição de deste sub-grupo tipológico

Os últimos palácios a referir encontram-se em Montemor, e têm como característica principal a existência de três pisos. A casa do Terreiro de S. João de Deus, cujo alçado direito foi construído neste século, tem o andar nobre no piso intermédio, com janelas de sacada ricamente decoradas. As janelas do terceiro piso, de peito, são tratadas de forma mais cuidada que os vãos do piso inferior. A Casa Nobre do Conde de Santo André é bastante curiosa, pois tem fenestração idêntica no rez-de-chão e piso intermédio, com janelas de sacada no piso superior, situação invulgar em edifícios deste tipo.



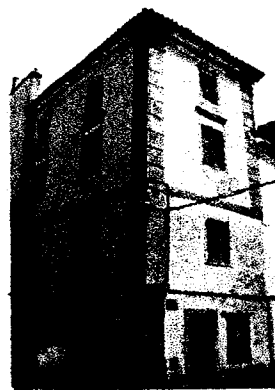
2.3.7.2.21- Casa nobre T. S. João de Deus. Montemor 2.3.7.2.22- Casa Nobre do Conde de St. André

Edifícios tipo Torre

Neste grupo integram-se dois exemplos, um em Arraiolos e outro em Montemor, de edifícios com forma de torre, com quatro e três pisos, respectivamente. Em ambos os casos o piso nobre é o segundo, sendo tratado com janelas de sacada que abrem sobre a praça principal no primeiro caso, e com uma janela emoldurada com cantaria de granito de "estilo manuelino", no outro. Espanca (1975), data este edifício do primeiro quartel do século XVI, sendo pois um dos exemplos mais antigos encontrados nesta localidade.



2.3.7.2.23- L. das Portas do Sol. Montemor



2.3.7.2.24- P. Lima de Brito. Arraiolos

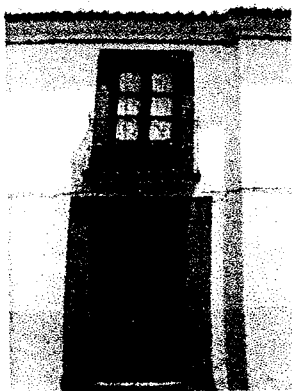
Edifícios de dois pisos

Integradas nos prédios de dois pisos, os mais abundantes nas vilas analisadas, distinguem-se diversos grupos, que se descrevem e documentam em seguida,

correspondendo a formas diversas de ocupar o espaço urbano, conforme a época e o proprietário para quem foram construídas.

Em épocas mais antigas o piso inferior servia de loja e o superior assumia as funções de habitação, chamando-se sobrado. Mais tarde, e utilizando os edifícios da mesma forma que a classe dominante, a burguesia privilegia o andar superior, continuando a ocupar o rez-de-chão com actividades menos nobres (cozinhas, alojamento da criadagem, dispensas e armazéns).

Um primeiro tipo de casas de dois pisos são aquelas cuja porta de entrada é encimada por janela de sacada, características da divisão de lote medieval e renascentista, com fachada estreita sobre a rua. Encontram-se numerosos exemplos deste género nas vilas analisadas, com ou sem chaminés em fachada. A dimensão e decoração da janela varia conforme a proporção da porta e altura do alçado, e do gosto e intenção da época. Como pormenor observam-se numerosas janelas com cornija e ricos ornamentos nas grades das sacadas.



2.3.7.2.25-Terreirinho, 1. Montemor



2.3.7.2.26- L. M. Bombarda.



2.3.7.2.27- R. Pedrão. Montemor



2.3.7.2.28- R. Cabo da Vila, 40. Arraiolos

Por vezes a janela não se situa no eixo da porta, provocando uma assimetria à composição da fachada que anima o ritmo urbano da rua onde se insere.



2.3.7.2.29- R. António Isidoro de Sousa, 17. Viana



2.3.7.2.30- R. Avis, 9. Montemor



2.3.7.2.31- Casa da Cegonha. Viana



2.3.7.2.32- R. Avis, 13. Montemor

Um outro tipo, decorrente do anterior, apresenta uma pequena janela ou outra porta ao lado da entrada no piso inferior, com duas janelas de sacada, ou de peito, no primeiro andar. Nestes casos as janelas também são decoradas de diversas formas, animando os ritmos das fachadas.



2.3.7.2.33- R. 5 Outubro, 49. Montemor



2.3.7.2.34- R. Cândido dos Reis, 8. Viana



2.3.7.2.35- R. Avis, 68. Montemor



2.3.7.2.36-L. Paços do Concelho. Montemor

Pontualmente, surgem edifícios que foram aumentados, tendo-se aberto vãos nas chaminés desactivadas, acrescentado um corpo lateral ou terceiro piso, sem no entanto descaracterizar o conjunto (por esta razão se incluíram estes exemplos neste grupo). Como no caso anterior, encontraram-se diversos exemplos de vãos não alinhados na vertical, causando curiosos efeitos de uma falsa instabilidade.



2.3.7.2.37- R. Cons.Fernando de Sousa, 28. Viana



2.3.7.2.38-L. Porta do Sol, 6. Montemor



2.3.7.2.39-L. Escola Nova, 7. Montemor



2.3.7.2.40- R. Almocreves, 40. Montemor

Num grupo diferente inserem-se as casas com três ou mais janelas de sacada no primeiro piso, demonstrando uma importância social e económica nas vilas do século XVIII e XIX. A sua ornamentação varia, não se estabelecendo diferenças evidentes nas povoações estudadas. No piso inferior a modelação é variada, correspondendo, nos edifícios mais recentes, ao ritmo das aberturas do piso superior. A entrada, nestes casos, serve de eixo de simetria com a janela que a encima.



2.3.7.2.41- Casa de Olivença. Arraiolos



2.3.7.2.42- R. Curvo Semedo, 12. Montemor



2.3.7.2.43- L. Miguel Bombarda, 34. Montemor



2.3.7.2.44- L. Portas do Sol, 5. Montemor



2.3.7.2.45- R. 5 Outubro, 88. Montemor



2.3.7.2.46- R. Cândido dos Reis, 2. Viana



2.3.7.2.47- R. Latino Coelho. Viana



2.3.7.2.48. Pr. Santo António. Reguengos

No caso destas casas terem cinco ou mais janelas de sacada, consideram-se de transição para as casas apalaçadas, referidas anteriormente.



2.3.7.2.49- R. Passo, 7. Montemor



2.3.7.2.50- R. Alcacer, 20. Montemor



2.3.7.2.51- R. 5 Outubro, 75. Montemor



2.3.7.2.52- Viana

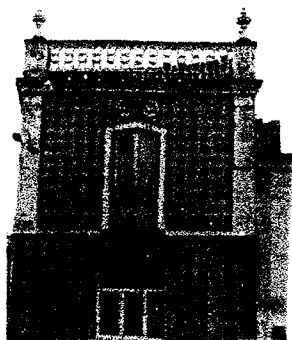
Inseridas neste grupo surgem edificios de habitação, sobretudo em Montemor, perto ou na Rua 5 de Outubro, que pela sua decoração exterior, utilizando materiais diversificados e uma gama múltipla de cores, marcam, pela diversidade e originalidade, a forma urbana. São a excepção ao uso da cor branca em fachada, quase obrigatória nos centros urbanos alentejanos, regra de "gosto" discutível, pois uma observação rápida de edificios degradados, com antigos paramentos à vista, deixa adivinhar uma paleta diversificada, onde o branco não era, seguramente, a cor predominante, muito menos obrigatória. O estudo e análise das cores que se aplicavam nos edificios seria uma pesquisa paralela, que está sendo realizada em casos pontuais, tentando confirmar o emprego de cores na arquitectura tradicional portuguesa. Por esta razão este aspecto não foi aprofundado neste estudo, e sómente referido no âmbito desta análise morfológica.



2.3.7.2.53- R. 5 Outubro, 1. Montemor



2.3.7.2.54- R. Curvo Semedo. Montemor



2.3.7.2.55- L. Miguel Bombarda, 81. Montemor



2.3.7.2.56- R. Passo, 22. Montemor

Existem edifícios onde se utilizaram como aberturas as janelas de peito (numerosos em Viana e Reguengos, correspondendo a uma arquitectura mais recente), eventualmente alternando com janelas de sacada.



2.3.7.2.57- R. Lisboa. Montemor



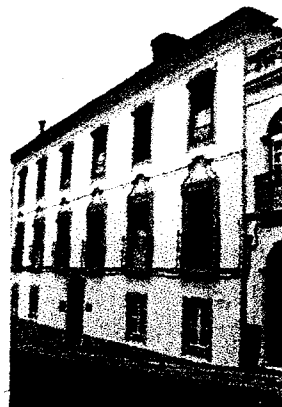
2.3.7.2.58- R. Cândido dos Reis, 38. Viana

Edifícios de uso colectivo

Embora não inventariados por Túlio Espanca, consideraram-se dois tipos de imóveis, que se encontram sobretudo em Montemor: os primeiros são de três pisos, com andar nobre no intermédio; as janelas de sacada, mais ou menos ornamentadas, determinam o ritmo de abertura dos vãos, simétrico ou não em relação à porta principal. São exemplos que aparecem sobretudo na Rua 5 de Outubro, artéria principal da vila até à construção da Avenida Gago Coutinho.



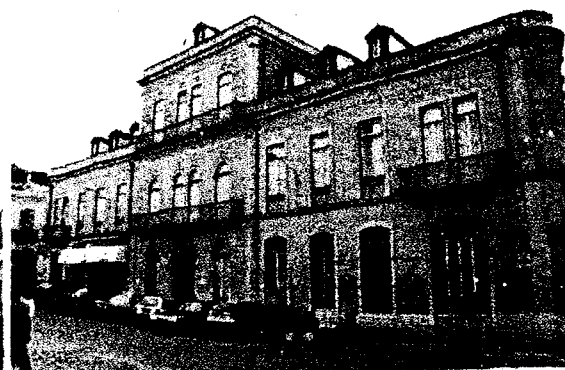
2.3.7.2.59- R. 5 Outubro. Montemor



2.3.7.2.60- R. 5 Outubro. Montemor



2.3.7.2.61- T. Alamos. Montemor



2.3.7.2.62- Rossio Calvário. Montemor

A salientar também as "grandes casas" com um corpo central que se destaca pela decoração diferenciada e volume pronunciado (sacadas mais cuidadas e uso do frontão), que no entanto conserva o ritmo de aberturas, anteriormente referido, das janelas de sacada do andar nobre, ordenando toda a composição da fachada principal; as mesmas não foram incluídas no primeiro grupo porque não são residências unifamiliares.

Da análise dos quatro grupos anteriores conclui-se que todos eles apresentam características comuns, das quais se pode salientar:

- a importância atribuída ao segundo piso dos edifícios, onde predominam as grandes aberturas, na forma de janelas de sacada, variando o seu número e a sua decoração conforme a importância social do proprietário do imóvel.

- o piso inferior é sempre ocupado por funções de serviço à habitação principal, que nas zonas urbanas mais importantes foram, substituídas por equipamentos comerciais, alguns pertença do proprietário do imóvel.

- os eixos de simetria na composição da fachada existem sobretudo nos prédios mais recentes, onde a entrada dos mesmos merece um tratamento arquitectónico cuidado; nos edifícios mais antigos esta entrada é, por vezes, substituída por um portão, sem apresentar tratamentos decorativos específicos.

- a aplicação da cor branca não foi regra na construção urbana alentejana até ao nosso século, encontrando-se pigmentos de cor variável tanto a nível de revestimentos decaídos como na aplicação de materiais cerâmicos e outros com uma gama cromática variada.

- os acréscimos aos edifícios existentes tiveram, regra geral, em linha de conta o edifício anterior, motivando uma série de composições curiosas, sobretudo no tratamento das prumadas dos vãos que caem sobre os lintéis dos pisos inferiores

"Arquitectura popular"

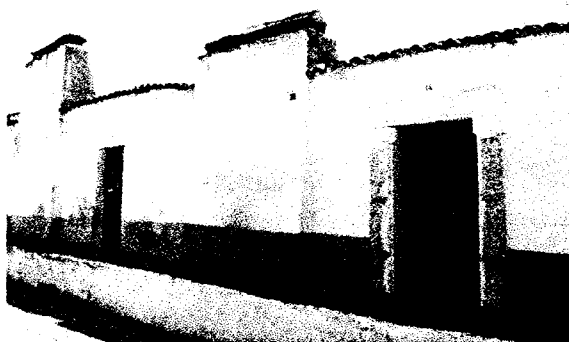
Nas urbes analisadas existem zonas ou quarteirões com características bem diferenciadas das anteriores, que se podem nominar de "populares", criando zonas totalmente distintas do ponto de vista urbano, excepto no caso de Reguengos, onde os dois modos de construir existiram simultaneamente no espaço e no tempo.

Nestas zonas encontram-se casas ditas "tradicionais", do ponto de vista estético e construtivo, que também se podem supor as mais antigas no tecido urbano. É evidente que as casas de dois pisos podem ter sido resultado de um acrescento posterior às habitações térreas com chaminé, elemento arquitectónico mais simples da construção rural e urbana da região alentejana.

Este tipo de arquitectura vai buscar as suas raízes aos modelos rurais, adoptando formas simples, de dimensões reduzidas e construídas segundo técnicas tradicionais. Por estas razões se opõem às anteriores, que são modelos "cidadinos", próprios de uma arquitectura ligada à burguesia; a arquitectura "popular" aparece sempre descentrada em relação ao primeiro grupo, (ver estudo sobre os quarteirões e estruturas urbanas), na periferia das urbes, espaços de transição entre a vida citadina e o meio rural, ou nos núcleos urbanos mais antigos (caso em Arraiolos e Montemor).

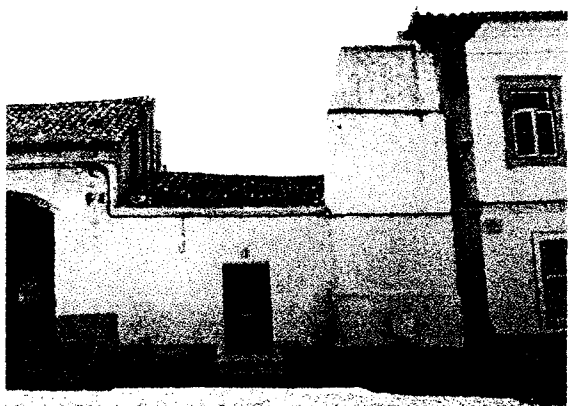


2.3.7.2.63- R. Cabo da Vila. Arraiolos



2.3.7.2.64- T. das Parreiras, 14. Viana

Consideram-se em primeiro lugar as casas de piso térreo, com uma ou duas aberturas e uma chaminé em fachada, enorme, marcando o ritmo das ruas onde se inserem. Dentro deste grupo integram-se também as casas térreas, sem a presença da chaminé, que em Reguengos aparecem perto das casas apalaçadas anteriormente referidas (e que são elemento predominante em Reguengos de Cima), oferecendo curiosos contrastes na paisagem urbana da vila.



2.3.7.2.65- L. S. Luis. Viana



2.3.7.2.66- Reguengos

Num segundo grupo incluíram-se as casas de dois pisos, com portal no rez-de-chão e janela de peito no piso superior e chaminé de prumada, por vezes destruída para dar lugar a uma segunda abertura. (note-se a decoração de estilo manuelino, que aparece

em vários exemplos na Rua Cândido dos Reis em Montemor, comprovando assim a antiguidade dos mesmos).



2.3.7.2.67- R. Cabo da Vila. Arraiolos



2.3.7.2.68- R. Cabo da Vila. Arraiolos



2.3.7.2.69- R. Direita, 51. Montemor



2.3.7.2.70- R. Direita, 52. Montemor

Um último caso a mencionar é o de edifícios de dois pisos, apresentando uma ou mais janelas de peito no andar superior; as aberturas de rez-de-chão são de dimensão e decoração variáveis.



2.3.7.2.71- R. Cabo da Vila. Arraiolos



2.3.7.2.72- R. Espírito Santo. Arraiolos



2.3.7.2.73- R. St. António. Montemor



2.3.7.2.74- R. das Farizes. Montemor

Podem-se pois referir como principais características deste grupo dito de "arquitectura popular":

- existência de vãos com dimensões reduzidas
- a preexistência de chaminés de fachada, que alternavam com vãos no rez-de-chão, praticamente desaparecidas, sendo aproveitadas para construção de um segundo piso ao edifícios e consequente readaptação de espaços interiores.
- a inexistência de decoração (excepto nos dois casos indicados em Montemor) nos aros das janelas, substituída pela aplicação de cor diferenciada, contrastando com a aplicada na fachada.
- a presença de rodapé pintado da mesma cor que os vãos das portas e janelas (que podia ser o branco quando à fachada era uma outra cor)

Não se pode concluir esta parte do trabalho sem referir que ela, não é de modo algum exaustiva, embora contemple a maioria das tipologias existentes nas localidades visitadas. A inexistência de levantamentos fotográficos e gráficos (as fotografias apresentadas foram todas realizadas pela autora do trabalho) dificultou, de forma evidente, a pesquisa necessária a um estudo deste tipo. (a Câmara de Montemor realiza, neste momento, um levantamento informatizado do seu centro histórico, obtido a partir de fotografia e observação directa dos edifícios, não utilizando pois a tecnologia existente para trabalhos deste género). Comprovou-se, no entanto, que as diversas tipologias desenvolvidas abrangem, na maior parte, as quatro povoações estudadas, existindo consequentemente famílias de formas, definidas posteriormente, próprias da arquitectura urbana da região alentejana.

2.3.7.3- Fontes e chafarizes

As fontes e chafarizes, polos de distribuição de água às populações, foram desde sempre elementos urbanos que ocuparam um espaço primordial na organização social e no convívio humano das populações. Além de desta função também serviam, nesta região, onde os cursos de água com caudal permanente escasseiam, de locais de lavagem de roupas e, muito importante, de bebedouro para animais de sela e outros.

Interessante e sem dúvida original é o estudo do regulamento das águas para Viana do Alentejo, efectuado por João de Sousa, já referido. Nele se verifica a

importância destes equipamentos, que organizavam toda a vida da urbe, servindo o excesso dos seus caudais para rega dos pomares e hortas existentes.

Durante o século XIX, e com as novas ideias higienistas, foram construídos muitos fontanários (a Papança e Isidoro de Sousa se devem as numerosas fontes em Reguengos e Viana, respectivamente) que durante o século XX, foram sendo destruídos, à medida que se realizava a distribuição domiciliária da água. Este estudo debruça-se sobre as fontes que restam, algumas classificadas, elementos pontuais de uma rede anterior que organizava a malha urbana. A sua descrição pormenorizada, efectuada por Túlio Espanca no Inventário Artístico, é resumida no anexo 2.

A fonte mais antiga denominada Fonte da Praça, situa-se no centro de Viana do Alentejo, integrada no edifício dos antigos Paços do Concelho. Exemplo renascentista, de grande beleza formal, ainda hoje constitui ponto de encontro da população, que aí se senta para conversar nas suas horas mortas; motivou, nas diversas intervenções a que foi sujeita, abertura de novos traçados urbanos, como foi referido.



2.3.7.3.1- Fonte da Praça. Viana



2.3.7.3.2- Fonte da Pedra. Arraiolos

Em Arraiolos são mencionadas por Espanca duas fontes, a da Arregaça e a da Pedra, sobre o caminho que saía para Lisboa. À primeira não foi possível aceder, a segunda é demais conhecida e referenciada, ponto de interesse turístico e única na sua multifuncionalidade, com zona de bebedouro de gados, bicas para enchimento de bilhas e consumo dos viajantes e, protegida dos olhares dos curiosos, uma zona de lavagem de roupas, ainda hoje utilizada. Não se encontraram nesta povoação fontes inseridas no tecido urbano, nem referências às mesmas, nos autores consultados.

A terceira fonte analisada é a da Rua Nova, em Montemor, situada no seu extremo oeste, que constitui o único exemplo encontrado de fonte tratada como elemento escultórico, isolado, tão ao gosto do urbanismo barroco.

A fonte de Nossa Senhora da Conceição e o Chafariz do Besugo, em Montemor, foram construídos por ordem real, e são elementos importantes da paisagem urbana, situados defronte um do outro, na entrada principal da vila, para quem chegava de Lisboa. Ambos adoptam formas ditas barrocas, tendo a primeira mantido um carácter regionalista, e a segunda, devido à riqueza dos materiais aplicados e da definição de

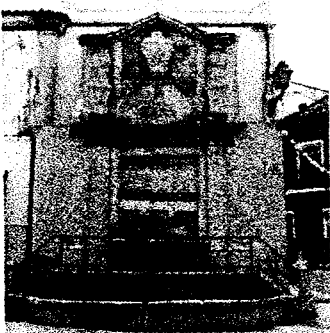
zonas distintas (separadas no espaço por uma galeria com degraus, entre a zona de serventia de gados e a da população), apresenta um estilo mais "cosmoplita"



2.3.7.3.3- Fonte da R. Nova. Montemor



2.3.7.3.4- Fonte N. Sr.ª da Conceição. Montemor



2.3.7.3.5- Chafariz do besugo. Montemor

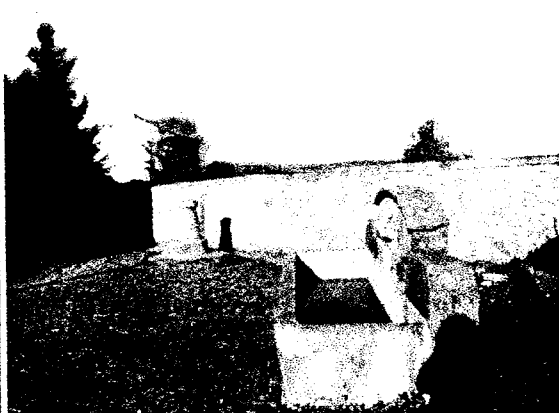


2.3.7.3.6- Fonte das Freiras. Viana

Adoptou-se por agrupar a Fonte das Freiras em Viana e o Chafariz do Pocinho, em Montemor, pois ambos se localizam nos rossio das respectivas vilas, a cotas mais baixas que o terreno envolvente, procurando o caudal necessário para o seu funcionamento. A primeira, situada num local público, servia exclusivamente o convento próximo, e por esta razão motivou verdadeiras revoltas populares. O segundo, situado no caminho que partia para Évora, destinava-se essencialmente a bebedouro de gado, tendo também bancos para descanso dos viajantes.



2.3.7.3.7- Chafariz do Pocinho. Montemor



2.3.7.3.8- Fonte de S. Francisco. Viana

Um último grupo engloba as fontes situadas na rede viária, construídas ou reconstruídas no século XIX, e situadas na periferia de Viana. A fonte de S. Francisco, perto do convento homónimo, é de dimensões reduzidas e servia os caminantes provenientes de Vila Nova da Baronía, supõe-se ser um arranjo do antigo Poço Novo. O chafariz das Bicas, perto da estrada que conduzia a Nossa Senhora de Aires, servia exclusivamente as populações; as duas últimas, colocadas perto da Carreira da Fonte Coberta, são constituídas por enormes tanques para serventia de animais, com pequenos pilares para amarrar os animais de sela, e são dois exemplos das necessidades funcionais da época.



2.3.7.3.9- Fonte do Rossio das Freiras. Viana

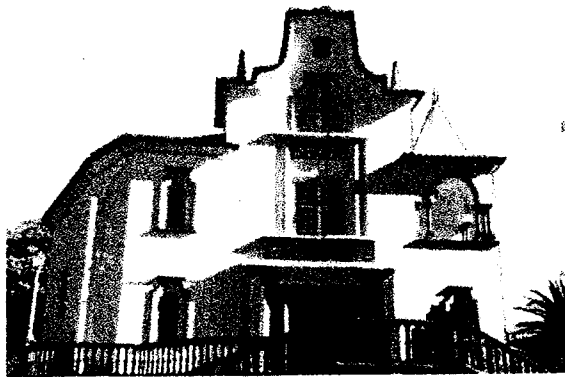


2.3.7.3.10- Chafariz da Praça da Palha. Viana

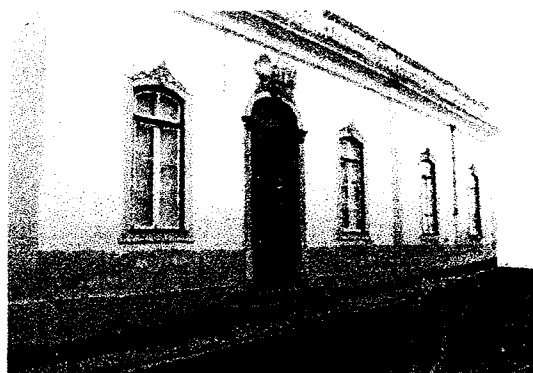
2.3.7.4- Equipamentos de Lazer

Durante o século XIX, novos equipamentos de lazer, surgem em toda a Europa, destinados a uma classe burguesa em ascensão, deslocada das suas raízes ancestrais, que procura ocupações para os seus tempos livres, inexistentes até então. Em Portugal o fenómeno desenvolve-se desde logo em Lisboa e no Porto, espalhando-se posteriormente ao resto do país, revestindo formas comuns mas adaptando-se ao modo de viver e à fisionomia própria de cada região.

As "sociedades" formam-se em meados do século XIX, e têm forte expressão urbana, social e política no fim do século. Local de leitura de revistas e periódicos, centro de discussões políticas, rapidamente começam a separar-se socialmente, estabelecendo padrões de vida próprios de cada classe interveniente. Em Montemor, a sede da Carlista (antiga Filarmónica Montemorense) é o edificio mais recente, embora seja a sociedade mais antiga, e aquela que conserva o caracter mais popular.



2.3.7.4.1- Sociedade Carlista



2.3.7.4.2- Sociedade Pedrista

Existiram nas outras localidades estudadas sociedades deste tipo, instalando-se em edifícios, por vezes adaptados às suas novas funções. Em Viana, a par da Sociedade Vianense, já referida, surgem no século passado, instigadas por Isidoro de Sousa, sociedades dedicadas exclusivamente à classe operária da região.



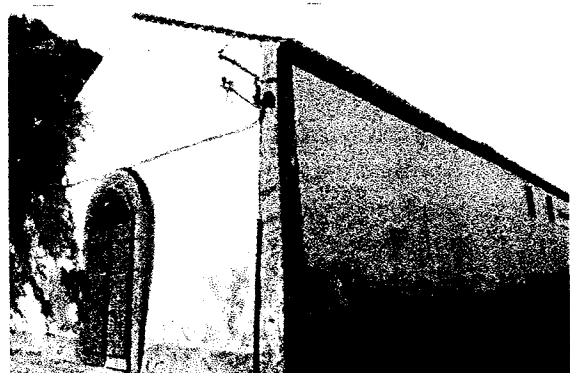
2.3.7.4.3- Sociedade recreativa. Reguengos



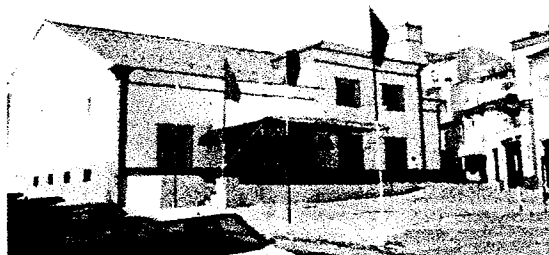
2.3.7.4.4- Teatro Curvo Semedo. Montemor

Praticada no princípio em salões ou nas sociedades referidas, a arte teatral desde cedo reclama a presença de salas próprias, pois o gosto pela mesma alastra rapidamente na província, ávida de novidade vindas da Capital, segundo Rui Cascão (1993:532):

"...a partir de 1845, o gosto pelo teatro expandiu-se pela provincia. Em muitas cidades e vilas começaram a surgir teatros e *teatrinhos*, onde compareciam pessoas das mais diversas proveniências sociais..."



2.3.7.4.5- Teatro. Reguengos



2.3.7.4.6- Cine-teatro. Arraiolos

Em Montemor a primeira sala destinada a este fim situa-se na igreja do Hospital do Espírito Santo, transferida posteriormente para sala própria, na Rua Nova. O teatro Curvo Semedo é construído mais tarde, em terrenos do antigo rossio, adaptando, curiosamente, a escala e a forma das ermidas que lhe são vizinhas. Em Reguengos também existiu um teatro, hoje abandonado e o cine-teatro de Arraiolos continua em funcionamento, sendo também espaço de convívio popular da vila.

Os equipamentos de maior dimensão construídos nestas localidades, foram as Praças de Touros, motivo de orgulho dos seus habitantes. Imóveis utilizados uma ou duas vezes no ano, são o seu verdadeiro luxo; sempre bem conservados, marcam o gosto regionalista pela festa taurina, e caracterizam, de forma singular, as respectivas imagens urbanas. Em Arraiolos existiu uma praça desmontável, de dimensões consideráveis,

situada perto do castelo, representada nas plantas da vila dos anos quarenta. Rui Casção (1993:538) considera que :

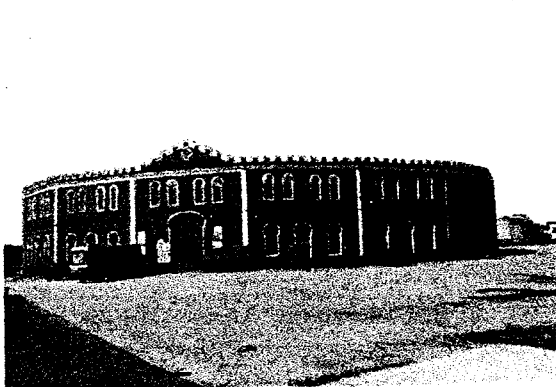
"... festa predilecta das populações do Ribatejo e Alentejo, a corrida de touros expandiu-se à escala de todo o território nacional, em particular nos anos 70, atraindo fundamentalmente a concorrência de populares e de membros da velha aristocracia. Isto apesar da contestação de que foram alvo por parte de algumas correntes políticas ..."

e o autor cita um artigo de Casimiro Dantas, publicado na *Ilustração Portuguesa*, que descreve o aficionado taurino:

"...indeferente e apático por indole, o nosso honrado burguês pode ficar a dormir em casa, quando o país lhe pede o sufrágio ou nos *meetings* se levanta o verbo audicioso de qualquer tribuno ultrapatriota. A politica não o fascina; a causa pública não o comove; o estado das finanças bom ou mau, não o sobressalta. Só os touros lhe acendem nos olhos faiscações de estranha alegria..."⁶



2.3.7.4.7- Praça de touros. Montemor



2.3.7.4.8- Praça de touros. Reguengos

2.3.7.5- Equipamentos de solidariedade social

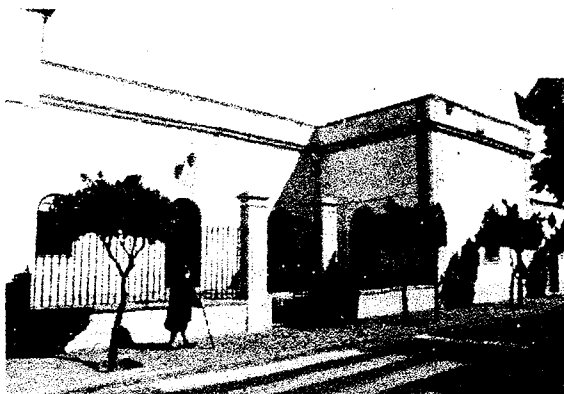
Nestes capítulo consideraram-se vários tipos de equipamentos surgidos no final do século XIX, englobando a assistência médica, a educação e outros afins. Em todas as povoações estudadas estes estabelecimentos foram fundados praticamente na mesma época, devido sobretudo à iniciativa privada, e mantêm-se em funcionamento nos dias de hoje.

Os hospitais eram no século XIX, segundo Maria Antónia Lopes (1993:508),

"...instituições destinadas a curar doentes pobres. Muitos deles possuíam uma secção para gente mais abonada, que pagava o seu curativo, mas a verdadeira finalidade dos hospitais era o socorro gratuito dos pobres enfermos que não podiam pagar à sua custa. A maior parte dos hospitais portugueses eram organismos integrados e administrados pelas misericórdias ou outras confrarias menores..."

Nas localidades analisadas todos os hospitais estavam entregues a misericórdias, tendo o de Montemor transferido as suas instalações para o antigo Recolhimento de Nossa Senhora da Luz, como foi descrito na primeira parte do trabalho; Viana e Arraiolos conservaram as suas instalações, que existiam desde há séculos, tendo o segundo sido transferido em meados do século XX para novo edificio; Reguengos construiu um edificio novo, num estilo simples e prático, com formas que quase se podem considerar "modernas" e instalou-se nas artérias novas da vila, na já mencionada extensão urbana.

⁶ Casimiro Dantas in *Ilustração Portuguesa*, cit. por Casção (1993:538)



2.3.7.5.1- Hospital de Reguengos



2.3.7.5.2- Esc. Conde de Ferreira. Montemor

Segundo Luis Reis Torgal, o conceito de "instrução pública" ganha toda a força durante o período liberal, instituindo-se por duas vezes o "Ministério de Instrução Pública", citando pensadores da época, que definiam desta forma o sistema de ensino a implantar:

"...O vosso primeiro cuidado, depositários da confiança de um povo livre, deve ser dissipar as trevas e fazer raiar o mais cedo e o mais amplamente possível a luz brilhante da verdade própria, para patentear toda a beleza da liberdade e da justiça..."⁷

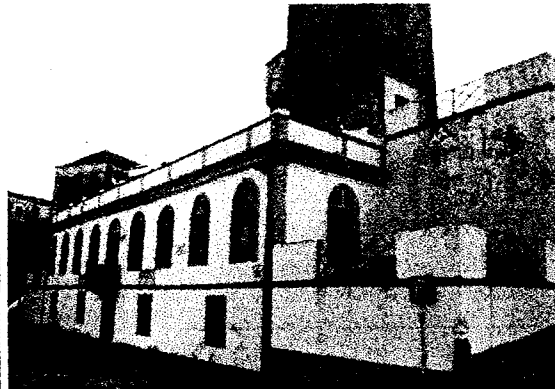
"A instrução popular cria um grande capital financeiro no desenvolvimento dos espíritos..."

O salário dos operários, o lucro dos capitalistas e a prosperidade do País crescem na proporção em que se aumente a cultura das inteligências e a melhoria do trabalho individual. Universalizar a instrução é multiplicar a riqueza nacional"⁸

O ensino público nas localidades analisadas foi implantado a nível dos estabelecimentos primários, sendo o secundário ainda de índole privada. Em Viana surge, no princípio deste século, uma escola de ensino técnico, ideia fomentada há bastante tempo por Isidoro de Sousa. A escola Conde Ferreira em Montemor, uma das primeiras construídas, instalou-se num ponto elevado do arrabalde do castelo, situando-se a primeira escola em Arraiolos na encosta do outeiro de S. Pedro, e ocupando a de Viana o espaço da primitiva ermida da vila, chamada de Santo Aleixo e posteriormente de S. João.



2.3.7.5.3- Escola Primária. Viana



2.3.7.5.4- Asilo. Montemor

⁷ Luis Mouzinho de Albuquerque, *"Ideias sobre o estabelecimento da instrução pública dedicada à nação portuguesa e oferecida aos seus representantes"*, cit. por Luis Reis Torgal (1993:609)

⁸ - D. António da Costa, *"A instrução nacional"*, 1870, cit por Luis Reis Torgal (1993:609)

Outros tipos de equipamentos inovadores foram os hospícios, destinados a admitir crianças abandonadas, expostos e indigentes, que vieram substituir a "Roda", extinta em 1867. Em Montemor, na Porta da Vila, e em Reguengos, em casa oferecida por Manuel Papança, construíram-se asilos e recolhimento para idosos, em Viana surgiu já referido Instituto da Caridade, que recolhia meninas orfãs, e foi fundada uma das primeiras creches do país, destinada a filhos de operários da vila, por iniciativa da família de Isidoro de Sousa, no extinto convento de S. Francisco. Substituindo em grande parte o papel assumido anteriormente pelos conventos, estes edifícios são sinónimo de progresso social das urbes onde se inseriam, orgulho dos seus cidadãos, desejosos, na época, de promover o "bem estar social" e a "caridade pública", como foi referido em citações de jornais e artigos da época.

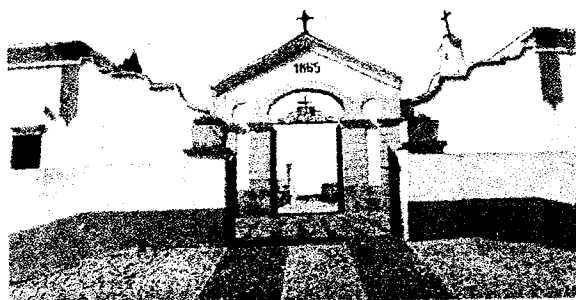
Concluindo este capítulo menciona-se a fundação de cemitérios, todos eles contemporâneos, construídos por iniciativa pública, após a promulgação da lei que proíbe o enterramento nas igrejas e proximidades:

"...1º- que em todas as povoações fossem estabelecidos cemitérios publicos para neles se enterrarem os mortos

...3º- os cemitérios deveriam situar-se fora do limite das povoações e ter uma exposição conveniente para a salubridade

...4º- deveriam ainda estar resguardados por um muro de dez palmos de altura..."⁹

Estas leis, promulgadas pelos governos liberalistas, têm pouco apoio das populações, e serão pessoas como Cunha Rivara, Papança ou o Médico Sousa que incrementam a sua construção nas suas localidades. Com o crescimento urbano das vilas surgiram problemas de falta de espaço em torno das igrejas, que motivou em Reguengos, a fundação de um pequeno recinto, o Covalinho, próprio para enterrar os mortos das classes menos desfavorecidas. Em meados do século XIX, uma epidemia de peste motiva um aumento da mortalidade, que obriga a improvisar cemitérios dentro das cercas de Arraiolos e Viana. Será a indignação de Cunha Rivara, na altura médico na vila, que motiva a fundação do cemitério na antiga cerca do convento de S. Francisco.



2.3.7.5.5- Cemitério de Reguengos



2.3.7.5.6- Cemitério de Viana

Em Montemor também se adaptam os terrenos do convento homónimo abandonado, intervindo simultaneamente nos edificios conventuais. Reguengos situa o cemitério na extremidade de uma das artérias principais da nova malha urbana, ligando-o directamente à recém criada praça principal. Viana é a excepção neste caso, pois situa o seu cemitério longe do povoado, seguindo todas as indicações do decreto lei acima

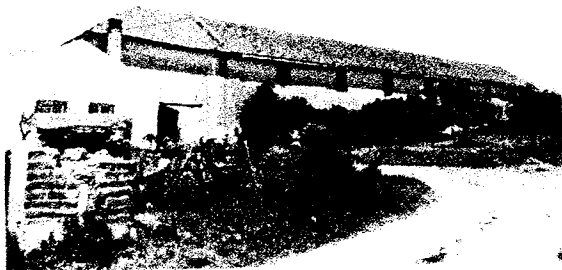
⁹ - Decretos de 1835, citados por Fernando Catroga (1993:596)

citado, aproveitando a ermida de Santo André como capela funerária e os terrenos adjacentes como campo santo. Embora os cemitérios ocupem posições periféricas em todas as povoações, só o de Viana se situa actualmente fora do seu perímetro urbano.

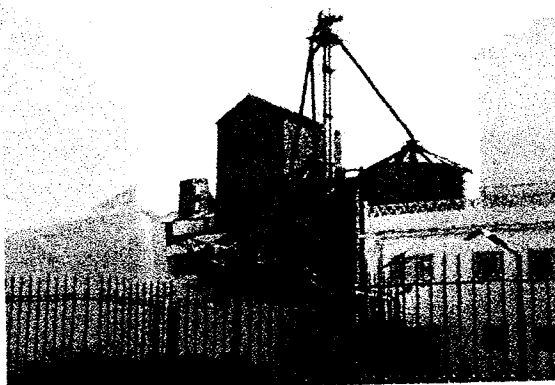
2.3.7.6- Equipamentos comerciais e industriais

Estes equipamentos começam a surgir nas localidades analisadas na transição do século XIX para o século XX, predominando as indústrias directamente ligadas à agricultura da região. A fundação da União Vinícola e Oleícola do Sul deveu-se à iniciativa de Isidoro de Sousa; experiência pioneira no país, o edifício da adega social, perto da estação de caminho de ferro, não foi concluído, encontrando-se hoje em dia num total abandono.

Em todas as povoações estudadas se construíram importantes moagens, hoje encerradas, mas que tiveram papel preponderante na vida económica do princípio do século (em Arraiolos e Reguengos serviam também de geradores eléctricos). Sem preocupações de ordem estética ou urbanística, instalaram-se em antigos conventos (a igreja do Espírito Santo em Montemor serviu para este fim), ou em terrenos afectos aos antigos rossios. Todas as fábricas construídas deixaram marcas bem visíveis na paisagem urbana, modificando a sua silhueta visual de modo significativo.



2.3.7.6.1- Adega Social. Viana



2.3.7.6.2- Moagem. Viana

A instalação de matadouros também data desta época, tendo sido a maioria posteriormente demolidos. O matadouro de Arraiolos e o de Viana situam-se na periferia das respectivas povoações, longe das zonas habitacionais e ainda hoje conservam esta característica.



2.3.7.6.3- Moagem. Arraiolos



2.3.7.6.4- Matadouro. Arraiolos

As estações de caminho de ferro foram dimensionadas em função das localidades que serviam, e no sul do país, a sua construção revelou uma extrema simplicidade. Desactivadas na actualidade, conservam-se abandonadas ou foram reconvertidas em centro de atracção nocturna da juventude da região.



2.3.7.6.5- Estação caminho de ferro. Montemor



2.3.7.6.6- Estação caminho de ferro. Viana

Os estabelecimentos comerciais situavam-se, como foi referido, no piso térreo das casas de habitação e consistiam numa pequena porta com loja no interior, encontrando-se, na actualidade, alguns exemplos nas localidades visitadas. Em Reguengos existiram grandes armazéns de venda de tecidos e mantas da região, tendo sido um deles, localizado na praça principal, reconvertido em instalação bancária.

As zonas comerciais, situadas nas vias principais das localidades, acompanharam o movimento de crescimento das respectivas urbes, deslocando-se, nos casos de Montemor e Reguengos, no sentido das novas extensões que foram surgindo.



2.3.7.6.7- Armazém de fazendas. Reguengos

Em Viana e Arraiolos este movimento não foi tão acentuado, pois não houve transferência de centro, mantendo-se as posições relativas dos eixos principais ao longo dos tempos. A construção de mercados públicos é mais tardia, aparecendo por volta dos anos sessenta nas localidades em estudo.

2.4- Tipologia A. Elementos pontuais da estrutura urbana

A proposta de uma tipologia geral, efectuada a partir da análise morfológica anterior é complexa, pois nos pontos anteriores verificou-se a existência de numerosos casos pontuais, o que dificulta de forma evidente a tentativa de tipificar construções centenárias, com múltiplas intervenções e diversas ocupações que as fizeram viver e reviver, deixando na malha urbana marcas inabaláveis.

Outra dificuldade encontrada é o número reduzido de elementos de cada caso, três castelos, três misericórdias, etc., que não permitem, de modo algum, uma generalização que só seria precipitada, sem ter elementos de estudo suficientes.

Os quadros que se elaboram, meras propostas a confirmar quando da obtenção de maior número de elementos, são síntese da análise efectuada, agrupados conforme as suas características comuns.

2.4.1- Recintos fortificados

CERCA A	Arraiolos <ul style="list-style-type: none">• Situado num alto de um monte, antigo castro• Forma circular, com paço de alcaide e povoação• Duas portas, de Santarém e da Vila
CERCA B	Montemor-O-Novo <ul style="list-style-type: none">• Sítio alcandorado• Forma triangular, com Paço de Alcaide e povoação estruturada• Quatro portas: Vila ou Relógio, Bispo, do Sol ou Santiago e Évora
CERCA C	Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none">• Sopé de um monte• Dimensões reduzidas, forma pentagonal, com paço• Duas portas, para a vila e para o rossio de S. Luís

2.4.2- Igrejas

IGR.A	Matriz de Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none">• Situada no interior da cerca• Planta rectangular• Três naves de altura desigual• Capela mor rectangular• Século XVI, "estilo manuelino"
IGR.B	Matriz de Arraiolos <ul style="list-style-type: none">• Situada na periferia da vila, substituiu uma anterior• Século XVIII
IGR.C	Santo António de Reguengos <ul style="list-style-type: none">• Situada na praça principal da vila• Séculos XIX- XX, estilo "neo-gótico"
IGR.D	Santa Maria do Bispo. Montemor Santa Maria da Vila. Montemor <ul style="list-style-type: none">• ambas desaparecidas, da primeira resta o portal principal

IGR.E	Calvário. Montemor Calvário. Arraiolos Velha de Santo António. Reguengos Santiago. Montemor S. João. Montemor <ul style="list-style-type: none"> • Representam a transição entre a ermida e a igreja, ou vice-versa, conforme as necessidades do culto
--------------	---

2.4.3- Ermidas

ERM. A	S. Pedro. Arraiolos Santo André. Montemor S. Simão. Montemor S. Vicente. Viana do Alentejo S. Pedro. Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none"> • Encontram-se em ruínas
---------------	---

ERM. B	Periferia das Povoações
B.1	Santo António o Velho. Arraiolos <ul style="list-style-type: none"> • Reconstruído sobre uma antiga ermida, com instalações para peregrinos • Feira franca de gado
B.2	Nossa Senhora de Aires. Viana <ul style="list-style-type: none"> • Santuário da época barroca de grande importância na tradição religiosa do Alentejo • Instalações para peregrinos • Feira franca de gado
B.3	Nossa Senhora da Visitação. Montemor <ul style="list-style-type: none"> • Reconstruída sobre uma antiga ermida, com instalações para peregrinos • Área limitada, sem possibilidades de expansão, dada a sua situação • Ligação visual e física à vila próxima
B.4	Santo André. Viana do Alentejo S. Pedro. Montemor <ul style="list-style-type: none"> • características morfológicas idênticas ao tipo ERM.C1
B.5	Senhor Jesus do Cruzeiro <ul style="list-style-type: none"> • planta octogonal, forma barroca

ERM. C	Urbanas
C.1	S. Romão. Arraiolos S. Sebastião. Arraiolos S. Vicente. Montemor S. Lázaro. Montemor S. Sebastião. Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none"> • forma rectangular, ver definição de "Templete Rural do Aro Alentejano"
C.2	Nossa Senhora da Paz. Montemor Senhor Jesus das Necessidades. Montemor <ul style="list-style-type: none"> • planta octogonal

C.3	Espírito Santo. Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none"> • transição da ermida tradicional para uma forma neoclássica
C.4	Nossa Senhora da Assunção. Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none"> • adaptação de antigas instalações dos paços do concelho

2.4.4- Albergarias, Misericórdias e Passos

ALB. A	Hospital do Espírito Santo. Arraiolos
ALB. B	Hospital do Espírito Santo. Montemor, com igreja tipo ERM.C. 1
ALB. C	Albergaria dos Ovelheiros em Viana, com ermida de Nossa Senhora das Graças, tipo ERM.C. 1

MIS. A	Arraiolos. Igreja com sacristia
MIS. B	Montemor. Igreja e dependências
MIS. C	Viana do Alentejo. Igreja e dependências, adaptadas à forma da muralha e ao espaço em que se inseriram

PASSO A	<ul style="list-style-type: none"> • alvenaria escaiolada ou mármore, de proporções variáveis, têm frontões de duplo enrolamento e pináculos de formas diferentes. Século XVIII
A.1	R. Nova. Montemor
A.2	R. Cunha Rivara. Arraiolos
A.3	R. Olivença. Arraiolos Rossio de S. Romão

2.4.5- Conventos

CONV. A	Periferia das povoações
A.1	Loios. Arraiolos <ul style="list-style-type: none"> • situado num vale, com igreja do tipo ERM.C1 • em obras de adaptação a estabelecimento hoteleiro
A.2	Conceição. Montemor <ul style="list-style-type: none"> • situado no alto de uma elevação, a norte da vila • em ruínas

CONV. B	Urbanos
B.1	Saudação. Montemor <ul style="list-style-type: none"> • Interior da cerca, ocupa espaço abandonado pelos habitantes que se mudaram para o arrabalde
B.2	S. Francisco. Arraiolos S. Francisco. Montemor S. Domingos. Montemor Recolhimento de Nossa Senhora da Luz. Montemor S. Francisco. Viana do Alentejo de Jesus. Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none"> • instalam-se na periferia das povoações, na proximidade dos rossios • por vezes foram antecidos de ermidas

B.3	S. João de Deus. Montemor <ul style="list-style-type: none"> insere-se no interior do tecido urbano, modificando assim a sua estrutura primitiva
------------	---

2.4.6- Poder Municipal

O estabelecimento de uma tipologia não é viável para estes edifícios, que foram modificados, substituídos e destruídos ao longo da sua história.

2.4.7- Arquitectura Civil

2.4.7.1- "Matadouro Mourisco"

Por ser elemento único, não se definiu tipologia.

2.3.7.2- Edifícios de Habitação

Casas apalaçadas

PALÁC. A	Casa da Mala Posta. Arraiolos Solar Melo Mexia. Arraiolos Casa nobre R. D. Vasco. Montemor Casa Freire de Andrade. Montemor Cada dos Fragoso-Amados. Montemor Casa nobre do Visconde da Amoreira da Torre. Montemor Pousada dos Morgados Laboreiros. Montemor Casa nobre na R. do Calvário. Montemor Casa Faria e Melo. Viana Casa nobre dos Calados. Viana Instituto da Caridade. Viana Casa nobre na R. dos Infantes. Viana
PALÁC. A	<ul style="list-style-type: none"> dois pisos predominância do andar superior, com janelas de sacada vãos no piso inferior, conforme as diversas utilizações, não modelados
PALÁC. B	Casa Papança. Reguengos Casa Leal. Reguengos <ul style="list-style-type: none"> dois pisos características semelhantes aos anteriores, mas apresentando eixo de simetria no corpo central do edifício
PALÁC. C	Casa Rojão. Reguengos Casa Rosado Fernandes. Reguengos Solar dos Mouzinho da Silveira Almandanim. Montemor <ul style="list-style-type: none"> dois pisos predominância do andar superior, mas existência de modulação de aberturas no piso inferior eixo de simetria marcando a entrada principal

PALÁC. D	<p>Casa José de Sousa. Reguengos Casa António Gião. Reguengos Casa Sede da Fundação Maria Inácia Perdigão Silva. Reguengos</p> <ul style="list-style-type: none"> • dois pisos • tratamento idêntico de vãos nos dois andares • marcação de eixo de simetria, na fachada principal, pela entrada em rez-de-chão e janelas de sacada no andar nobre
PALÁC. E	<p>Casa nobre do Terreiro de S. João de Deus. Montemor Casa nobre do Conde de St. André. Montemor</p> <ul style="list-style-type: none"> • três pisos • tratamento diferenciado de vãos, conforme os pisos, com janelas de sacada no piso intermédio ou no piso superior

Edifícios tipo "Torre"

TORRE A	<p>Praça Lima de Brito. Arraiolos Largo das Portas do Sol. Montemor</p> <ul style="list-style-type: none"> • edifício tipo torre, com mais de dois pisos, sendo o segundo o andar nobre
----------------	---

Edifícios de dois pisos

HAB. A	<p>Fotografias 2.3.7.2.25 a 2.3.7.2.32</p> <ul style="list-style-type: none"> • dois pisos • porta encimada por janela de sacada • por vezes o conjunto apresenta-se descentrado, motivando assimetrias curiosas
HAB. B	<p>Fotografias 2.3.7.2.33 a 2.3.7.2.40</p> <ul style="list-style-type: none"> • dois pisos (por vezes um terceiro, acrescentado) • porta ladeada de pequena janela de peito, com duas janelas, eventualmente de sacada, no andar superior, distintas das primeiras, tanto a nível de decoração como de proporção • por vezes apresentam acrescentos de terceiro piso ou corpo lateral, sem descaracterizar o conjunto
HAB. C	<p>Fotografias 2.3.7.2.41 a 2.3.7.2.56</p> <ul style="list-style-type: none"> • dois pisos • três ou mais janelas de fachada no primeiro piso • casas atribuídas a classes sociais favorecidas, típicas da alta burguesia dos séculos XVIII e XIX • por vezes apresentam aspectos de transição para as casas apalaçadas
HAB. D	<p>Fotografias 2.3.7.2.57 a 2.3.7.2.58</p> <ul style="list-style-type: none"> • dois pisos • janelas de peito no piso superior, alternando eventualmente com janelas de sacada

Edifícios de uso colectivo

HAB. E	Fotografias 2.3.7.2.59 a 2.3.7.2.62 <ul style="list-style-type: none">• dois e três pisos• grandes casas com corpo central, que marca a simetria do edifícios e tratado de forma diferente, embora conservando o mesmo ritmo de janelas de sacada no piso superior ou intermédio e aberturas no piso inferior• transição para as casas apalaçadas
---------------	---

"Arquitectura Popular"

HAB. F	Fotografias 2.3.7.2.63 a 2.3.7.2.66 <ul style="list-style-type: none">• piso térreo• uma ou duas aberturas em fachada, que alternam com enormes chaminés de prumada
HAB. G	Fotografias 2.3.7.2.67 a 2.3.7.2.70 <ul style="list-style-type: none">• dois pisos• vãos em rez-de-chão e andar, sempre com janelas de peito e chaminés de prumada
HAB. H	Fotografias 2.3.7.2.71 a 2.3.7.2.74 <ul style="list-style-type: none">• dois pisos• janelas de peito no andar superior

2.3.7.3- Fontes e Chafarizes

FONT. A	Fonte da Praça. Viana <ul style="list-style-type: none">• inserida na malha urbana• taça para serventia de gado
FONT. B	Fonte da Pedra. Arraiolos <ul style="list-style-type: none">• situada à beira de um caminho• espaço multifuncional, com zona de lavagem de roupas, bebedouro para animais e serventia do público
FONT. C	Rua Nova. Montemor <ul style="list-style-type: none">• inserida na malha urbana• elemento único, escultórico, no centro de uma praça
FONT. D	Fonte de Nossa Senhora da Conceição. Montemor Chafariz do Besugo <ul style="list-style-type: none">• inseridas na malha urbana• encostadas a empenas ou muros de suporte, com taça para animais, e serventia pública• características de arquitectura dita erudita
FONT. E	Fonte das Freiras. Viana Chafariz do Pocinho. Montemor <ul style="list-style-type: none">• situadas nos rossios das vilas• cota mais baixa do que o terreno onde se implantam• taça para serventia animal

FONT. F	Fonte de S. Francisco. Viana Fonte da Cruz. Viana Fonte do Charariz dos Escudeiros. Viana Chafariz da Praça da Palha. Viana <ul style="list-style-type: none">• situadas à beira dos caminhos• por vezes apresentam enormes tanques, para serventia animal
----------------	---

A partir do ponto 2.3.7.4, não se definiu uma tipologia, pois considerou-se não haver elementos em número suficiente para efectuar tabelas de comparações.

2.5- Análise morfológica de conjuntos urbanos

2.5.1- Praças e rossios

As praças, terminologia que começou a utilizar-se em França, segundo Maria João Rodrigues (1990:219) para designar qualquer forma de espaço urbano alargada, desde que inserida no espaço urbano, e que segundo José Lamas (1992:102) é o :

"...elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se dos outros espaços, que são resultado acidental do alargamento ou confluência de traçados, pela organização espacial e intencionalidade do desenho...outros espaços, como o largo e o terreiro não podem ser assimilados ao conceito de praça. São de certo modo espaços acidentais, vazios ou alargamento de estruturas urbanas..."

foram seleccionadas seguindo os dois critérios, de alargamento e organização de espaço, que coexistem nas localidades analisadas. A escolha dos largos e praças baseou-se na importância histórica que os mesmos revestiram no espaço urbano, e por esta razão se seleccionaram as Praças Lima de Brito em Arraiolos e República em Viana (que persistem na sua função centralizadora), Miguel Bombarda em Montemor e Santo António em Reguengos, que estruturaram a malha urbana das vilas em formação.

Os rossios existentes foram todos seleccionados, e englobam-se nos conceitos definidos por Pinto Barbosa (1993:36):

"...um espaço de transição entre o rural e o urbano, um local de encontro de duas formas de vida... em situação de fácil relação com as vias de acesso e que, por isso, é o local potencialmente importante para o encontro e a reunião..."

No caso de Reguengos, optou-se por analisar a Praça da Liberdade, espaço de ligação entre duas malhas urbanas, pois a definição de rossio, entendido como transição entre o meio rural e urbano, não se aplica aos terrenos vagos perto da praça de touros, onde se instalam os seus mercados e feiras ocasionais.

As praças principais dos aglomerados urbanos, são caracterizadas, segundo Pinto Barbosa (1993:34), pela presença significativa de equipamentos urbanos:

"...limitá-la ou perto dela, localizam-se os edifícios importantes de uso colectivo- a igreja, a casa da câmara, a misericórdia, os comércios; aí se construíram também as suas moradas os indivíduos de condução social mais alta da terra..."

Esta definição, que se refere ao assunto de forma global, verifica-se parcialmente no caso das povoações estudadas, onde os equipamentos estruturam ou não o espaço, conforme as necessidades de organização social e urbana.

2.5.1.1- Praça Lima de Brito. Arraiolos

A Praça Lima de Brito situa-se a leste da cerca de Arraiolos e estrutura, desde o século XVI, o arrabalde formado a partir da Porta da Vila.

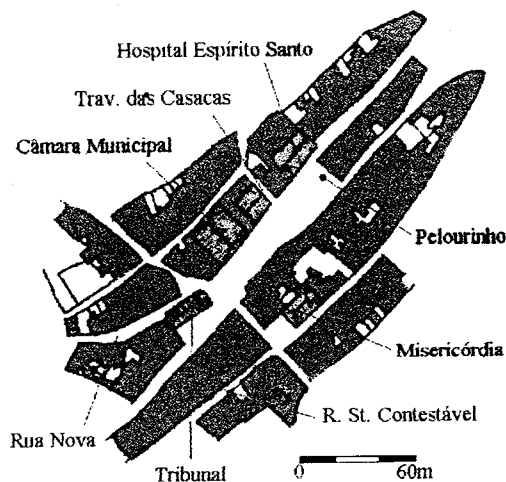
Ponto de passagem de diversas vias que ligam a vila a outros centros urbanos, é atravessada, a oeste, pela estrada proveniente de Évora em direcção a Mora, e no sentido este/oeste, pela antiga via proveniente de Lisboa em direcção a Espanha, que originou as ruas de Olivença e do Santo Contestável. A Rua Nova liga-a directamente à Rua dos

Arcos e à Travessa do Castelo; a travessa das Casacas estabelece uma ligação directa entre a praça e o convento dos Loios, situado a norte.

Como foi referido no primeiro ponto deste trabalho, o poder religioso nunca se instala neste espaço, preferindo, quando da sua transferência do interior do castelo, estabelecer-se na sede da antiga freguesia, com existência anterior à fundação da cerca.

Dos seus equipamentos principais salienta-se o edifício dos antigos paços do concelho, que integrava o tribunal judicial, a cadeia e os açougues, (o seu corpo principal foi concluído em 1546), situado num dos extremos da praça. (Ponto 1.1.1) Em oposição a ele situa-se o Pelourinho, no extremo oeste da praça.

Perto deste, a norte, localizava-se a sede da Confraria e Hospital do Espírito Santo, constituído, segundo Túlio Espanca (1975:439), por dois pisos, estando no primeiro instalada uma camarata com sete camas destinadas a pobres e no segundo piso espaços reservados a peregrinos e religiosos. A Misericórdia, quando da sua fundação, instalou-se neste edifícios, mas rapidamente construiu novas instalações, situadas perto da praça, pois integra um dos quarteirões que a rodeiam, mas periférica em relação ao espaço por ela limitado.



Praça Lima de Brito. Arraiolos

Os novos edifícios da câmara, construídos neste século, situam-se perto dos anteriores, sem alterar a estrutura urbana preexistente. A presença de vestígios de um edifício imponente, que se pode datar do século XVI (ver análise de elementos pontuais), perto dos paços do concelho, demonstra da importância social da praça desde essa época.

Os edifícios de habitação que rodeiam e limitam o espaço visual da praça são de dois pisos, predominando o tipo com janelas de sacada no piso superior. Nos alçados sul a modulação é de duas unidades de janelas de sacada, (excepto num edifício moderno, em que as janelas são de peito), nos edifícios que fecham o norte da praça a modelação é superior, correspondendo a casas mais opulentas. Este espaço é ainda hoje o centro da povoação, situando-se nele, além do edifício da câmara, o tribunal, a sede da guarda Republicana, instalações bancárias, comércio e serviços diversos.



2.5.1.1.1- P. Lima de Brito. Lado Norte



2.5.1.1.2- P. Lima de Brito. Sul e Este

2.5.1.2- Praça Miguel Bombarda. Montemor-o-Novo

A Praça Miguel Bombarda em Montemor, antiga Praça do Corro, era, nos séculos XVII e XVIII, uma das principais da vila. Ponto de encontro de diversas ruas provenientes do castelo, supõe-se ter sido de maiores dimensões, pois seria ligada à Praça Cândido dos Reis, nos primeiros tempos de formação do arrabalde.

A meio caminho entre o antiga vila muralhada e a Albergaria do Espírito Santo, constitui um espaço de charneira de dois crescimentos urbanos, um proveniente da antiga vila amuralhada e outro que se expandiu em torno da referida albergaria, como foi descrito na primeira parte deste trabalho.

Jorge Fonseca (1986:128-130), descreve-a do seguinte modo:

... "O Corro ou Corro dos Touros era também dos terreiros principais da urbe. Ao cimo existia a Casa das Varandas, propriedade da Câmara, sobre o touril. Daí assistia o senado às corridas de touros, que se organizavam na Festa do Corpo de Deus. Tapavam-se as saídas do terreiro para as ruas vizinhas com carretas e tapumes de madeira..."

Neste espaço nunca existiram equipamentos importantes do burgo, encontrando-se a ermida de S. Vicente na sua proximidade, assim como nos dois largos contíguos, a Casa de Ver o Peso, a Misericórdia e o Convento de S. João de Deus, respectivamente na Praça Cândido dos Reis e no Terreiro homónimo.

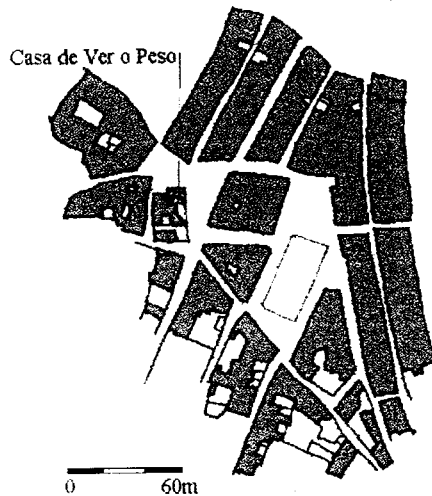
É curioso salientar que em Montemor, até aos nossos dias, nunca existiu um espaço central, polarizador de funções, pois a cidade desenvolveu-se a partir de eixos viários paralelos entre si, que definiam praças onde se implantavam os equipamentos necessários à época. Esta situação está de acordo com o enunciado por Pinto Barbosa (1993:246), que refere:

"...Isto implicou que os aglomerados alcandorados fossem descendo para a meia encosta ou até para o sopé do monte onde o castelo fora elemento de consolidação da povoação e garantia do povoamento da região envolvente.

Nesta dinâmica de crescimento ocorrem por vezes ao longo do tempo a constituição de centros correspondentes a cada época. Esta dinâmica do centro ou praça principal é imparável quando o crescimento da urbe é unidireccional."

Esta praça, de enormes dimensões, tem como característica principal o declive acentuado, que lhe confere um cariz especial, completado pelo perfil do casario

envolvente. As vias que a servem situam-se de forma diversificada, surgindo à medida do desenvolvimento do tecido urbano, e não obedecendo a regras precisas. No extremo norte o largo é fechado por um quarteirão, em oposição a parte sul, onde desembocam quatro ruas, o que confirma a ideia de espaço receptáculo de artérias provenientes da antiga vila amuralhada.



Praça Miguel Bombarda. Montemor-o-Novo

A Rua Direita, que continuava a estrada proveniente de Lisboa no interior da malha urbana, interrompida pelo Terreiro de S. João de Deus, utiliza a sequência de praças referidas anteriormente como continuação do seu percurso, que conduzia ao Terreiro das Portas do Sol e à estrada para Évora, assim como à entrada do Convento de S. Domingos. Este espaço é pois, até ser traçada de forma definitiva a Rua Nova, caminho alternativo dos viajantes, que podiam optar também pela Rua do Espírito Santo, mais a norte.



2.5.1.2.1- Praça Miguel Bombarda. Norte



2.5.1.2.2- Praça Miguel Bombarda. Sul

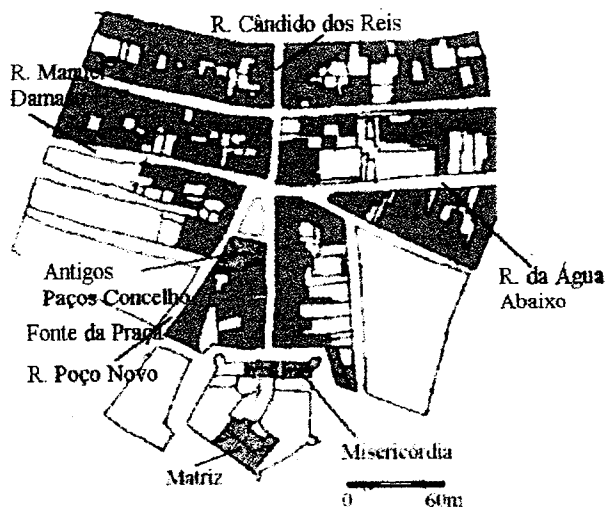
O casario que a envolve é na sua maioria de dois pisos, apresentando janelas de fachada no piso superior, conforme a importância social dos edifícios, retomando as formas definidas na tipologia do capítulo anterior; um edifício de três pisos, moderno, é a exceção do conjunto, não modificando a sua fisionomia anterior. O tabuleiro, calcetado e ornamentado com oito palmeiras, organiza e regula a praça, conferindo-lhe uma unidade de conjunto.

Abandonado nos nossos dias, verdadeiro "espaço morto" da urbe, sem pontos de animação nem vida própria, este recinto tornou-se um vestígio do antigo arrabalde, que merecia ter uma dinâmica própria, introduzida por uma reabilitação urbana. Do ponto de vista arquitectónico a praça é muito rica, pois apresenta diferentes intervenções ao longo dos tempos, encontrando-se lado a lado diversas tendências e formas de intervenção urbana características da história da arquitectura.

2.5.1.3- Praça da República. Viana do Alentejo

A Praça da República em Viana do Alentejo é o ponto de encontro da Rua Cândido dos Reis, via que estabelecia a ligação do burgo com a estrada para Évora, com o caminho que conduzia à Ermida de Nossa Senhora das Graças, sede da Albergaria dos Ovelheiros. (ponto 1.1.4).

De dimensões reduzidas, é o centro social e urbano da vila, que perdurou até aos nossos dias. Dominada pelo edifício dos antigos Paços do Concelho, situada na proximidade da matriz da vila, (no interior da cerca), concentrou, até à actualidade, os principais equipamentos terciários da urbe (a Câmara transferiu as suas instalações no início dos anos setenta, para uma casa apalaçada situada na periferia do aglomerado, conforme foi referido anteriormente).



Praça da República. Viana do Alentejo

O elemento mais importante é, sem sombra de dúvida, a Fonte da Praça, interessante exemplar da época renascentista, reformulado e arranjado sempre que foi necessário, sem no entanto perder as suas principais características. Ponto de encontro das águas vindas do Poço Grande do castelo, do Poço Novo, perto do convento de S. Francisco e de uma fonte situada na serra, serviu com o seu caudal toda a população, quer através da serventia da água quer através da rega domiciliária.

O espaço definido, com um desenho urbano que se adapta às diversas vias que o servem e atravessam, é fechado, atravessado no seu lado oeste pela rua principal da vila, e no extremo norte pela Rua Manuel Damaso Prates/ Rua da Água Abaixo. A Rua Miguel Bombarda, antiga Rua do Poço Novo, supõe-se ter sido aberta para conduzir o caudal do Poço Novo até à Fonte da Praça, definindo desta forma o seu limite este. A

sua forma, trapezoidal, confere-lhe uma funcionalidade própria, bem adaptada à função estruturante da malha urbana da vila, elemento principal de uma estrutura homogénea, organizando-a nos seus diversos eixos.



2.5.1.3.1- Sul da Praça da República



2.5.1.3.2- Vista para a R. Cândido dos Reis

Os edifícios que a rodeiam são de dois pisos, com janelas de sacada no piso superior, notando-se algumas intervenções modernas, tanto a nível de pormenores de fachada como de coberturas. A construção da Casa Nobre dos Calados motivou o fecho de uma rua, hoje Beco do Saco, que se tornou serventia da antiga casa.

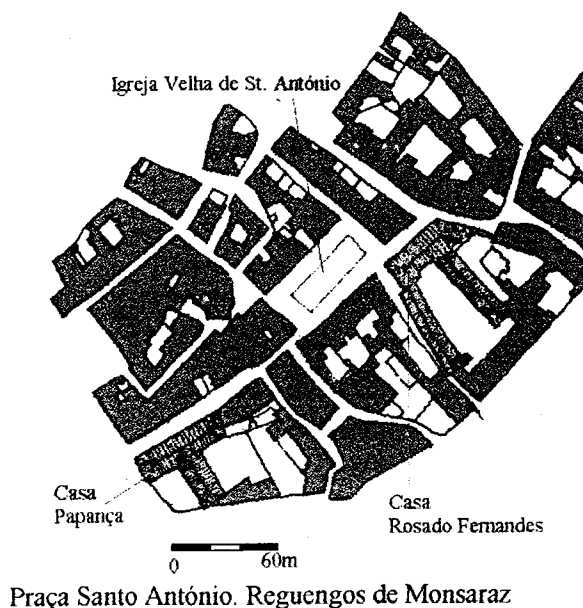
O seu espaço interior e circulação automóvel organiza-se em torno de uma placa, arranjada com bancos e árvores, que constitui ponto de encontro da população da urbe.

2.5.1.4- Praça de St. António. Reguengos de Monsaraz

Polo de crescimento da Vila de Reguengos, era nesta praça que se situava a Igreja Velha de Santo António, ocupando a área do actual tabuleiro. Colocada no ponto de cruzamento de diversas vias, (ponto 1.1.3), a primitiva ermida surge, nos finais do século XVII, rodeada de casario, originário da povoação de Reguengos de Baixo.

O espaço actual é rodeado por construções do século passado, e não apresenta equipamentos de qualquer espécie. É limitada, no seu extremo leste, pela grande casa que pertenceu à Família Rosado Fernandes, sem no entanto a dominar pela sua presença. As ruas que a servem desembocam nos cantos, apresentando-se por consequência como um espaço fechado, sem vias estruturantes (numa planta do século XIX, citada anteriormente, encontra-se uma ruela a meio do seu lado norte, hoje desaparecida).

O casario que a envolve, de dois pisos, apresenta uma estrutura coerente, sendo todo do mesmo tipo, e inspirando-se, talvez, na estética do palácio atrás referido. Os edifícios são todos de dois pisos, predominando o modelo com janelas de sacada, por vezes entremeadas com janelas de peito. O tabuleiro da praça, é calcetado com um desenho geométrico, centrado num candeeiro de iluminação pública, tendo no seu perímetro árvores e bancos para repouso dos utentes do espaço. O todo bastante coerente, respira um ar de tranquilidade e paz, oposto ao do Largo da Liberdade, referido mais adiante.



O tecido urbano que se desenvolveu à sua volta é fruto de um crescimento urbano desordenado, que se processou de forma muito activa no século XIX. Os quarteirões dimensionam-se segundo as necessidades de construção, sem um plano preciso, conforme será posteriormente analisado.



2.5.1.4.1- Praça St. António. Vista Leste



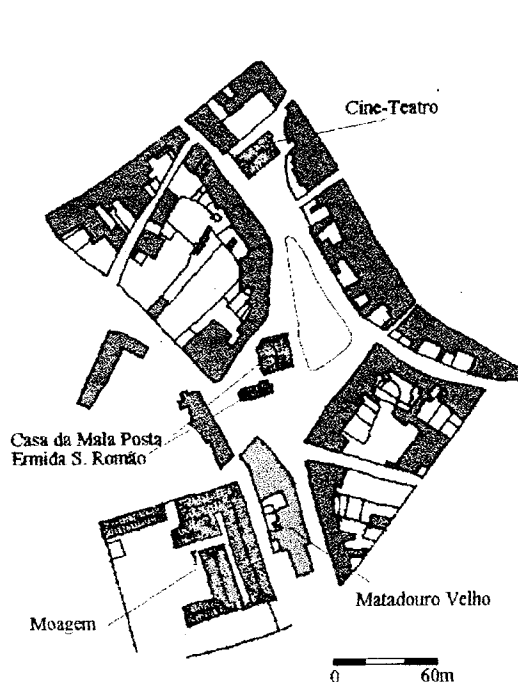
2.5.1.4.2- Praça St. António. Vista Oeste

2.5.1.5- Rossio de Arraiolos

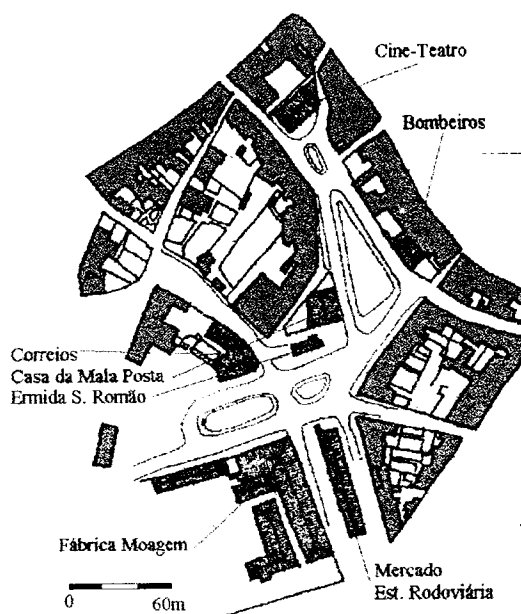
O Rossio de Arraiolos desenvolveu-se a sul da vila, em torno da ermida de S. Romão, ocupando hoje um lugar importante na estrutura urbana da povoação. Este espaço, obedecendo às definições citadas no início deste ponto, estabelece a ligação entre a zona urbana e o meio rural envolvente, servindo também de passagem às principais vias que o ligavam às localidades em sua volta.

Dominado pela ermida de S. Romão ou São Romeiro, padroeiro dos viajantes, situada no seu centro, está ligado directamente à Porta da Vila, na cerca, pela Travessa do Castelo e Rua do Quebra Costas. A ligação à Praça Lima de Brito estabelece-se por pequenas ruelas, que separam nitidamente os dois espaços urbanos. A Casa da Mala Posta, antiga Casa do Capitão Mor da Vila construiu-se perto da ermida, dominando desta forma uma das entradas do povoado (que será posteriormente substituída pela Rua

Alexandre Herculano, que liga actualmente o nó rodoviário situado a sul com a praça principal).



Rossio de Arraiolos. 1947



Rossio de Arraiolos. Planta actual

Este espaço, de forma irregular, era bastante extenso, e começou a ser construído na sua parte norte, continuando o casario da vila até aos edifícios mencionados. Com a diminuição da necessidade de guardar os gados em transumância e de realizar grandes feiras periódicas a área livre foi-se reduzindo, loteando-se a sul, com construções que subiram até ao convento de S. Francisco e implantação da fábrica de moagem e matadouro velho. Na zona norte construiu-se o cine-teatro, presente em fotografias dos anos vinte, e ajardinou-se o espaço á sua frente. O hospital, construído por volta dos anos quarenta, situa-se próximo, ocupando o alto de uma colina, a sul, desocupada até então.



2.5.1.5.1- Vista do parque infantil



2.5.1.5.2- Vista do jardim público

Actualmente o espaço encontra-se subdividido, existindo a leste um pequeno jardim público com coreto, e a oeste uma placa de circulação de grandes dimensões, onde se situa um parque infantil (que organizou o espaço ocupado, nos anos quarenta, por edifícios diversos). A construção da sede dos Correios também lhe reduziu a dimensão, podendo-se considerar, que actualmente, o antigo rossio de Arraiolos se

encontra compartimentado e integrado na estrutura urbana, adivinhando-se, no entanto, a sua dimensão anterior e consequente dinâmica própria.

Os edifícios que se construíram em torno deste espaço foram-se adaptando às diversas funções, criando unidades de espaços diferenciadas, (conforme as épocas e as necessidades sentidas): a zona leste corresponde às traseiras dos edifícios da Rua Alexandre Herculano e opõe-se ao casario a leste, zona antiga consolidada, com fachadas conservando uma certa imponência, modeladas com janelas de sacada. Este quarteirão foi o primeiro a ser construído no Rossio (referido mais adiante), entre as vias de comunicação do rossio com a Porta da Vila. A zona sul, composta por vários equipamentos (moagem, mercado, hospital correios, etc.) e quarteirões de habitação, é um espaço diferenciado, característico dos limites urbanos próximos dos rossios das vilas ou cidades.

2.5.1.6- Rossio de Montemor-O-Novo

Nas Memórias Paroquiais, citadas por Jorge Fonseca (1986:136), o rossio desta vila é descrito da seguinte forma:

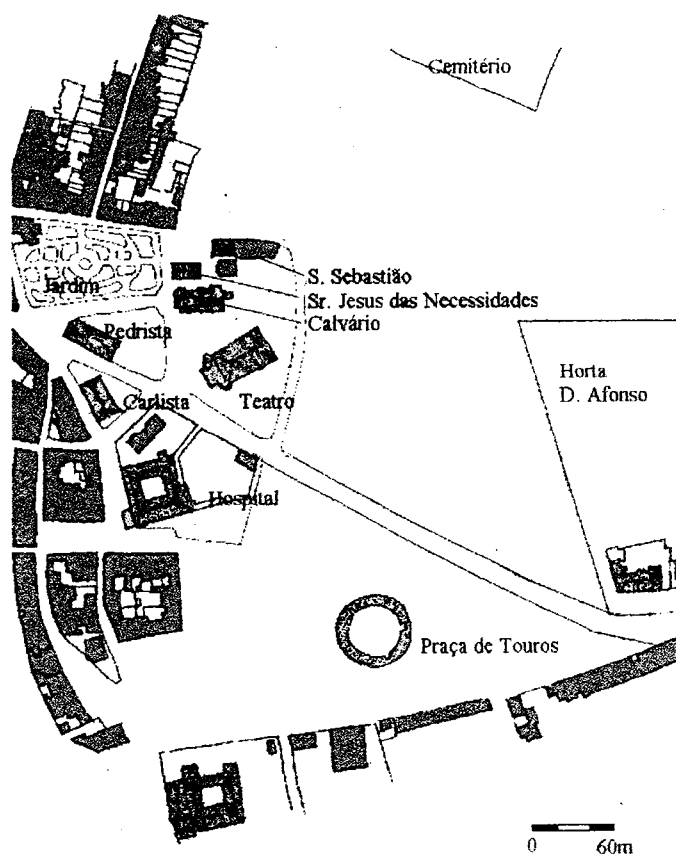
"...da parte do oriente desta vila até ao formosíssimo e dilatado rossio, todo cercado de muitos edifícios e casas ilustres, que enobrecem e fazem vistosa a entrada da mesma..."

O rossio da vila era limitado, a oeste pelo casario da vila (com grandes casas senhoriais), e a norte, sul e este pelos conventos de S. Francisco e Ermida de S. Sebastião, pelo convento de S. Domingos e pela Horta de D. Afonso e Quinta do Chafariz do Pocinho. Parte do seu espaço destinava-se a "currais" de gados que se encontravam de passagem e acantonamento de tropas, sempre que os exércitos se deslocavam na direcção da fronteira ou para esta região.

Integrando o seu território aparecem desde muito cedo as Ermidas de S. Sebastião, ainda existente, de Santo António e Nossa Senhora das Graças, substituídas respectivamente pelos conventos de S. Domingos e S. Francisco. Perto da ermida de S. Sebastião construiu-se, nos finais do século XVI, a ermida do Calvário, posteriormente acrescentada. O Recolhimento de Nossa Senhora da Luz e a Ermida do Senhor Jesus das Necessidades são edificadas mais tarde, em meados do século XVIII.

A carta de 1945 mostra-nos o rossio ainda conservando a sua antiga forma, apenas ocupado a oeste, (desde o início do século) pelo jardim do Calvário, Sociedades Pedrista e Carlista e Teatro Curvo Semedo. Um bloco residencial, perto do convento de S. Domingos, indicava uma futura extensão urbana. A praça de touros, construída no século XIX, situado a sul do recinto, não descaracteriza o conjunto pois encontra-se em sintonia com ele, como equipamento de ligação entre a vida rural e o meio urbano. O cemitério instalou-se a norte, na cerca do convento de S. Francisco, condicionando, pela sua forma, o traçado da futura Avenida Gago Coutinho.

A via que atravessa o rossio no sentido oeste/ leste era a estrada nacional Lisboa-Évora, que na altura incluía no seu trajecto a Rua Nova, actual Rua 5 de Outubro, tendo sido posteriormente construída a Avenida Gago Coutinho, que definiu um novo eixo de desenvolvimento urbano.



Rossio de Montemor. 1945

A maioria dos edificios construídos nesta área, além de servirem de habitação de prestígio à classedominante da vila, destinaram-se a servir a população da mesma, com múltiplas funções, demonstrando a vocação pública deste espaço, continuada até aos nossos dias. O espaço livre era essencialmente elemento de ligação entre a vila e o seu território, respeitando a definição mencionada no ponto anterior desta análise.



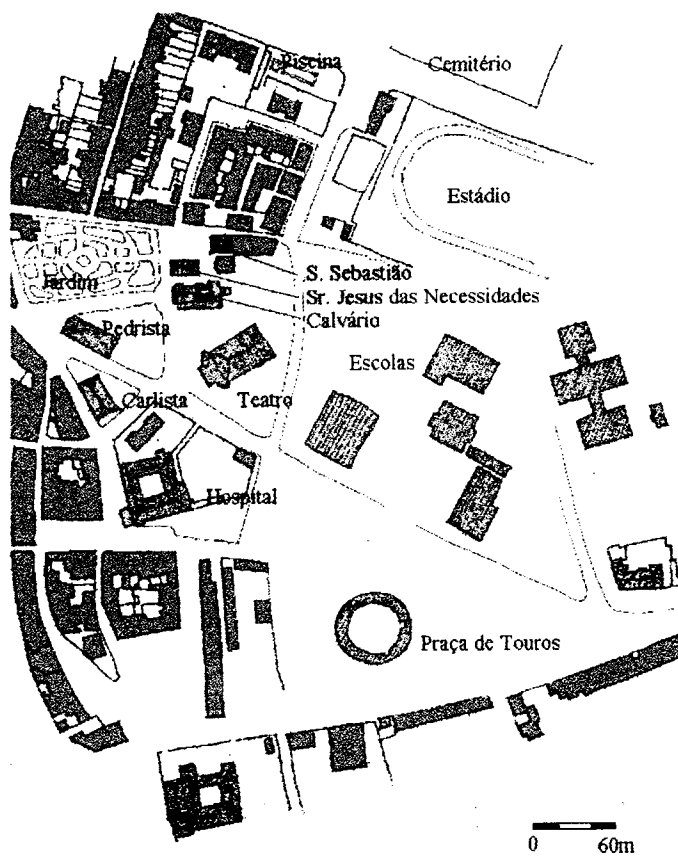
2.5.1.6.1- Vista geral



2.5.1.6.2- Antiga estrada de Lisboa

Actualmente o antigo rossio está ocupado, na sua quase totalidade, por equipamentos desportivos e escolares, continuando a sua função de serventia pública, com finalidades mais específicas. Embora o todo se encontre compartimentado, sente-se

ainda neste território a sua função última, espaço de encontro e lazer, hoje "domesticado" pela escolaridade obrigatória e frequência de actividades desportivas.



Rossio de Montemor-O-Novo. Planta actual

No terreno que se encontra livre, ao lado do cemitério, onde ainda se realizam feiras e mercados de ocasião, está projectado um Parque Urbano, continuador desta ideia de espaço colectivo.

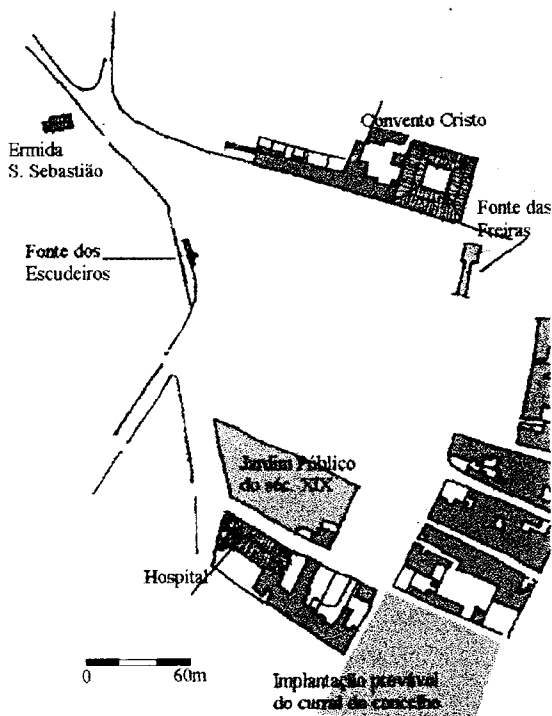
2.5.1.7- Rossio das Freiras. Viana do Alentejo

O Rossio das Freiras, perto do Convento de Cristo em Viana, situou-se num ponto de encontro de vias provenientes de destinos diversos (ponto 1.1.4), zona de passagem de gados que transitavam de pastos ou mesmo de regiões.

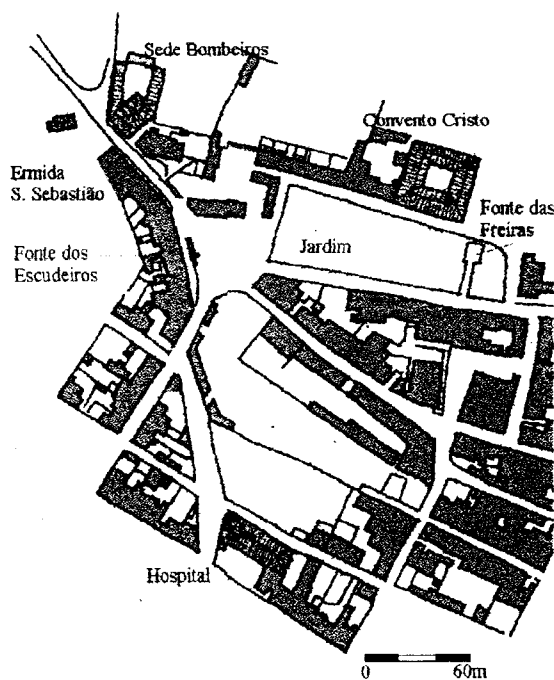
Dos espaços livres primitivos resta uma zona ajardinada, tendo sido os terrenos que o compunham loteados e construídos, à medida que a vila ia crescendo e a necessidade deste tipo de equipamento diminuía.

Supõe-se que o mesmo se estendia, na sua forma primitiva, até à Albergaria dos Ovelheiros, dominado pela Ermida de Nossa Senhora das Graças, sendo limitado a este pela Ermida de S. Sebastião, situada à beira da estrada das Alcaçovas, a norte pelo convento e a oeste pelo casario, estrada para Évora e Carreira da Fonte Coberta. A forma muito geometrizada dos arruamentos da povoação primitiva, que se distingue de um tecido menos organizado, estabelece os limites prováveis do rossio primitivo. No fim do século XIX é construída uma fonte com uma enorme bacia para gados, que talvez

tenha substituído a Fonte Coberta, a mais antiga existente na vila e da qual se desconhece a localização precisa. A Fonte das Freiras, embora situada em pleno rossio, era para uso exclusivo do convento, e como tal motivou graves desentendimentos com os habitantes do burgo. O curral do Concelho situava-se a sul da albergaria, perto do adro dos Judeus.



Rossio de Viana- hipótese



Rossio de Viana do Alentejo. Planta actual

Em Viana existiu um segundo rossio, a sul do castelo, chamado de S. Luís ou do Castelo, e que também foi loteado, em grande parte, durante o século XIX, tendo surgido quarteirões que modificaram o espaço completamente. A coexistência dos dois espaços, que assumiram desde sempre funções distintas, o de S. Luís funcionando como centro de actividades lúdicas comunitárias (eira, festas) e o das Freiras servindo directamente as actividades económicas e agrárias da vila, é característica da vila de Viana, não se encontrando paralelo em nenhum outro caso analisado.

O quarteirão situado defronte do hospital foi adaptado, no século passado, a jardim público, que, copiando o modelo do Passeio Público lisboeta, definiu um recinto fechado, com acesso restrito à burguesia.

O Rossio das Freiras é, dos três analisados, aquele que conservou menos características funcionais, não deixando sequer adivinhar a sua antiga forma ou dimensão. Do mesmo resta o espaço ajardinado, acompanhado da ruína em que se transformou o Convento de Cristo. Perto dele, defronte da Ermida de S. Sebastião foi construída uma fábrica de moagem, existindo, na R. António José de Almeida, um outro equipamento industrial, referido na análise morfológica anterior.

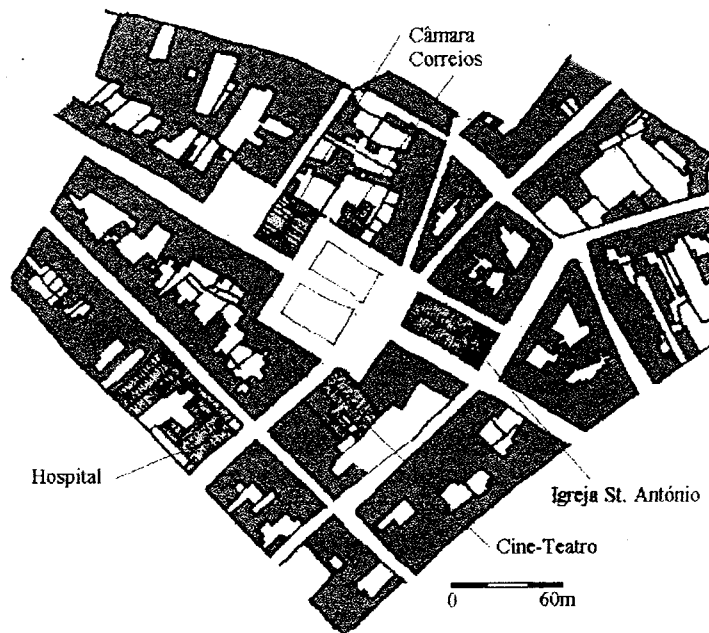
2.5.1.8- Praça da Liberdade. Reguengos de Monsaraz

Este espaço inclui-se após a análise dos rossios, pois como foi referido, ele vem colmatar a ausência deste tipo de recinto em Reguengos, de fundação moderna e crescimento rápido, que dele não necessitou para a sua expansão urbana. A Praça da Liberdade, centro cívico da vila actual, foi construída no final do século XIX, e

estabelece a ligação entre o tecido antigo de Reguengos de Baixo e a extensão moderna, referida no ponto 1.1.3.

A praça é atravessada por um eixo principal, proveniente da Fonte do Príncipe, e que se ramifica, a norte, ligando à estrada de Évora. Esta avenida, verdadeira estrada nacional que atravessa a vila, transforma esta praça num espaço aberto, muito movimentado e animado.

De forma quadrada, e é a única, de todas as existentes nas vilas abordadas, que apresenta características de "praça clássica", definida por José Lamas em citação anterior. Nela se situam os principais equipamentos da vila: câmara, igreja, um armazém comercial, (transformado em instituição bancária), sede dos correios, cine-teatro, duas pensões, cafés e restaurantes, e no seu interior existem duas placas ajardinadas, destinadas ao lazer dos habitantes. Este espaço é o único exemplo, de todos os casos analisados, de um urbanismo concertado, planeado de antemão e construído como um todo.



Praça da Liberdade. Reguengos de Monsaraz

Um eixo SW- NE, que liga a praça ao Hospital e Cemitério (construídos na mesma época) e à Praça de Santo António, polo da vila primitiva, estrutura o espaço, pois estabelece a ligação entre os dois tecidos urbanos. Esta via, que em planta se verifica não ser continua nem simétrica em relação à zona central, resulta a nível espacial, pois origina um espaço global, integrador das duas malhas diferentes no tempo e na concepção primitiva.



2.5.1.8.1- Praça da Liberdade



2.5.1.8.2- Praça da Liberdade/Estrada Nacional

Os equipamentos fecham a praça, deixando, no entanto nas suas traseiras, (largo a norte da câmara) zonas livres, aproveitadas posteriormente. A igreja e a câmara foram construídas na sua parte norte e encontram-se descentradas em relação ao seu eixo principal, talvez por ter sido o edifício dos paços do concelho o primeiro a ser construído, e que o mesmo tenha regulamentado posteriormente a forma da mesma.

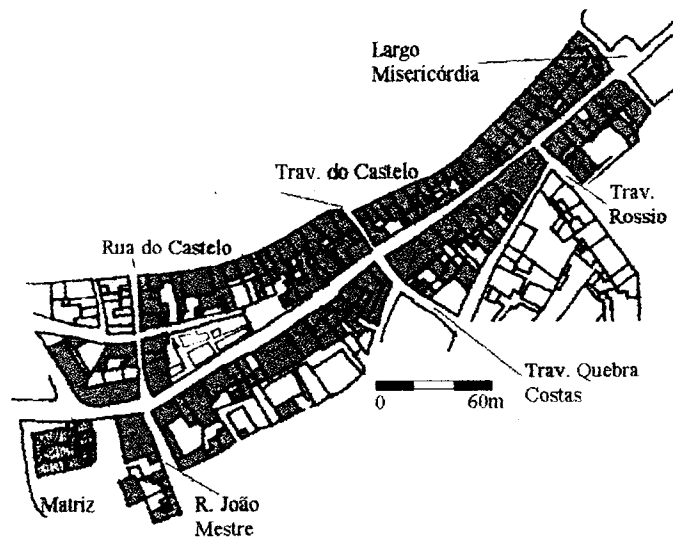
2.5.2- Ruas

Na selecção de ruas para análise morfológica adoptaram-se dois critérios baseados na importância das mesmas do ponto de vista do desenvolvimento histórico e urbano (elementos de ligação) nas respectivas povoações, e das suas características específicas do ponto de vista da arquitectura e do urbanismo alentejano (pequenas unidades). Foram pois adoptados critérios opostos, que analisam duas realidades urbanas perfeitamente distintas, embora integrantes do todo que se pretende observar. No caso de Reguengos a situação inverteu-se, pois a rua importante do ponto de vista do desenvolvimento urbano é a Rua de Lisboa, via de ligação entre os dois povoados primitivos, e é aquela que apresenta características mais regionalistas, por oposição a R. António José da Silva, moderna na sua forma e organização interna.

2.5.2.1- Rua Melo Mexia. Rua Cunha Rivara. Arraiolos

Esta artéria foi e mantém-se uma das principais da vila, antigo caminho de ligação de Arraiolos a Lisboa e Espanha. (ponto 1.1.1), e à escala urbana, eixo de ligação entre a Matriz e a Praça Lima de Brito e Misericórdia. Desenvolveu-se no sentido este/oeste, paralelo às curvas de nível do outeiro da cerca. A rua termina, a Oeste, no Largo da Misericórdia, traçado para implantação do adro da igreja e a este finaliza num espaço misto, confluência de diversas vias e equipamentos, extremidade "visível" do limite urbano da vila.

Travessas transversais ligam-na ao castelo (Rua e Travessa do Castelo) e ao rossio (Travessa do Quebra Costas e Travessa do Rossio), comunicando com a praça central através da Rua Alexandre Herculano. Os seus edifícios principais são o Solar Melo Mexia, a sede da Sociedade Recreativa Arraiolense, e um Passo da Procissão dos Senhor dos Passos, que marca a religiosidade da urbe; é limitada, de ambos os lados por casario de dois pisos, mais densificado na zona da Rua Cunha Rivara, e defronte do Solar Melo Mexia encontra-se, a uma cota mais elevada, um pequeno largo, vestígio provável dos limites do antigo arrabalde.



Rua Melo Mexia. Cunha Rivara

A largura da artéria reduz ligeiramente no sentido este, quando se transforma em Cunha Rivara. O parcelamento dos quarteirões que a limitam apresenta-se de duas formas distintas: a norte é dimensões reduzidas, apresentando-se dividido em pequenas parcelas, estreitas, que atravessam os quarteirões no sentido da largura. (excepto o edifício de esquina com a Rua do Castelo, que se adivinha ser recente em relação ao conjunto). Esta zona é densamente construída, com poucos espaços livres. Os quarteirões sul apresentam um parcelamento diferente, mais largo que fundo em relação à rua, com jardins e zonas livres nas traseiras dos edifícios (estas dimensões reduzem-se no quarteirão perto da Misericórdia).

A presença de grandes casas, denotam da importância social que a artéria usufruía; implantaram-se a sul do referido eixo, aproveitando o espaço livre existente, que convinha à instalação das "pousadas" agrícolas que se construíam na região. A Rua da Misericórdia, seu prolongamento natural, é ocupada de forma diferente, pois apresenta um parcelamento de menores dimensões, com correspondente casario, que denotam um forma de ocupação social e urbana distintas.



2.5.2.1.1- R. Brito de Lima. Arraiolos

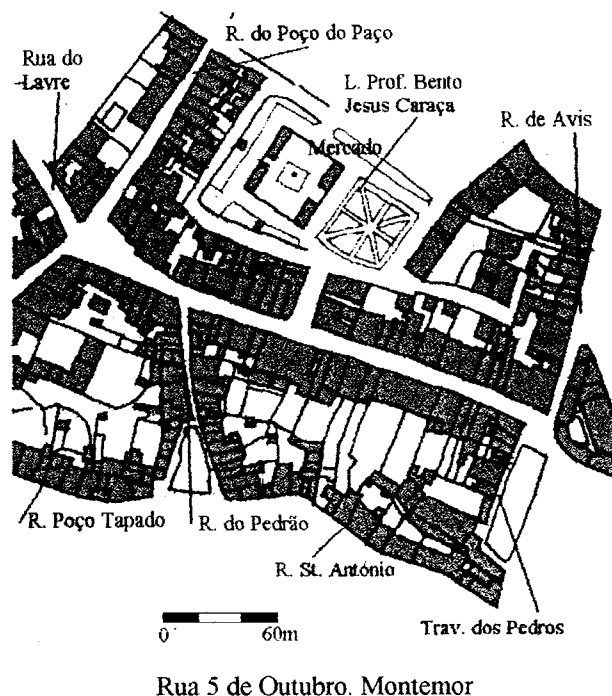


2.5.2.2.1- Rua 5 de Outubro. Montemor

2.5.2.2- Rua 5 de Outubro. Montemor-O-Novo

A Rua 5 de Outubro, antiga Rua Nova em Montemor, foi traçada durante o século XVII (começada em 1594). Esta via mantém-se, até à construção da Avenida

Gago Coutinho, a artéria mais importante da urbe, estabelecendo a passagem da estrada nacional proveniente de Lisboa e sendo o principal eixo de simetria do crescimento urbano, que se desenvolve para norte.



Orientada no sentido leste/oeste, a sua extremidade poente alarga num pequeno largo de forma triangular, com uma fonte ao centro, onde chegam várias ruas: a Rua de Lisboa e do Paço, que a ligam à estrada nacional através do Terreiro dos Álamos, a Rua do Lavre, que a liga ao Convento da Conceição e à estrada para Santarém e a Rua do Poço do Paço, que estabelece a ligação com a zona norte da cidade e divide o tecido urbano em dois enormes quarteirões, cortados transversalmente pela Rua Comandante Fragoso. O seu extremo leste é bloqueado por um enorme quarteirão que a separa do Rossio, delimitando um pequeno largo, ponto de encontro com os quarteirões antigos, desenvolvidos a partir do Hospital do Espírito Santo e da Rua de Avis, caminho muito antigo da urbe.

A Rua do Pedrão liga-a directamente ao Terreirinho e ao Terreiro Novo, perto da Misericórdia e do Convento de S. João de Deus, e à Rua Direita, que a Rua Nova, actual 5 de Outubro, veio substituir na organização e expansão da vila. Uma artéria recente estabelece a ligação ao Largo Professor Bento de Jesus Caraça, no interior do quarteirão que limita a rua a norte.

Da observação da sua planta pode-se concluir que a mesma foi construída num curto espaço de tempo, pois apresenta um traçado muito regular, embora não tenha havido cuidado de integração na malha urbana existente, como se constata pela sua ligação ao rossio.

Nesta rua, como foi referido na análise anterior, aparece o maior número de casas apalaçadas de Montemor, principalmente no quarteirão sul, entre a Rua do Pedrão e a Travessa dos Pedros. Estas construções são reflexo da importância social e urbana que esta artéria manteve, e que conserva no seu aspecto actual. Estes quarteirões são muito largos, e desocupados no seu interior, deixando grandes quintais e espaços vazios,

próprios das grandes casas urbanas. O quarteirão a leste da Rua do Pedrão tem parcelamento de dimensões reduzidas, embora conserve zonas livres no seu interior, correspondentes a quintais e hortas particulares.

Os quarteirões norte da rua, com aparência de opulência, têm um parcelamento muito menor e não conservam o espaço anterior atrás referido, talvez destruído quando do arranjo, neste século, do Largo Professor Bento de Jesus Caraça. Houve nesta intervenção urbana o cuidado em conservar a aparência da Rua 5 de Outubro, intervindo numa zona anteriormente não construída, ocupada por quintais e hortas particulares. (O mesmo se observa na Rua de Avis, cujas fachadas foram conservadas, quando da construção dos prédios no interior do lote).

2.5.2.3- Rua de Lisboa. Reguengos de Monsaraz

A Rua de Lisboa, em Reguengos, foi a via de ligação entre os dois núcleos de habitação primitivos, Reguengos de Cima e de Baixo, sendo o seu casario apelidado, por vezes, de Reguengos do Meio.



2.5.2.3.1- Vista Norte

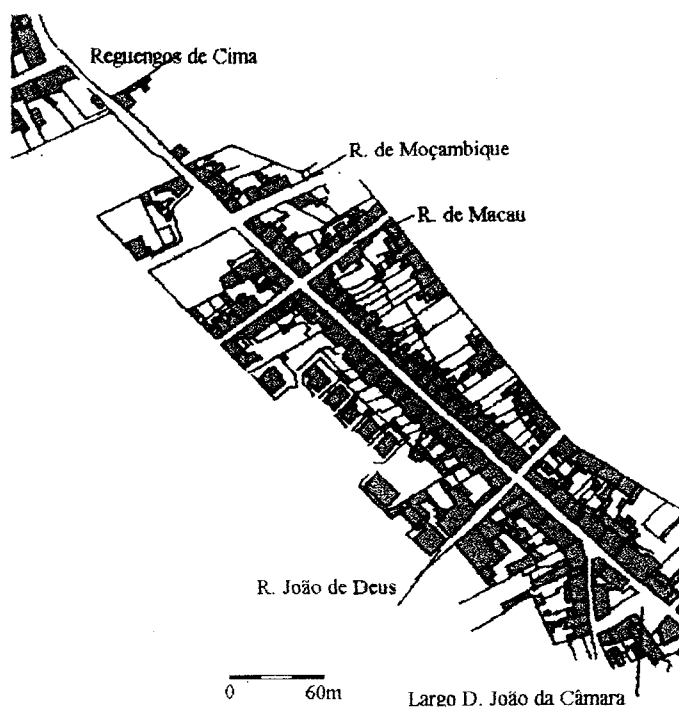


2.5.2.3.2- Vista Sul

A rua orienta-se no sentido nordeste/noroeste, sendo ligada a Reguengos de Baixo pelo Largo D. João da Câmara, onde termina, e envolvendo o casario da Vila de Cima, sem penetrar no seu interior. A artéria é cortada por três ruas transversais, perpendiculares à principal, que definem quarteirões irregulares, no sentido do comprimento, e de largura quase idêntica. A Rua João de Deus liga esta zona às escolas e à estrada que parte para Évora.

A dimensão da largura da rua é constante, adaptando-se ao relevo do terreno, com casario de ambos os lados. Os edifícios, na sua maioria destinados a habitação, são quase todos de um piso, e aberturas modeladas (porta e duas janelas de peito). Pontualmente observam-se edifícios de dois pisos, correspondentes a construções mais modernas.

Os quarteirões são divididos em pequenas parcelas, com espaço livre no seu interior, supondo-se pela observação da malha urbana e da planta da rua, que os mesmos obedecem a um plano pré-determinado. Algumas traseiras das parcelas aparecem construídas, correspondendo a uma recente densificação urbana.



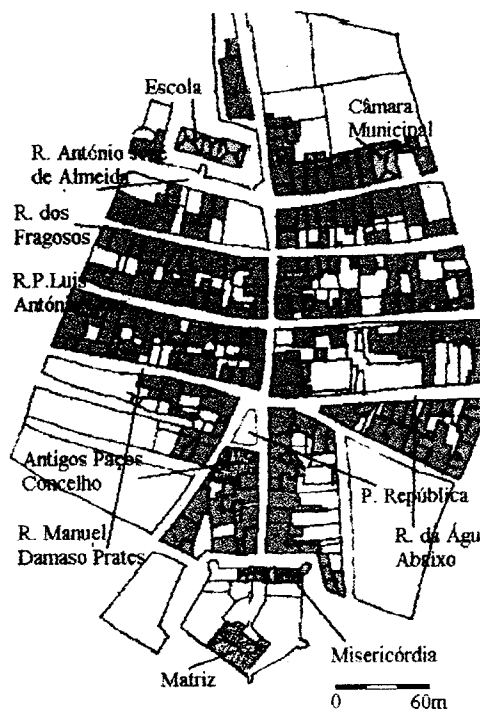
Rua de Lisboa. Reguengos de Monsaraz

A rua conserva o seu cariz popular, que termina no Largo D. João da Câmara, exactamente onde começa a antiga "Aldeia dos Palácios", e corresponde a uma primeira zona de habitação para trabalhadores, que alimentavam a mão de obra das indústrias existentes em Reguengos.

2.5.2.4- Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo

A rua Cândido dos Reis em Viana do Alentejo constitui uma das suas artérias mais antigas, eixo de ligação entre a primitiva Ermida de Santo Aleixo, posteriormente chamada de S. João e a Porta do Castelo. Orientada no sentido norte/sul, é continuada a norte pela estrada que parte para Évora e a sul é fechada pela muralha do castelo, terminando assim na Porta da Vila. É cortada, regularmente, por transversais que determinam uma malha urbana geométrica e regular. Perto do castelo o encontro de diversas vias importantes (R. Manuel Damaso Prates, R. Miguel Bombarda, R. da Água Abaixo e R. Conselheiro de Sousa) definem a Praça da República, centro cívico da urbe, que a rua em análise atravessa lateralmente.

A rua mantém uma largura constante (excepto na zona atrás referida), estando ladeada por edifícios, na sua maioria, de dois andares com janelas de sacada e comércio no rez-de-chão. A malha urbana definida por esta rua e respectivas transversais é de dois tipos: a parte norte é extremamente regular, definindo seis quarteirões praticamente idênticos, do ponto de vista das suas dimensões. O seu interior é pouco densificado, abrindo-se em logradouros e quintais de serventia aos edifícios que se desenvolvem a partir da rua. (excepção para o quarteirão definido pelas ruas Padre Luís António da Cruz e da Água Abaixo, onde a existência da Casa Faria de Melo que, com os seus jardins, ocupa praticamente todo o quarteirão).



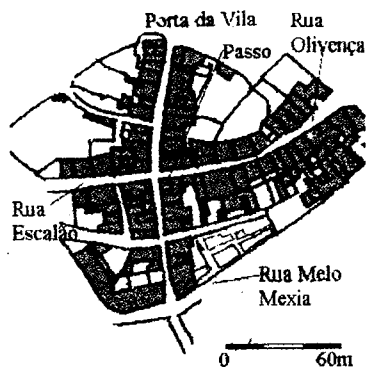
Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo

A sul o tecido urbano apresenta dimensões variáveis, definindo quarteirões que se desenvolvem no sentido do comprimento e adaptando a sua forma à Praça da República e à muralha próxima. O quarteirão que integra a antiga Câmara é densamente construído, praticamente sem espaços livres. O que lhe está defronte tem quintais no fundo das parcelas, servidos por uma travessa nas traseiras. As parcelas, em ambos os casos descritos, são estreitas e na sua maioria atravessam o quarteirão no sentido da largura, deixando adivinhar espaços livres de serventia às edificações actualmente construídas. Sobre a Rua Cândido dos Reis o parcelar é de maior dimensão, com edifícios mais importantes, ocupando posições de ângulo em relação aos quarteirões.

2.5.2.5- Rua do Castelo. Arraiolos

A Rua do Castelo é uma das primeiras artérias do burgo, eixo de ligação entre a primitiva matriz e a Porta da Vila, no castelo. Foi uma das ruas mais importantes do arrabalde, contemporânea da construção do casario no interior da cerca e portanto o principal acesso ao mesmo. A Rua de Olivença, transversal a cota mais elevada, continuava a estrada proveniente de Lisboa (pela Rua do Escalão) e através da Rua dos Arcos, estabelecia a ligação à estrada com destino a Santarém e Pavia sendo a principal via de passagem da vila, prolongada no Largo Lima de Brito.

A rua orienta-se no sentido norte/sul, perpendicular à curvas de nível, e é limitada, no seu extremo norte, pela antiga Porta da Vila. A sul a rua termina na esquina com a Rua Melo Mexia, sendo continuada por travessa que servem os limites da povoação a sul. A segunda transversal é interrompida num largo sobranceiro à Rua Melo Mexia, antigo limite da vila, transformando-se num beco. Talvez este beco fosse uma rua que continuava, tendo sido o conjunto transformado profundamente quando da construção do edifício à esquina da rua em análise com a Rua Melo Mexia.



Rua do Castelo. Arraiolos



2.5.2.5.1- Vista geral

A rua, bastante íngreme, conserva sempre a mesma largura, ladeada por edifícios de habitação de dois pisos em quase todo o seu comprimento. O edifício de esquina, atrás referido, é de três pisos e o casario perto do castelo conserva o seu piso primitivo, com chaminés em fachada.

Dado o carácter antigo da artéria, supõe-se serem os edifícios de dois pisos acrescentos de casas térreas, onde se sacrificou a chaminé (tipologia definida anteriormente); modelados da mesma forma, com duas janelas de peito no piso superior, por vezes deixam adivinhar a preexistência da chaminé de prumada sobre a rua. O Passo, na esquina com a Rua de Olivença, é o único equipamento a referir. A rua conserva um cariz muito popular, que indica ser a mesma habitada por população socialmente desfavorecida, contrastando com a já referida Rua Melo Mexia.

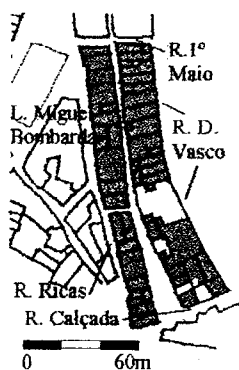
Os quarteirões que a definem são de forma diversa, adaptando-se às curvas de nível e à inclinação do terreno. Os situados a norte, a cota mais elevada, são os que são menos densificados, ocupados com edifícios de um só piso. (pode-se supor que os mesmos tenham sido habitados quando da construção do arrabalde, e posteriormente abandonados). As dimensões das suas parcelas são muito reduzidas, embora tenham superfícies livres consideráveis em proporção aos lotes em que estão inseridas. Os situados a sul da Rua do Escalão são de pequenas dimensões, correspondendo praticamente a unidades de habitação, com um parcelamento de dimensões muito reduzidas, similar ao anterior mas sem qualquer espaço livre.

Os quarteirões na Rua de Olivença são de forma alongada, ocupando toda a rua até à Travessa do Castelo. Com parcelamento reduzido, existem, a sul, edifícios com quintais bastante desnivelados em relação a eles, e a norte, parcelas vazias no seu interior, talvez pela razão referida anteriormente (abandono dos habitantes).

Os dois quarteirões que se abrem sobre a Rua Melo Mexia são fruto de intervenções recentes (finais do século XIX), e definem tecidos urbanos diferenciados, sendo um deles ocupado por uma única casa e respectivo jardim, motivando a construção do beco já referido. A rua, neste espaço entre os dois quarteirões chama-se da Cruz, embora para efeitos deste estudo se considere parte integrante da Rua do Castelo.

2.5.2.6- Rua dos Almocreves. Montemor-O-Novo

A Rua dos Almocreves situa-se na parte mais antiga da cidade e integrava-se no seu arrabalde, estabelecendo a ligação directa, no sentido norte/sul, (prolongada pela Rua da Paz), entre o Hospital do Espírito Santo e a Rua da Calçada, acesso às portas da Vila e do Sol, e ao Convento de S. Domingos, antiga ermida de Santo António. É cortada transversalmente pela Rua 1º de Maio, que liga a Praça Miguel Bombarda ao Terreiro das Portas do Sol e ao Rossio. Uma pequena travessa liga-a à Rua das Ricas.



Rua dos Almocreves. Montemor-o-Novo



2.5.2.6.1- Vista para Sul

A norte, a rua alarga-se quando encontra a Rua da Calçada, talvez resultado da construção de uma casa apalaçada, na Rua D. Vasco, que lhe tenha transformado a fisionomia primitiva. A sul, o natural prolongamento na Rua da Paz, não permite a definição de um termo preciso.

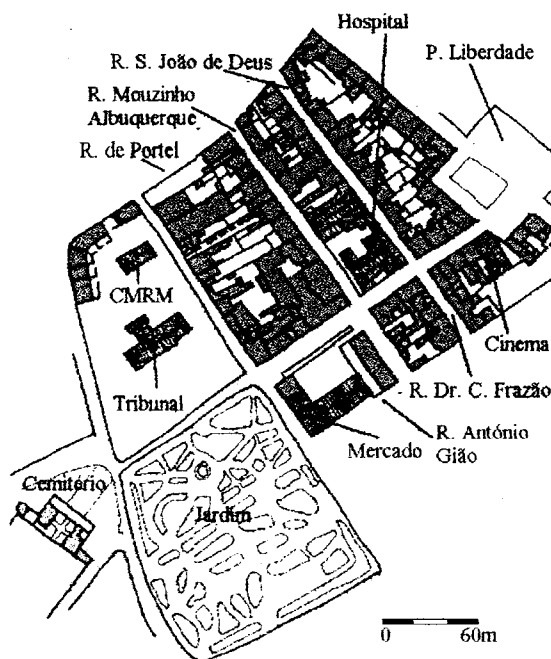
Muito íngreme, esta rua é característica do urbanismo medieval, tanto pelas suas dimensões como pelo tipo de quarteirões que define, muito estreitos e construídos na sua quase totalidade. O prolongamento da Rua da Paz mantém as mesmas características, embora o quarteirão que a limita a leste se alargue de forma a fechar a Praça Miguel Bombarda e se adapte à forma das ruas provenientes do Hospital do Espírito Santo. Pelo seu traçado rectilíneo pode-se supor que a mesma tenha sido fruto de uma planificação coordenada, pois apresenta sempre as mesmas dimensões, excepto no seu extremo sul. Esta rua, com os quarteirões por si definidos, limitaram, até ao século XIX, a vila a oeste, última barreira de separação da urbe com o rossio, que se encontrava próximo.

O casario que a envolve é térreo na parte norte (excepção de um edifício), e de dois pisos a sul do acesso à Rua das Ricas. As casas de um piso mantêm grandes chaminés de fachada, caracterizadas na análise morfológica anterior; as casas de dois pisos, construídas de raiz ou acrescentadas posteriormente, têm janelas de peito e mostram, como no caso da Rua do Castelo em Arraiolos, serem habitadas por classes desfavorecidas da população da urbe.

2.5.2.7- Rua Dr. António José de Almeida. Reguengos de Monsaraz

A Rua Dr. António José de Almeida é um dos principais eixos de crescimento da zona de expansão de Reguengos, construída a partir dos meados do século XIX. Orientada no sentido sudoeste/noroeste, estabelece a ligação entre o cemitério e a Praça da Liberdade, centro da vila actual. O seu traçado é continuado numa antiga artéria de Reguengos de Baixo, que conduz à Praça de Santo António.

Entre o cemitério e a zona construída foi deixado um espaço livre, hoje ocupado com equipamentos públicos de um lado e jardim de outro, que é fechado a sul pela praça de touros e que se supõe ter assumido funções de rossio no princípio do século. O cemitério situa-se na sua periferia, sendo pois comparável à situação escolhida para os mesmos equipamentos em Arraiolos e Montemor, segundo legislação citada que regulamentava a posição destes equipamentos..



Rua Dr. António José de Almeida. Reguengos de Monsaraz

A rua é cortada por três transversais, que lhe são perpendiculares, paralelas à rua proveniente de Évora e que atravessa a Praça da Liberdade. A rua conserva sempre a mesma largura, superior à das transversais referidas. A artéria é ladeada por amplos passeios, plantados com árvores de fruto, e com edifícios de habitação e serviços com dois pisos (na sua maioria). Ao longo do seu traçado situam-se diversos equipamentos, desde o cine-teatro na esquina com a Praça, ao hospital, mercado, tribunal, jardim e cemitério, sendo a zona mais próxima do espaço central ocupada por comércio e cafés.

Os quarteirões definidos por estas via, embora regulares, são de dimensão variável, sendo os que se situam a norte da artéria alongados, com a menor dimensão sobre a rua principal; o que se situa a este é irregular, adaptando-se à forma da praça e da estrada preexistente. As parcelas são estreitas e compridas, ocupando toda a largura do quarteirão, excepto no situado a oeste, onde estão divididas ao meio. O quarteirão onde se situa o hospital, mais estreito, é o que tem maior número de construções, apresentando poucos quintais e logradouros, em contraste com os dois outros, que têm espaços livres no seu interior, de serventia privada aos edifícios a que pertencem. O quarteirão onde se situam tribunal e serviços camarários tem uma forma irregular, pois encosta à zona do caminho de ferro da vila, e completa, com o jardim, o espaço verde contínuo no interior da vila.



2.5.2.7.1- Vista para a Praça

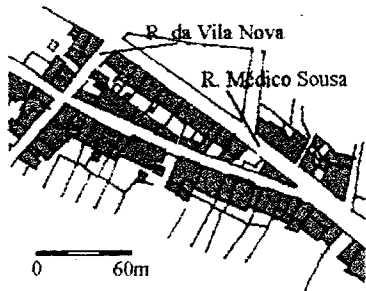


2.5.2.7.2- Vista para a zona verde

A sul os quarteirões são de pequena dimensão, sendo um deles ocupado pelo mercado municipal, um segundo com edifícios de habitação e o último, elemento de ligação entre a rua e a praça, é dividido pelo cine-teatro, pequenos comércios, habitações e a Casa António Gião, com respectivas dependências; como o seu correspondente a norte é de forma irregular, pois estabelece o continuo urbano entre a rua e a praça principal.

2.5.2.8- Rua das Parreiras. Viana do Alentejo

A Rua das Parreiras, que limita a vila de Viana a sul, encosta à serra e era parte integrante do Rossio de S. Luís, perto do castelo. Como rua existe desde a urbanização do referido recinto, anteriormente referida.



Rua das Parreiras. Viana do Alentejo



2.5.2.8.1- Vista geral

Implantada no sentido este/oeste, a rua é continuada a nascente pela Rua Médico Sousa, que liga a vila á estrada para Alvito, e a poente pela Travessa dos Frades, que estabelece a ligação ao Convento de S. Francisco.

Os edifícios que a limitam são de um piso, apresentando no entanto aspectos diferenciados: a sul, o casario é muito antigo, com casas pequenas ritmadas por uma porta e chaminé (hoje substituída, por vezes, por uma janela de peito), assentes em socalcos de alvenaria ou pedra com degraus, pensa-se para protecção de eventuais passagens de gados, pois limitava a sul o rossio de S. Luís. O casario a norte é mais moderno e apresenta formas tipológicas diversas, que vão da habitação a instalações agrícolas, onde se abrem grandes portões de ferro.

A sul o quarteirão é limitado pela serra, e apresenta-se dividido de forma regular, em pequenas parcelas com a mesma profundidade, que levam a pensar ter existido uma acção concertada de intervenção urbana.

O quarteirão norte é de forma triangular, adaptando-se ao traçado viário e encontra-se dividido em parcelas também regulares, que o atravessam em largura, com edifícios principais sobre a Rua Médico Sousa e abrindo, para a rua das Parreiras, garagens, traseiras e acessos a quintais. A diferença de forma e dimensão dos lotes que se encontram nesta artéria advem de a mesma ter sido definida quando do loteamento do final do século XIX, existindo anteriormente o casario a sul, que manteve pois características próprias.

2.5.3- Quarteirões

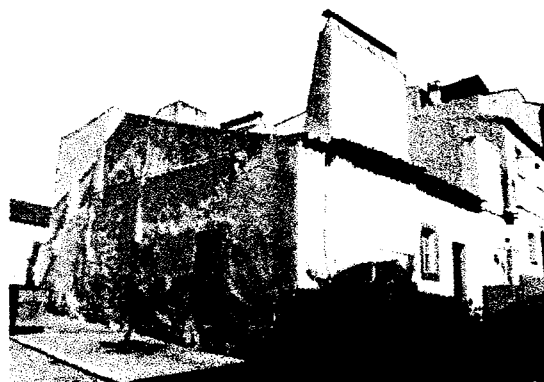
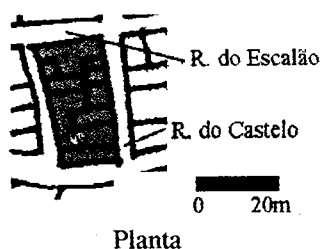
A selecção dos quarteirões a analisar completa a análise efectuada nas ruas e praças, pois constitui seu complemento natural, como refere José Lamas (1993:88):

"...O quarteirão não é autónomo dos restantes elementos do espaço urbano- os traçados, ou as vias, os espaços pública, os lotes e os edifícios. É simultaneamente o resultado de regras geométricas de divisão fundiária do solo e de ordenamento do espaço urbano, e um instrumento operativo de produção da cidade tradicional..."

Adoptaram-se espaços que integrassem os elementos abordados, de modo a completar o seu estudo; todos os quarteirões integram praças e ruas analisadas (um por elemento referido), excepto no caso de Reguengos, onde se adicionou um quarteirão estruturante de Reguengos de Cima, zona ainda não abordada neste estudo, embora referida sempre que necessário.

Nota: as dimensões referidas são aproximadas, pois calculadas a partir dos Levantamentos aerofotograméticos, à escala 1/2000.

2.5.3.1- Oeste da Rua do Castelo. Arraiolos



2.5.3.1.1- Rua do Castelo

O quarteirão situa-se a oeste da Rua do Castelo, limitado a norte pela Rua do Escalão e a oeste pela Travessa do Escalão. De forma rectangular, tem uma área de cerca de 510 m² (34m x 15m).

A sua divisão parcelar é regular, e simétrica em relação ao eixo longitudinal; a sul encontram-se vestígios de uma casa que prolongava o conjunto. Os edifícios existentes

são todos de dois pisos, com excepção de duas casas, na esquina da Rua do Castelo, que conservam o piso térreo original. O acesso das parcelas realiza-se a partir da rua, não existindo zonas livres no interior do quarteirão. (talvez por esta razão tenha havido necessidade, da parte de alguns moradores, de construir terraços sobre as coberturas).



2.5.3.1.2- Rua do Escalão



2.5.3.1.3- Travessa do Escalão

A maioria dos edifícios de dois pisos resulta de acrescentos realizados a casas térreas preexistentes, razão pela qual o ritmo e a largura das parcelas se mantém constante. Podem-se notar intervenções recentes, nos emolduramentos das janelas, com introdução do mármore, nos acrescentos recuados nas coberturas e nos materiais utilizados nas fachadas (rebocos de cimento), sinal de modificações não controladas, descaracterizadoras da zona histórica de Arraiolos onde se inserem.

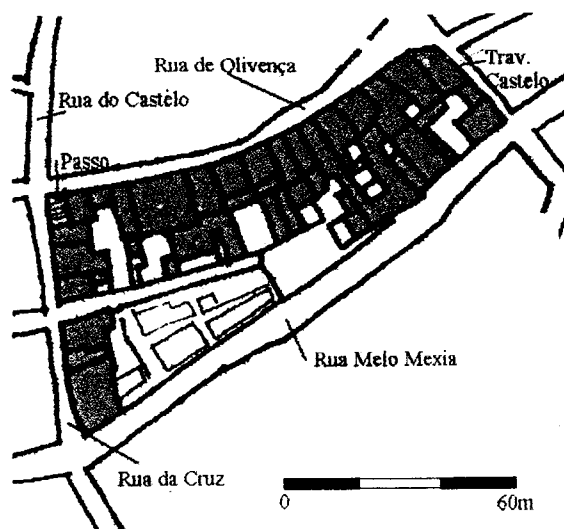
2.5.3.2- Norte da Rua Melo Mexia. Arraiolos

Situado no primitivo arrabalde que conduzia do castelo à Praça Lima de Brito, o quarteirão estende-se entre a Rua de Olivença (a norte) e a Rua Melo Mexia (a sul), sendo limitado a este pela Travessa do Castelo e a oeste pela Rua do Castelo. De forma trapezoidal, orientado no sentido este/oeste, tem uma área aproximada de 5000 m² (125m x 40m), com uma área livre de 1700 m². Uma ruela liga a Rua do Castelo à Rua Melo Mexia, através de um largo elevado em relação a esta última, que se supõe ser vestígio de uma antiga rua do arrabalde, modificada, como já foi referido, pela construção do edifício situado na esquina sul do quarteirão.

A divisão do parcelar é regular, definindo pequenas unidades, sobretudo perto da Travessa do Castelo, com quintais e logradouros interiores. Os espaços livres que se observam em planta, correspondem às traseiras de edifícios que se abrem sobre a Rua de Olivença, bastante disnivelados em relação a ela. Na Rua Melo Mexia existe um pátio sobre a rua, protegido por um muro alto, de serventia ao edifício adjacente. O já referido edifício na esquina sul do quarteirão, de três pisos, é a excepção do ponto de vista da dimensão e tipologia em relação ao conjunto, tendo mesmo modificado a sua fisionomia anterior (o jardim nas suas traseiras contribui para a média densidade construtiva que este quarteirão apresenta).

A Rua de Olivença, uma das principais do arrabalde, é limitada por edifícios de dois pisos, entremeados por casas térreas, apresentando eventualmente chaminés de fachada. Duas casas com sacadas no piso superior, são excepção ao uso das janelas de peito. As chaminés de prumada ou em fachada marcam o ritmo da rua, enriquecendo-a

do ponto de vista formal e estético. A rua está bem conservada, mantendo as características próprias da zona onde pertence.



Planta

A Rua do Castelo caracteriza-se por ter edifícios de um ou dois pisos, alternados, a norte da referida ruela, (ladeada por muros altos) com edifícios de piso térreo e chaminés de prumada. A casa de três pisos, já referida, vai reduzindo a sua altura até um piso, adaptando-se ao declive da rua, bastante íngreme.



2.5.3.2.1- Rua de Olivença

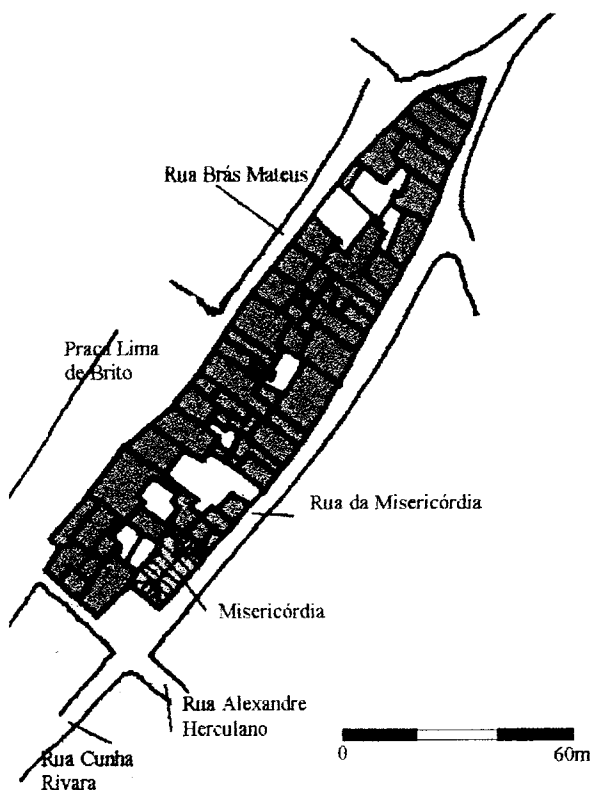


2.5.3.2.3- Rua Melo Mexia

A sul, a Rua Melo Mexia é limitada por casario de dois pisos (excepto a casa referida e um prédio que funciona como transição no desnível de cota para o pequeno largo referido anteriormente), com um parcelamento irregular, de dimensões superiores à parte norte do quarteirão, proveniente da construção de edifícios de maior importância, com duas ou três janelas de sacada, alternando com janelas de peito. Embora de cariz mais erudito do que o resto do quarteirão, o lado norte da rua é modesto em relação às fachadas sul, onde se sucedem as casas apalaçadas. A Travessa do Castelo é caracterizada por ser uma zona de transição entre a arquitectura da "burguesia" e a de cariz popular, acompanhando o desnível do terreno, com empenas laterais e sem qualquer tratamento das esquinas, que denotam a falta de cuidado posta no tratamento desta artéria, certamente pouco importante do ponto de vista social e urbano.

2.5.3.3- Este da Praça Brito de Lima. Arraiolos

Limitando a este a Praça Lima de Brito, este quarteirão deve a sua forma peculiar a estar no meio do prolongamento de duas vias importantes, a Rua de Olivença e a Melo Mexia, que definiram a Praça principal e a Rua da Misericórdia, limites do quarteirão em análise. O mesmo será contemporâneo da formação da praça, e deve o seu crescimento e densificação à importância que esse espaço usufruiu na expansão urbana da vila. A oeste é limitado pelo Largo da Misericórdia e Rua Alexandre Herculano. Como principal equipamento salienta-se a Igreja da Misericórdia, construída na periferia da Praça Principal mas parte integrante dela, por se situar num quarteirão que a limita.



Planta

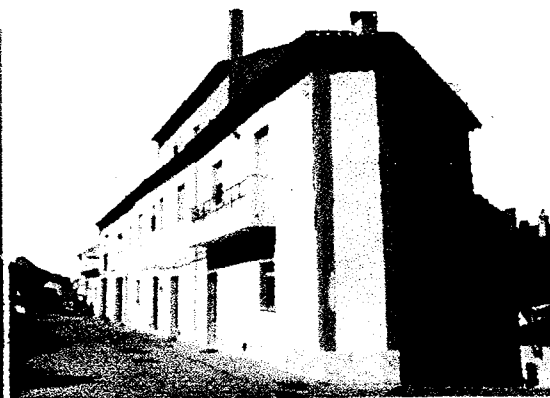
Orientado no sentido sudoeste/nordeste, tem cerca de 170 metros de comprimento por uma largura constante que ronda os 35 metros, afunilando na extremidade norte. A sua área total é de 5600 m², existindo 730m² de área não construída. A divisão parcelar é regular, dividida de forma simétrica em relação ao seu eixo longitudinal (excepto nas traseiras da Misericórdia, que motiva um parcelamento de dimensões mais importantes). O quarteirão, excluindo essa zona, é densamente construído, com um número reduzido de espaços livres no seu interior, que vão aumentando na extremidade norte, sobre a Rua Braz Mateus.

O quarteirão reveste formas diferentes de edificações e mesmo de funções, conforme a rua e os espaços que serve: na Praça Lima de Brito todas as edificações são de dois pisos, com janelas de sacada alternando com janelas de peito, existindo uma chaminé de prumada. Um edifício moderno, perto da esquina com a Rua Alexandre Herculano, ocupado com uma loja de tapetes, é o único elemento que destoa do

conjunto. (muito bem integrado na praça está o edifício sede da Caixa Geral de Depósitos, construído recentemente).



2.5.3.3.1- Praça Brito de Lima



2.5.3.3.2- Extremo Norte

Quando o quarteirão avança na Rua Braz Mateus, o casario mantém-se de dois pisos mas desaparecem (excepto num caso), as janelas de fachada, perdendo assim os edifícios importância social, embora mantenham os mesmos volumes. Perto da extremidade norte os vãos aumentam de dimensões, sendo substituídos por portões que servem quintais ou antigas instalações agrícolas no seu interior. O seu extremo é limitado por uma edificação moderna, que modificou a rua com introdução de escadas, densificando esta zona do quarteirão e ocupando, certamente, antigos espaços livres da zona.

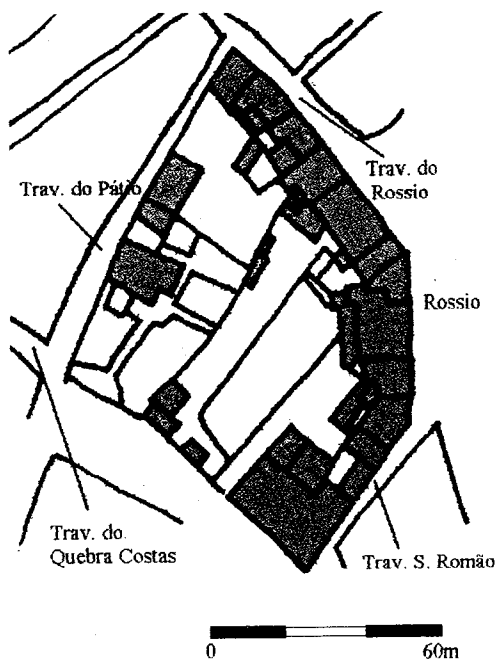
A Rua da Misericórdia é ocupada de forma mais heterogênea, pois inicia com o volume da Igreja da Misericórdia e respectivas dependências, continuada por edifícios de dois pisos, com janelas de peito, alternando com casas térreas, algumas com portões indicadores da multifuncionalidade das mesmas. Na parte norte da rua predominam os edifícios de um só piso, com portões alternando com janelas de peito. O elemento chaminé, de fachada ou de prumada, é aqui inexistente. Nesta zona assiste-se a uma descaracterização total do tecido urbano, talvez devido à pouca importância social e urbana de que reveste.

O Largo da Misericórdia e os três prédios que limitam o quarteirão na Rua Alexandre Herculano retomam as formas anteriormente definidas, aumentando os edifícios de cerca (de dois para quatro pisos) com a aproximação da praça principal. Existiu neste local um cuidado evidente no tratamento das esquinas, resultante da sua situação em relação ao centro da vila.

2.5.3.4- Oeste do Rossio de Arraiolos

Este quarteirão limita o Rossio de S. Romão a noroeste e serve de elemento de ligação entre este recinto e a vila, que se desenvolve mais a norte, sobre a Rua Melo Mexia. A Travessa do Quebra-Costas e a do Rossio, que o ligam directamente à Porta da Vila, no castelo, definem-lhe os limites a oeste e leste, respectivamente. A sul situam-se a Ermida de S. Romão e a Casa da Mala Posta, principais equipamentos do Rossio até à sua progressiva urbanização. Transição entre o meio rural e a malha urbana, acompanha, na sua multi funcionalidade o Rossio vizinho.

De forma irregular, tem uma área aproximada de 8430 m², dos quais somente 3000m² são construídos, o que origina uma percentagem de espaços livres da ordem dos 64 %. As suas diagonais medem 135 e 90 metros. O parcelamento é irregular, função da zona em que se realiza: mais reduzido perto da Travessa do Rossio, aumenta em largura quando se aproxima da Travessa de S. Romão, deixando no interior grandes parcelas (profundidades de 50 a 70 metros) que se estendem até à Travessa do Pátio e do Quebra Costas.



Planta

Este parcelamento origina diversos tipos de edificações no quarteirão, que correspondem à localização que ocupam em relação ao Rossio e às travessas que o limitam: a zona que ladeia o Rossio é construída com edifícios de dois pisos, sendo todos com janelas de sacada na parte mais a norte, que evidencia um certo gosto da burguesia em habitar esta zona; modeladas com duas ou três janelas de sacada, este conjunto termina com um prédio com quatro janelas de peito, de guilhotina.



2.5.3.4.1- Travesa do Castelo

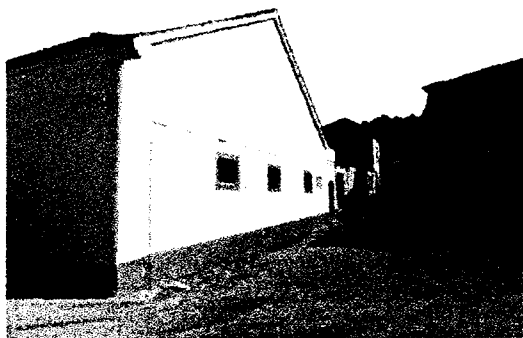


2.5.3.4.2- Perto da Mala Posta

Perto da Mala Posta existem casas térreas, seguidas novamente de edifícios de dois pisos, sendo substituídas as sacadas (excepto num caso), por janelas de peito. As parcelas nesta zona são reduzidas e na Travessa do Rossio, entre os seus extremos

desenvolve-se casario de um piso, com funções diversificadas. Na esquina sul, um enorme edifício de características agrícolas, talvez antigo celeiro ou armazém de alfaias, finaliza a banda construída do quarteirão.

Na zona oeste, edifícios com abertura para a rua alternam com um portão e um muro contínuo, que confere ao quarteirão a já referida "ruralidade", bem diferenciada da sua parte leste, com contínuo urbano. A norte, o quarteirão é rematado por um edifício de dois pisos, que continua a banda urbana já referida, seguido, na travessa do Pátio, por um muro contínuo, com um único portão, que serve as traseiras do quarteirão em continuidade à tipologia da Travessa do Quebra Costas. É esta diferença marcante rural/urbano que levou à selecção deste espaço, extremamente curioso no tecido urbano de Arraiolos.



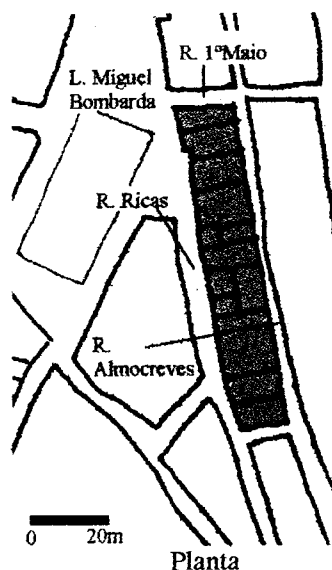
2.5.3.4.3- Esquina Sul



2.5.3.4.4- Travessa do Pátio

2.5.3.5- Oeste da Rua dos Almocreves. Montemor-O-Novo

Este quarteirão, situado a leste da Rua dos Almocreves, é parte integrante do primitivo arrabalde do castelo, formado a partir da Porta da Vila. É limitado a oeste pela Rua das Ricas e Largo Miguel Bombarda, a norte pela Rua 1º de Maio e a sul por uma pequena travessa que serve de ligação entre as duas ruas paralelas.



De forma rectangular, orientado no sentido norte/sul, a sua área ronda os 645 m² (86m x 7,5m). As parcelas são pequenas, praticamente idênticas, e têm como

profundidade a largura do quarteirão. O casario é de piso térreo na zona sul, e aumenta para dois pisos quando integra o Largo Miguel Bombarda, zona urbana com importância social e económica até ao século passado.

As esquinas norte e sul são tratadas de modo diferenciado: a Travessa dos Almocreves tem forma de empena, com uma porta e duas pequenas janelas de peito. A esquina norte, sobre a Rua 1º de Maio, tem um edifício de dois pisos, com quatro janelas de sacada, e vãos em rez-de-chão sugerindo antigos usos comerciais. Para a sua implantação a largura do quarteirão foi aumentada ligeiramente, marcando assim a diferença com o resto do casario.



2.5.3.5.1- Rua das Ricas



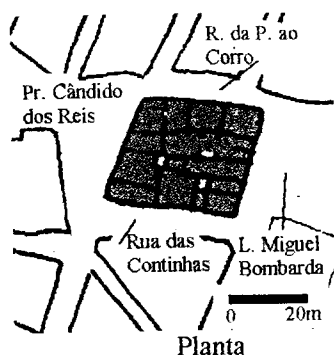
2.5.3.5.2- Praça Miguel Bombarda

As casas térreas são do tipo popular, muitas tendo como única abertura a porta de entrada, outras alternando a porta com pequenas janelas de peito. Por vezes nota-se a presença de chaminés em fachada, não tão importantes como as encontradas em Arraiolos. Este reflecte portanto a mudança social dos habitantes, conforme a proximidade do centro cívico, aumentando os edifícios de cerceia e decoração, mais próprios de uma classe burguesa em ascensão que os habita.

2.5.3.6- Noroeste da Praça Miguel Bombarda. Montemor-O-Novo

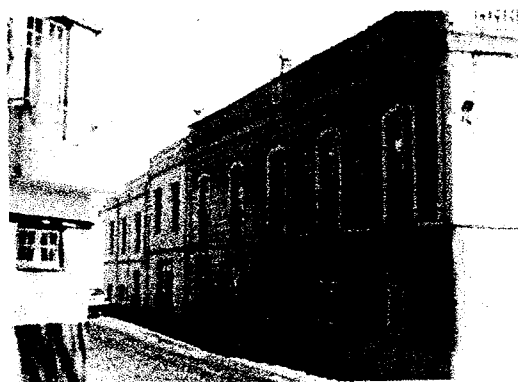
Situado entre a Praça Miguel Bombarda (antiga Praça do Corro), e o Largo Cândido dos Reis (antiga Praça Velha do arrabalde), é limitado a norte pela Rua da Praça ao Corro e a sul pela Rua das Continhas. Supõe-se ter sido este quarteirão construído em época posterior às duas praças, constituindo assim uma barreira ao espaço comum deixado livre pelo encontro dos dois tecidos urbanos que se desenvolviam na encosta da cerca de Montemor (ver desenvolvimento histórico de Montemor, na primeira parte do trabalho, ponto 1.1.2).

De forma quadrada, tem uma área de cerca de 980 m² (35m x 28m), ocupado por edificações de dois e três pisos, sem existirem praticamente espaços livres no seu interior. A divisão das parcelas é constante, definindo edifícios que apresentam a sua maior dimensão paralela á rua. Na parte sul os prédios são de dois pisos, tomando mais um andar quando a diferença de cota se acentua. A fachada sobre o Largo Miguel Bombarda tem um parcelar com menores dimensões, ritmados com duas aberturas, de fachada ou de peito, por edifício. Os restantes blocos que limitam o quarteirão têm três ou quatro janelas, de peito ou sacada, com uma decoração muito simples. (excepto a casa da esquina da Rua das Continhas, datado do fim do século XIX, cuja fachada é revestida de azulejos policromos).

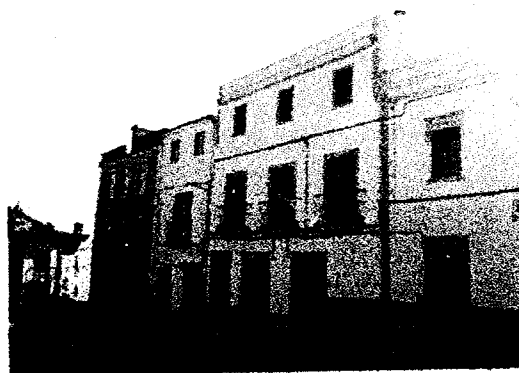


2.5.3.6.1- Largo Miguel Bombarda

Nos pisos inferiores da Praça Cândido dos Reis e da Rua da Praça ao Corro existem numerosas portas, denunciando antiga ocupação artesanal ou comercial, digna da que foi a praça mais activa e centro económico e social do arrabalde, tornado vila no século XVII.



2.5.3.6.2- Rua das Continhas



2.5.3.6.3- Praça Cândido dos Reis

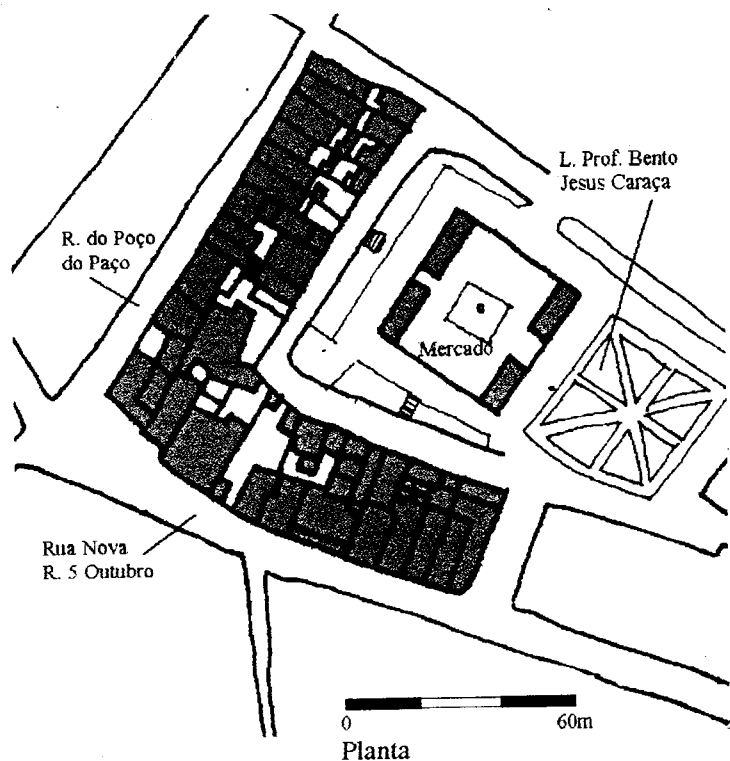
2.5.3.7- Norte da Rua Nova. Montemor-O-Novo

Este quarteirão foi seleccionado por estabelecer a transição da Rua Nova, actual 5 de Outubro, eixo principal de Montemor até meados do século XX com o tecido urbano que se desenvolveu a norte do mesmo. O seu arranjo interior é moderno, e serviu para instalar o mercado municipal, prédios de habitação e escritórios (na parte sul). Em forma de L, com os dois braços idênticos, mantém medidas de comprimento e largura constantes. A área de ocupação é de cerca de 5100 m² (28 m de largura por comprimentos de 108m e 784m), constituído essencialmente por edificios de dois pisos.

O parcelamento é de forma e dimensão constantes, atravessando o quarteirão no sentido da largura, com alguns edificios de maior comprimento na zona média e perto das esquinas. Duas parcelas são servidas por quintais que abrem sobre as duas ruas principais, existindo parcelas servidas, nas traseiras, por pequenas zonas livres que as ligam ao interior do quarteirão. A zona mais densamente construída situa-se a sul, na esquina da Rua Nova com a via que a liga ao mercado.

Os edificios, tanto na Rua Nova como na Rua do Poço do Paço são de dois pisos, sendo os situados na primeira de relativa importância, tomando a forma de casas apalaçadas, embora não tão opulentas como as que limitam a rua a sul. O quarteirão reduz ligeiramente a sua largura, dando forma ao pequeno largo onde se situa a Fonte da Rua Nova. Na segunda artéria, os edificios de dois pisos não têm janelas de sacada, e

estão entremeados por três edifícios de piso térreo, e que demonstra a reduzida importância social desta via em relação à primeira.



As traseiras do quarteirão dão para o Largo Professor Bento de Jesus Caraça, onde se situa o mercado. Supõe-se que as mesmas tenham sido reduzidas e alinhadas, quando da construção do referido equipamento, pela irregularidade da implantação e paisagem urbana subjacente: a ruela é um misto de muros e portas de quintais, existindo um edifício de habitação. Perto da Rua Nova, a sul, o conjunto encontra-se mais ordenado, pela construção de muretes que separam as parcelas da via pública. Denota-se nesta área uma ruptura da malha urbana, própria das operações urbanistas necessárias à implantação de equipamentos, que se procuravam localizar no centro das urbes. Salienta-se no entanto o cuidado em conservar os alinhamentos e cerceas dos quarteirões preexistentes na Rua Nova e na Rua de Avis, não modificando portanto o aspecto visual do centro urbano, como foi anteriormente referido.



2.5.3.7.1- Rua Nova. Sul



2.5.3.7.2- Rua do Poço do Paço



2.5.3.7.3- Traseiras da Rua do Poço do Paço

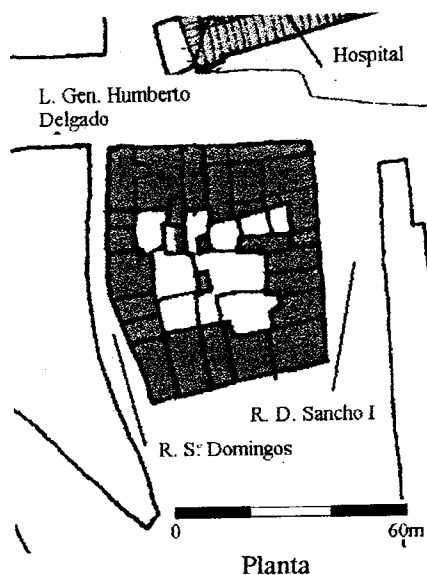


2.5.3.7.4- Mercado

2.5.3.8- Sul do Hospital de Santo André. Rossio de Montemor-O-Novo

Este quarteirão situa-se no extremo leste da vila de Montemor, entre o antigo arrabalde e os terrenos do Rossio, a sul do Largo General Humberto Delgado, antigo Terreiro das Portas do Sol. Espaço de transição entre o meio urbano e o meio rural, é comparável com o exemplo analisado em Arraiolos. Ainda hoje se encontra isolado na malha urbana, pois o crescimento urbano de Montemor não se expandiu neste sentido.

De forma trapezoidal, quase quadrado, a sua área é de cerca de 3700 m² (64m x 58m), com 700m² de área livre no interior do quarteirão. É limitado a norte pelo referido largo, a sul pelo espaço livre que se estende até ao Convento de S. Domingos, a este pela Rua D. Sancho I e a oeste pela Rua de S. Domingos.



A divisão das parcelas é regular, de forma rectangular, apresentando a sua menor dimensão paralela às ruas que o envolvem. Nota-se um parcelamento maior nas zonas norte e leste, correspondente a edificações de maior importância social e urbana.

O casario sobre o Largo General Humberto Delgado é de dois pisos (excepção num prédio de três andares), com janelas de sacada no piso superior, adoptando a tipologia do espaço em que se insere. A Rua D. Sancho I, na esquina com o referido largo mostra a empena lateral do mesmo, não tendo havido pois o cuidado do tratamento

de ângulo. A rua continua com dois pisos (excepto no prédio térreo de esquina), com janelas de sacada modeladas aos pares.



2.5.3.8.1- Largo das Porta do Sol



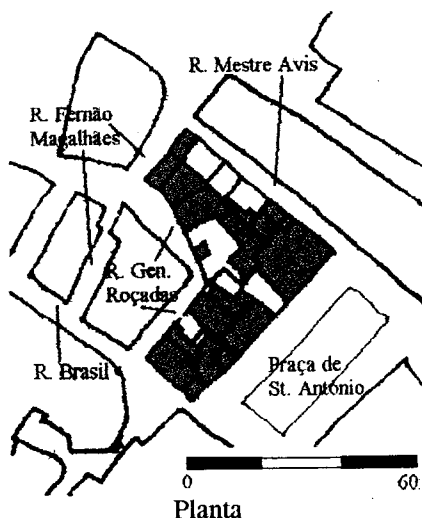
2.5.3.8.2. Sul do quarterião

A sul o quarterião é uma amálgama de edifícios de dois pisos, modernos, com prédios térreos onde se abrem vãos de grandes dimensões sobre a rua, sugerindo uma antiga ocupação agrícola ou industrial. Este tipo de edificações continua na Rua de S. Domingos, com um conjunto de casas também com dois andares, existindo portas de serventia ao interior do quarterião, similares das referidas no parágrafo anterior. A aproximação ao largo é marcada pelo tratamento cuidado do seu edifício de esquina.

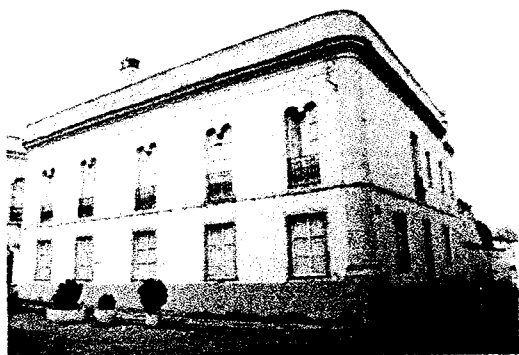
Encontramo-nos pois em presença de um quarterião misto, com funções de habitação da classe média nas suas frontarias principais e com edificações de pequenas unidades industriais ou armazenagem nas traseiras, que se apropriam do espaço no interior do quarterião.

2.5.3.9- Norte da Praça de Santo António. Reguengos de Monsaraz

Este quarterião situa-se a norte da Praça de Santo António, e é certamente exemplo do tecido urbano mais antigo da vila de Reguengos, integrando o casario que se desenvolveu em torno da Ermida de Santo António (ponto 1.1.3), orientado no sentido sudoeste/nordeste, em forma de L, com os dois braços de igual dimensão. A área de implantação é de cerca de 1593 m² (54m x 17m), limitado a sudeste pela referida praça, a nordeste pela rua Mestre de Avis, a sudoeste pela rua do Brasil e nas traseiras pela Rua General Roçadas.



A divisão das parcelas é irregular e corresponde à existência, neste espaço, de três grandes casas cujas traseiras e dependências definem o respectivo parcelamento. Toda a frente sobre a praça principal é de dois pisos, com sacadas no piso superior e janelas de peito no piso térreo. Uma delas tem acesso à rua através de um quintal, protegido dos curiosos por um muro com gradeamento. A esquina da Rua do Brasil é tratada da mesma forma que a dos edificios situados na praça, o que demonstra da importância social desta artéria.



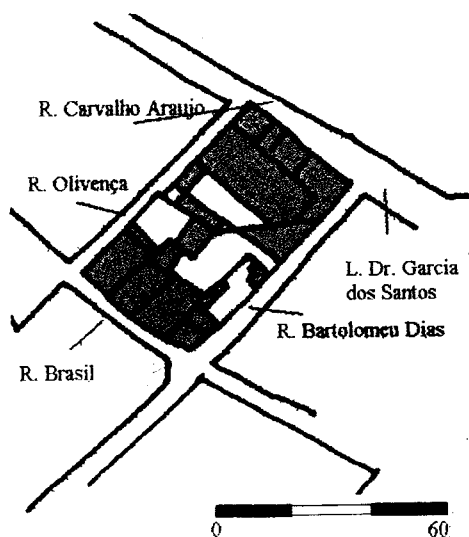
2.5.3.9.1- Praça de Santo António



2.5.3.9.2- Rua General Roçadas

O resto do quarteirão completa as casas atrás referidas, com um conjunto de edificações que se abrem sobre a Rua General Roçadas, pequena ruela quase beco de serventia do quarteirão, ocupada por pequenas indústrias, talvez partes de casa alugadas para outras funções. O quarteirão é misto, instalando-se, na sua parte da frente, as grandes casas sobre a praça, situando-se nas traseiras os equipamentos necessários às "Pousadas" da época, hoje transformadas e ocupadas, na sua maioria, por actividades dispaes.

2.5.3.10- Leste da Rua do Brazil-Rua de Lisboa. Reguengos de Monsaraz



Planta

Este quarteirão, ainda integrado na antiga malha urbana de Reguengos de Baixo, foi seleccionado porque, além de estar perto da Rua de Lisboa, revelou ter carácter exclusivamente habitacional, o que é raro em Reguengos. Orientado no sentido sudoeste/nordeste, é limitado pela Rua do Brasil (prolongamento da Rua de Lisboa), Rua Carvalho Araújo, Rua Bartolomeu Dias e Rua de Olivença. A sua área de implantação é cerca de 2516 m², (74m x 34m), com uma forma rectangular, característica da malha urbana desta vila.

O seu parcelamento é regular nas ruas do Brasil e Carvalho Araújo, com edifícios de habitação servidos por elas, de dois pisos no primeiro caso e piso térreo no segundo, a ligar a uma zona urbana mais desfavorecida, no interior do quarteirão, servido pelas ruas de Olivença e Bartolomeu Dias, que alternam pequenas casas térreas e prédios de alturas variadas.



2.5.3.10.1- Rua do Brasil



2.5.3.10.2- Rua de Olivença

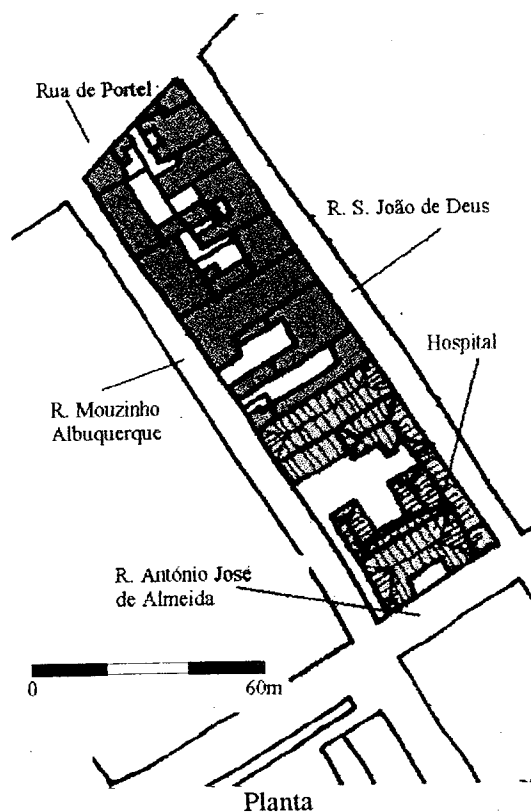
Podem-se pois estabelecer níveis diferenciados neste pequeno espaço: um primeiro, de edifícios de dois pisos com janelas de peito ou sacadas na Rua do Brasil e proximidade, um segundo de casas térreas com janelas de peito na Rua Carvalho Araújo, e um terceiro, na parte média do quarteirão, com habitações de dimensões muito reduzidas, servido por duas artérias secundárias que comunicam com o seu interior por intermédio de espaço livres.

2.5.3.11- Norte da Rua António José de Almeida. Reguengos de Monsaraz

O quarteirão situa-se perto da Praça da Liberdade e integra o tecido urbano que correspondente à expansão de Reguengos a partir da segunda metade do século XIX (o hospital data de 1871). De forma rectangular, orientado no sentido noroeste sudeste, tem uma área de implantação de cerca de 5700m² (150m x 38m). É limitado pela Rua António José de Almeida a sul, pela Rua de Portel a norte, e pelas ruas S. João de Deus e Mouzinho de Alburquerque, a leste e oeste respectivamente. O casario é de piso térreo, excepto o edifício do hospital, de dois pisos.

A sua divisão parcelar processa-se de duas formas distintas: cerca de um terço é ocupado pelo hospital e respectivos anexos, o restante divide-se em parcelas regulares, que atravessam o quarteirão no sentido transversal, divididas ao meio no sentido do comprimento do quarteirão, definindo unidades de habitação de um só piso, voltadas para as duas ruas laterais já referidas. O conjunto apresenta um continuo urbano típico desta zona de Reguengos, com edifícios na sua maioria destinados a habitação, ritmados

com uma porta, eixo de simetria de duas janelas de peito, modulando as fachadas correspondentes, onde aparecem alguns portões para serventia interna do quarteirão.



O extremo do quarteirão, na Rua de Portel, é tratado da mesma forma, aparecendo ao meio uma porta de serventia de espaço interior. Os quintais são privativos às habitações e servidos através delas, não havendo, excepto nos casos referidos, acessos directos à via pública



2.5.3.11.1- Rua S. João de Deus

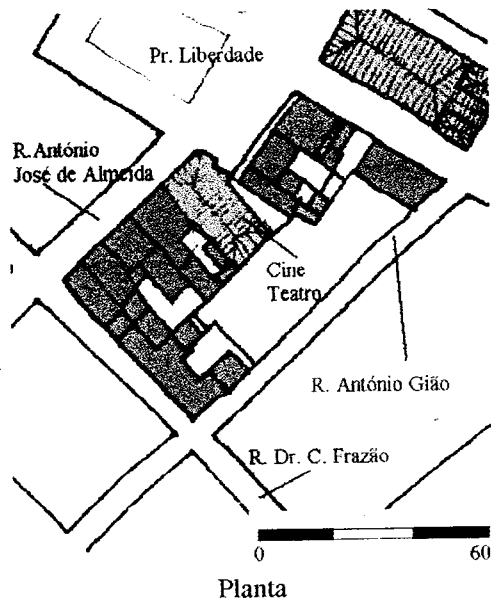


2.5.3.11.2- Rua de Portel

2.5.3.12- Sul da Rua António José de Almeida. Reguengos de Monsaraz

Este quarteirão situa-se entre a Praça da Liberdade e a Rua António José de Almeida, e como espaço de transição entre os dois espaços apresenta características específicas, algumas já referidas quando da análise aos dois espaços nos capítulos anteriores.

De forma irregular, a sua área de implantação ao solo é de cerca de 4250 m² (95m x 52m), com uma grande superfície livre pois integra a casa António Gião, que limita as suas traseiras. Os edifícios que a compõem, excepto os comércios na Praça da Liberdade, são de dois pisos, com características diversas, dependendo da época de construção e fins a que se destinaram.



O espaço divide-se em três zonas distintas: a sul, e sobre a Rua António Gião desenvolve-se a casa do mesmo nome, com entrada principal defronte da Igreja Nova de Santo António. Na traseira da casa, esquina com a Rua Dr. C. Frazão, existem as dependências agrícolas, presença constante das grandes casas dos proprietários da região. Entre as duas construções desenvolve-se o jardim, privado à casa, e protegido por um muro alto que ladeia a Rua António Gião.



2.5.3.12.1- Rua António José de Almeida

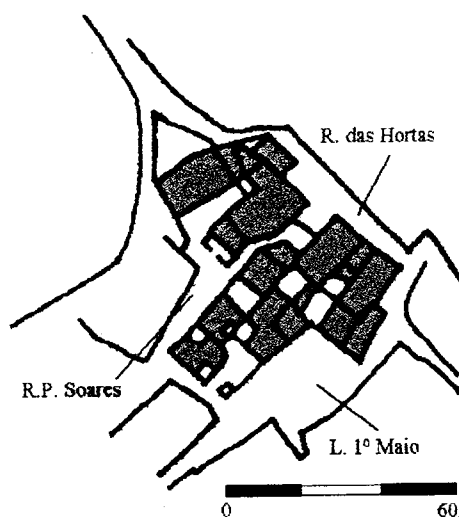


2.5.3.12.2- Rua António Gião

A zona do quarteirão limitado pela Rua António José de Almeida, desde a Rua Dr. C.Frazão até ao cine-teatro, é ocupada por prédios de habitação, de dois pisos, (um térreo), com comércios no rez-de-chão. O cine-teatro faz esquina com a praça, sendo um dos seus espaços mais característicos. Entre esta sala e a casa António Gião o parcelar é muito dividido, de um só piso (excepto um edificio perto do cinema), com pequenas unidades destinadas exclusivamente a comércios e indústrias. Supõe-se que este uso tenha sido planeado, quando da realização da praça, adaptando-se com o tempo aos dois equipamentos que dominam o parcelamento do quarteirão.

2.5.3.13- Quarteirão em Reguengos de Cima. Reguengos de Monsaraz

Este quarteirão, antiga aldeia de Reguengos de Cima, foi seleccionado porque, além de referir um espaço urbano ainda não analisado, apresenta a curiosidade de estabelecer uma excepção a todas as zonas estudadas até ao momento. Constituído mais por um conjunto de casas térreas que um quarteirão propriamente dito, será contemporâneo de Reguengos de Baixo, tendo-se desenvolvido sobretudo no século passado. O casario conserva as características próprias a uma zona destinada a uma classe social desfavorecida, fornecedor da mão da obra necessária à florescente Reguengos de Baixo.



Planta

De forma irregular, a sua área de implantação ao solo é cerca de 3100 m², medindo a sua maior dimensão 60 metros. Todos os edificios que compõem o quarteirão são de um piso, com pequenos quintais por vezes ligados aos acessos exteriores. O conjunto é limitado a sul pelo Largo 1º de Maio, a leste pela Rua das Hortas (continuação da Rua de Lisboa), e a oeste pela Rua P. Soares.



2.5.3.13.1- Passagem entre quarteirões



2.5.3.13.2- Passagem entre quarteirões

O conjunto, na realidade, divide-se em dois quarteirões distintos, que no entanto, quando se visita o local, não se conseguem separar visualmente. Os diversos espaços, semi privados, na ruela que separa, escondem a passagem existente. O outro beco, na Rua P. Soares, é também um espaço semi-privado, que serve as pequenas casas que o ladeiam, alargando a sua área funcional (não se tinha encontrado este tipo de "pátio" em nenhum quarteirão analisado até ao momento). Embora os dois espaços sejam diferentes, pois o primeiro é de passagem, ambos servem o conjunto da mesma forma, assegurando idênticas funções.

Rodeando o conjunto pelo exterior, nota-se uma importância decorativa das casas na Praça 1º de Maio, que apresentam tanto telhado de duas águas como empenas sobre a rua, adulteradas na sua forma original pelo uso de materiais diferentes dos usuais da região (alumínios, rodapés de plaquetes de mármore, etc). O resto do quarteirão é constituído por uma sequência alienatória de casas e pequenos muros, que conferem um cunho muito especial ao conjunto, de grande beleza formal, invulgar na sua escala urbana. Pode-se afirmar que o mesmo começou sem uma ordem inicial, e cresceu sem qualquer programação, pois não se encontram alinhamentos, mas sim conjuntos justapostos, curiosos de visitar e observar.



2.5.3.13.3- Rua P. Soares



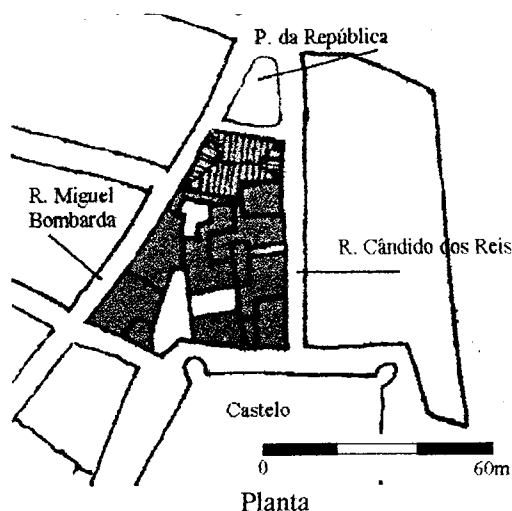
2.5.3.13.4- Rua das Hortas

Os quintais privados que existem são todos ligados directamente á via pública, por pequenos portões inseridos em muretes, que não tentam, como na Vila de Baixo, esconder o espaço verde ao visitante que passa.

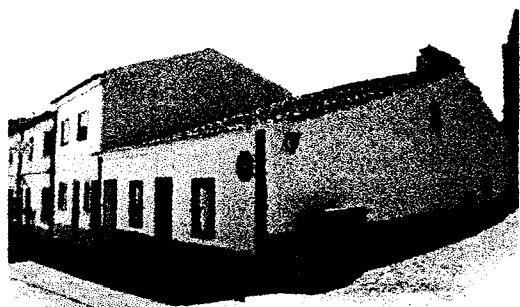
2.5.3.14- Sul da Praça da República. Viana do Alentejo

Este quarteirão, situado a leste da Rua Cândido dos Reis, é parte integrante do tecido urbano que se desenvolveu a partir da porta da cerca, sobre a rua que o ligava á Ermida de Santo Aleixo, presumível matriz primitiva de Viana do Alentejo. De forma irregular, trapezoidal, ocupa uma área aproximada de 1800 m² (54m x 32m), sendo limitado a norte pela Praça da República, a sul pela fortificação, e a oeste pela Rua Miguel Bombarda.

A sua forma é resultado da utilização que se processou ao longo dos anos, tendo a edificação dos Paços do Concelho, sobre a Fonte da Praça, modificado com certeza o seu parcelamento. Uma parte do quarteirão é de forma rectangular, com parcelas divididas de modo regular, e, justapostas ao edificio da câmara, existem duas parcelas triangulares; de maiores dimensões, que se adaptaram á abertura da Rua Miguel Bombarda e ao traçado da cerca.



Os edifícios que o compõem são de um ou dois pisos, com uma cêrcea de valor variável, o que confere à rua um ritmo de beirais e cimalthas de telhados irregular. As aberturas na Rua Cândido dos Reis são, no piso superior, de sacada ou janelas de peito; na Rua Miguel Bombarda só existem do segundo tipo, o que estabelece de imediato a diferença de importância social e económica dos residentes das duas artérias.



2.5.3.14.1- Esquina da Rua Miguel Bombarda



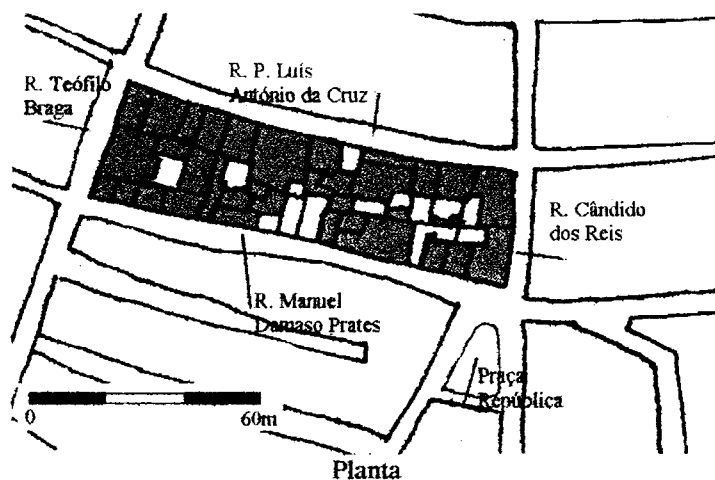
2.5.3.14.2- Traseiras perto do castelo

A parte sul do quarteirão, que abre sobre a Travessa do Relógio, serve de traseiras do mesmo, estabelecendo a ligação entre os quintais situados no seu interior. Protegidos por muros altos, o acesso processa-se através de portões ou pequenas portas discretas, não existindo nenhuma transição de tratamento nos limites do quarteirão. Os espaços livres, transformados em quintais, existem perto da cerca (talvez uma antiga zona de protecção à mesma), e servem as respectivas parcelas, estabelecendo espaços de usos privado.

2.5.3.15- Oeste da Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo

Este quarteirão formou-se, como o anterior, a partir da via que unia a cerca à ermida de St. Aleixo, e integra um conjunto de seis quarteirões idênticos, simétricos em relação à Rua Cândido dos Reis (referidos quando da análise da rua). De forma rectangular, orientado no sentido este/oeste, ocupa uma área de cerca de 3136 m² (112m x 328m), com uma densidade de ocupação do solo de cerca de 85 %. É limitado a norte pela Rua Padre Luís António da Cruz, a sul pela Rua Manuel Damaso Prates, a este e oeste pelas ruas Cândido dos Reis e Teófilo Braga, respectivamente. Os edifícios

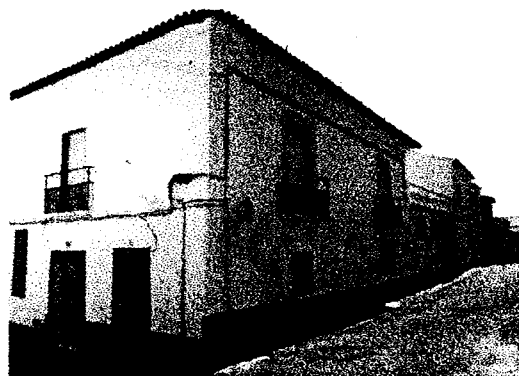
são, na sua maioria, de dois pisos, apresentando cêrceas muito variadas, dependentes da época e função para que foram construídos ou acrescentados. O parcelar é dividido de forma quase idêntica, simétrico em relação ao eixo longitudinal. As parcelas voltam-se nos extremos do quarteirão, apresentando tratamentos de fachada idênticos aos das ruas laterais.



A zona limitada pela rua principal sofreu uma intervenção relativamente recente, que lhe aumentou sem dúvida o volume inicial, sem no entanto densificar o seu interior. O edifício destina-se a sede de repartições públicas no piso superior e comércio no rez-de-chão, com janelas de peito no primeiro andar e piso inferior paramentado de placas de pedra calcária. A partir deste prédio, que estabelece a esquina com a Rua Padre Luís António da Cruz, o casario desenvolve-se num só piso, modelado por uma porta simétrica de duas janelas de peito. Estas casas são servidas por pequenos quintais, nas suas traseiras, que desaparecem na proximidade da Ermida do Espírito Santo e nos dois prédios seguintes, de dois pisos com janelas de sacada no piso superior. O quarteirão continua com casas térreas, até à esquina com a Rua Teófilo Braga, onde existe um importante edifício de dois andares, construído de modo a ocupar o topo do quarteirão, com múltiplas janelas de fachada que contam da sua antiga opulência e é servido por um portão, que abre sobre a Rua Manuel Damaso Prates. Nesta artéria os edifícios são de dois pisos (excepto um), com janelas de sacada ou de peito, e alguns quintais no interior do quarteirão.



2.5.3.15.1- Rua Padre Luís António da Cruz



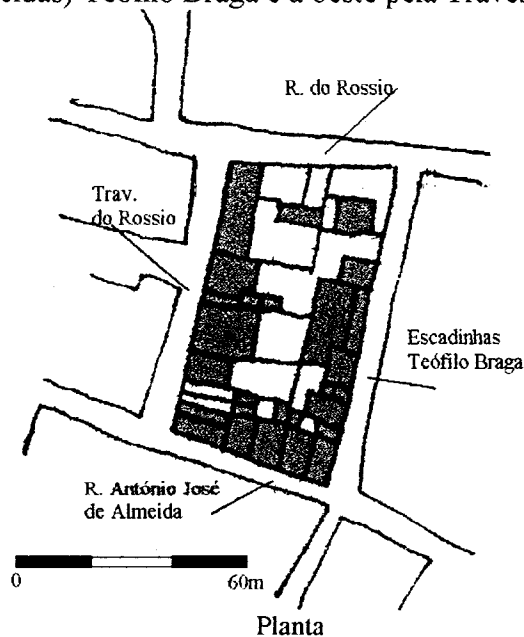
2.5.3.15.2- Rua Manuel Damaso Prates

A distribuição irregular dos edifícios leva a supor que o quarteirão estivesse ocupado de forma diferente, existindo dois edifícios nos seus extremos, servidos pelas ruas principais, e uma zona ocupada no meio do quarteirão pela Ermida do Espírito

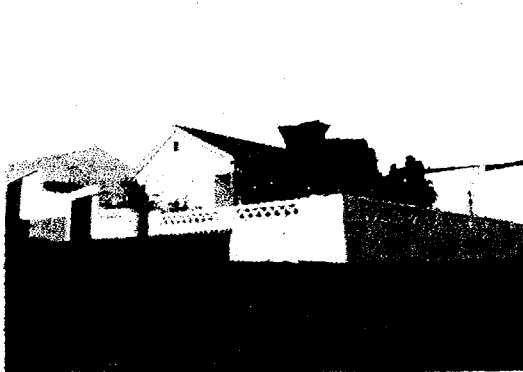
Santo e casas anexas. A sua densificação será posterior, com a construção de edifícios de menor porte, térreos ou de dois pisos, com serventia directa sobre a via pública. O bloco situado na Praça da República, esquina com a rua principal, volta-se para a Praça, espaço principal da urbe, mostrando uma empena, sem qualquer tratamento de ângulo, na Rua Cândido dos Reis.

2.5.3.16- Sul da Rua do Rossio. Viana do Alentejo

Este quarteirão situa-se a sul do Rossio e provavelmente integrava-o, antes da respectiva urbanização, que se processou no tempo de forma progressiva, conforme as necessidades de crescimento da urbe. Como nos exemplos de Montemor e Arraiolos localizados perto dos rossios, também este apresenta, na sua divisão interna, a transição rural/urbano, própria dos quarteirões formados a partir de espaços semi-rurais. Orientado no sentido norte/sul, tem uma área de cerca de 3430 m², sendo limitado a norte pela Rua do Rossio, a sul pela Rua António José de Almeida, a este pela Escadinhas (desaparecidas) Teófilo Braga e a oeste pela Travessa do Rossio.



O parcelamento do quarteirão é irregular, aumentando para norte, com respectiva diminuição da densidade de construção. O casario é, na sua maioria, de um piso, sendo os edifícios mais modernos de dois pisos. As casas apresentam janelas simétricas em relação à porta de entrada, tendo as mais antigas só uma porta e vestígios de chaminé em fachada.



2.5.3.16.1- Esquina da Rua do Rossio com Travessa do Rossio

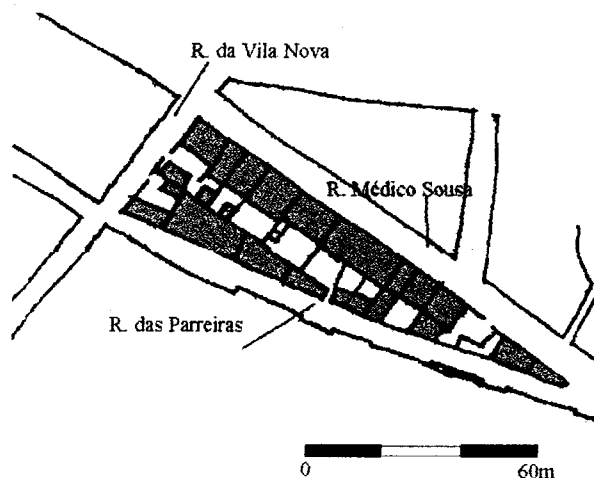


2.5.3.16.2- Travessa do Rossio

Na Rua António José de Almeida o casario é contínuo, ritmado da forma atrás referida, alternando com pequenos quintais de serventia às habitações. Na Travessa do Rossio mantém-se este aspecto urbano, com uma continuidade de fachadas ritmadas da mesma forma, interrompidas por dois portões e um prédio moderno de dois andares. A casa de esquina para a Rua do Rossio apresenta a fachada principal voltada para a travessa homónima, o que demonstra da pouca importância urbana que a mesma revestia. Sobre ela o prédio apresenta uma empena, seguida de muros que limitam quintais privativos. Um edifício comercial, recente, interrompe esta continuidade. O muro continua nas Escadinhas Teófilo Braga, onde a parcela limitada é construída no interior, com edifício isolado. Portões de tipo agrícola interrompem o muro, servindo o interior do quarteirão. Nesta artéria não existe nenhum edifício de habitação, mas sim armazéns agrícolas ou industriais, que lhe conferem o carácter misto referido anteriormente.

2.5.3.17- Norte da Rua das Parreiras. Viana do Alentejo

A selecção deste quarteirão deveu-se a ser resultado do loteamento do Rossio de São Luís, no fim do século passado. É limitado pela Rua das Parreiras, Rua da Vila Nova (antiga estrada para Vila Nova da Baronia) e Rua Médico Sousa, saída da povoação para Alvito. De forma triangular, tem uma área de cerca de 2200 m².

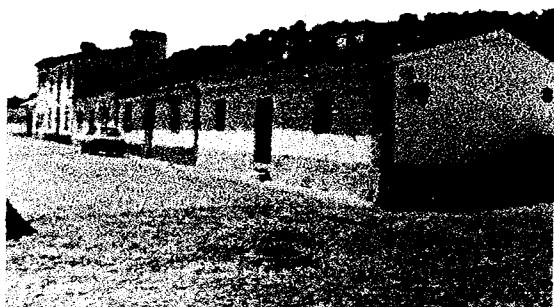


Planta

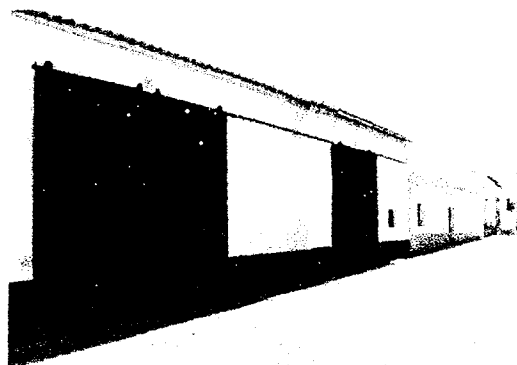
O quarteirão é dividido por parcelas que o atravessam transversalmente, com frontaria para a Rua Médico Sousa e edifícios de um ou dois pisos (dois edifícios), ritmados da mesma forma que os referidos nos parágrafos anteriores. O interior do quarteirão é ocupado por quintais, e no fundo das parcelas existem instalações do tipo industrial ou agrícola, coexistindo pois três funções no mesmo espaço, de forma idêntica e organizada. Os acessos aos quintais processam-se pelas casas e pelas traseiras das parcelas. O aspecto das duas ruas é diferente, apresentando-se a Médico Sousa com características urbanas e a das Parreiras como espaço de transição entre o meio rural e urbano, última barreira ao campo próximo.

O extremo norte do quarteirão, na Rua da Vila Nova, não merece nenhum tratamento especial, sendo terminado pela empena do edifício que o limita, e de um portão de acesso ao interior da parcela. No extremo sul construiu-se um edifício de

forma triangular, acessível por um quintal que completa a forma em causa. Na Rua das Parreiras alguns fundos de parcela foram adaptados a habitação, subdividindo e densificando assim a ocupação da mesma.



2.5.3.17.1- Rua Médico Sousa



2.5.3.17.2- Rua das Parreiras



2.6- Tipologia B. Conjuntos urbanos

2.6.1- Praças e Rossios

Na caracterização das praças, tendo em vista a elaboração de uma tipologia, adoptaram-se como principais critérios: posição relativa em relação aos respectivos aglomerados, eixos viários que as atravessam, presença de equipamentos e volumetria dos edifícios que as rodeiam.

PRAÇA A	Praça Lima de Brito. Arraiolos Praça da Liberdade. Reguengos de Monsaraz <ul style="list-style-type: none">• Posição central em relação ao aglomerado• Forma geométrica regular• Atravessada por vias principais, prolongamento de estradas nacionais• Presença de equipamentos• Edifícios de dois pisos
PRAÇA B	Praça da República. Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none">• Posição central em relação ao aglomerado• Forma irregular• Servida por uma via principal• Ausência de equipamentos, anteriormente existentes• Edifícios de dois pisos
PRAÇA C	Praça Miguel Bombarda. Montemor-O-Novo Praça de Santo António. Reguengos de Monsaraz <ul style="list-style-type: none">• Antigo espaço central do aglomerado, hoje na periferia do mesmo• Forma variável• Servida por vias secundárias• Ausência de equipamentos• Edifícios de dois pisos

Os rossios foram considerados num só elemento tipológico pois os três analisados mantiveram aspectos comuns, anteriormente referidos, inerentes à sua existência e funcionalidade, transformados posteriormente, de forma diversificada, mas conservando características similares.

ROSSIO	Rossio de Montemor-O-Novo Rossio de S. Romão. Arraiolos Rossio das Freiras. Viana do Alentejo <ul style="list-style-type: none">• Situado nos limites do aglomerado• Ausência de limites edificados• Ligação às principais vias de acesso da povoação• Presença da ermida do padroeiro• Aproveitamento de uma zona para realização de um jardim público, à escala das povoações• Utilização posterior para equipamentos públicos ou industriais
--------	--

2.6.2- Ruas

Na caracterização tipológica das ruas os parâmetros que se utilizaram foram a posição relativas das mesmas em relação à estrutura viária das respectivas povoações, os equipamentos nelas existentes, a presença de vias que as atravessam e a volumetria dos edifícios que as limitam.

<p>RUA A</p> <p>A.1</p> <p>A.2</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelece a ligação entre um extremo da povoação e o seu núcleo central • Ruas transversais de menor dimensão, que estabelecem ligações a outros espaços importantes da localidade • Edifícios de dois pisos <p>Rua Melo Mexia. Arraiolos</p> <p>Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de equipamentos • Comércio perto do centro <p>Rua Dr. José António de Almeida. Reguengos de Monsaraz</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estruturada por diversos equipamentos públicos
<p>RUA B</p>	<p>Rua 5 de Outubro. Montemor-O-Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estabelece a ligação entre os dois extremos da povoação • Ausência de equipamentos públicos (localizados na proximidade) • Ausência de comércio (localizados nas suas extremidades) • Ligada, por uma rua secundária, ao antigo centro urbano e por uma rua moderna aos novos espaços de equipamentos • Edifícios de dois pisos
<p>RUA C</p>	<p>Rua de Lisboa. Reguengos de Monsaraz</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estabelece a ligação entre dois espaços urbanos, núcleos primitivos da povoação actual • Ausência de equipamentos • Cortada por vias secundárias, estruturantes de loteamentos recentes • Edifícios de um piso
<p>RUA D</p> <p>D 1</p> <p>D 2</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Eixo estruturante, estabelece a ligação entre o núcleo fortificado e respectivo arrabalde • Ausência de equipamentos • Casas de um e dois pisos <p>Rua do Castelo. Arraiolos</p> <ul style="list-style-type: none"> • cortada por vias transversais, que completam e estruturam o tecido urbano <p>Rua dos Almocreves. Montemor-O-Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de vias transversais (excepto uma pequena travessa)
<p>RUA E</p>	<p>Rua das Parreiras. Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Antigo limite do Rossio de São Luís, limita a povoação actual a sul; é resultante de um loteamento e como tal não estabelece qualquer ligação importante na estrutura viária de Viana • Ausência de equipamentos • Ausências de vias transversais • Casas de um piso

2.6.3- Quarteirões

Os parâmetros tidos em conta na elaboração da tipologia dos quarteirões foram obtidos a partir da elaboração das suas dimensões, estabelecidas as áreas totais, as áreas não construídas e o COS (coeficiente de ocupação do solo). Todas as medidas apresentadas são aproximadas, pois foram obtidas a partir do levantamento Aerofotogramétrico das vilas em análise, à escala 1/2000.

Dimensões dos quarteirões

Arraiolos

	Comprim.	Largura	Área Total	Área Livre	COS	Nº de Pisos
2.5.3.1	34 m	15 m	510 m ²	0 m ²	1	2
2.5.3.2	125 m	40 m	5000 m ²	1700 m ²	0,66	2
2.5.3.3	170 m	35 m	5950 m ²	730 m ²	0,86	2
2.5.3.4	135 m	96 m	8430 m ²	5400 m ²	0,36	1-2

Montemor-O-Novo

2.5.3.5	86 m	7,5 m	645 m ²	0 m ²	1	1-2
2.5.3.6	35 m	28 m	980 m ²	13 m ²	0,98	2-3
2.5.3.7	74-108 m	28- 28 m	5100 m ²	950 m ²	0,81	2
2.5.3.8	64 m	58 m	3700 m ²	700 m ²	0,81	2

Reguengos de Monsaraz

2.5.3.9	54 m	47 m	1593 m ²	410 m ²	0,74	2
2.5.3.10	74 m	34 m	2600 m ²	670 m ²	0,74	1-2
2.5.3.11	150 m	38 m	5700 m ²	882 m ²	0,84	1
2.5.3.12	94 m	52 m	4250 m ²	1304 m ²	0,31	1-2
2.5.3.13	60 m	56 m	3100 m ²	400 m ²	0,87	1

Viana do Alentejo

2.5.3.14	54 m	32 m	1800 m ²	210 m ²	0,88	2
2.5.3.15	112 m	28 m	3136 m ²	467 m ²	0,85	2
2.5.3.16	78 m	44 m	3430 m ²	1300 m ²	0,62	1-2
2.5.3.17	130 m	34 m	2200 m ²	500 m ²	0,79	1-2

Além destes parâmetros, tomou-se em consideração a sua situação em relação à estrutura viária, a sua integração no tecido urbano, os equipamentos existentes e volumetria dos seus edifícios. Embora as dimensões das áreas e respectivos coeficientes tenha sido fundamental na definição das tipologias, optou-se, em alguns casos, por integrar quarteirões em determinados grupos, variando neste caso a sua área, pois outras características em comum que apresentavam justificaram tal atitude. (caso do quarteirão situado a leste da Rua Cândido dos Reis em Viana do Alentejo e do agrupamento de todos aqueles localizados perto dos rossios das vilas).

QUART. A	<p>Oeste da Rua do Castelo. Arraiolos Oeste da Rua dos Almocreves. Montemor-O-Novo Noroeste do Largo Miguel Bombarda. Montemor-O-Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 510- 645 m2 • Área não construída: 0 m2 • Coeficiente de Ocupação do Solo: 1 • situado no tecido urbano integrante do arrabalde primitivo • ladeado por um eixo viário importante na formação do arrabalde • edifícios de dois pisos
QUART. B	<p>Norte da Rua Melo Mexia. Arraiolos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 5000 m2 • Área não construída: 1700 m2 • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,63 • desenvolvido no arrabalde primitivo, limitava-o a sul • Limitado, no sentido longitudinal, por dois eixos principais da estrutura viária da povoação • Parcelamento diferenciado, devido à implantação de um lote de grandes dimensões que lhe modificou a forma primitiva • Edifícios de dois pisos
QUART. C	<ul style="list-style-type: none"> • Área total: 5000- 6000 m2 • Área não construída: 730- 950 m2 • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,82- 0,86 • Limitado por um eixo viário importante na formação da estrutura urbana da povoação <p>C 1 Este da Praça Lima de Brito. Arraiolos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Situado no tecido urbano formado a partir da implantação da praça principal, e limitando-a a este • Instalações da misericórdia a sul do quarteirão • Edifícios de dois pisos <p>C 2 Norte da Rua 5 de Outubro. Montemor-O-Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • situado no tecido urbano a norte da Rua 5 de Outubro, desenvolvido em simetria em relação à estrutura urbana existente • Ausência de equipamentos (a sua forma levou à implantação de equipamentos no seu interior) • Edifícios de dois pisos <p>C3 Norte da Rua António José de Almeida. Reguengos de Monsaraz</p> <ul style="list-style-type: none"> • Integra a extensão urbana da vila nos meados do século XIX • Equipamento importante sobre a rua principal • Edifícios de um piso (excepto o hospital) <p>C4 Sul da Praça da República. Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 1800 m2 • Área não construída: 210 m2 • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,88 • Equipamentos importantes na parte norte do quarteirão • Edifícios de um ou dois pisos

C5	<p>Oeste da Rua Cândido dos Reis. Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 3136 m² • Área não construída: 467 m² • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,85 • Presença de uma ermida e construção recente de um edifício de serviços no seu topo este • Ocupação diferenciada, habitacional e instalações agrícolas
QUART. D	<ul style="list-style-type: none"> • Situado no limite do rossio das respectivas vilas, estabelece a ligação entre este e o tecido urbano consolidado • Ausência de equipamentos • Utilização diferenciada, misturando a habitação, pequenas indústrias e instalações agrícolas • Edifícios de um e dois pisos
D 1	<p>Oeste do Rossio de Arraiolos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 8430 m² • Área não construída: 5400 m² • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,36
D 2	<p>Sul do Hospital de Santo André. Rossio de Montemor-O-Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 3700 m² • Área não construída: 700 m² • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,81
D 3	<p>Sul da Rua do Rossio. Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 3430 m² • Área não construída: 1300 m² • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,62
D 4	<p>Norte da Rua da Parreira. Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 2200 m² • Área não construída: 500 m² • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,79
QUART. E	<p>Norte da Praça de Santo António. Reguengos de Monsaraz</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 1600 m² • Área não construída: 410 m² • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,74 • Situado no tecido urbano do núcleo primitivo de Reguengos de Baixo • Limitado pela praça principal e por um importante eixo viário da estrutura urbana • Utilização diferenciada, misturando a habitação, pequenas indústrias e instalações agrícolas • Ausência de equipamentos • Edifícios de dois pisos
QUART. F	<p>Leste da Rua do Brasil. Reguengos de Monsaraz</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 2600 m² • Área não construída: 670 m² • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,74 • Integrado no tecido urbano de ligação entre os dois núcleos primitivos da formação do aglomerado • Limitado a oeste por uma artéria importante da rede viária • Ausência de equipamentos • Edifícios de um ou dois pisos

QUART. G	<p>Reguengos de Cima</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 3100 m2 • Área não construída: 400 m2 • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,87 • Integra o núcleo primitivo de Reguengos de Cima limitada a este por um eixo viário principal • Ausência de equipamentos • Edifícios de um piso
QUART. H	<p>Sul da Rua António José de Almeida</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área total: 4250 m2 • Área não construída: 1304 m2 • Coeficiente de Ocupação do Solo: 0,31 • Situado no tecido urbano compreendido na extensão urbana de Reguengos no século passado • Limitado pela praça principal e por uma artéria estruturante da referida expansão • Equipamentos importantes sobre a rua principal e sobre a praça • Ocupação mista, do tipo habitacional, comercial e instalações agrícolas • Edifícios de um e dois pisos

3- ANÁLISE DAS ESTRUTURAS URBANAS

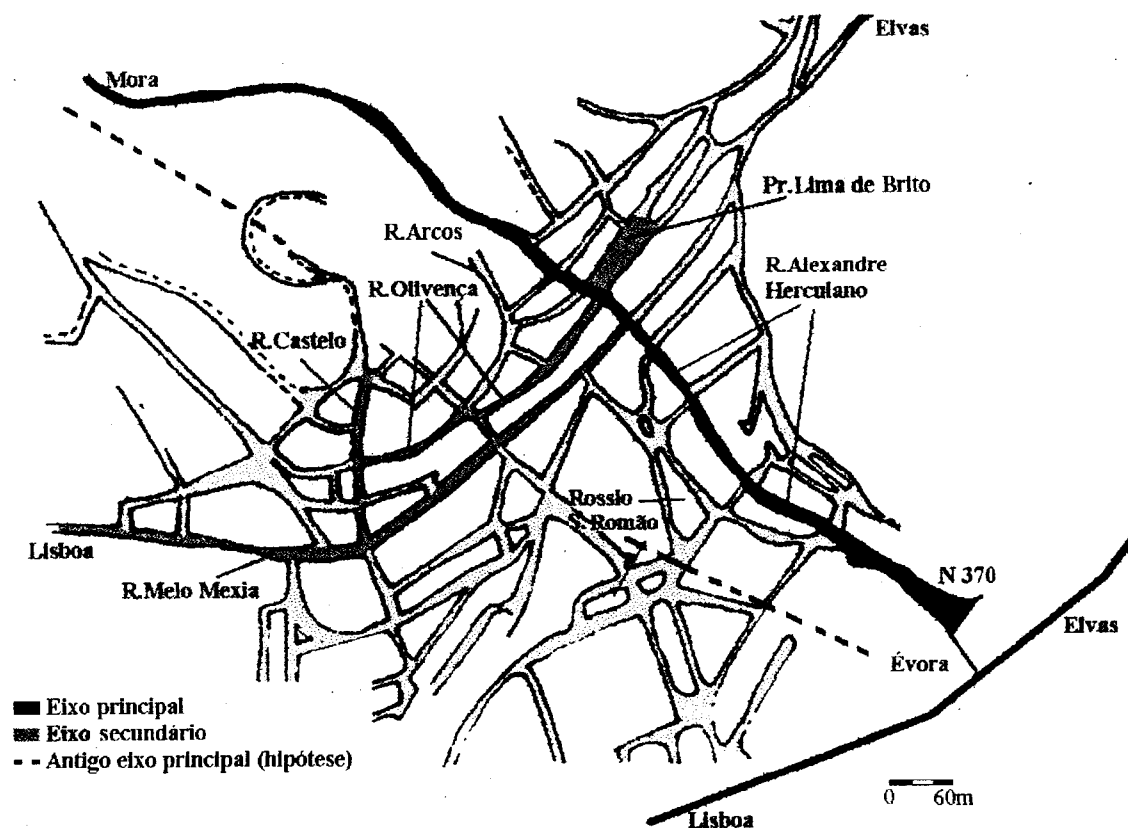
Nesta última parte do trabalho concluem-se as análises efectuadas nos quatro aglomerados, sintetizando todos os parâmetros definidos nos pontos anteriores. Consequência directa dos modos de crescimento, a estrutura urbana resulta de todas as intervenções urbanas que foram sendo realizadas ao longo dos tempos. Numa primeira análise definem-se as hierarquias viárias de cada localidade, relacionando-as com o respectivo crescimento urbano. Num segundo ponto abordam-se os aspectos morfológicos dos diferentes tipos de tecidos urbanos existentes, esboçando ou relembrando as suas principais características. Por último será realizada a integração de toda a morfologia definida no capítulo 2, de modo a interligar os dados obtidos e assim, poder formular as devidas conclusões.

3.1- Análise das Estruturas Urbanas

No critério de análise adoptado definem-se como vias primárias aquelas que estão directamente ligadas às estradas nacionais, (que por vezes atravessam as localidades), vias secundárias as que estabelecem ligações entre diferentes pólos urbanos, do tipo A se cumprirem esta função hoje em dia, do tipo B se a tiverem cumprido no passado, e vias de terceira ordem as que estabelecem serventias aos e nos quarteirões.

3.1.1- Arraiolos

Actualmente a principal via da rede viária de Arraiolos é a Rua Alexandre Herculano, que corta a Praça Lima de Brito no seu extremo oeste e continua na estrada para Pavia, interrompendo a Nacional 370 proveniente de Évora.



Arraiolos. Estrutura viária

O nó rodoviário que existe a sul da vila modificou de forma radical a sua hierarquia viária, pois o seu eixo transversal, composto pela Rua Melo Mexia/Cunha Rivara, situado na estrada proveniente de Lisboa foi deslocado, passando o mesmo a via secundária da estrutura urbana, estabelecendo exclusivamente ligações internas do povoado. Esta mesma via havia substituído uma outra, a Rua de Olivença (secundária do tipo B), que exercia uma ligação similar, num tempo mais antigo, e cujo alargamento, numa das extremidades, originou a praça principal da vila. Em fotografias aéreas pode-se adivinhar este antigo traçado da estrada nacional, que ligava Lisboa a Espanha, atravessando no sentido oeste-este a vila de Arraiolos. Também se considerou secundária do tipo B a Rua do Castelo, pois estabelecia a ligação entre um eixo primário, a Rua Melo Mexia, e a Porta da Vila no castelo, e como tal primeira via no desenvolvimento do arrabalde.

Todas as outras vias consideram-se de terceira ordem, pois são de serventia aos quarteirões. Ignora-se a localização da antiga ligação da estrada de Évora ao Rossio de S. Romão, que era servido directamente por ela (razão da instalação do edifício da Mala Posta numa posição central do mesmo) e continuada por outro eixo importante, o caminho que subia pela Rua do Castelo à vila fortificada, saindo para o norte pela porta de Santarém...esta via terá sido posteriormente substituída pela Rua dos Arcos, que no seu prolongamento ia encontrar a estrada primitiva...todos estes traçados são hipóteses, que se supõem ter existido quando a cerca era habitada, e o castelo ponto de paragem dos viajantes de passagem... Verifica-se assim que a posição hierárquica das diversas vias variou com o tempo e com as transformações que o sistema sofre, modificando a importância das mesmas conforme o uso e a função que lhe são atribuídos.

3.1.2- Montemor-O-Novo

O eixo principal de Montemor-O-Novo é a Avenida Gago Coutinho, construída nos anos quarenta do século vinte, paralela à Rua 5 de Outubro (antiga Rua Nova), que provocou um crescimento da vila para norte, em simetria com o aglomerado existente, num processo que começa com a formação do arrabalde primitivo. A nova via localiza-se ao norte do Rossio, respeitando a implantação do cemitério e de quarteirões existentes, cortando no entanto dois loteamentos a este da Rua de Avis, representados na cartografia dos anos quarenta. Esta rua encontra-se com a antiga nacional no cruzamento para Arraiolos e Évora (a leste) e na confluência das estradas para Alcacer do Sal e Santarém (a oeste). Esta artéria motivou a implantação de equipamentos na sua proximidade, tais como uma piscina, campo de futebol, estação rodoviária, etc, e de novos quarteirões de habitação que consolidaram o tecido urbano a ocidente.

As vias secundárias desenvolvem-se segundo as curvas de nível, no sentido oeste/este, estabelecendo a ligação entre a estrada nacional, o arrabalde e a antiga vila intramuros. A mais antiga destas vias seria a Rua Verde, que passava defronte da Ermida do Espírito Santo e continuava na rua do mesmo nome. Supõe-se ter sido uma das mais importantes do burgo, localizando-se nela a casa onde nasceu S. João de Deus; esta artéria foi destruída quando da construção do convento dedicado ao referido santo. A Rua Cândido dos Reis, antiga Rua Direita, foi o eixo principal do arrabalde até à construção da Rua Nova; ligada ao castelo através da Rua de S. Vicente e Rua do Quebra Costas, o seu traçado continuava pela Praça Miguel Bombarda e Terreiro da Porta do Sol até ao Rossio. Perto dela instalaram-se equipamentos significativos, como a Misericórdia e diversas ermidas, e algumas casas importantes do burgo da época. A

Rua das Parreiras, que também foi via de ligação ao castelo, nunca revestiu a mesma importância na malha urbana.



A Rua 5 de Outubro, antiga Rua Nova foi outro eixo primário, que perdeu a sua primazia quando da construção da avenida Gago Coutinho, e respectivo desvio da estrada nacional. A ligação que estabelece é idêntica à anterior (Terreiro dos Álamos-Rossio), mas a uma cota mais baixa, pois o castelo, na época da sua abertura, já se encontrava abandonado; o seu traçado controla e regulariza o crescimento da vila a norte, e obedece à mesma lógica que o referido para a Avenida Gago Coutinho, separados quase por trezentos anos de distância no tempo. Esta via é rematada de forma curiosa a este, como foi referido no seu estudo morfológico, por um quarteirão de forma triangular que a fecha e separa do Rossio.

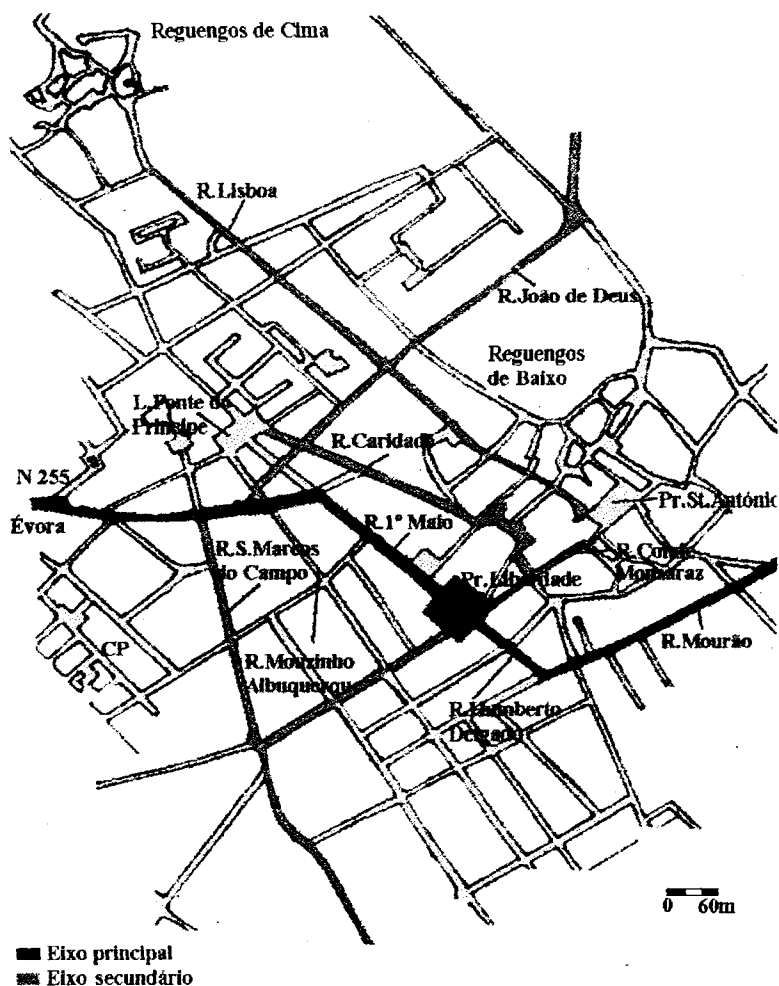
Estas duas vias estão interligadas por dois sistemas viários de época e características diferentes: a este o traçado das ruas que ligam a Porta da Vila e a Porta do Sol ao Rossio e Rua de Avis é perpendicular ao sentido das curvas de nível, organizado segundo quarteirões pequenos e estreitos, delimitados por ruelas; este sistema gera espaços vazios, tais como o Terreiro de S. João de Deus, a Praça do Corro (actual Miguel Bombarda) e a Praça Velha, que o articulam, estabelecendo a ligação e abrindo passagem no seu interior. A Oeste, a Rua do Pedrão (que pode ser incluída nas vias secundárias do tipo B) liga a Rua Nova à Rua Direita, estruturando dois enormes quarteirões, subdivididos perto do Terreirinho, e limitados a oeste pelo Terreiro dos Álamos. Esta rua, que é continuado pela Rua do Poço do Paço, e a Rua, antigo Caminho de Avis, eram dois eixos que ligavam Montemor às localidades situadas a norte. Um outro caminho partia do Terreiro dos Álamos em direcção a Alcacer do Sal, passando perto da ermida de S. Pedro que "vigia" a Ponte de Alcacer, sobre o actual Almansor.

Podemos concluir que em Montemor a malha principal, constituída pelos seus eixos principais e secundários paralelos entre si, é homogénea, mantendo ao longo dos tempos as mesmas características de traçado, (continuadas na escolha da implantação da autoestrada), contrapondo-se à malha definida pelas artérias de terceira ordem, cuja interligação não tem regras precisas (excepto nos quarteirões mais antigos), motivando o aparecimento de conjuntos muito diferenciados, tanto a nível da forma como das áreas que ocupam.

3.1.3- Reguengos de Monsaraz

O sistema viário de Reguengos de Monsaraz apresenta características muito diferentes dos anteriores pois a sua formação recente levou a outro tipo de organização e planeamento urbano, própria da época e da sociedade para que foi construído.

O eixo principal da vila, segundo o critério adoptado no ponto 3.1, é a avenida que continua a estrada N 255 proveniente de Évora, que a atravessa com o nome de Rua 1º de Maio até à Praça da Liberdade, continuada como Rua General Humberto Delgado e Rua de Mourão. Esta artéria é o eixo de ligação entre o tecido antigo de Reguengos de Baixo e a extensão urbana moderna.



Reguengos de Monsaraz. Estrutura viária

O sistema viário secundário da vila é constituído pela Rua de Lisboa (ligação entre Reguengos de Cima e de Baixo), Rua Conde de Monsaraz (acesso à Praça de Santo António), prolongada na Rua José António de Almeida, que liga a Praça da Liberdade ao Cemitério, eixo estruturante da expansão da vila no século XIX. As duas vias que partem do Largo da Fonte do Príncipe, consideradas como eixos secundários do tipo B, são a da Caridade, antiga via de acesso a Reguengos, e a Mouzinho de Albuquerque, que juntamente com a Rua 1º de Maio estruturam e organizam o desenho urbano da expansão da vila no século passado.

O seu eixo transversal mais importante é a Rua João de Deus, perpendicular à Rua de Lisboa, que estabelece a ligação entre a estrada proveniente de Évora e a que parte em direcção a Monsaraz (esta via não é utilizada, como ligação entre estradas nacionais e por consequência não foi considerada primária).

A Rua de S. Marcos do Campo liga a estrada proveniente de Évora à Estação de Caminho de Ferro e ao Cemitério, estabelecendo o limite oeste da referida expansão.

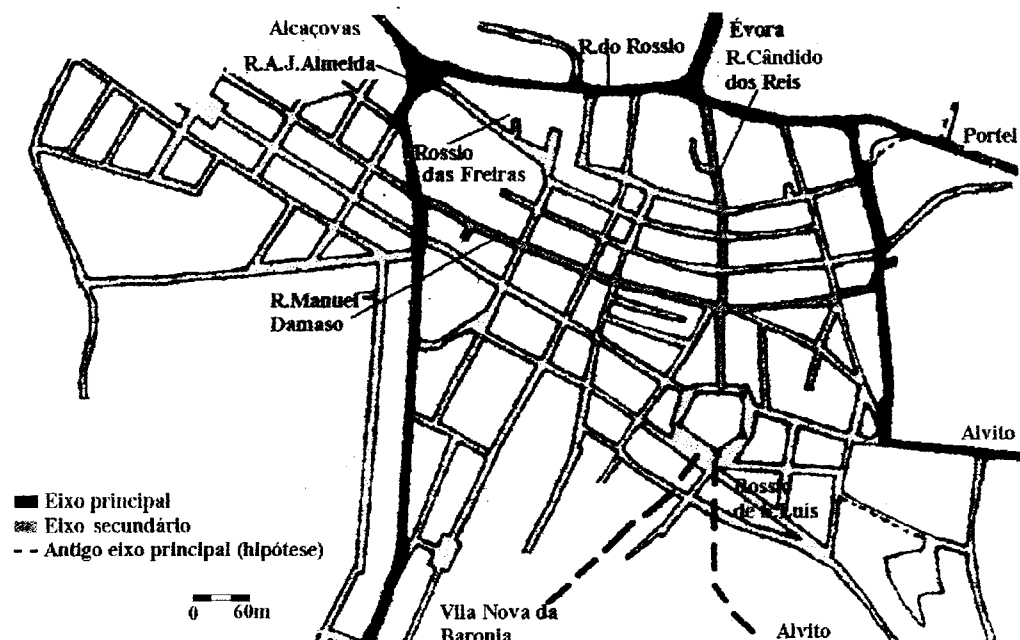
As vias de terceira ordem, como nos casos anteriores, ligam e subdividem os espaços limitados pelos eixos primários e secundários, definindo tecidos urbanos diferentes, conforme a época e os traçados reguladores. Nas zonas abrangidas por Reguengos de Cima e de Baixo observa-se uma divisão muito irregular, determinada em grande parte pelo uso do solo (grandes casas ou pequenas unidades de habitação), que se organizam de forma orgânica, ocupando os espaços livres conforme as necessidades de crescimento.

O tecido urbano definido a oeste da Rua 1º de Maio, a partir do Largo da Fonte do Príncipe, referido em seguida, no ponto 3.2, contrapõe-se ao tecido mais antigo, diferenciado dele também sob o ponto de vista social e económico (como foi referido anteriormente), pois a extensão da vila foi planeada pela burguesia resultante da Revolução Liberal, servindo o crescimento económico da região que passou a dominar a partir dessa data.

3.1.4- Viana do Alentejo

Considerando o critério de classificação adoptado, os eixos principais em Viana do Alentejo, actuais, envolvem a vila (excepto no seu limite sul), sem penetrar no seu interior, interligando as estradas nacionais já referidas anteriormente. Considera-se, no entanto, que a Rua Cândido dos Reis foi eixo principal da urbe, estabelecendo a ligação da estrada proveniente de Évora com o recinto murado e os caminhos que conduziam a Alvito e Vila Nova da Baronia, atravessando o rossio de S. Luís. A vila expandiu-se para o exterior desta cintura no século XX, não tendo no entanto um crescimento significativo em relação à urbe que se consolidou nos séculos anteriores.

Os seus eixos secundários são a Rua Cândido dos Reis, e a Rua Manuel Damaso Prates, que estruturam o sistema viário da povoação, interligando os seus equipamentos principais, como foi referido nos pontos anteriores. Estes dois eixos definem tecidos urbanos diferenciados, salientando-se uma simetria muito rigorosa na Rua Cândido dos Reis, também já referida e analisada no ponto 3.2.



Viana do Alentejo. Estrutura viária

As outras artérias da vila consideram-se de terceira ordem, pois servem os quarteirões inseridos na malha urbana, definindo-a conforme a época e as necessidades que foram surgindo. A Rua António José de Almeida foi um antigo limite da urbe, pois situando-se a cota mais elevada que a Rua do Rossio, dominava-o, definindo o limite norte do traçado regular da vila. Perto do castelo, o traçado ortogonal modifica-se, adaptando-se à forma da cerca e ao loteamento do antigo Rossio de S. Luís, motivando o aparecimento de quarteirões de forma quadrilátera (na sua maioria), de dimensões variáveis.

Viana do Alentejo é o exemplo de vila cuja estrutura urbana sofreu menos modificações, pois as suas vias principais mantiveram-se ao longo da sua existência, havendo somente a considerar os loteamentos dos Rossios das Freiras e de S. Luís, que seguiram no entanto os traçados da vila, prolongando sempre que possível direcções existentes.

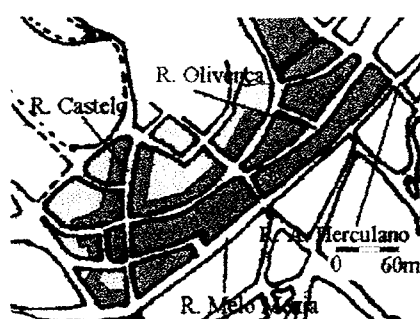
As urbanizações recentes adoptaram o mesmo princípio, estando pois as nova extensões urbanas bem integradas, mantendo critérios de crescimento e formas de expansão que não modificaram, até ao momento, a leitura da urbe primitiva.

3.2- Análise morfológica dos Tecidos Urbanos

Para a realização desta análise recensearam-se os diferentes tecidos urbanos que integram a estrutura urbana, resultantes da divisão estabelecida pelos eixos primários e secundários, organizando-se praticamente todos os tecidos a partir deles e nos espaços por eles definidos. Muito deles englobam praças, ruas e quarteirões analisados no ponto anterior, onde se procuraram espaços morfológicos diferenciados, abrangendo todos os tipos de tecido urbano que se passam a descrever.

3.2.1.1- Rua do Castelo. Rua Melo Mexia. Rua Alexandre Herculano. Arraiolos

Limitado a este por um eixo principal da vila e a oeste por um antigo eixo secundário de tipo B, este tecido urbano, exemplo de "urbanismo medieval", desenvolveu-se a partir dos séculos XIV e XV.



Planta

Cortado transversalmente por um segundo eixo secundário (a Rua de Olivença), os seus quarteirões adaptam-se a um declive muito acentuado, alternando o casario com quintais nas traseiras que compensam as diferenças de cota. Os mesmos são de forma irregular e dimensões variáveis, desenvolvendo-se no sentido do comprimento e adaptando o seu traçado às curvas de nível do terreno onde se implantam. Os quarteirões situados a cota mais alta mostram vestígios de uma malha urbana antiga, hoje abandonada, e que consolidava o conjunto até à Porta da Vila.

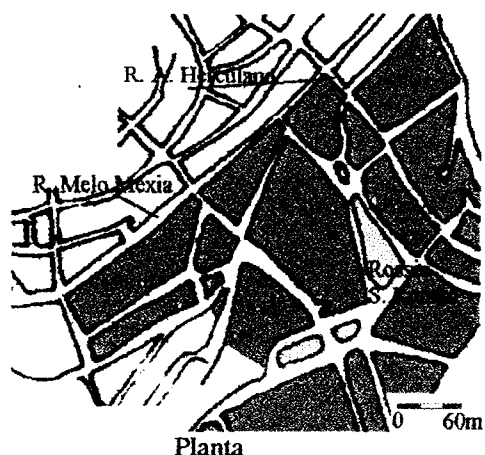
O tecido urbano é ocupado por edifícios destinados a habitação, sendo a maioria dos quarteirões densamente construídos, com prédios de dois andares na Rua de Olivença, antiga via de grande importância na vila medieval.

3.2.1.2- Sul da Rua Melo Mexia. Rua Alexandre Herculano. Arraiolos

Limitado por um eixo primário e um secundário da vila de Arraiolos, este tecido urbano é resultante dos sucessivos loteamentos realizados no Rossio de S. Romão, surgidos a partir do século XVIII. Limitada a sul pelo Outeiros de S. Romão e o do Hospital, e a oeste pelo Outeiro de S. Pedro, a malha urbana é consequência do relevo existente, adaptando-se às curvas de nível do terreno.

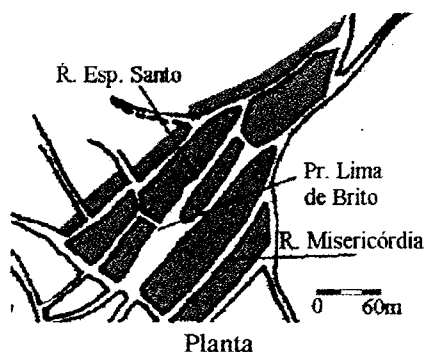
Os quarteirões são de forma e dimensão variáveis, construídos sobre a rua, pouco densos no interior, e ocupados de forma diversa- casas de habitação (importantes na Rua Alexandre Herculano), indústrias, quartel de bombeiros, cine-teatro, etc. As ruelas

no sentido norte-sul são continuação das travessas provenientes do castelo, interrompidas por espaços livres resultantes da existência do rossio e do convento.



3.2.1.3- Leste da Rua Alexandre Herculano. Praça Brito de Lima. Arraiolos

Este tecido urbano é continuação do referido no ponto 1, pois tanto a Praça, como as vias que a ladeiam seguem o traçado viário da malha referida. Apresenta no entanto diferenças consideráveis, pois sendo de formação mais recente (século XVI), implantou-se numa zona de relevo pouco acentuado, com vias que se estruturam quase ortogonalmente em relação à praça principal, definindo quarteirões com formas semelhantes, rectangulares, de largura quase constante e comprimento variável. O espaço livre da praça é praticamente da mesma forma e dimensão que alguns dos quarteirões que o envolvem.

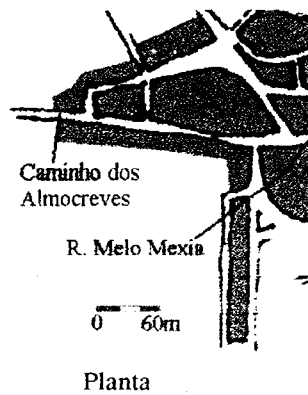


Destinada na sua maioria a habitação, é nesta zona da vila que se implantam alguns dos seus equipamentos principais, sendo a praça o espaço mais importante da localidade. Densamente construída, sobretudo na praça e sua proximidade, só se encontram quintais no interior dos quarteirões quase na periferia da malha urbana, perto dos limites da vila.

3.2.1.4- Zona Oeste. Arraiolos

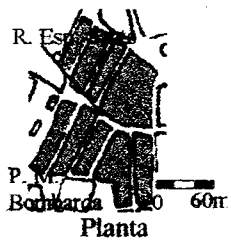
Esta zona expandiu-se no prolongamento da Rua Melo Mexia, antigo Caminho dos Almocreves que estabelecia a ligação à estrada para Lisboa. Este tecido urbano desenvolveu-se ao longo da estrada, definindo um parcelamento justaposto que se

estende ao longo da via, sem uma estrutura que se possa denominar de malha urbana e considerar como tal.



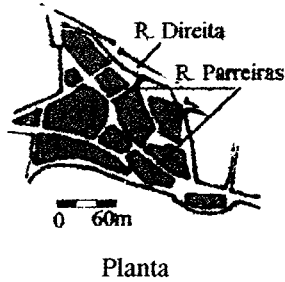
3.2.2.1- Norte da Praça Miguel Bombarda. Montemor-O-Novo

Integrando um dos núcleos primitivos de Montemor, constitui grande parte do arrabalde primitivo, construído a partir do século XIV em torno da ermida do Espírito Santo e Albergaria anexa. Extremamente denso, a malha constituinte deste tecido urbano é ortogonal, com eixos no sentido norte/sul, perpendiculares ao sentido das curvas de nível de um terreno muito inclinado. A Rua do Espírito Santo, que o divide longitudinalmente, era via importante de travessia do burgo em formação.



Os quarteirões são na sua maioria de forma rectangular, muito estreitos e compridos, apresentando praticamente todos as mesmas dimensões, sem espaços livres no seu interior e com imóveis de dois pisos. O quarteirão maior é aquele onde se instalou o hospital, antiga albergaria atrás referida. Este tecido urbano foi, sem sombra de dúvida, planeado com directrizes rígidas e, dada a sua uniformidade, construído num curto espaço de tempo.

3.2.2.2- Sul da Rua Direita/Teófilo Braga. Montemor-O-Novo



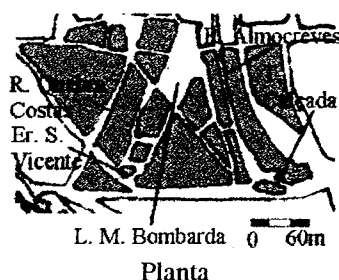
Esta zona, desenvolvida a partir do século XVI, integra a Rua das Parreiras, e adapta-se ao declive acentuado do terreno, que sobe em direcção à antiga Porta da Vila

no castelo, definindo um conjunto de quarteirões de formas diversas, compensando, com quintais e muros altos, as diferenças de cotas acentuadas.

Este conjunto não estrutura uma malha urbana definida, pois apresenta-se com uma forma extremamente irregular; os seus quarteirões são construídos com baixa densidade, talvez devido a um abandono gradual desta zona, preferida à zona baixa de Montemor, em expansão constante.

3.2.2.3- Praça Miguel Bombarda. Montemor-O-Novo

A praça, limitada a norte pela estrutura urbana referida no ponto um, é rodeado por um tecido urbano formado a partir do século XVI, constituindo certamente o arrabalde primitivo do burgo. Este desenvolve-se a partir da Porta da Vila e do Sol, em torno da Ermida de S. Vicente em direcção à antiga Ermida de Santo António (Convento de S. Domingos); sabe-se que o casario subia a uma cota mais alta, pois conhece-se a existência da Praça Nova, perto da Torre do Relógio, referida na primeira parte do trabalho.



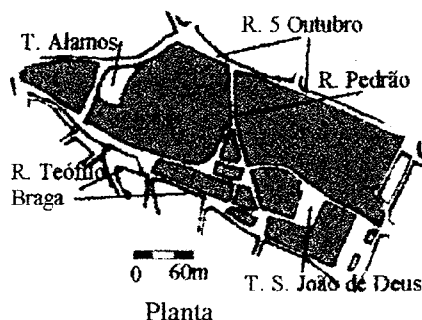
As ruas que a definem são paralelas entre si (Rua de S. Vicente, Rua do Quebra Costas, etc), e estruturam quarteirões similares aos situados a norte, mas diferentes dos mesmos pois construídos sobre um relevo mais acentuado. A zona em torno da Rua dos Almocreves e Travessa da Calçada também se desenvolveu da mesma forma, sendo separados dos primeiros por quarteirões de forma triangular que compensam a diferença de direcções das artérias que os compõem.

Os quarteirões são muito densos, sem construções no seu interior. Os espaços vazios encontrados correspondem a antigos edificios abandonados ou que ruíram, situação frequente nesta zona. Os edificios são na sua maioria de piso térreo, com habitações que se destinavam a uma população sobretudo da classe trabalhadora, subindo para dois pisos quando se aproxima ou integra a Praça Miguel Bombarda, antiga Praça do Corro em Montemor.

3.2.2.4- - Rua Direita/Teófilo Braga- Rua Nova/5 de Outubro. Montemor-O-Novo

O tecido urbano que se encontra entre as duas principais vias de Montemor até meados do século XX é constituído praticamente por um só quarteirão, cortado a meio por uma rua muito estreita, a do Pedrão, que estabelece a ligação entre as duas artérias; este consolidou-se durante o século XVII, pois a Rua Nova, actual 5 de Outubro, data de 1594.

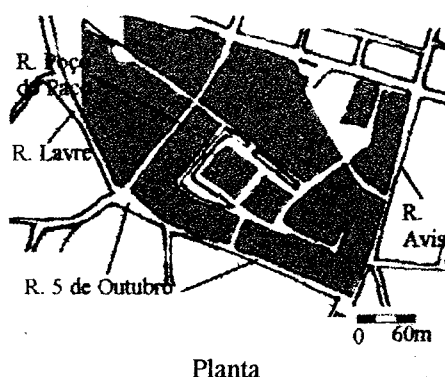
O conjunto é limitado a oeste por um quarteirão de forma triangular, integrando a Ermida de S. Lázaro, e pelo Terreiro dos Alamos, praça de entrada na vila dos viajantes oriundos de Lisboa, onde se construíram os Paços do Concelho. A oeste é limitado pelo Terreiro de S. João de Deus com os equipamentos respectivos (Misericórdia e Convento), que na sua implantação modificaram profundamente a estrutura urbana da povoação. Nesta zona um conjunto de edifícios separados por pequenas artérias definem uma malha irregular, resultante das construções aí implantadas e das modificações a que foi sujeita.



Os quarteirões aí existentes são totalmente ocupados, sem zonas livres no interior, e com edifícios na sua maioria de dois pisos. Os dois enormes quarteirões que ocupam o resto do conjunto são construídos em periferia, encontrando-se o seu interior praticamente livre, lotes de uso privativo dos edifícios correspondentes.

3.2.2.5- Norte da Rua 5 de Outubro. Montemor-O-Novo

O tecido situado a norte da Rua Nova, entre a Rua do Lavre e a Rua de Avis, que se desenvolveu na primeira metade do século XX, é também caracterizado pela presença de dois enormes quarteirões, cortados pela Rua do Poço do Paço, com artérias de serventia a habitações e equipamentos no interior, não figurando na planta dos anos quarenta (embora já existisse o edifício do Mercado Municipal).

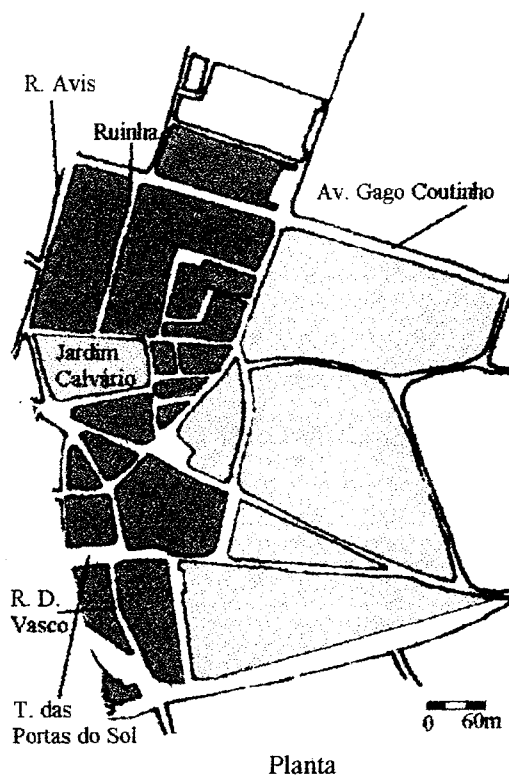


A frente que abre sobre a avenida principal é ocupada por prédios modernos, de três ou mais pisos, com equipamentos vários, na sua maioria de serviço aos viajantes de passagem (cafés e restaurantes e abastecimento automóvel), tendo pois características de funcionais distintas das anteriores.

3.2.2.6- Antigo Rossio. Montemor-O-Novo

O antigo rossio, já abordado em pontos anteriores, tem sido ocupado ao longo dos anos por diversos equipamentos e funções, que lhe têm modificado a estrutura anterior. Cortado a norte por um eixo primário, a avenida Gago Coutinho, era primitivamente atravessado mais a sul, no prolongamento da Rua Direita e posteriormente da Rua Nova, por um caminho que levava a Évora e Arraiolos.

A norte é limitado pelas Rua de Avis e a sul pelo Terreiro das Portas do Sol e Rua D. Vasco, e as vias que o atravessam resultam de momentos distintos: a partir do século XVIII constroem-se grandes casas em torno do recinto, que delimitam os primeiros quarteirões nele existentes, a oeste das vias referidas e perto do actual Jardim do Calvário.

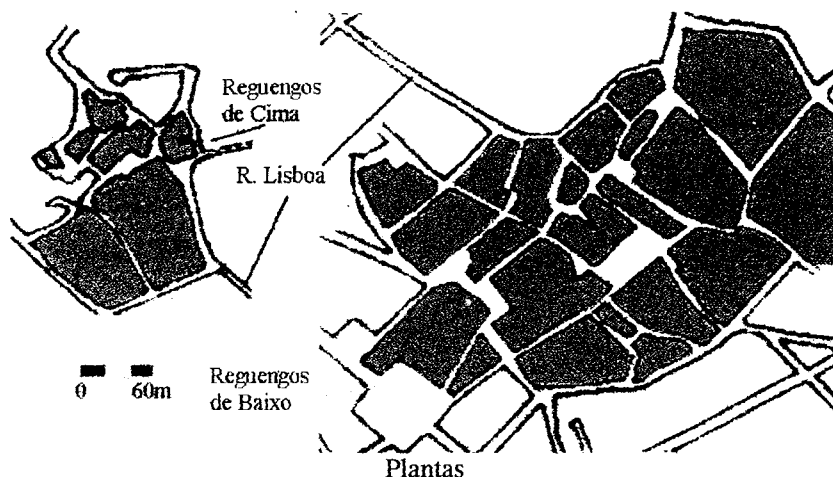


Nos anos cinquenta do século XX assiste-se a uma subdivisão deste espaço de forma mais sistemática, loteando as propriedades aí existentes (camarárias ou privadas), para instalação de alguns quarteirões de habitação e sobretudo de equipamentos desportivos e escolares, originando uma rede viária de serventia dos mesmos, dividindo assim o espaço amplo e aberto que constituía o Rossio.

3.2.3.1- Malha urbana de Reguengos de Cima e de Baixo. Reguengos de Monsaraz

Reguengos de Baixo, conjunto limitado pelas antigas vias que ligavam o burgo às povoações da região, desenvolveu-se com uma malha muito irregular, adivinhando-se a norte uma certa ortogonalidade; este espaço confere a sensação que o "improvisado" e a vontade individual motivaram o seu crescimento urbano, segundo formas que se podem integrar nas características dos aglomerados rurais. As ruas não têm dimensões definidas,

são ocupadas por edifícios de escalas muito diferenciadas (grandes casas estão defronte ou na continuidade de unidades de habitação de dimensões reduzidas), sendo os "palácios", que englobam grandes áreas livres nas suas traseiras, que limitam, por si mesmo, o crescimento urbano deste núcleo primitivo.



Em Reguengos de Cima, embora não apareça uma mistura de tipos e funções de edifícios (a maioria é destinada a habitação da classe trabalhadora), o seu desenvolvimento urbano processa-se da mesma forma, limitado pelo Caminho da Caridade e pela Rua de Lisboa, e atravessada ao centro por uma via paralela a estes dois eixos. Neste caso também se supõe ter sido o crescimento processado de forma orgânica, sendo mais evidentes, porque mais homogêneas, as antigas características rurais.

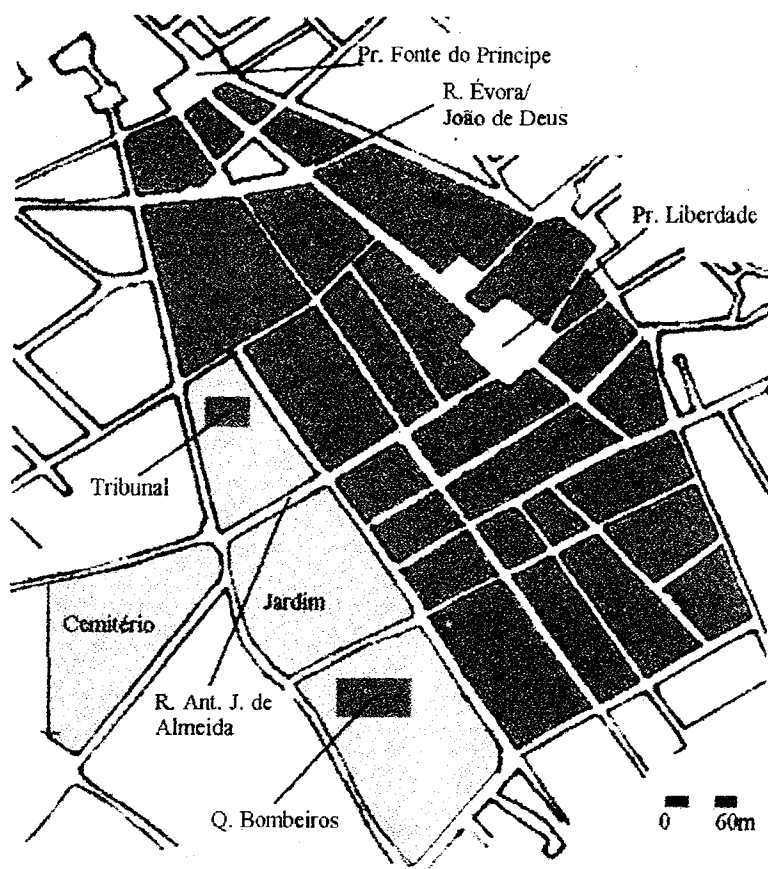
3.2.3.2- Extensão Urbana dos séculos XIX e XX. Reguengos de Monsaraz

O tecido urbano desenvolvido a partir do sistema viário anteriormente referido, definiu dois tipos de malhas urbanas, a norte e sul da Rua António José de Almeida /Praça da Liberdade; a norte, dado que o sistema viário é irradiante a partir da Praça da Fonte do Príncipe e a malha encosta à preexistente, referida no ponto anterior, os quarteirões definidos são de forma variável, a maioria desenvolvidos no sentido do comprimento, adaptando-se aos novos eixos viários e aos traçados já analisados; a Rua de Évora e a Rua João de Deus cortam transversalmente o conjunto. A Praça da Liberdade e a Rua António José de Almeida constituem o novo eixo de crescimento e desenvolvimento da vila, centralizando os seus principais equipamentos.

A sul destes pólos a vila desenvolve-se segundo um sistema viário ortogonal, definindo quarteirões regulares, de forma rectangular ou quadrada, deixando alguns destes espaço não construídos, e originando assim o "rossio" da vila. Parte deste espaço está actualmente ocupado pelo edifício do Tribunal, arranjo de um jardim público e sede Quartel dos Bombeiros Voluntários.

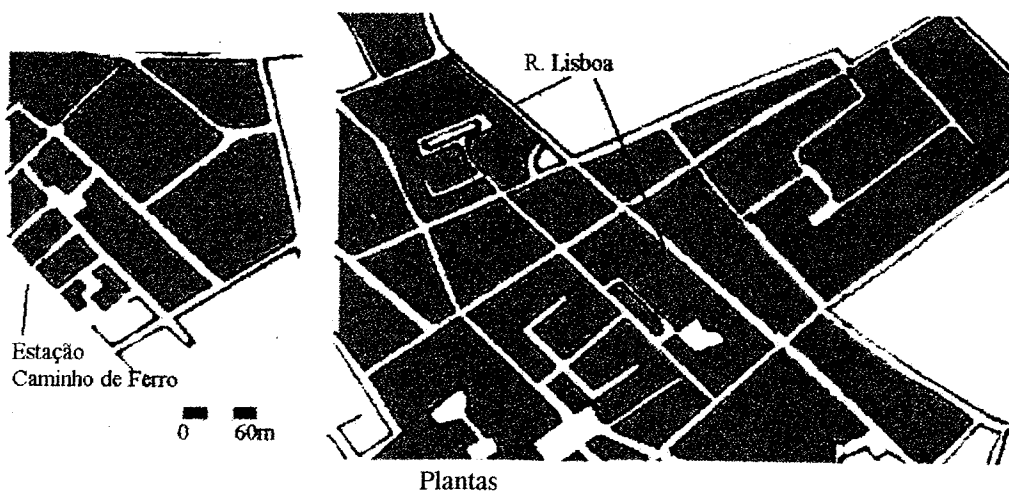
Todos os quarteirões desta zona são construídos na periferia, deixando amplos espaços livres no seu interior, ocupados conforme o destino do edifício principal, existindo, ainda hoje, uma multifuncionalidade, que vai da habitação à instalação de pequenas indústrias e armazéns (comerciais ou de apoio à agricultura). A sua estrutura

urbana está intimamente ligada ao meio rural, característica da vida das grandes aldeias alentejanas.



3.2.3.3- Extensões urbanas. Reguengos de Monsaraz

Os dois tecidos urbanos mais importantes resultantes de extensões urbanas recentes são os que se encontram a este do caminho de ferro e as urbanizações que ladeiam a Rua de Lisboa. Ambos são resultado do loteamento de espaços livres ainda existente no perímetro do aglomerado, e são tratados da mesma forma: vias de serventia, traçadas de forma ortogonal, adaptam-se aos eixos principais existentes.



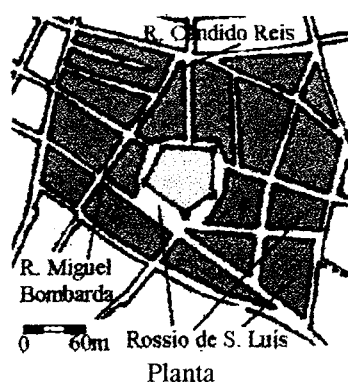
Plantas

O tecido perto da gare é multifuncional, localizando-se nesta zona os enormes silos que distinguem Reguengos na paisagem alentejana, sendo a sua maior parte ocupada por armazéns de indústrias e comércios ligados fundamentalmente à vida agrária da região.

As urbanizações em torno da Rua de Lisboa são recentes, com prédios em barra de três ou mais pisos, destinados a habitação, localizados no interior de quarteirões, que são limitados, em periferia, por casas térreas ou edifícios de habitação de dois pisos.

3.2.4.1- Zona envolvente do castelo. Viana do Alentejo

O tecido envolvente do castelo, a sul da vila, é resultado de intervenções ao longo da sua história, desenvolvendo quarteirões de forma e dimensões diversas, que se adaptaram à presença da cerca (século XIV) e do recinto do Rossio de S. Luís. A última modificação importante a que foi sujeito, no final do século XIX, constou no loteamento do referido rossio, a sul do castelo, que transformou a malha urbana e o sistema viário envolvente.



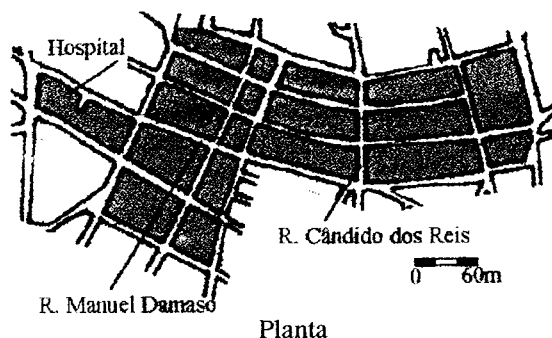
Os quarteirões próximos da praça principal são densamente construídos, com espaços livres reduzidos no seu interior, aumentando os seus edifícios para dois pisos com a proximidade da Praça e Rua Cândido dos Reis. Esta zona continua a malha urbana que será referida no ponto seguinte, mas o corte que constituiu a abertura da Rua Miguel Bombarda, ligando a fonte próxima do Convento de S. Francisco à Fonte da Praça., e o fecho do Beco do Saco, retiraram-lhe características de forma que permitam agrupá-las em conjunto.

A sul da fortificação os quarteirões são de forma triangular ou quadriláteros irregulares, adaptando-se também às construções neles existentes, com a multifuncionalidade habitação/pequenos equipamentos que caracterizam estes centros urbanos, determinando o castelo o traçado urbano da malha envolvente.

3.2.4.2- Zona envolvente da Rua Cândido dos Reis (Norte) Viana do Alentejo

Este traçado urbano é, de todos os casos analisados, o mais regular, tanto do ponto de vista formal como das edificações que apresenta. Na simetria da Rua Cândido dos Reis, a partir do século XVI desenvolvem-se seis quarteirões de dimensões praticamente idênticas, que são fechados a este por dois outros que respeitam o traçado viário, embora tenham forma irregular, e a oeste são continuados por seis outros quarteirões que conservam as mesmas larguras mas que variam a dimensão do

comprimento, ligando a rua principal à antiga ermida de Nossa Senhora das Graças. Estes seis quarteirões são continuados, a sul, por outros quatro que limitam a malha urbana da vila antiga. Esta malha é quase ortogonal, variando na medida do declive que encontra, adaptando-se pois ao relevo do sítio e respeitando o traçado regulador de forma admirável. Os eixos secundários que o definem estão relacionados (na perpendicular ou paralelos), aos dois eixos principais da formação da vila, referidos por diversas vezes, o que denota de uma vontade própria da vila de evoluir segundo uma forma constante, e segundo uma malha que foi sendo sempre respeitada na evolução a que foi sendo sujeita.

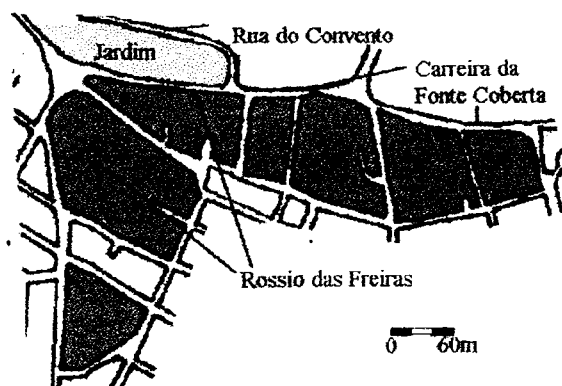


A ocupação destes quarteirões é muito variável, densificando com a proximidade da rua principal, e sendo ocupados por múltiplas funções, derivadas da sua íntima ligação com a região agrícola envolvente. Alguns deles ainda hoje não são construídos, mas conservam a sua inserção na malha urbana, pronta a evoluir na "continuidade" que sempre manteve.

3.2.4.3- Limites Norte e Oeste da vila. Viana do Alentejo

O tecido urbano que surgiu entre a zona atrás referida e as vias de acesso a Viana é recente (final do século XIX), implantando-se em terrenos desocupados, que englobaram o Rossio das Freiras, que se estendia até ao Convento de Jesus.

Os quarteirões são divididos por artérias que continuam (em geral), os traçados das vias existentes, e são ocupados de forma diversa, conforme as funções para que se destinam e os edifícios aí construídos. Nesta zona encontra-se grande diversidade de equipamentos (fábricas, cinema, armazens, etc), que a caracterizam de forma algo desordenada, pois muitos deles estão neste momento abandonados ou em ruínas, degradando dessa forma a zona em causa.

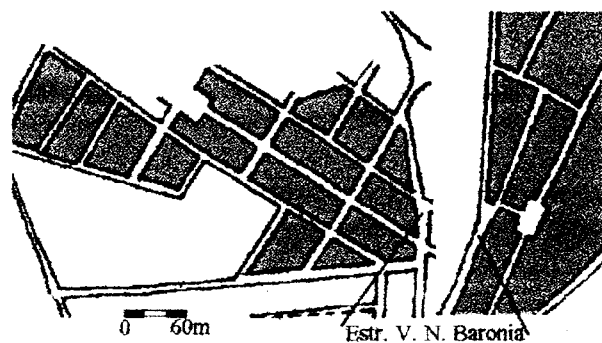


Planta

Os quarteirões, de fraca densidade, são ocupados por edifícios de piso térreo e acompanhados de armazéns ou celeiros, que conferem ao conjunto um aspecto heterogéneo.

3.2.4.4- Expansões urbanas. Viana do Alentejo

As expansões urbanas realizadas no século XX, devido sobretudo à iniciativa privada, seguiram, nos seus traçados, a forma tradicional da vila, adaptando malhas ortogonais obtidas a partir da estrutura existente, conferindo desta forma a estas zonas um aspecto urbano contínuo ao da vila antiga, que importa referir.



Planta

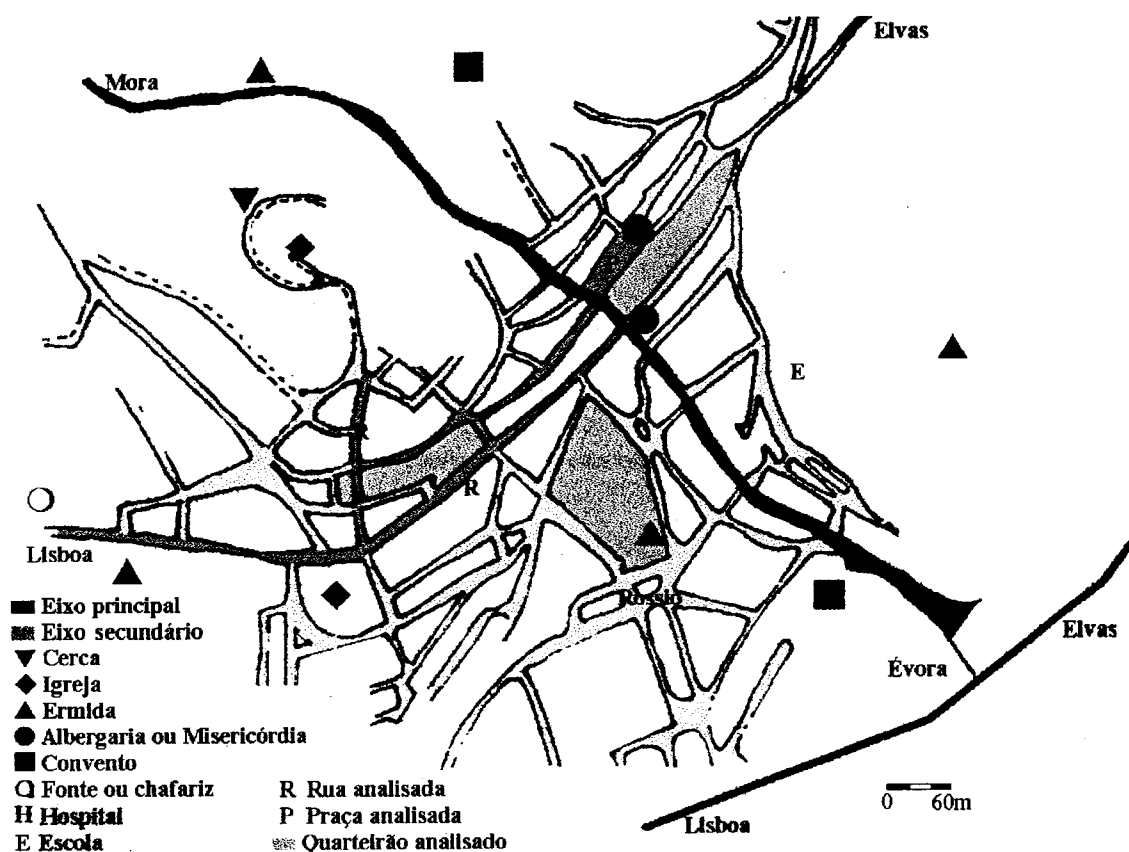
3.3- Tipologia C. Tecidos Urbanos

TEC. A	<p>3.2.1.1- R. do Castelo, Melo Mexia. Arraiolos</p> <p>3.2.2.2- Sul da R. Direita. Montemor-o-Novo</p> <p>3.2.4.1- Zona envolvente do castelo de Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • adaptação dos quarteirões a declives muito acentuados ou à forma das cerca que envolvem • forma e dimensão dos quarteirões variável • totalmente construídos
TEC. B	<p>3.2.1.2- Sul da R. Melo Mexia. Arraiolos</p> <p>3.2.2.4- Rua Direita-Rua Nova. Montemor-o-Novo</p> <p>3.2.4.3- Limites Norte e Oeste da Vila. Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • quarteirões de forma e dimensão variáveis • pouco construídos no interior dos lotes • multifuncionais, misturam a habitação com a pequena indústria e comércio
TEC. C	<p>3.2.1.3- Leste da R. Alexandre Herculano. Arraiolos</p> <p>3.2.2.1- Norte da Praça Miguel Bombarda. Montemor-o-Novo</p> <p>Zona envolvente da R. Cândido dos Reis. Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • zona de declive pouco acentuado • quarteirões de forma semelhante, rectangulares, estreitos e de comprimento variável • densamente construídos
TEC. D	<p>3.2.2.3- Praça Miguel Bombarda. Montemor-o-Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • ruas paralelas entre si, definindo quarteirões muito diferenciados, quer na forma quer nas dimensões, dependendo do declive do terreno • densamente construídos
TEC. E	<p>3.2.2.5- Norte da R. 5 de Outubro. Montemor-o-Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • quarteirão de grandes dimensões, com equipamentos colectivos situados no seu interior, servidos por vias terciárias
TEC. F	<p>3.2.2.6- Rossio de Montemor-o-Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • quarteirões de forma e dimensão muito variável • presença importante de equipamentos colectivos • limitado por grandes casas apalaçadas
TEC. G	<p>3.2.3.1- Reguengos de Cima e de Baixo. Reguengos de Monsaraz</p> <ul style="list-style-type: none"> • crescimento orgânico com quarteirões de forma e dimensão variáveis, sem definição de uma estrutura viária de base geométrica
TEC. H	<p>3.2.3.2- Extensão urbana de Reguengos de Monsaraz</p> <p>3.2.3.3- extensão urbana de Reguengos de Monsaraz</p> <p>3.2.4.4- Extensões urbanas de Viana do Alentejo</p> <ul style="list-style-type: none"> • sistema viário estruturado, ortogonal, definindo quarteirões de forma rectangular de dimensões constantes • destinados a habitação unifamiliar, com casas de piso térreo e quintal no interior do lote
TEC. I	<p>3.2.1.4- Zona Oeste de Arraiolos</p> <ul style="list-style-type: none"> • parcelamento justaposto sem definição de uma estrutura urbana

3.4- Articulação entre as estruturas, elementos morfológicos e respectivas tipologias

Esta última parte do trabalho pretende estabelecer relações entre as análises morfológicas e tipológicas com as respectivas estruturas urbanas, de modo a obter uma interligação entre os aspectos abordados. Para melhor compreensão das mesmas localizaram-se todos os elementos nas plantas das localidades.

O primeiro elemento morfológico referido é o conjunto dos três recintos fortificados, que se encontram nas localidades mais antigas. Com características diferentes, o casario que se desenvolveu no interior e exterior das muralhas originou um tipo de tecido urbano que se adaptou aos declives próximos ou à forma das cercas. Este modo de organização urbana encontra-se sempre nas zonas mais antigas das localidades, e é atravessado por eixos secundários, definindo quarteirões ocupados por edifícios de um ou dois pisos (depende da inclinação do terreno), sendo a sua área totalmente coberta, excepto nos casos em que o tecido urbano foi abandonado ou nos edifícios em ruínas. Não existem documentos que nos permitam reconstituir a malha urbana no interior das cercas de Arraiolos e Montemor, pelo que a proposta apresentada na parte I deste trabalho não foi englobada nos grupo tipológicos respeitantes aos tecidos urbanos. No interior da cerca de Viana, instalaram-se os principais equipamentos da vila, alguns mantendo as suas funções até aos dias de hoje.



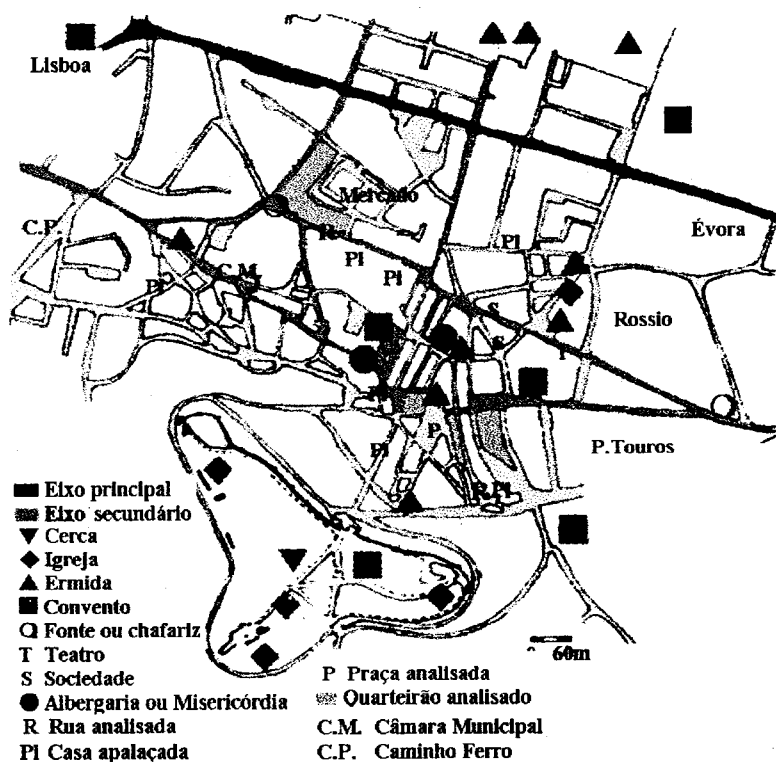
Arraiolos. Localização de elementos morfológicos

As igrejas definidas como transição entre este grupo e as ermidas, localizam-se no interior das cercas ou na periferia das povoações, estruturando freguesias e

integrando os tecidos urbanos envolventes. Das situadas dentro das cercas, restam S. João e Santiago em Montemor e Calvário em Arraiolos, sem que subsistam quaisquer vestígios dos povoados preexistentes; a igreja Velha de Reguengos foi demolida, mas o espaço urbano onde se situava, hoje Praça de Santo António, mostra-nos como se desenvolveu o tecido urbano ao seu redor. O Calvário de Montemor, que se tornou uma importante igreja da vila, situa-se no rossio, zona que não permitiu extensões urbanas adjacentes.

As ermidas situadas na periferia das povoações localizaram-se em pontos altos, dominando, o território e a paisagem envolvente, ou em sítios de antigos cultos pagãos. Algumas originaram centros de romarias, tais como o Santuário de Nossa Senhora de Aires, perto de Viana,(o mais importante), Nossa Senhora da Visitação em Montemor e Santo António em Arraiolos. Os três conservam-se abertos ao culto, com instalações para confrarias, casas de milagres e anexos, e continuam independentes, pois distantes, das respectivas localidades. As ermidas desactivadas e em ruínas, localizadas na periferia das urbes, também foram integradas neste grupo.

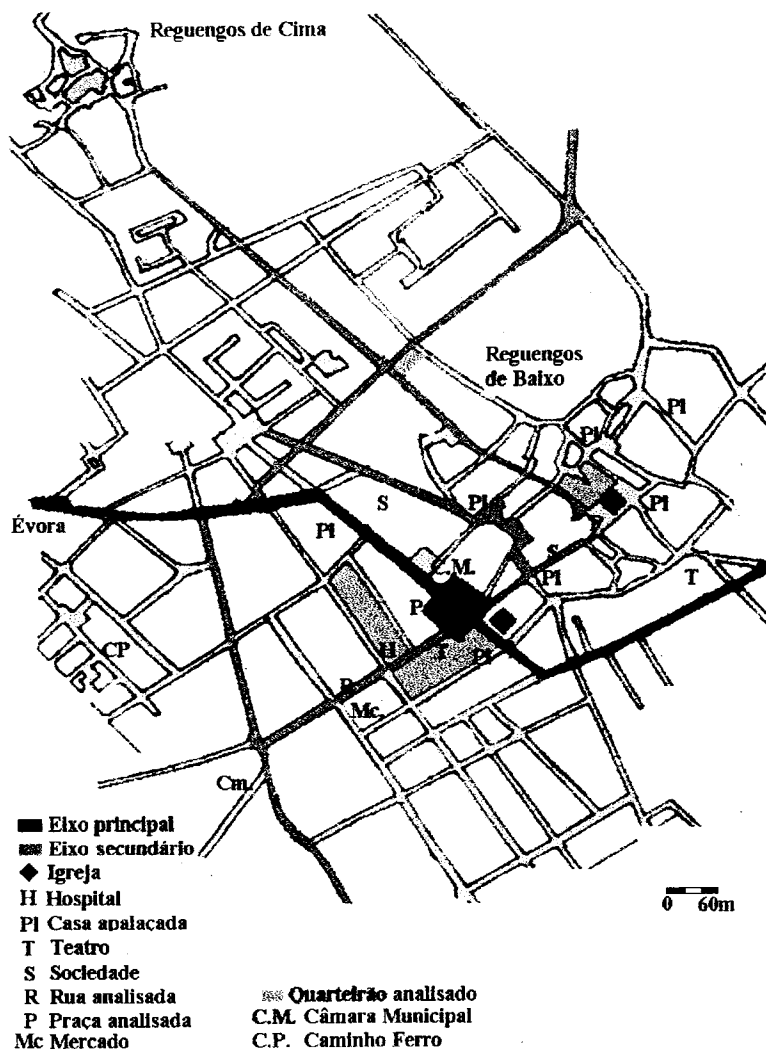
As ermidas urbanas situaram-se à entrada das povoações ou nos rossios, protegendo os caminhos e apoiando as actividades religiosas e mercantis que se processavam nas proximidades; desde logo começaram a ser envolvidas por casario (S. Vicente e S. Lázaro em Montemor), posteriormente surgem casos de total inserção no tecido existente, tais como Nossa Senhora da Paz, que se situa num quarteirão da Praça velha do arrabalde em Montemor, e Nossa Senhora da Assunção, em Viana, que adaptou para a sua instalação salas dos antigos paços do concelho da vila, situados no interior da cerca. Algumas ermidas hoje desaparecidas originaram albergarias ou conventos, mencionadas na primeira parte do trabalho.



Montemor-o-Novo. Localização de elementos morfológicos

As albergarias foram pólos importantes do desenvolvimento urbano em todos os casos analisados. A albergaria do Espírito Santo situou-se na praça principal de Arraiolos, a do Espírito Santo e Santo André localizou-se perto do ponto de encontro da via proveniente de Lisboa com a artéria que conduzia à cerca da antiga vila de Montemor, e a de Nossa Senhora das Graças estruturou, juntamente com outros dois pólos referidos, a malha urbana de Viana. As três localizaram-se em eixos secundários das respectivas vilas, tendo sido as duas primeiras envolvidas em casario que se organizou segundo os eixos viários, definindo quarteirões.

As misericórdias, que se instalaram provisoriamente nas sedes das albergarias, construíram sedes próprias desde o momento da sua fundação, escolhendo seja o interior da cerca (Viana), sejam pontos estratégicos de cruzamento de vias principais e secundárias (Arraiolos e Montemor). Ambas compraram terrenos já edificados para construírem as suas dependências, modificando a rede viária existente.



Reguengos de Monsaraz. Localização de elementos morfológicos

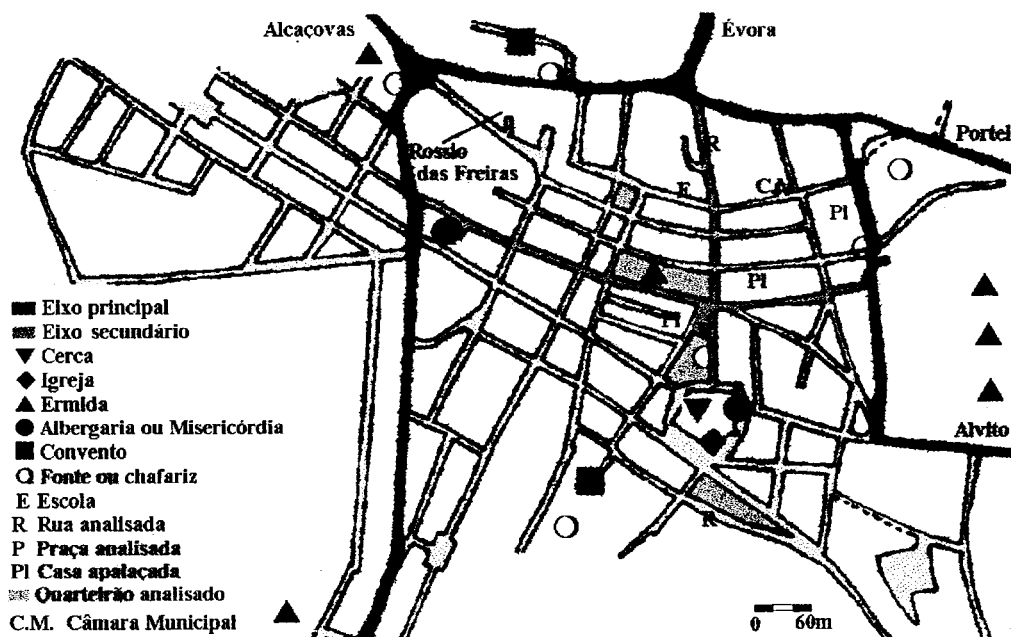
Os conventos, nas localidades analisadas situaram-se no exterior das povoações ou na malha urbana existente, como aconteceu em Montemor, onde o convento da Saudação aproveitou os terrenos abandonados pelos habitantes que se mudavam para o

arrabalde, e S. João de Deus se instalou ao lado da Misericórdia e do Hospital do Espírito Santo, continuando a transformação da rede viária e consolidando os equipamentos do arrabalde.

Os conventos situados na periferia das localidades conservaram esta posição até à actualidade. Adaptados a novas funções ou abandonados, marcam o desenho urbano das malhas onde se inserem, pois constituem limites às expansões lineares da malha urbana, não tendo sido nenhum envolvido pela construção de quarteirões de habitação ou outros.

As casas apalaçadas referenciadas no trabalho situam-se sobre os eixos secundários das respectivas localidades, ou sobre os rossios das vilas. São ladeados de edifícios de habitação, definindo tecidos urbanos densos, situados nos eixos principais das respectivas vilas e nas praças analisadas. Em Reguengos as casas apalaçadas surgem na malha não estruturada, sendo eles a origem da rede viária, própria do crescimento orgânico de Reguengos de Baixo; ladeados por habitações destinadas a uma classe desfavorecida, motivaram desta forma o aparecimento de um tecido fortemente contrastado.

Os grupos tipológicos que integram edifícios de dois pisos surgem mais frequentemente perto dos centros, definindo quarteirões com alta densidade de ocupação. Nas zonas mais antigas das localidades encontram-se edifícios de dois pisos em que desaparecem as janelas de sacada, para dar lugar, nos sítios mais íngremes ou mais desfavorecidos socialmente às habitações de piso térreo, com ou sem quintais. Na periferia das povoações aparecem, misturados na malha urbana, as formas tipológicas mais simples, denominadas de "Arquitetura popular". As extensões urbanas analisadas até meados do século XX, integram edifícios deste tipo, com um ou dois pisos, originando quarteirões mais ou menos densos, conforme o respectivo planeamento.



Viana do Alentejo. Localização de elementos morfológicos

As fontes e chafarizes assumem grande importância no caso de Viana, com a Fonte da Praça situada em posição central e os restantes na periferia da vila, servindo todos os cruzamentos donde partiam as estradas de ligação a outras localidades. Supõe-

se que as outras localidades tenham tido sistemas de água deste tipo, pois Arraiolos conserva a Fonte da Pedra, no caminho dos Almocreves, via que partia para Lisboa, e Montemor conserva duas fontes perto entrada da estrada proveniente de Lisboa e uma à saída para Évora, localizada num extremo do rossio.

Os outros equipamentos mencionados na análise morfológica e não incluídos na tipologia, foram descritos pontualmente, sendo referenciada a sua posição na malha urbana. Situados, na sua maioria, perto das praças principais, sobre os eixos primários e secundários ou nos antigos terrenos dos rossios, foram-se adaptando às estruturas urbanas existentes sem provocarem grandes modificações aos conjuntos edificados, excepto no caso de Reguengos, onde a estrutura urbana do século XIX integrou a implantação dos equipamentos necessários à vila em expansão.

4- UMA CONCLUSÃO (IM)POSSÍVEL

Com tem sido afirmado ao longo desta dissertação, a sua finalidade foi a comparação de formas de aglomerados urbanos situados na periferia de Évora. A abordagem deste ponto teve em linha de conta que, dado o reduzido número de exemplos analisados, uma conclusão definitiva sobre uma análise deste tipo, que nalguns pontos foi baseada na observação de elementos pontuais, seria precipitada, apresentando as localidades escolhidas características bastantes diferenciadas, referidas e comentados ao longo do respectivo texto.

Da primeira parte deste trabalho, *Evolução Histórica e Formas de crescimento*, formularam-se sínteses históricas sobre as povoações analisadas, evidenciando os crescimentos urbanos, com datação aproximada das fases de construção dos seus principais equipamentos, acompanhada de propostas gráficas.

Em relação ao sítio, implantaram-se, em locais diferenciados do ponto de vista morfológico (Arraiolos e Montemor em local com relevo acentuado, por contraste com o o de Viana e, posteriormente, Reguengos); as três mais antigas situaram-se perto de vias de comunicação importantes. O relevo foi o aspecto que mais influenciou a forma e função das respectivas cercas, como foi referido na análise morfológica. O seus níveis de desenvolvimento também foram diferenciados: Montemor, a mais antiga das vilas estudadas, tem origem num povoado murado, que extravasa para um arrabalde, até ao abandono definitivo da urbe primitiva, o mesmo acontecendo em Arraiolos, embora a uma escala reduzida. O recinto fortificado de Viana nunca é povoado, pois a sua dimensão reduzida não o permitiu

No século XVI as três vila existentes sofrem desenvolvimentos significativos, continuados posteriormente, no caso de Montemor; Arraiolos e Viana estagnam a partir desta data, e Reguengos, que surge no final do século XVII, é aquela que veio a ter um maior desenvolvimento urbano, devido às suas actividades económicas, ligadas essencialmente à exploração agrícola da região.

Nas três povoações mais antigas é de salientar o aparecimento simultâneo de ermidas, quer urbanas quer nas respectivas periferias, com funções determinantes quer na organização dos diversos cultos preexistentes, quer como pólos de desenvolvimento e organização territorial; posteriormente surgem os conventos, tardios se comparados com os existentes em Évora. O papel estruturante das ermidas, quer no território rural quer a nível urbano, é acompanhado, nalguns casos, pelo aparecimento dos rossios, espaço que surge nas três vilas referidas e é fundamental do ponto de vista de desenvolvimento urbano.

No século XVIII são construídos nos arredores dos três centros, sobre antigas ermidas, santuários que irão organizar as principais romarias das urbes, relacionadas, no caso de Arraiolos e Viana, com os mercados e feiras francas de gado. Será também nesta época que Reguengos se afirma como povoação, desenvolvida sobre dois póos, sendo o mais importante localizado em torno de uma ermida.

Na segunda metade do século XIX as transformações económicas e políticas modificam a estrutura física e as formas de vivência das povoações portuguesas, quer pelas inovações na exploração agrícola, quer pela necessidade de novos equipamentos. Estes instalam-se em recintos abandonados ou em novos edifícios, na sua maioria

construídos perto ou em terrenos dos rossios; Reguengos rege o seu desenvolvimento em relação aos seus principais equipamentos, elementos marcantes da sua estrutura urbana.

Estes foram os principais pontos referidos na primeira parte do trabalho; pensa-se que deles se podem extrair parâmetros que levem a uma melhor compreensão dos povoados situados na periferia de Évora, que, embora apresentem desenvolvimentos paralelos, não se podem comparar, nem no tempo nem no modo, ao centro da região. A presença simultânea de "datas chaves", o surgimento dos mesmos equipamentos nos mesmos períodos de tempo, a existência de espaços com funções similares são dados que importam referir, pois constituem elementos essenciais num estudo mais alargado do tema em causa.

O segundo ponto da dissertação, *Análise Morfológica*, iniciou-se pelo estabelecimento de limites espaciais e temporais ao objecto de estudo; esta opção (conclusão da análise morfológica às vilas existentes na década de quarenta) tornou-se necessária, dada a extensão do objecto de estudo. Em seguida foi elaborado um quadro cronológico do aparecimento dos equipamentos principais das urbes, que demonstrou o aparecimento simultâneo dos diversos equipamentos nas localidades analisadas.

Da análise morfológica de alguns elementos (recintos murados, albergarias, misericórdias, fontes e chafarizes) em número reduzido, a proposta de tipologia é muito simples, englobando, por vezes, grupos de um só elemento; para completar a mesma, será necessário, como foi referido, alargar a pesquisa a um número mais elevado de exemplos.

No entanto, existem tipos de edificios que permitiram o estabelecimento de características comuns (igrejas e ermidas), quer na forma e local de implantação, quer nas suas características arquitectónicas. A análise levada a cabo sobre edificios de habitação permitiu formular, ao longo da mesma, conclusões precisas, podendo-se tipificar todas as situações encontradas. Esta análise que, como foi referido, se baseou principalmente na observação directa, dada a inexistência de levantamentos gráficos e outros nas localidades estudadas, teria que ser completada por levantamentos sistemáticos que confirmassem o estudo do ponto de vista de dimensões e proporções mais significativas.

A última parte desta análise debruçou-se sobre os equipamentos de lazer, de solidariedade social, comerciais e industriais, que surgiram na segunda metade do século XIX; frutos do espírito inovador da época, apareceram sob a égide de entidades públicas ou privadas e revolucionaram o modo de vida das populações da altura; destes não se propôs tipologia, pelas mesmas razões enunciadas nos parágrafos anteriores.

Uma segunda análise morfológica debruçou-se sobre conjuntos urbanos, conforme divisão metodológica de autores consultados. Neste capítulo procuraram-se diversos tipos de ruas, praças e quarteirões, de forma a caracterizar os elementos fundamentais dos conjuntos urbanos; encontram-se características comuns, tanto a nível dimensional como funcional, dependendo os seus aspectos formais, em grande parte, da posição relativa ao centro do aglomerado e respectiva origem histórica. Propôs-se em seguida uma tipologia, caracterizando os elementos segundo parâmetros, enunciados ao longo da análise.

Esta segunda parte não permitiu conclusões genéricas, além das enunciadas ao longo do respectivo texto.

Uma terceira parte, *Análise das estruturas urbanas*, conclui a dissertação, debruçando-se sobre as estruturas urbanas e suas relações com os elementos referidos. Esta relação é constante entre a hierarquia das vias, a posição dos conjuntos urbanos e dos elementos pontuais, mantendo-se tamto nas vilas históricas, como naquela que surge tardiamente, e que apresenta um crescimento urbano mais significativo.

A definição de eixos primários e secundários originou uma terceira análise morfológica sobre tecidos urbanos por eles definidos, permitindo uma sistematização mais correcta dos elementos analisados, integrados numa escala urbana. Também nesta análise se seleccionarm exemplos diferenciados a nível histórico e de localização, de modo a encontrar uma diversidade que contribua para a proposta de uma tipologia própria.

Um último ponto, que finaliza este capítulo, aborda a articulação entre os elementos morfológicos, respectivas tipologias e estruturas urbanas, procurando, caso a caso, observar como os elementos se distribuíram no espaço, comparando as quatro localidades em análise, concluindo-se que as quatro urbes apresentam bastantes aspectos em comum, tanto a de elementos pontuais como do conjunto urbano, anotados e comentados ao longo da dissertação:

Desta relação entre vilas com características urbanas diferentes, nas quais se encontram famílias de formas, cita-se Panerai (1980:79), que a explica da seguinte forma:

"...a une époque déterminée, et pour une société donnée... se sont accordés sur la correspondance entre un ensemble de dispositions spatiales et d'éléments stylistique et une pratique (à la fois pratique concrete et pratique symbolique..."

...ces types, au moins jusqu'au XIX siècle, sont davantage véhiculés par la connaissance directe et par l'apprentissage que par les recueils. Profondément ancrés dans une culture et dans une région, ils sont susceptibles de multiples réinterprétations ..."

Será pois esta relação entre as pessoas, e a troca de informações e do saber técnico, restrito à região e passado de pai para filho, que caracteriza a arquitectura dita regional, que alguns querem ver generalizada, mas que apresenta uma tipologia muito rica e variada, como foi analisado ao longo deste trabalho e referido por Jorge Gaspar (1993:146):

"...A unidade da paisagem alentejana confere a todos os territórios um ar de família, mas não significa de modo algum monotonia como têm pretendido vários autores..."

O conhecimento mais aprofundado e em consequência mais rigoroso desta tipologia, baseado em estudos sistemáticos de povoações em toda a região alentejana, é o objectivo que se deseja ver alargado, de modo a contribuir de forma eficaz para a Conservação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Região do Alentejo.

BIBLIOGRAFIA

ALHO, CARLOS e SILVA, MARIA

-1987- "Conservação ou desenvolvimento da reabilitação do património arquitectónico e urbano", in *Povos e Culturas* 2, UCP, Lisboa, pp.369-380

AMARAL, ISABEL PERES DO

-1987- "Cidades coloniais portuguesas", in *Povos e Culturas*, UCP, Lisboa, pp.193-214

ANDRADE, AMÉLIA AGUIAR

-1987- "Um percurso através da paisagem urbana medieval", in *Povos e Culturas*, UCP, Lisboa, pp.57-78

ANDRADE, ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE

-1977- "Breve história das ruínas do antigo burgo e concelho de Montemor", *Cad. de História de Montemor-o-Novo*, n^o3, Ed. Defesa, Évora

-1980- "Subsídios para a história de arte no Alentejo", *Cad. de História de Montemor-o-Novo*, Ed. Academia Portuguesa de História

AZEVEDO, ANTÓNIO LUCIANO

-1908- *Descrição de Reguengos, Monsaraz, Moura e margem esquerda do Guadiana*, Minerva Comercial, Évora

BARATA, A.F.

-1893- *O Alentejo histórico, religioso, civil e industrial no distrito de Évora*, Évora

BARBOSA, JOSÉ MARIA DA SILVA PINTO

-1993- *Da praça pública em Portugal*, Dissertação para obtenção do grau de Doutor pela em Universidade de Évora em Artes e Técnicas da Paisagem, policopiado

CARVALHO, J. MARIA

-1927- *Memorial da igreja velha*, policopiado

CASCÃO, RUI

- 1993- "Vida quotidiana e sociabilidade", in *História de Portugal V*, Circulo de Leitores, Lisboa, pp.517-544

CASTEX, J. e DEPAULE, J.CH. e PANERAI, PH.

-1977- *Formes urbaines, de l'îlot à la barre*, Ed. Dunod, Paris

CATROGA, FERNANDO

-1993- "Morte romântica e religiosidade cívica", in *História de Portugal, V*, Circulo de Leitores, Lisboa, pp.595-608

CUTILEIRO, JOSÉ

-1977- *Ricos e Pobres no Alentejo*, Ed. Sá da Costa, Lisboa.

ECO, UMBERTO

-1991- *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, Ed. Presença, Lisboa

ESPANCA, TÚLIO

- 1965/67- *Boletim da Cidade de Évora*, 48-50

-1968/69- *Boletim da Cidade de Évora*, 51-52

-1975- *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, vol. VIII, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa

-1978- *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa

FERNANDES, JOSÉ MANUEL

-1987- "O lugar da cidade portuguesa", in *Povos e Culturas 2*, UCP, Lisboa, pp.79-112

-1993- *A arquitectura portuguesa*, Ed. Cotovia, Lisboa

FERNANDES, JOSÉ MANUEL e JANEIRO, MARIA DE LURDES

-1991- *A arquitectura vernácula da região saloia*, Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa

FONSECA, JORGE

-1986- "Uma vila alentejana no Antigo Regime-Aspectos socio-económicos de Montemor-o-Novo nos séculos XVII e XVIII", *Almanson* 4, pp.119-202

-1986- "O concelho de Montemor-o-Novo nas Memórias Paroquiais de 1758", in *Almanson* 3, pp.121-177

-1992- "Memórias de Salvador da Costa", in *Almanson* 10, pp. 5-135

-1993- "A vila intramuros de Montemor-o-Novo- contributo para o seu estudo", in *Almanson* 11, pp. 29-80

GASPAR, JORGE

-1968- "A propósito da originalidade da cidade muçulmana", *Finisterra*, II-5, pp.19-30

-1969- "A morfologia urbana de padrão geométrico na idade média", in *Finisterra*, IV-8, pp. 198-215

-1972- *A área de influência de Évora*, (2ª Edição, 1981, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa), pp. 352-354

-1975- "Estudo geográfico das aglomerações urbanas em Portugal Continental", in *Finisterra*, vol.X-19

-1987- "Do pelourinho ao centro comercial", in *Povos e Culturas 2*, UCP, Lisboa, pp.243-260

-1993- *Regiões portuguesas*, Ministério do Planeamento e da Administração do Território, Lisboa

GOITIA, FERNANDO CHUECA

-1992- *Breve história do urbanismo*, Ed. Presença, Lisboa

GONÇALVES, ANA

-1993- "Novos dados sobre a vila antiga de Montemor-o-Novo- resultado dos trabalhos de 1992-93", in *Almanson* 11, pp.5-27

GONÇALVES, J. PIRES

- 1969- *A igreja velha de Santo António dos Reguengos*, Ed. Palavra, Évora
- 1970- *Murmúrios em torno da história de Reguengos*, Reguengos

GUERRA, ISABEL

- 1987- "A especialização da vida social", in *Povos e Culturas 2*, UCP, Lisboa, pp. 171-192

LAMAS, JOSÉ M. RESSANO GARCIA

- 1993- *Morfologia urbana e desenho da cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

LOPES, MARIA ANTÓNIA

- 1993- "Os pobres e a assistência pública", in *História de Portugal*, vol. V, Circulo de Leitores, Lisboa, pp.501-516

LUCAS, JOSÉ ORLANDO

- 1988- *Uma oportunidade perdida. Viana do Alentejo 1882-1914*, Viana do Alentejo, policopiado

LYNCH, KEVIN

- 1960- *The Image of the city*, (Trad. Maria Cristina Tavares Afonso, *A imagem da cidade*, Ed. 70, Lisboa, 1990)

MALTA, MARIA DA CONCEIÇÃO DE CARVALHO REIS

- 1993- "O associativismo recreativo, cultural oitocentista. análise do Circulo Montemorense 1891", in *Almansor 11*, pp.231-311

MANTAS, VASCO GIL

- 1987- "As primitivas formas de povoamento em Portugal", in *Povos e Culturas 2*, UCP, Lisboa, pp. 13-56

MATTOSO, JOSÉ

- 1992- "1096-1325", in *História de Portugal*, ed. Circulo de Leitores, Lisboa

MENDOÇA, NUNO JOSÉ DE NORONHA

- 1987- "A paisagem urbana", in *Povos e Culturas 2*, UCP, Lisboa, pp.545-558

MUMFORD, LEWIS

- 1964- *La cité à travers l'histoire*, Ed. Seuil, Paris

PAÇO, AFONSO

- 1965- "Castelo de Arraiolos", *Junta Distrital de Évora, Boletim nº6*

PANERAI, PHILIPPE e DEPAULE, J.CHARLES e DEMORGON, MARCELLE e VEYRENCHE, MICHEL

- 1980- *Éléments d'analyse urbaine*, AAM Editions, Bruxelles

PEDREIRA, JORGE VIANA

-1987- "Indústria, mercado e cidade. Peripécias de um triângulo amoroso", in *Povos e Culturas 2*, UCP, Lisboa, pp.145-170

PEREIRA, GABRIEL

-1933- "Uma excelsa senhora de Viana", in *Álbum Alentejano, Distrito de Évora*, Lisboa

-1934- "Montemor-o-Novo, antiguidades" in *Estudos Diversos*, Colectânea org. por João Rosa, Imp. Universidade, Coimbra

PEREIRA, TERESA PACHECO

-1991- *Tapetes de Arraiolos*, FNAE, Gráfica SA, Lisboa

PRINZ, DETER

- 1984- *Urbanismo II, Configuração urbana*, Ed. Presença, Lisboa

REAL, MANUEL LUÍS e TAVARES, RUI

-1987- "Base para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto", in *Povos e Culturas 2*, UCP, Lisboa, pp.389-418

REZENDE, TATIANA

-1986- "Cerâmica comum tardia proveniente da zona do castelo de Montemor-o-Novo", in *Almorsor*, 4, pp.43-61

RIBEIRO, ORLANDO

-1945- *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, (6ª Edição, 1991, Ed. Sá da Costa, Lisboa.

-1969- "Proémio ao estudo das pequenas cidades portuguesas", *Finisterra*, vol. V, pp.64-75

-s.d.- "Cidade" in *Dicionário da História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, Lisboa

RIVARA, J.H. DA CUNHA

-1853- "Memória da vila de Arraiolos", *Panorama*, vol. X

-1854- "Memória da vila de Arraiolos", *Panorama*, vol. XI

- *Memórias da Vila de Arraiolos*, Tomo I, C.M.A., Arraiolos, 1983

- *Memórias da Vila de Arraiolos*, Tomo II, C.M.A., Arraiolos, 1985

- *Memórias da Vila de Arraiolos*, Tomo III, C.M.A., Arraiolos, 1991

ROCHA, MARIA MANUELA

- 1994- *Propriedades e níveis de riqueza*, Ed. Cosmos, Lisboa

RODRIGUES, MARIA JOÃO MADEIRA e SOUSA, PEDRO FIALHO e BONIFÁCIO, HORÁCIO MANUEL PEREIRA

-1990- *Vocabulário técnico e crítico de arquitectura*, Ed. Quimera, Lisboa

ROSA, JOÃO

-s.d.- *Alentejo à janela do passado*

SALGUEIRO, TERESA BARATA

- 1987- "Os transportes no desenvolvimento das cidades portuguesas", in *Povos e Culturas*, nº2, UCP, Lisboa, pp.113-144
- 1992- *A cidade em Portugal*, Ed. Afrontamento, Porto.

SARAIVA, MARIA DA GRAÇA A.N.

- 1987- "Os rios e as cidades", in *Povos e Culturas*, nº2, UCP, Lisboa, pp.481-510

SILVA, JOSÉ CORNÉLIO DA

- 1987- "As grandes questões técnicas na recuperação de património urbano", in *Povos e Culturas*, nº2, UCP, Lisboa, pp.381-388

SOUSA, JOÃO

- 1984- *Ocupação romana*, Viana do Alentejo, policopiado
- 1984- *A vila e os coutos no 1º quartel do século XIX*, Viana do Alentejo, policopiado
- s.d- *Alguns aspectos de Viana do Alentejo no século XIX*, Viana do Alentejo, policopiado
- s.d- *História agrícola da freguesia de Viana do Alentejo (1882-1925)*, Viana do Alentejo, policopiado
- 1993- *História da primeira adega social portuguesa*, Ed. CMVA, Viana do Alentejo

TEIXEIRA, MANUEL C.

- 1993- "A história urbana em Portugal, desenvolvimento recentes", in *Análise Social*, vol. XXVII, pp.371-390.

TELES, GONÇALO RIBEIRO

- 1987- "Integração campo/cidade", in *Povos e Culturas 2*, UCP, Lisboa, pp.419-420

TORGAL, LUÍS REIS

- 1993- "A instrução pública", in *História de Portugal*, vol. V, Círculo de Leitores, Lisboa, pp.609-652

UNWIN, RAYMOND

- 1981- *L'étude pratique des plans des villes*, l' Equerre Editeur, Paris.

VARELA, JOAQUIM JOSÉ

- 1817- *Memória estatística da vila de Montemor-o-Novo*, Academia das Ciências, Lisboa

Publicações diversas:

ÁLBUM ALENTEJANO- DISTRITO DE ÉVORA-TOMO II

- 1933- Dir. de Pedro Mendes. Arraiolos, pp.243-255, Montemor-o-Novo, pp.402-415, Reguengos de Monsaraz, pp.448-456, Viana do Alentejo, pp.460-470, Imp. Beleza, Lisboa

GUIA DE ÉVORA E ARREDORES

-1923- dirigido por Raul Proença, Biblioteca Nacional, Lisboa,

GUIA DE PORTUGAL, ESTREMADURA-ALENTEJO

-1927- dirigido por Raul Proença, Biblioteca Nacional, Lisboa

O NEOMANUELINO

-1994- Catálogo. Comissão Nacional dos Descobrimentos, IPPAR, Lisboa

P.D.M. de Arraiolos, Estudos Prévios, 1991

P.D.M. de Arraiolos, Programa base, Tekton, 1992

P.D.M. de Arraiolos, Projecto de Plano, Tekton, 1993

P.D.M. de Reguengos de Monsaraz, proposta técnica, 1993

P.D.M. de Viana do Alentejo, Programa base

P.D.M. de Viana do Alentejo, Projecto plano, Novembro de 1992

P.D.M. de Montemor, Urbiteme, Julho de 1991, Abril de 1993

PGU de Reguengos de Monsaraz, 1952

PGU de Reguengos de Monsaraz, revisto, 1979

**Anexo 1- Resumo das descrições de ermidas efectuadas por Túlio Espanca
no Inventário Artístico de Portugal**

ARRAIÓLOS

S. Romão	<ul style="list-style-type: none"> - arte popular alentejana - empena triangular, fortemente rebocada de cal - portada granítica, simples, ornada por obra de estuque relevado - assenta num adro de três degraus - óculo - alçados laterais intervalados por robustos botaréis terminados com esfera de alvenaria - campanil de frontão muito aguçado - planta rectangular
S. Sebastião	<ul style="list-style-type: none"> - frontaria singela, com três tramos contrafortados nos planos, pouco acentuados de remates esferoides - platibanda: vestígios de ornamentação clássica - portas: vergas e lintéis direitos, frontão triangular e campanário - planta rectangular
Santo António o Velho	<ul style="list-style-type: none"> - frontão sem base, semicircular, com luneta, assenta em adro de doze degraus de calcário - cunhais de granito aparelhado e de fortes lages - acrotério com ornatos cilíndricos - portado axial, barroco, mármore branco, ladeado por duas janelas quadrangulares, tem empena triangular de pináculos esferoides adossados ao alçado - planta rectangular

MONTEMOR-O-NOVO

Calvário	<ul style="list-style-type: none"> - silhueta torreada - pilastras graníticas com ornatos palmares - cúpulas de alvenaria escaiolada, em forma de urna e os pináculos de intenção flamejante, frontão de enrolamento, e sotaposta, janela de mármore - portado em estilo joanino - nave de planta rectangular
Santiago	<ul style="list-style-type: none"> - frontaria. portado simples, frontão triangular, espadana de dois olhos vazios de sinos e óculo sobre pujante - três capelas encaixadas nos corpos laterais e nos botaréis - um portal gótico de granito chanfrado
Espírito Santo	<ul style="list-style-type: none"> - fachada lateral robustecida de botaréis e gárgulas redondas de pedra rematadas por esferas - duas portadas de mármore branco, desenho clássico e frontões triangulares

S. Sebastião	<ul style="list-style-type: none"> -alindado no cimafonte, triangular, e pelo campanário e nos acrotérios por fogaréis graníticos - contrafortada - portada estilo ogival, de arco lancetado e ultrapassado, com chanfraduras e impostas de pedras. sobre ela luneta vulgar - nave rectangular, capela quadrada
Senhor Jesus das Necessidades	<ul style="list-style-type: none"> - estilo barroco com planta em cruz grega, coberta por lanternim octogonal - campanil apilastrado com frontão circular
Nossa Senhora da Paz	<ul style="list-style-type: none"> - frontaria de pilastras angulares e portada moldurada, de verga recta com retábulo de azulejos - frontão com enrolamentos, nos acrotérios de alvenaria, centrado por cruz de pedra - telhado com lanterneta porticada, de remate esferoide - campanário de empena circular, ladeado de pináculos - planta quadrangular
São Vicente	<ul style="list-style-type: none"> - portada de granito e padieira recta, com luneta por cima - nave de planta rectangular, com duas capelas laterais - capela mor quadrangular
Nossa Senhora da Visitação	<ul style="list-style-type: none"> - estilo híbrido manuelino- mudjar- S. Braz em Évora - torrinhas cilíndricas, de andares, espaçadas e flanqueantes, coroadas de coruchéus cónicos na cabeceira - frontaria: galilé de um só arco abatido, apoia-se em dois torreões, sobrepujada por pináculos flamejantes - porta de granito de arco de querena , de duplo coloneto adossado, terminado por pinhas estilizadas; capitéis de cordame e bolas clássicas, bases e socos de secção prismática

VIANA DO ALENTEJO

Nossa Senhora da Graça	<ul style="list-style-type: none"> - mantém volumes e alçados da estrutura manuelina - caixa da nave protegida por gigantes de alvenaria, cunhais de pedra aparelhada com os terminais de secção esquinada, coroados por coruchéus hexagonais e agulhas cónicas, de cogulos decorativos - gárgulas pétreas de canhão - empena da cabeceira centrada por campanário de sineta de bronze, com silhueta recortado no espírito barroco - portal: verga tribolada, com jambas de chanfros e bases flordelizadas, semelhantes à porta lateral da igreja matriz - nave: planta rectangular com dois tramos desiguais - capela mor. planta rectangular
-------------------------------	---

Nossa Senhora da Assunção	<ul style="list-style-type: none"> - campanário: alvenaria com acrotérios pinaculares e frontão semicircular, com aletas de pedra rematado por catavento embandeirado de chapa de cobre - planta oblonga - portal: (hoje janela de sacada) granito com lintel direito, sobrejugado nos acrotérios por urnas ornamentadas de alvenaria e frontão triangular - nave: planta rectangular
Espírito Santo	<ul style="list-style-type: none"> - frontaria singela, com empena semicircular, moldurada, e um cruz de pedra inscrita no cunhal da banda esquerda - portal: múltiplas molduras de mármore, adintelado - planta rectangular
S. Sebastião	<ul style="list-style-type: none"> - silhueta características dos templetes do aro alentejano, com escadas e adro artificial, fachadas simples, frontão envolvido por volutas com enrolamento, e pináculo axial - face do sul contrafortada - capela mor rectangular, com cúpula de meia laranja e telhado de linhas raiadas, do seu eixo rompe uma lanterna cilíndrica - nave rectangular
S. Pedro	<ul style="list-style-type: none"> - planta rectangular - protegido por seis torrelas semicirculares com remates cónicos - alpendre de três arcadas - capela mor com planta quadrangular, com cúpula - nave e capela mor : protótipo de S. Braz em Évora
São Vicente	<ul style="list-style-type: none"> - capela mor com planta rectangular - cúpula em meia laranja com agulha octogonal - alpendre com três arcos
Senhor Jesus do Cruzeiro	<ul style="list-style-type: none"> - traço barroco - planta de cruz grega - porta: adintelado de pedra encimada por trabalho de estuques de enrolamento com volutas e luneta quadrifolada, axial - quatro pilastras com capitéis dóricos, terminados no cimafrente de cornija engalanada por pináculos e frontão com vieira e sinal do redentor - telhado rematado por lanterna de secção octogonal, concluído por coruchéu
Santo André	<ul style="list-style-type: none"> - frontaria caiada com frontão triangular rematado por cruz, pináculos nos acrotérios e campanário no lado sul - portal: adintelado e pétreo, luneta axial e duas janelas colaterais - fachadas laterais: três tramos de arcadas cegas, robustecidas de gigantes - capela mor. rematada por cúpula de base quadrada e agulha de secção piramidal - planta rectangular

**Anexo 2- Resumo das descrições de edifícios característicos efectuadas por
Túlio Espanca no Inventário Artístico de Portugal**

RUAS		DESCRIÇÃO
Arraiolos		
R. dos Arcos	<ul style="list-style-type: none"> • • • 	<p>Casa dos arcos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Século XVI. Galeria alpendrada de dez tramos arquivados, com colunéis e cornijas de granito, suportado por telhado de traves apoiadas em modilhões pétreos, frustes e primitivos - Imóvel continuo à Casa dos Arcos - assente em arcaria redonda, de quatro vãos - frente guarnecida por esgrafitos geométricos e janelas de sacada com grades de ferro forjado - Esquina com a trav. do Castelo - século XVIII - frontaria vulgar, com balcão de ferragem estilo Luis XVI
Praça Lima de Brito	<ul style="list-style-type: none"> • • • 	<p>Esquina c/ a Trav. das Casacas</p> <ul style="list-style-type: none"> - casa com vestígios quinhentistas, num tramo de arcaria redonda, obstruído, formado por colunas toscanas - frontaria com três balcões de sacada - Defronte do pelourinho - moradia dos alvares doseiscentismo, balcão de granito apoiado em cachorrada de modilhões clássicos, de volutas - Recanto e de frente para a Praça e para a Rua Alexandre Herculano - velho prédio de cunhal de pedra lavrada e balcões graníticos de padieiras rectas -XVII
R. Alexandre Herculano	16-18	<p>Sociedade União Filarmónica Arraiolense</p> <ul style="list-style-type: none"> - duas robustas janelas de sacada, com modilhões de volutas intervaladas por tabela de almofadas de granito emoldurado -XVII
R. Cunha Rivara	<ul style="list-style-type: none"> • • 	<p>Casa Nobre</p> <ul style="list-style-type: none"> - piso alto ocupado pela Sociedade recreativa Arraiolense - frontaria ao gosto alentejano, tem portalde carruagem e dois balcões de sacada guarnecidos de ferragem tipo D. José I - Solar Melo Mexia - frontaria do final do século XVIII com cinco janelas de sacada, de ombreiras de granito guarnecidas com ferragem; balaústres de secção cilíndrica, rematados por esferas transfuradas
R. Nova	N V	<p>Corpo posterior da câmara primitiva</p> <ul style="list-style-type: none"> - frontaria com janelas de sacada, de ferragem embebida e chaminé de prumada

R. da Parreira	27 D	- portal de alvenaria, cego, geminado e mísula moldurada -chaminé de tipo regional
R. Fria	• 11/ /13 23 D	Esquina com R. Parreira - cunhal aparelhado. Porta e janela de peito, de padieira carregada de granito escuro. Chaminé de ressalto. XVI - casas populares, realçadas por janelas rectangulares, emolduradas, reentrantes. Chaminés tradicionais - Porta e balcão emoldurado, de pedra. Chaminé com mísula de volutas clássicas
R. Espírito Santo	26 30	- século XVII. Portais e janelas graníticas - fins XVII. Portada de pedra, ornada nas ombreiras e lintel por tabelas geométricas
R. Pirraças	23 25	- casa pitoresca - casa antiga com cunhais de estuque aparelhado e grande portal de granito, tapado
R. do Cabo da Vila	1 7	- portada de granito, balcão com grade de ferros e balaustres de secção quadrada. Chaminé de ressalto - janela emoldurada. Chaminé tradicional
Trav. das Almas	•	- acesso ao castelo, escadinhas muito pitorescas
R. do Castelo	2	- imóvel do século XVI, conserva a loja primitiva, longa nave estreita e baixa, de abóbodas entrecruzadas. Alçado exterior totalmente transformado
R. de Olivença	8 11 25	- alçado com porta antiga, granito, século XVI - balcões de ferro do tipo barrinha., onde nasceu Cunha Rivara - portal arquitetado, de cornija muito acentuada, granítico
Rossio	•	Século XVIII- Casa do Capitão Mor da vila Seculo XIX- Casa da Mala Posta - Pousada de lavrador-fidalgo, de planta rectangular, cobertura de quatro águas e varanda. Portadas e janelas com umbreiras de granito e ornatos geométricos. Cunhais em alvenaria, almofadados ao gosto rústico

Montemor-O-Novo

L. Eng. António Justino da Costa Praça	1 5 9 11	- portal adintelado de granito. Fins XVI - casa típica com frontões e portais triangulares, de estuque. XVII - empena curiosa - decorado por duas janelas. XVIII
L. das Portas do Sol L. Serpa Pinto	6 15/ /18 19 24	- portada granítica. XVIII - típica do século XVI, com janelas XVIII - casa antiga, apalaçada. Portais e janelas com ombreiras e lintéis de granito - casa antiga, Pensão Ferreira.

R. D. Vasco	7 38	- Silhueta característica dos fins do século XVI - casa nobre dos alvares do séc. XVIII. Portais e janelas de sacada, cornija com barra de esgrafitos. Chaminé de ressalto, chanfrada
R. do Corro à Porta do Sol	2/8 18	- portal de pedra e janelas de sacada - pavilhão do século XVI. Planta rectangular e telhado de quatro águas, com janela de peito estilo manuelino, envolvida na totalidade por cordão discóide.
R. Marquês de Valenças R. da Calçada	12 • 20	- casa antiga, popular, com frontaria nivelada e chaminé de prumada • Casario íngreme até à ermida de S. Vicente - parte do Solar dos Morgados Cunhas, existia no século XVI. Alpendre e escadaria de pedra, vestígios de esgrafitos.
R. dos Marmelos 34	17 20 26 38	- janelas de sacada D. Maria I - balcão antigo 1800 - grade semelhante - casa antiga de sacada férrea
L. Dr. Miguel Bombarda Antigo Corro 25- 34	4 7 8 14 18 20 27 28	- casa fins XVIII D- alçado antigo, decorado por janelas de sacada com ombreiras de estuques artísticos - tipo século XVII. Beiral ornamentado e vestígios de lintéis e pilastras no alçado principal - grupo de grades férreas - beiral decorado, portal de granito - frontarias lateral e axial típicas do setecentismo - quatro janelas de sacada - três balcões férreos, cuevos dos anteriores
R. das Ricas	8 20/ /21	- empena com portal granítico, chanfrado - casario popular, com chaminé de prumada, frisos de beiras triboladas e portais de granito
R. da Calçada	1/2 5/7 11	- portadas graníticas e frontarias decoradas por grades de ferro - corpo avançado, chaminé de prumada, portas e janelas de ombreiras e lintéis chanfrados. XVI / XVII D- portal pétreo de chanfraduras, caracter quinhentista
R. dos Almocreves	25 40/ /42 46	- portal gótico séc. XV, chanfrado e ábaco pronunciado - antiga pousada de lavrador, seiscentista, com chaminé de prumada e robusto portal granítico - empena antiga decorada por grade de sacada. XVII
R. Germano Vidigal (R. da Parreira)	1/5 23/ /29 28	- casas antigas com janelas de sacada repousando em ardósias - grupo de ferros batidos, de sacada - sacada férrea, típica da vila

R. S. Vicente	<ul style="list-style-type: none"> • 	<p>Esquina com Trav. do Arco</p> <ul style="list-style-type: none"> - casa antiga do século XVII. Cornija tribolada e arcobotante de alvenaria. Janela de peito, chanfrada
	6	- Dois corpos: um quinhentista com portal gótico, o outro da época de D. João V, avançado e com janelão
	7/9	- alçados vultuosos, chaminé de prumada
	19	- casario antigo e pitoresco, portadas de granito e chaminés de ressaltos
R. das Continhas	2/4	- tipo popular, ornamentada com janelas de sacada
	6	- seiscentista
R. do Quebra Costas	3	- portal chanfrado, granítico, e grades férreas
	4/6	Casa dos Fragosos- Amados
		-edifício apalaçado, portais e janelas graníticas, cunhais apilastrados e grupos de janelões de sacada, de alvenaria escaiolada
	11	- casa antiga, transformada
R. das Farizes	6	- portal gótico de lanceta chanfrado, de granito. XV
	7	- alçado com duas grades de ferro, neoclássico. XIX
	10	- cunhais almofadados, chaminé de ressaltos e portal adintelado. Janela de sacada, do tipo da corda joanina, encimada por tabela joanina
L. da Escola Nova	7	- caracter apalaçado, com cunhais almofadados, porta de chanfros e duas janelas de sacada. 1733
P. Cândido dos Reis (P. Velha, do Peixe)	•	Antiga casa da Almotaçaria e de Ver o Peso
		- alçados da reforma de 1743, cunhais guarnecidos por ornatos de alvenaria, portadas rasgadas e janela central. Escudo com armas de Montemor-o-Novo. Telhado de quatro águas
	2/3	- casas antigas, decoradas por janelas de sacada
	5	- popular, mantendo um balcão geminado, de canto para a T. da Mata. Jambas e lintéis de granito e colunato toscano, de mármore
	16	- prospecto iluminado por balcões barrocos
	22	- chaminé de prumada
	26/	- casas antigas, decoradas por janelas de sacada
	/27	
	30	- portal granítico, chanfrado

R. do Calvário	1 9 15/ /17 21 23/ /25 27/ /29	D- tipo popular alentejano, com portada e janela de pedra. XVII - empena antiga, duas janelas de sacada. - frontaria modificada de meados do século XIX - quatro janelas de sacada, época D. Maria I - apilastrada e de cornija decorada por triglifos e métopas. Portais e quatro janelas de sacada, de pedra Casa nobre dos fidalgos Vilalobos de Vasconcelos - arquitectura barroca, própria do século XVII. Cunhais de forte aparelho granítico, aberto por dois portais de vergas tribolados e corpo principal com nove balcões de sacada, de cornijas adinteladas e suportadas por volutas de enrolamento
Rossio do Calvário R. das Escadinhas R. de Olivença P. da Republica		Jardim Público Existiu um dos mais opulentos solares de Montemor, demolido nos princípios do século. Perderam-se dois torreões e uma galeria com dez tramos com colunelos de mármore.
R. de Avis	3 9 13 58 68	Pousada dos Morgados Laboreiros - frontaria de arquitectura sóbria e austera do estilo barroco regional, alçado de alvenaria cunhado de pilastras e opulenta porta axial - grade férrea, tulipada - janela de sacada, XVIII - frente típica do século XVIII, portais e janelas de granito. Cornijas direitas e telhado de beiral acentuado. - portais e janelas com vergas e jambas de ângulos saídos, do tipo de corda. Frontões recurvos e lintel de colchetes.
T. de S. João de Deus	6/8 /10 /12 /24 19	- silhueta do século XVIII, com cornijas, vestígios esgrafitados e balcões de sacada típicas de D. José/D. Maria Casa nobre dos Cogominhos de Sousa Barreto - residência apalaçada do princípio do século XIX., o corpo que dá para a R. Teófilo Braga é empreirada recente. Três pisos, escalonados em empena de alvenaria: térreo, sobrado e andar de quartos, o primeiro e o último com janelas de peito, o segundo com balcões de sacada e obras de estuque relevado de ângulos emoldurados, salientes, com frontões duplos, enrolamentos e florões.
R. do Caldeirão	4	- arquitectura do séc. XVIII, com cunhais, portas e janelas de granito, aparelhadas, decorados por grades férreas. Painel votivo, de azulejos, sobre portal joanino.
T. das Pedrozas	2/4 /6	- casas antigas, com portas e janelas de vergas trabalhadas, de pedra e alvenaria

R. de Santo António	14/ /16 27	Esquina com o Largo José Pedro de Matos, antigo terreiro do Hospital - casa antiga, de ferragens batidas, ombreiras e lintéis batidos, alta empena de terraço e chaminé de prumada - casa antiga, com janela de sacada, balaustres seccionados, cilíndricos - empena decorado por oratório de mármore e pilastras lisas, dedicado a Santo António - painel de azulejos votivo a N. Sr ^a da Conceição
Terreirinho	1	- robusta portada de granito aparelhado e janelão de ferragem tulipada. XVII-XVIII
R. Teófilo Braga (R. Direita)	2/5 /6 12 13 31 34 40/ /42 44 48 51 52	- casas antigas, decoradas por janelas de sacada de tipologia dominante na vila- fins XVIII - portal de chanfros quinhentista e verga de arqueta apuntada - portada e janelas do século XVII - portal chanfrado, de granito, e grades férreas - empena elevada, setecentista, decorada por janelas de sacada, férreas - frontarias características do século XVIII - casa pitoresca, com chaminé de resalto - casa antiga, singela e curiosa - construção da época manuelina, alçado popular. Duas chaminés aparelhadas, portal e janelas de granito, chanfros pronunciados, vergas triboladas e ultrapassadas - casa manuelina, com empena pitoresca, de portal e janela de peito, com lintéis discóides, de pedra recoberta por grossas camadas de cal. Chaminé de prumada
T. da Adega Funda	5	- casa antiga, portada de granito, chanfrada e insculpida. Vestígios da arcada primitiva e chaminé decorada por friso naturalista

L. dos Paços do Concelho	1/ 3/ 5 9 12	<p>- grupo de casario característico do século XVIII, empenas com janelas de grades férreas, de modelação dominante em Montemor, de tulipas, granadas e os habituais ornatos, estrelóides e rozetões dos estilos rocóco -neoclássico</p> <p>- grande portal de pedra, inscrito em moldura dupla. XVII</p> <p>- balcões adintelados, de grande balanço e emblema frontal com estrela de oito raios, de estuque. janelas de sacada tipo final XVIII</p> <p>Câmara. Refeita em 1967</p> <p>- era um edifício com elevada cobertura de quatro águas, com mansardas, e tinha portal e seis janelas de sacada de estilo barroco, com vergas adinteladas e janelas lisas, de granito. Grossos cunhais protegiam as empenas. O corpo posterior era aberto por galeria de dez arcos redondos, de pilastras de granito.</p> <p>Pelourinho</p> <p>- desapareceu nos finais do século XIX. Era de mármore, assente em degraus, fuste de tambor circular com capitel solidário, representando figuras zoomórficas. Remate de tronco piramidal truncado, rompente de disco de ganchos férreos, com quimeras.</p>
R. da Cadeia	3/5 9/ /11 15/ /17 19 26 29	<p>- portada de granito com chanfros recortados. XVI</p> <p>- portal manuelino, chanfrado, com verga polibolada revestida de discos e axialmente por uma concha</p> <p>- empenas com grades férreas</p> <p>- balcões de ferro forjado, tulipados, com corações e romanzeiras estilizados- D. Maria</p> <p>- cornija e beiral de secção tribolada. Portal inscrito em rectângulo moldurado, de pedra. XVII</p> <p>- casa pitoresca, com balcão de ferro e escadinhas típicas</p> <p>- portal chanfrado e chaminé de prumada</p>
R. do Chamorro	4/8	<p>- casas do século XVI, da maior curiosidade e populismo, com chaminés de prumada, cornijas de gárgulas singelas e portais e janelas adinteladas, da Renascença</p>
R. das Piçarras (fot. panorâmicas)		<p>- portada de alvenaria, rematada por pináculos e frontão de enrolamento, com painel de azulejos de Santo António</p>

R. do Padrão	16/ /18 19/ /21 26 29 31 32	- janelas de sacada, adinteladas e de vergas salientes, decoradas por grades férreas - empena com gradeamento de ferro forjado - gradeamento de ferro forjado e chaminé de ressalto - grades características da rua - balcão tulipado, assente em repisa de ardósia - apalaçada, belas e opulentas janelas de sacada repousando em bacias de pedra. Chaminé de ressalto, populista
R. de Alcacer	20/ /24	- casa apalaçada, de frontaria de seis janelas de sacada com portais de granito. Lintéis direitos, de alvenaria, com cunhais almofadados, de pingentes metidos em rectângulos ornamentais. Cornija ornada de triglifos e métopas neoclássicos
T. das Pinas	1 2 3/4	- casa apalaçada, século XVII, com gradeamentos de balaustres cilíndricos - portal chanfrado de pedra - casario antigo e pitoresco, de carácter popular, século XVII
R. Cuvo Semedo (R. da Guarda)	12/ 14 30 32 55 61 65 82	- portais e janelas de granito, lintéis muito acentuados e grades de ferro batido. Elegantes chaminés circulares, elevadas no corpo posterior - balcão tulipado, D. Maria I - empena modernizada, com quatro janelas de sacada barrocas, singelas e circulares - balcões térreos, neoclássicos, naturalistas - casa pitoresca, com chaminé de ressalto, portada e janela alta, de cornija ou voluta com enrolamento - prospecto antigo, decorado por registo de azulejo azul, representando N. Sr ^a da Visitação - portais de pedra, um deles metido em rectângulo moldurado
2/4- casa verde		
R. de Lisboa casa azul	15/ 17 24 28	- portais e janelas graníticas. Grades férreas - grade de ferro forjado - balcões de ferro de balaustres anelados
Largo Alexandre Herculano (Terreiro dos Álamos) casa do frontão	12 16 21	- grade tulipada e empena anexa, para a rua da Cadeia, composta por balcões idênticos - outra grade férrea - opulento balcão repousando em represas de pedra e grade tulipada
R. do Passo	1 7/ /18	- frontaria decorada por gradeamento neoclássico - grupo de janelas de sacada neoclássicas
20/22		
R. de S. Miguel (Ruinha)		Prospecto de registo de azulejos azul e branco. painel de secção piriforme e faixa palmar, representando o titular, S. Miguel Arcanjo

R. 5 de Outubro (R. Nova)	42/ /31 /35	- janelas de sacada da época de D. Maria I
	45	- grades férreas do ultimo terço do século XVIII
	49	- núcleo de grades do século XVII
	54	Solar dos Mouzinho da Silveira Almandanins - século XVII, planta oblonga e cobertura de quatro águas, com grupo de janelas de sacada, ombreiras graníticas e ferragem batida, de balaustres anelados e esferas decorativas. Cunhais ligeiramente almofadados. Portada adintelada, constituída por pilastras emparelhadas de pedra e estuque, e verga de volutas com emolduramento ladeada de remates discóides.
	62	Casa dos fidalgos Freire de Andrade - robusto portal adintelado e apilastrado, de pedra. Friso de beiral esgrafitado, de intenção naturalista. Quatro janelas de sacada, de cornijas salientes e gradeamento de balaustres anelados
	78	- casa apalaçada, refeita no final de XIX
	84/ /86	- Casa nobre do Visconde da Amoreira da Torre - frontaria sóbria com belas janelas de sacada guarnecidas com grades de ferro, final XVII
	88/ 98	- núcleo de habitações afidalgadas, com portais e janelas de granito com ferragens
	1-17-34-63-65-75	
	Nascente da R. Avis	106 114
	118	- balcão de ferro antigo, tipo tulipado Casa Nobre do Conde de St. André
	134	- robustos volumes de arquitectura provincial alentejana., sem preocupações estéticas, dispõe-se num vasto paralelogramo de fachadas para o antigo rossio e para a Trav. do Hospital. Cunhais robustos de granito aparelhado protegem a empena de três andares: loja, antigamente de vários portais; primeiro andar com janelas de peito e vergas arredondadas; segundo piso iluminado por balcões de sacada de cornijas direitas, tudo de granito. Cimalha neoclássica revestida de triglifos e métopas e grande cobertura de quatro águas.

Viana do Alentejo

P. da República	• 8	Câmara do século XVII Casa nobre dos Calados - portada quinhentista, século XVI, de chanfros e bases flordelizadas, tem harmoniosa fachada constituída por cinco janelas de sacada
-----------------	--------	--

R. Cândido dos Reis (R. do Castelo) R. da Assunção	1	- casa de frontaria de altos e baixos, com duas janelas de sacada de grades batidas
	2/4	-caracter apalaçado. Piso térreo e de sobrado, com quatro balcões de sacada e guarnições estucadas do género João V. As portas são adinteladas e chanfradas
	3	- portal de mármore de 1600
	8	- vestígios antigos interessantes, de estuques trabalhados e três janelas de sacada com grades de ferro. Portal de pedra de época filipina.
	12	- portada singela, com três janelas de peitoril e duas de sacada, decoradas por obra de estuques coloridos
	38	- casa antiga, com portal adintelado de pedra com chanfraduras, dos fins da renascença e grupo de janelas de peitoril, ornamentadas por triglifos e outros elementos do neoclássico
	39	-portal manuelino, de chanfros e verga tribolada
48	- portal do século XVII, janelas XVIII, frente de três balcões de sacada e ferragem batida	
58	- quatro sacadas de grades férreas, forjados, XIX	
L. de S. Luís	D	Face para a T. dos Frades Casa do Reitor, em ruínas
	9	- chaminé de prumada, exemplo típico populista regional
R. das Parreiras		arquitectura popular, de forte arcaísmo, pisos térreos e escadarias singelas
	14	- séculos XVII-XVIII. Antecedida por opulenta portada pétrea adintelada, com jambas e verga de tipo rústico
	18/ 22	- chaminés de prumada
R. da Olaria		Arruamento curioso pela sua rusticidade e assimetria dos alçados
	33	- piso térreo e sobrado, com ancho portal adintelado, de calcario e cornijamento muito pronunciado, assente em adro de pequenos degraus de pedra. XVII-XVIII
R. da Amendoeira	•	- casario característico e arcaico, destacando-se o edificio de chaminé ressaltada e de varanda de grillagem de ladrilho. A sua fachada principal dá para o largo dos Isentos, com empena de alvenaria caiada e imponente chaminé de ressalto
R. Latino Coelho	8	Duas casas apalaçadas, decoradas por janelas de sacada
R. Conselheiro Fernando de Sousa	1/ 13 17	- portais de calcário regional, de chanfradura e lintéis direitos. 1600
	17	- moradia com balcões de sacada e ferragem batida Século passado
	28	- janelas de sacada emolduradas. Transição D. JoséI- D. Maria I

R. Padre Luís António da Cruz	28	- casa do século XVI, num só piso, cornija polibolada, porta de estilo manuelino de chanfro, bases flordelizadas e verga de lóbulos ressaltados
	46	Casa Faria e Melo
	48	- arquitectura manuelina, hoje adaptada a instalações do Banco Totta e Açores. O corpo principal tem três janelas de peitoril, delicadamente esculpidas, e a porta de chanfros, bases flordelizadas e linteis de trilóbulos terminados por pétalas e curioso florão axial. Um pequeno pátio antecede o pavilhão anexo, constituído por três arcadas plenas, de alvenaria, chanfradas e protegidas de botaréis atarracados, de grossa alvenaria caiada de branco. Vasto jardim abraçava o imóvel, que ia até à rua do Instituto.
	54/ 58	Instituto da Caridade - a fachada principal é desenhada no estilo neoclássico, e distribuído em planta, oblonga com dois pisos, conservando o térreo duas portas de chanfros da primitiva empena quinhentista, e nos sobrados, extensa teoria de janelas de peitoril e quatro de sacada.
T. da Mesquita	•	- portal de calcário-século XV ?- de verga direita, ângulos recurvos e jambas chanfradas
R. Brito Camacho (R. dos Infantes)	1	- janela de peitoril, delicadamente decorada com elementos geometrizes, de volutas com enrolamentos e balaústres estrigilios. 1800
	8	- portal adintelado com chanfros
	12	- casa antiga com portada da mesma modelação
	13/ 18	- portal semelhante do anterior, mas esculpido, sendo a frontaria seguinte iluminada por chaminé de prumada e friso chanfrado de grafitos
R. António Isidoro de Sousa	17	- palacete do século XIX, com duas sacadas de ferragens e uma teoria de janelas de peitoril, com molduras pétreas
	30	- varanda de sacada, com reprise muito pronunciada, jambas e lintel de corda saliente. XVIII
	36	Família Guerreiro Duarte - construída em meados de setecentos, com piso nobre, seis janelas de peito de pedra do sítio. mansarda pombalina de pilastras e volutas de enrolamentos
R. Miguel Bombarda	6 D	- emoldramento das portas e janelas de peitoril, de arte rocóco decadente, e vestígios de composições escaioladas
R. João de Deus	1	- casa antiga com portal de mármore chanfrado, e de bases flordelizadas
	6	- casa antiga com velho portal de pedra(D), composto por múltiplas molduras e rompente das elevadas coberturas. Curiosa chaminé de caixa cupular, cilíndrica, envolvida por um anel de motivos tribolados

R. Teófilo Braga (R. de S. Francisco)	26	Casa da Cegonha - magnífico balcão de sacada, de mármore branco, cornijas muito acentuadas e de múltiplas molduras, com balaústres seccionados. Características barrocas do século XVII
	37	- imóvel antigo, com três janelas de sacada. XVIII
	54/	- casa antiga com quatro janelas de sacada
	56	
	57	- portada pétreia de jambas com chanfraduras, verga de duas arquetas de trilóbulos geminados e bases de ornatos piriformes, de estilo manuelino
	•	Esquina com a T. dos Fragosos: - no andar nobre, um balcão angular e geminado, composto por coluna esbelta, de ordem dórica e arquitrave de mármore branco

Fontes

Arraiolos

Fonte da Arregaça	Encravada nos muros da Quinta das Cabreiras, a par da Quinta das Marafonas, 1563, sobre o antigo caminho dos almocreves - De alvenaria e planta rectangular, coberta por cúpula hemisférica rematada por lanterneta, hoje desaparecida. - no interior tanque de mergulho, com três arcadas adendas, vestígios de bancos de repouso e degraus de tijolo. Teve chafariz para animais de carga
Fonte da Pedra	Alvenaria de corpo central aberto em três arcos redondos em disposição semicircular, cobertos por empenas de ornatos aparatosos. A frente é de duas bicas com ambasamento de mármore golpeado e almofadado. A taça destinava-se a animais de carga.

Montemor

Nossa Senhora da Conceição	Largo dos Paços do Concelho - fonte com taça baixa para animais de sela, gárgula antropomórfica, tem composição de alvenaria escaiolada, envolvida por volutas de enrolamento e nicho porticado com pilastras, com remate de empena aguda.
Fonte Nova de D. Maria II ou Chafariz do Besugo	Mármore de Estremoz azul e branco, foi construída em 1839. Três corpos esculpidos: um tanque para cavalaria, semi-circular, rasteiro; uma escalinata de anteparo directa e um depósito, apilastrado e de volutas com enrolamento. Empena de frontão triangular, ladeado por pilastras ondeadas, palmares, com as armas reais.

Fonte da Rua Nova	Obra de mármore branco regional, do reinado de D. José. Divide-se em taça octogonal, de molduras lisas. peanha seccionada, suportando a cixa em cabeça estilizada, com quatro gárgulas antropomórficas, de estrias. Capitel ornado com brasão biface, da casa real e da vila de Montemor. Quatro volutas férreas suportam o fuste
Fonte dos Cavaleiros	Citada desde o reinado de D. João II; sobre o velho caminho que ligava a vila a Lisboa. Foi reformada no reinado de D. João V. Silhueta pitoresca de intenção monumental, compõe-se por amplo pórtico de alvenaria, estilo rocóco, com pilastras e de frontão com enrolamento sobrepujado por urnas discóides rompentes, de bases torsas. Na empena, escudo da casa real.
Chafariz do Pocinho	decorada por set torrinhas piramidais, protegida por altos suportes de alvenaria. taça para cavalos, de pedra, rematada por volutas com enrolamento e bancos para os viajantes. Frontão triangular com brasão da vila e data de 1867.

Viana do Alentejo

Fonte da Praça	<p>- restauro do cano em 1693. Fonte da renascença, abastecida pela Fonte Grande do Castelo pela Fonte da Figueira, na serra, e pela fonte do poço Novo.</p> <p>O corpo mais antigo é formado pela fonte propriamente dita, vasada em caixa de dois arcos plenos, geminados, repousando em esbeltos fustes de capitulação coríntia e bases flóricas, de mármore branco e estilo renascença.</p> <p>A arca da água foi destruída (tinha uma moldura de alvenaria donde rompiam cinco bicas, hoje três gárgulas de descarga).</p> <p>Da segunda fase é o banco de guarda, de volutas com enrolamento rebordado de tabelas geométricas, friso de ornatos zoomórficos e naturalistas.</p> <p>Lateralmente, uma aleta arcaica rompe do cunhal do alçado nascente e dois malhões pétreos, de tambores cilíndricos e destinados a repouso dos viajantes.</p>
Chafariz do Rossio das Hortas Fonte do Rossio das freiras Fonte Coberta??	<p>No fim da Carreira da Fonte Coberta, na estrada para as Alcaçovas.</p> <p>Do período arcaico resta um vasto e baixotanque de mármore com rebordo curvilíneo, atacado de quinze maecos circulares para cavalaria. O murete de suporte da caixa do depósito de água é construído em alvenaria e capeado com cinta fendida, imitando cantaria.</p> <p>Reconstruído em 1904 pela Comissão dos Pastos</p>
Fonte das Freiras	<p>Abastecia o convento e regava as suas hortas, dentro da cerca e era alimentado pelo caudal da Fonte Coberta.</p> <p>Fonte de caixa de depósito em forma de pórtico cego e de arco geminado, com duplas molduras.</p> <p>A taça, muito baixa, recebe água através de três gárgulas antropomórficas, de metal fundido, onde repousam quatro dos seis fustes de mármore, cilíndricos e de bracelete.</p>

Fonte da Cruz	Taça com três gárgulas de bronze fundido e de empena de embrechados. 1898
Chafariz da Praça da Palha	Dois extensos e geminados tanques de grossa alvenaria, capeados de lagedo, está abraçado por seis marcos de pedra que servem de amarração do gado e de poleiro para cavalaria. 1904

Passos

Arraiolos

Ábside da ermida de S. Romão	Frontão recurvo, ladeado nos acrotérios por pináculos piramidais. No eixo tem o escudete das chagas de Cristo. XVII
Rua de Olivença Rua Cunha Rivara	Alvenaria escaiolada e de proporções variáveis, têm frontões de enrolamentos duplos, rematados nos acrotérios por pináculos de cabeças estilizadas. XVIII

